



Laços do Espírito

Richelle Mead



Academia de Vampiros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Laços do Espírito

Laços do Espírito

Richelle Mead

Tradução
Dênia Sad

A

AGIR

Título original: Spirit Bound

Copyright © 2010 by Richelle Mead

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Agir, selo da Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M431l

Mead, Richelle, 1976–
Laços do espírito / Richelle Mead ; tradução Dênia Sad. – Rio de Janeiro : Agir, 2011.
432p.:23 cm. (Academia de vampiros; 5)

Tradução de: Spirit Bound
Sequência de: Promessa de sangue
ISBN 978-85-220-1484-2

1. Vampiros – Ficção. 2. Ficção americana. I. Sad,
Dênia. II. Título. III. Série.

CDD: 813
CDU:821.111(73)-3

Para o meu agente, Jim McCarthy.
Obrigada por cuidar de tudo que era difícil.
Esses livros não aconteceriam sem você!

Sumário

[Capa](#)
[Folha de Rosto](#)
[Ficha Catalográfica](#)
[Dedicatória](#)
[Sumário](#)
[Um](#)
[Dois](#)
[Três](#)
[Quatro](#)
[Cinco](#)
[Seis](#)
[Sete](#)
[Oito](#)
[Nove](#)
[Dez](#)
[Onze](#)
[Doze](#)
[Treze](#)
[Catorze](#)
[Quinze](#)
[Dezesseis](#)
[Dezessete](#)
[Dezoito](#)
[Dezenove](#)
[Vinte](#)
[Vinte e um](#)
[Vinte e dois](#)
[Vinte e três](#)
[Vinte e quatro](#)
[Vinte e cinco](#)
[Vinte e seis](#)
[Vinte e sete](#)
[Agradecimentos](#)
[Créditos](#)

Um

Existe uma grande diferença entre ameaças de morte e cartas de amor — ainda que a pessoa que escreve as ameaças alegue amar você. É claro que, levando em conta que uma vez *eu* mesma tentei matar alguém que amava, talvez não tivesse direito algum de julgar.

A carta de hoje teve um *timing* perfeito. Não que eu devesse ter esperado menos do que isso. Até então, já a havia lido quatro vezes e, muito embora estivesse me atrasando, não consegui deixar de ler pela quinta.

Minha querida Rose,

Uma das poucas desvantagens de estar desperto é que não precisamos mais dormir. Portanto, também não sonhamos mais. É uma pena porque, se eu pudesse sonhar, sei que seria com você. Sonharia com seu cheiro e com seu cabelo escuro como seda entre meus dedos. Sonharia com a suavidade de sua pele e a selvageria de seus lábios quando nos beijamos.

Sem sonhos, tenho que me contentar com a minha imaginação — quase tão boa quanto eles. Posso visualizar todas essas coisas perfeitamente e também como vai ser quando eu levar sua vida deste mundo. É algo que lamento ter que fazer, mas você tornou minha escolha inevitável. Sua recusa a se juntar a mim na vida e no amor eternos não me deixa outra opção, e não posso permitir que alguém tão perigoso viva. Além disso, mesmo que eu forçasse o seu despertar, agora você tem tantos inimigos entre os Strigoi que um deles a mataria. Já que você tem que morrer, que seja por minhas mãos. E pelas de mais ninguém.

No entanto, desejo que se saia bem nas provas de hoje — não que precise de sorte. Se está mesmo sendo obrigada a fazê-las, é perda de tempo para todo mundo. Você é a melhor daquela turma e até esta noite receberá sua marca da promessa. É claro que isso quer dizer que você será um desafio muito maior quando nos encontrarmos de novo — o que com certeza apreciarei.

E vamos nos encontrar de novo. Depois da formatura, você terá que deixar a escola e, quando estiver fora do alcance dos escudos de proteção, a encontrarei. Não há lugar neste mundo em que você possa se esconder de mim. Estou de olho.

*Com amor,
Dimitri*

Apesar de seus “calorosos desejos de boa sorte”, na verdade não achei a carta inspiradora, e a joguei na cama, saindo do quarto com os olhos cheios de lágrimas. Tentei não deixar aquelas palavras me atingirem, embora fosse meio que impossível não ficar apavorada com uma coisa dessas. Não há lugar neste mundo em que você possa se esconder de mim.

Eu não duvidava disso. Sabia que Dimitri tinha espiões. Desde que meu antigo instrutor e depois amante foi transformado em um vampiro morto-vivo maligno, também se tornou uma espécie de líder deles — algo que facilitei quando matei sua antiga chefe. Eu desconfiava de que muitos de seus espiões fossem humanos, só esperando que eu pusesse os pés fora dos limites da escola. Nenhum

Strigoi poderia ficar à espreita durante 24 horas por dia. Os humanos, sim, e fazia pouco tempo que eu descobrira que vários deles estavam dispostos a servir os Strigoi em troca da promessa de serem um dia transformados. Esses humanos consideravam que valia a pena corromper suas almas para obter a vida eterna e matar os outros para sobreviver. Esses humanos me davam nojo.

Porém, não foi por causa deles que meus passos vacilaram enquanto eu caminhava pela grama que se tornara verde e vívida com o toque do verão. Foi por Dimitri. Sempre Dimitri. Dimitri, o homem que amei. Dimitri, o Strigoi que eu queria salvar. Dimitri, o monstro que muito provavelmente eu teria que matar. O amor que compartilhamos queimava dentro de mim, não importando o quanto eu dizia a mim mesma para seguir em frente, não importando o quanto o mundo realmente acreditava que eu tivesse seguido em frente. Ele estava sempre comigo, na minha cabeça, me fazendo questionar a mim mesma.

— Sua cara é a de quem está pronta para enfrentar um exército.

Abandonei meus pensamentos obscuros. Estava tão envolvida com Dimitri e sua carta que caminhava pelo campus sem prestar atenção no mundo ao meu redor e não notei quando minha melhor amiga, Lissa, me alcançou com um sorriso provocador no rosto. Era raro ela me pegar de surpresa, porque tínhamos um laço psíquico, um elo que me mantinha ciente de sua presença e de seus sentimentos. Eu só podia estar muito distraída para não notá-la, e se havia algo que podia me distrair, era alguém querendo me matar.

Dei a Lissa o que esperava ser um sorriso convincente. Ela sabia o que acontecera com Dimitri e que agora ele queria me matar, depois de eu ter tentado matá-lo — e fracassado. No entanto, se preocupava com as cartas que eu recebia dele toda semana e já tinha muito o que enfrentar na vida sem o meu perseguidor morto-vivo para aumentar a lista.

— Meio que *estou* enfrentando um exército — comentei.

Era o começo da noite, mas, no fim do verão, o sol ainda brilhava no céu de Montana, nos banhando com uma luz dourada enquanto andávamos. Eu adorava isso, mas por ser Moroi — um tipo de vampiro vivo e pacífico — Lissa acabaria se sentindo fraca e desconfortável ali.

Ela deu uma gargalhada e jogou seu cabelo platinado sobre um dos ombros. O sol iluminou sua cor pálida e lhe concedeu um brilho angelical.

— Acho que sim. Não pensei que você estaria tão preocupada.

Dava para entender seu raciocínio. Até mesmo Dimitri dissera que aquilo seria perda de tempo. Afinal, eu fora à Rússia para procurá-lo e enfrentara verdadeiros Strigoi — matando vários deles sozinha. Talvez não devesse temer as provas que estavam por vir, mas de repente me senti pressionada por tanto alarde e tamanha expectativa. Meu coração bateu mais depressa. E se eu não conseguisse? E se não fosse tão boa quanto pensava? Os guardiões que iriam me desafiar ali fora podiam não ser verdadeiros Strigoi, mas eram habilidosos e lutavam havia muito mais tempo do que eu. A arrogância poderia me trazer muitos problemas, e se eu fracassasse, faria isso diante de todas as pessoas que se importavam comigo. Todas as pessoas que tinham tanta fé em mim.

Uma outra coisa também me deixava apreensiva.

— Queria saber como essas notas irão afetar meu futuro — falei.

Era verdade. As provas eram o exame final de uma guardiã iniciante como eu. Elas garantiam que eu poderia me formar na Escola São Vladimir e assumir meu lugar como uma verdadeira guardiã que defendia os Moroi dos Strigoi. Além de definir para qual Moroi cada guardião seria designado.

Através de nosso laço, senti a paixão de Lissa — e sua preocupação.

— Alberta acha que existe uma boa chance de ficarmos juntas, de você ainda ser minha guardiã. Fiz uma careta.

— Acho que ela disse isso só para me manter na escola. — Eu havia interrompido o curso para caçar Dimitri poucos meses antes e, então, retornado: algo que não ficava bem em meu histórico escolar. Também tinha o pequeno fato de que a rainha dos Moroi, Tatiana, me odiava e provavelmente se daria ao trabalho de influenciar na minha avaliação, mas isso era outra história. — Acho que sabe que só me deixariam proteger você se eu fosse a última guardiã na face da terra. E mesmo assim, minhas chances ainda seriam muito pequenas.

À nossa frente, o ruído de uma aglomeração ficou mais alto. Um dos vários campos esportivos da escola fora transformado em uma arena nos padrões da época dos gladiadores romanos. As arquibancadas haviam sido melhoradas, evoluindo de simples assentos de madeira para luxuosos bancos almofadados com tendas para proteger os Moroi do sol. O campo estava cercado de bandeiras, cujas cores vivas podiam ser avistadas dali enquanto se agitavam ao vento. Eu ainda não conseguia vê-lo, mas sabia que haveria algum tipo de alojamento perto da entrada do estádio onde os aprendizes esperavam com os nervos à flor da pele. O próprio campo teria se transformado em um percurso com obstáculos de provas perigosas. E pelo barulho ensurdecedor da torcida, muitos já estavam lá para testemunhar o evento.

— Não vou perder as esperanças — disse Lissa. Através do laço, eu sabia que ela realmente se sentia assim. Aquelas eram algumas de suas maravilhosas características: fé e otimismo inabaláveis que resistiam aos piores calvários; um contraste aguçado com o meu recente ceticismo. — E tenho uma coisa que pode ajudar você hoje.

Ela parou, enfiou a mão no bolso do jeans e tirou um pequeno anel de prata cheio de pedras minúsculas que pareciam peridotos. Eu não precisava de laço algum para entender o que ela me oferecia.

— Ah, Liss... Sei lá. Não quero nenhuma, humm, vantagem injusta.

Lissa revirou os olhos.

— Esse não é o problema, e você sabe disso. Este está bom. Eu garanto.

O anel que Lissa me ofereceu era um encantamento repleto do raro tipo de magia que manejava. Todos os Moroi controlavam um dos cinco elementos: terra, ar, água, fogo ou espírito. O controle do espírito era o mais raro — tão raro que fora esquecido com o passar dos séculos. Então Lissa e alguns outros haviam surgido recentemente com ele. Ao contrário dos demais elementos, que eram mais físicos por natureza, o espírito estava ligado à mente e a todo tipo de fenômeno psíquico. Ninguém o compreendia por completo.

Fazer encantamentos com espírito era algo que Lissa só começara a experimentar havia muito pouco tempo — e não era muito boa nisso. Sua melhor habilidade espiritual era a cura, portanto ela vivia tentando fazer esse tipo de encantamento. O último fora uma pulseira que chamuscou meu braço.

— Este funciona. Só um pouco, mas vai ajudar a manter a escuridão bem longe durante a prova.

Ela falou com suavidade, mas nós duas sabíamos a gravidade de suas palavras. Todos aqueles dons espirituais tinham um preço: uma escuridão que se mostrava agora em forma de ira e confusão, e que acabava levando à insanidade. Uma escuridão que às vezes transbordava para mim através de nosso laço. Nos disseram que com os encantamentos e o poder de cura de Lissa poderíamos combatê-la. Isso também era algo que ainda tínhamos que dominar.

Dei um leve sorriso, sensibilizada por sua preocupação, e aceitei o anel. Ele não queimou minha mão, o que interpretei como um sinal promissor. Era minúsculo e só coube no meu mindinho. Não senti nada enquanto ele deslizava por meu dedo. Às vezes isso acontecia com os encantamentos de cura. Ou poderia significar que o anel era completamente ineficaz. De qualquer forma, mal não fez.

— Obrigada — falei. Senti um deleite percorrê-la, e continuamos andando.

Estendi a mão à frente, admirando o brilho das pedras verdes. Joias não eram uma boa ideia no tipo de provação que eu estava prestes a enfrentar, mas usaria luvas para cobrir o anel.

— É difícil acreditar que depois disso acabaremos por aqui e poderemos ir para o mundo real — pensei em voz alta, sem refletir muito sobre minhas palavras.

Ao meu lado, Lissa se retesou, e no mesmo instante me arrependi de ter dito aquilo. “Ir para o mundo real” queria dizer que Lissa e eu cumpriríamos uma tarefa na qual ela — nada feliz — prometera me ajudar alguns meses antes.

Enquanto estava na Sibéria, descobri que havia uma forma de recuperar Dimitri para que ele voltasse a ser um dampiro como eu. Era pouco provável — e talvez fosse mentira. Levando em conta o quanto ele estava obcecado por me matar, eu não tinha a menor ilusão de que teria qualquer outra escolha a não ser matá-lo se no final fosse ele ou eu. Porém, caso houvesse um jeito de salvá-lo antes disso acontecer, eu tinha que descobrir.

Infelizmente, a única pista que tínhamos para realizar esse milagre era por meio de um criminoso. E não era um criminoso qualquer: Victor Dashkov, um Moroi da realeza que torturara Lissa e cometera todo tipo de atrocidades que transformaram nossa vida num inferno. A justiça fora feita, e Victor estava trancado na prisão, o que complicava as coisas. Descobrimos que, como ele estava destinado a passar a vida atrás das grades, não via motivo algum para compartilhar o que sabia sobre seu meio-irmão — a única pessoa que já teria salvado um Strigoi. Concluí — talvez illogicamente — que Victor poderia nos dar a informação se lhe oferecêssemos o que ninguém mais ofereceria: a liberdade.

O plano não era infalível por uma série de razões. Primeiro, eu não sabia se daria certo. Era meio que uma coisa grande. Segundo, não fazia a menor ideia de como bolar uma fuga da prisão nem de onde a dele ficava. E por último, ainda tinha o fato de que libertaríamos nosso inimigo mortal. Se já era algo devastador para mim, imagine para Lissa. No entanto, por mais que aquilo a perturbasse — e acredite, perturbava mesmo —, ela prometera que me ajudaria. Me ofereci para liberá-la da promessa várias vezes ao longo dos últimos meses, mas ela se manteve firme. É claro que, considerando que não tínhamos nem como encontrar a prisão, talvez a promessa não importasse tanto no fim das contas.

Tentei preencher o estranho silêncio entre nós dizendo que realmente achava que conseguiríamos celebrar seu aniversário em grande estilo na semana seguinte. Minha tentativa foi interrompida por Stan, um de meus instrutores de longa data.

— Hathaway! — vociferou ele, vindo da direção do campo. — Legal de sua parte juntar-se a nós. Entre lá agora!

As lembranças de Victor desapareceram da mente de Lissa. Ela me deu um breve abraço.

— Boa sorte — sussurrou. — Não que você precise.

A expressão no rosto de Stan me dizia que aquela despedida de dez segundos era longa demais. Agradei a Lissa com um sorriso, e ela saiu para encontrar nossos amigos nas arquibancadas enquanto eu acompanhava Stan, apressada.

— Você tem sorte em não ser uma das primeiras — resmungou ele. — Estavam até apostando se você iria aparecer ou não.

— É mesmo? — perguntei, animada. — E como estão as apostas? Porque ainda posso mudar de ideia e fazer a minha. Para ganhar um dinheirinho extra.

Ele estreitou os olhos, lançando um aviso para mim que dispensou palavras enquanto entrávamos na área de espera adjacente ao campo, oposta às arquibancadas. Nos últimos anos, sempre me impressionou ver o quanto essas provas davam trabalho, e agora não estava menos impressionada ao ver tudo tão de perto. O alojamento no qual os aprendizes esperavam era feito de madeira e tinha até telhado. A estrutura parecia sempre ter feito parte do estádio. Fora construída numa velocidade notável e seria demolida igualmente depressa quando as provas acabassem. Uma entrada da largura de três pessoas nos permitia uma visão parcial do campo, onde uma de minhas colegas de classe esperava ansiosamente que seu nome fosse chamado. Diversos obstáculos foram instalados ali — desafios para testar equilíbrio e coordenação enquanto lutávamos contra guardiões adultos escondidos atrás de objetos e à espreita nos cantos e tentávamos escapar deles. Paredes de madeira foram construídas em uma das extremidades do campo, formando um labirinto escuro e confuso. Redes e plataformas instáveis pendiam de outros pontos, projetadas para testar o quanto éramos capazes de lutar sob condições adversas.

Alguns aprendizes se aglomeravam na entrada, na esperança de obter vantagens ao observar os que foram primeiro. Eu não. Chegaria ali às cegas e me contentaria em enfrentar o que quer que jogassem diante de mim. Estudar o percurso agora só iria me fazer pensar demais e entrar em pânico. Era de calma que eu precisava naquele momento.

Então me encostei numa parede do alojamento e observei os que estavam ao meu redor. Parecia que eu de fato havia sido a última a chegar, e me perguntei se as pessoas tinham mesmo perdido dinheiro apostando em mim. Alguns de meus colegas cochichavam em grupos. Uns faziam exercícios de alongamento e aquecimento. Outros estavam ao lado de instrutores que haviam sido seus mentores. Esses professores falavam com determinação aos alunos, dando conselhos de última hora. Passei o tempo todo ouvindo palavras como *concentração* e *calma*.

Ver os instrutores me deu um aperto no coração. Era assim que eu havia imaginado aquele dia, não muito tempo antes. Imaginei Dimitri e eu juntos enquanto ele me dizia para levar a prova a sério e não perder a calma quando estivesse no campo. Alberta fora minha mentora por um bom tempo desde que voltei da Rússia, mas, como capitã, estava lá fora, no campo, ocupada com todo tipo de obrigações. Não tinha tempo para entrar ali e segurar minha mão. Meus amigos que teriam me confortado — Eddie, Meredith e os outros — se encontravam envolvidos no próprio medo. Eu estava sozinha.

Sem Alberta e Dimitri — ou, bem, qualquer um —, senti uma inesperada solidão. Aquilo não era certo. Eu não deveria estar sozinha. Dimitri tinha que estar ali comigo. Assim é que devia ter sido. Fechei os olhos e me permiti fazer de conta que ele estava ali, a apenas alguns centímetros de distância enquanto conversávamos.

“Não se preocupe, camarada. Posso fazer isso de olhos vendados. Cara, talvez eu faça isso mesmo. Tem alguma coisa que eu possa usar? Se for bonzinho comigo, até deixo você amarrar a venda.”

Como aquela fantasia teria acontecido depois de termos dormido juntos, havia uma grande possibilidade de mais tarde ele me ajudar a tirar a venda — entre outras coisas. Dava para imaginá-lo com perfeição balançando a cabeça de um jeito que me conquistaria.

“Rose, juro que às vezes parece que todo dia com você é minha própria prova.”

Porém, eu sabia que ele iria sorrir em seguida, e o olhar de orgulho e encorajamento que me daria enquanto eu seguia em direção ao campo seria tudo o que eu precisaria para passar pelas provas...

— Você está meditando?

Abri os olhos, surpresa ao ouvir aquela voz.

— Mãe? O que está fazendo aqui?

Minha mãe, Janine Hathaway, estava diante de mim. Era apenas alguns centímetros mais baixa do que eu, mas capaz de lutar como alguém com o dobro do meu tamanho. O olhar perigoso em seu rosto bronzeado convidava qualquer um a um desafio. Ela deu um sorriso irônico para mim e levou uma das mãos à cintura.

— Achou mesmo que eu não viria ver você?

— Não sei — admiti, me sentindo um tanto culpada por ter .

Ela e eu não tivéramos muito contato nos últimos anos, e apenas os acontecimentos mais recentes — em grande parte ruins — haviam começado a restabelecer nossa ligação. Na maior parte do tempo, eu ainda não sabia como me sentir com relação a ela. Oscilava entre a falta que uma menininha sentia da mãe ausente e o ressentimento de uma adolescente por conta do abandono. Também não tinha certeza se a havia perdoado pela vez em que me acertara “por acidente” em uma luta de mentira.

— Imaginei que você tivesse coisas mais importantes para fazer, sabe?

— Eu não perderia isso por nada. — Ela inclinou a cabeça em direção às arquibancadas, balançando os cachos ruivos. — Nem seu pai.

— *O quê?*

Corri até a entrada e espiei o campo. A visão que tinha das arquibancadas não era grande coisa, graças a todos aqueles obstáculos, mas era boa o bastante. Lá estava ele: Abe Mazur. Era fácil achá-lo com o bigode e a barba pretos e também com o cachecol verde-esmeralda enrolado sobre a camisa social. Até dava para ver um pouquinho do brilho de seu brinco dourado. Ele só podia estar derretendo naquele calor, mas imaginei que seria preciso mais do que um pouco de suor para domar seu estilo espalhafatoso.

Se o meu relacionamento com minha mãe já era fraco, com meu pai era quase inexistente. Eu o havia conhecido em maio e, mesmo assim, só depois de ter voltado é que descobri que era sua filha. Todos os dapiros tinham um dos pais Moroi, e ele era o meu. Ainda não sabia ao certo como me sentia em relação a ele. Grande parte de sua história permanecia um mistério, mas havia muitos rumores de que ele estava envolvido com negócios ilegais. As pessoas também agiam como se ele fosse o tipo de sujeito capaz de quebrar pernas para atingir seus objetivos, e embora eu tivesse presenciado poucas demonstrações disso, não me surpreendia. Na Rússia, o chamavam de Zmey: a serpente.

Enquanto eu olhava para ele, impressionada, minha mãe se aproximou.

— Ele vai ficar feliz por você ter conseguido chegar a tempo — disse ela. — Fez um bolão sobre se você apareceria ou não. Apostou dinheiro em você, se isso a faz se sentir um pouco melhor.

Suspirei.

— É claro. É claro que só podia ser ele agenciando essas apostas. Eu devia ter desconfiado logo que... — Fiquei de queixo caído. — Ele está conversando com Adrian?

Pois é. Sentado ao lado de Abe estava Adrian Ivashkov — um rolo meu. Adrian era um Moroi da realeza — e outro usuário de espírito, como Lissa. Ele era louco por mim (e quase sempre simplesmente louco) desde que nos conhecemos, mas na época eu só tinha olhos para Dimitri. Depois do fracasso na Rússia, voltei e prometi fazer uma tentativa com Adrian. Para minha surpresa, as coisas andavam... bem entre nós. Ótimas, até. Ele havia escrito uma proposta para mim sobre por que namorá-lo era uma decisão sensata. Incluía coisas como “Vou parar com os cigarros, a menos que eu precise muito, *muito* de um” e “Vou fazer surpresas românticas toda semana, como: um piquenique improvisado, rosas ou uma viagem a Paris — mas, na verdade, nenhuma dessas coisas porque agora já não são mais surpresas”.

Estar com ele não era como estar com Dimitri, mas, também, concluí que dois relacionamentos nunca poderiam ser exatamente iguais. Eram homens diferentes, afinal de contas. Eu ainda acordava o tempo todo, sentindo a dor de ter perdido Dimitri e o nosso amor. Me atormentava por ter falhado em matá-lo na Sibéria e em libertá-lo de seu estado de morto-vivo. Ainda assim, aquele desespero não queria dizer que minha vida amorosa havia acabado — algo que levei um bom tempo para aceitar. Seguir em frente era difícil, mas Adrian me fazia mesmo feliz. E por enquanto bastava.

Só que isso não significava que eu queria que ele se entrosasse com o pirata mafioso do meu pai.

— Ele é má influência! — reclamei.

Minha mãe bufou.

— Duvido que Adrian irá influenciar Abe tanto assim.

— Adrian, não! *Abe*. Adrian está tentando se comportar. Abe vai estragar tudo.

Além de parar de fumar, Adrian tinha jurado largar a bebida e outros vícios no pedido de namoro. Olhei de soslaio para ele e Abe nas arquibancadas lotadas do outro lado, tentando descobrir que assunto poderia ser tão interessante.

— Sobre o que estão conversando?

— Acho que esse é o menor de seus problemas agora. — Janine Hathaway era muito prática. — Se preocupe menos com os dois e mais com aquele campo.

— Você acha que estão falando de *mim*?

— Rose! — Minha mãe bateu de leve no meu braço, e arrastei os olhos de volta para ela. — Você tem que levar isso a sério. Mantenha a calma e não se distraia.

Suas palavras eram tão parecidas com o que eu havia imaginado que Dimitri diria que um pequeno sorriso surgiu em meu rosto. No fim das contas, eu não estava sozinha ali.

— O que é tão engraçado? — perguntou ela com cuidado.

— Nada — respondi, lhe dando um abraço. Ela estava tensa no começo e depois relaxou, me abraçando de verdade por um instante antes de se afastar. — Fico feliz por você estar aqui.

Minha mãe não fazia o tipo superafetuosa, e eu a havia pegado desprevenida.

— Bem — falou ela, obviamente embaraçada —, eu disse que não perderia isso.

Olhei de novo para as arquibancadas.

— Quanto a Abe, por outro lado, não tenho tanta certeza.

Ou... Espere aí. Uma ideia estranha me veio à cabeça. Não, nem tão estranha, na verdade. Desonesto ou não, ele tinha uma rede de contatos — uma rede ampla o bastante para infiltrar um recado para Victor Dashkov na prisão. Foi Abe quem pediu informações sobre Robert Doru, o irmão de Victor que maneja espíritos, como um favor para mim. Quando Victor respondeu o recado, dizendo que não tinha motivos para ajudar Abe naquilo de que ele precisava, logo descartei o

apoio de meu pai e passei para a ideia de invadir a prisão. Mas agora...

— Rosemarie Hathaway!

Foi Alberta quem me convocou pelo microfone. Era como uma trombeta, um chamado para a batalha. Todos os pensamentos sobre Abe e Adrian — e sim, até mesmo sobre Dimitri — desapareceram de minha mente. Acho que minha mãe me desejou boa sorte, mas as palavras exatas se perderam enquanto eu caminhava em direção a Alberta e ao campo. Uma adrenalina me percorreu. Agora, toda a minha atenção se voltava para o que estava por vir: a prova que finalmente faria de mim uma guardiã.

Dois

Minhas provas passaram como um borrão.

Você deve pensar que, como eram a parte mais importante de meus estudos na São Vladimir, eu me lembraria de tudo nos mínimos detalhes. Porém, meus pensamentos anteriores meio que se tornaram realidade. Como aquilo estaria à altura do que eu já havia enfrentado? Como aquelas lutas simuladas poderiam se comparar a uma multidão de Strigoi invadindo nossa escola? Eu tivera que permanecer firme diante das chances desfavoráveis, sem saber se os que amava estavam vivos ou mortos. E como podia temer uma “batalha” contra um dos instrutores da escola depois de ter lutado contra Dimitri? Ele era letal como dampiro e ainda pior como Strigoi.

Não que fosse minha intenção menosprezar as provas. Elas eram sérias. Aprendizes eram reprovados o tempo todo, e me recusei a ser um desses. Sofri ataques por todos os lados, de guardiões que lutavam para defender os Moroi desde antes de eu nascer. A arena não era plana, o que complicava tudo. Estava repleta de geringonças e obstáculos, vigas e degraus que testavam meu equilíbrio — inclusive uma ponte que me trazia lembranças dolorosas da última noite em que vira Dimitri. Eu o empurrara depois de cravar uma estaca de prata em seu peito — uma estaca que caíra enquanto ele despencava no rio abaixo.

A ponte da arena era um pouco diferente da de madeira sólida sobre a qual Dimitri e eu lutáramos na Sibéria. Estava a ponto de desmoronar; era uma passagem malconstruída com tábuas e apenas corrimões de corda para dar apoio. Cada passo fazia a ponte inteira balançar e tremer, e buracos nas tábuas me mostravam onde os outros alunos haviam descoberto (infelizmente para eles) os pontos fracos. A prova que me aplicaram na ponte devia ser a pior de todas. Meu objetivo era manter um “Moroi” longe de um grupo de “Strigoi” que nos perseguia. Meu Moroi era interpretado por Daniel, um novo guardião que viera com outros para a escola a fim de substituir os que foram mortos no ataque. Não o conhecia muito bem, mas, no exercício, ele fazia o papel de completamente submisso e indefeso — e até mesmo um pouco amedrontado, exatamente como qualquer Moroi que eu estivesse protegendo teria ficado.

Ele foi um pouco resistente a pisar na ponte, e usei minha voz mais calma e persuasiva até que finalmente consegui convencê-lo a seguir na minha frente. Parecia que estavam avaliando não só as habilidades de combate. Não muito longe de nós, naquele percurso, eu sabia que os guardiões que faziam o papel de Strigoi se aproximavam.

Daniel recuou, e o seguiu de perto, ainda tentando tranquilizá-lo enquanto todos os meus sentidos permaneciam alertas. A ponte balançou muito, e um solavanco me disse que nossos perseguidores tinham se juntado a nós. Olhei para trás e vi três “Strigoi” vindo nos pegar. Os guardiões que os interpretavam faziam um trabalho impressionante — se mexendo com tanta destreza e agilidade quanto um verdadeiro Strigoi o faria. Iriam nos dominar se não seguíssemos em frente.

— Você está indo muito bem — falei a Daniel. Era difícil manter o tom de voz certo. Gritar com um Moroi poderia deixá-lo em estado de choque. Delicadeza demais o faria pensar que não era grave. — E sei que pode ir mais depressa. Precisamos nos manter à frente... Eles estão se aproximando. Sei que você consegue. *Vamos*.

Devo ter sido aprovada no quesito persuasão porque ele de fato acelerou o passo — não o bastante para se igualar à velocidade de nossos perseguidores, mas já era um começo. A ponte balançou muito de novo. Daniel deu um grito convincente e paralisou, agarrando os corrimões de corda com força. À sua frente, vi mais um guardião que atuava como Strigoi esperando na extremidade da ponte. Acho que o nome dele era Randall, outro instrutor novo. Fiquei espremida entre ele e o grupo atrás de mim. Mas Randall permaneceu firme, esperando na primeira tábua da ponte para balançá-la e dificultar as coisas para nós.

— Continue — reforcei, minha mente girando. — Você consegue.

— Mas tem um Strigoi ali! Estamos encurralados! — exclamou Daniel.

— Não se preocupe. Vou dar um jeito nele. Agora vá.

Minha voz foi autoritária dessa vez, e Daniel seguiu em frente devagar, impulsionado por meu comando. Os instantes seguintes requeriam um *timing* perfeito. Eu tinha que ficar de olho nos “Strigoi” dos dois lados e manter Daniel em movimento, o tempo todo monitorando em que parte da ponte estávamos. Quando nos encontrávamos a quase três quartos do começo, sussurrei:

— Fique de quatro agora! Depressa!

Ele obedeceu e parou. Me ajoelhei no mesmo instante, ainda falando baixo.

— Vou gritar com você. Ignore isso. — Em uma voz mais alta, para os que vinham atrás de nós escutarem, exclamei: — O que você está fazendo? Não podemos parar!

Daniel não se mexeu, e de novo falei em voz baixa:

— Muito bem. Está vendo onde as cordas ligam a base aos corrimões? Agarre-se ali. Agarre-se o mais forte que puder, e *não* solte, não importa o que aconteça. Enrole as cordas nas mãos se for preciso. Faça isso agora!

Ele obedeceu. O relógio corria, e não perdi mais tempo. Em um movimento, ainda agachada, me virei e cortei as cordas com uma faca que me deram junto com a estaca. A lâmina era afiada, graças a Deus. Os guardiões que comandavam as provas não estavam de brincadeira. As cordas não se partiram de imediato, mas as cortei tão depressa que os “Strigoi” de um lado e de outro não tiveram tempo de reagir.

As cordas arrebentaram no exato momento em que lembrei Daniel de se segurar firme. As duas metades da ponte balançaram em direção às laterais dos andaimes de madeira, levadas pelo peso das pessoas que estavam sobre elas. Bem, ao menos pelo nosso, sim. Daniel e eu já estávamos preparados. Os três perseguidores atrás de nós, não. Dois deles caíram. Um mal conseguiu se segurar em uma tábua e escorregou um pouco antes de firmar as mãos. A queda real era de quase dois metros, mas tinham me mandado fazer de conta que era de mais de quinze — uma altura que mataria Daniel e a mim se caíssemos.

Apesar de todas as dificuldades, ele ainda estava agarrado à corda. Eu também estava dependurada, e logo que a corda e a madeira ficaram niveladas com as laterais dos andaimes, comecei a subir como se fossem uma escada. Não foi fácil passar por Daniel, mas consegui, e tive mais uma chance de dizer a ele para aguentar firme. Randall, que já esperava à nossa frente, não havia caído. Porém, pisava na ponte quando cortei as cordas e foi surpreendido o bastante para perder o equilíbrio. Ele se recuperou depressa e agora subia pelas cordas, tentando alcançar a superfície acima. Estava bem mais perto dela do que eu, mas consegui agarrar sua perna e detê-lo. Puxei Randall na minha direção. Ele manteve as mãos presas à ponte, e lutamos. Eu sabia que provavelmente não conseguiria empurrá-lo dali, mas fui capaz de ir chegando mais perto. Por fim, soltei a faca que ainda segurava e consegui pegar a estaca que estava no meu cinto — algo que testava meu equilíbrio. A posição desajeitada de Randall me deu uma chance de tentar acertar seu coração, e aproveitei isso.

Nas provas, tínhamos estacas sem ponta que não perfurariam a pele, mas que poderiam ser usadas com força o bastante para convencer nossos oponentes de que sabíamos o que estávamos fazendo. Meu alinhamento foi perfeito, e Randall, admitindo que teria sido um golpe mortal, largou a corda e se jogou da ponte.

Aquilo me deixou com a penosa tarefa de convencer Daniel a continuar subindo. Demorou muito, mas, de novo, seu comportamento não era diferente de como um Moroi assustado teria se comportado. Já me sentia agradecida por ele não ter decidido que um verdadeiro Moroi teria soltado a corda e caído.

Depois daquele desafio, vieram vários outros, mas continuei lutando sem desacelerar nem permitir que a exaustão me afetasse. Passei para o modo batalha, meus sentidos se concentrando nos instintos básicos: *lutar, esquivar, matar*.

E enquanto permanecia ligada neles, ainda tinha que ser criativa e não me entregar à calmaria. Do contrário, não seria capaz de reagir a uma surpresa como a da ponte. Dei conta de tudo, combatendo sem qualquer pensamento que não fosse o de cumprir as tarefas diante de mim. Tentei não pensar nos instrutores como pessoas conhecidas. Tratei todos como Strigoi. Peguei pesado.

Quando aquilo finalmente acabou, quase não percebi. Estava parada ali, no meio do campo, e não veio mais ninguém para me atacar. Fiquei sozinha. Aos poucos, me tornei mais consciente dos detalhes do mundo ao meu redor. Multidões nas arquibancadas, animadas. Alguns instrutores acenando uns para os outros enquanto se juntavam a elas. As batidas aceleradas do meu coração.

Só percebi que tinha terminado quando Alberta cutucou meu braço, sorridente. A prova pela qual esperara a vida inteira acabou no que pareceu um piscar de olhos.

— Venha — disse ela, passando o braço em torno dos meus ombros e me conduzindo até a saída. — Você precisa tomar um pouco de água e se sentar.

Atordoadas, permiti que ela me levasse para fora do campo, ao redor do qual as pessoas, ainda animadas, gritavam meu nome. Ouvi alguns atrás de mim dizerem que teriam que fazer um intervalo para consertar a ponte. Ela me acompanhou de volta até a área de espera e me acomodou com delicadeza em um banco. Alguém se sentou ao meu lado e me deu uma garrafa de água. Olhei e vi minha mãe. Ela tinha uma expressão no rosto que eu nunca havia visto antes: um orgulho radiante e puro.

— Foi só isso? — perguntei, por fim.

Ela me surpreendeu de novo com uma gargalhada genuína e divertida.

— “Só isso”? — repetiu. — Rose, você passou quase uma hora ali. Se saiu muito bem no exame.

Deve ter sido uma das melhores provas que esta escola já viu.

— Verdade? É que pareceu... — *Fácil* não era bem a palavra certa. — Foi apenas um borrão. Só isso.

Minha mãe apertou minha mão.

— Você foi impressionante. Estou muito orgulhosa de você.

Perceber tudo aquilo me tocou bastante naquele momento, e senti um sorriso se espalhar por meus lábios.

— E agora, o que acontece? — perguntei.

— Você se torna uma guardiã.

Eu já tinha sido tatuada várias vezes, mas nenhuma delas chegou perto da pompa e do alvoroço enquanto recebia minha marca da promessa. Antes disso, recebera marcas *molnija* por mortes provocadas em circunstâncias trágicas e inesperadas: a luta contra os Strigoi em Spokane, o ataque à Escola e o resgate — acontecimentos que eram motivo de luto, não de celebração. Depois de todas aquelas mortes, meio que perdemos a conta, e apesar de os tatuadores guardiões ainda tentarem registrar cada morte individual, acabaram me dando uma marca em forma de estrela que era um jeito elegante de dizer que haviam perdido a conta.

Fazer uma tatuagem não é um processo rápido, por menor que seja, e minha turma de formatura inteira tinha que receber a sua. A cerimônia aconteceu onde costumava ser a sala de jantar da escola, um cômodo que foram capazes de transformar de maneira notável em algo tão grande e elaborado quanto encontraríamos na Corte Real. Espectadores — amigos, familiares, guardiões — preenchiavam o salão enquanto Alberta chamava nossos nomes, um por um, e revelava nossa pontuação ao nos aproximarmos do tatuador. A pontuação era importante. Seria publicada e, junto com as notas escolares de um modo geral, influenciava nossas missões. Os Moroi podiam requerer determinados graduados para serem seus guardiões. Lissa havia me escolhido, é claro, mas nem a melhor pontuação do mundo devia compensar todas as manchas negras por comportamento inadequado no meu histórico.

No entanto, não havia nenhum Moroi na cerimônia, além dos poucos que tinham sido convidados pelos formandos. Todos os outros eram dampiros: eram guardiões estabelecidos ou estavam prestes a se tornar guardiões como eu. Os convidados se sentaram nos fundos e os guardiões seniores, na frente. Meus colegas e eu ficamos de pé o tempo todo, talvez num tipo de última prova de resistência.

Não me importei. Tinha trocado minhas roupas rasgadas e sujas por calças simples e um suéter, um traje que parecia elegante e ainda mantinha um toque solene. Era uma boa escolha porque o ar do salão estava pesado de tanta tensão; todos os rostos eram uma mistura de alegria diante de nosso sucesso, mas também de ansiedade por conta do nosso novo e letal papel no mundo. Eu assistia com um brilho nos olhos enquanto meus colegas eram chamados, surpresa e impressionada por várias pontuações.

Eddie Castile, um amigo bem próximo, tirou uma nota particularmente alta em proteção de Moroi. Não pude evitar um sorriso ao ver o tatuador fazendo a marca de Eddie.

— Como será que ele conseguiu tirar seu Moroi da ponte? — murmurei.

Eddie tinha muitos recursos.

Ao meu lado, outra amiga, Meredith, me olhou intrigada.

— Do que você está falando? — perguntou ela numa voz igualmente baixa.

— De quando fomos perseguidos na ponte com um Moroi. O meu foi Daniel. — Ela ainda parecia confusa, e dei mais detalhes. — Puseram Strigoi de um lado e de outro, lembra?

— Atravessei a ponte — sussurrou ela —, mas era apenas eu sendo perseguida. Levei meu Moroi por um labirinto.

Um olhar reprovador de um colega perto de nós nos calou, e disfarcei minha testa franzida. Talvez não tivesse sido a única a passar pela prova num estado de confusão. Meredith só podia ter se enganado.

Quando chamaram meu nome e Alberta leu minha pontuação, ouvi algumas pessoas ofegando. Era de longe a mais alta da turma. Fiquei satisfeita por ela não ter lido minhas notas acadêmicas. Teriam acabado com a glória do meu desempenho. Sempre me saí bem nas aulas de combate, mas em matemática e história... Bem, nessas era um pouco fraca, ainda mais por estar sempre saindo da escola e voltando.

Meu cabelo estava todo preso com grampos em um coque para que nada atrapalhasse o trabalho do tatuador. Me inclinei para a frente, de modo que ele pudesse ver bem e ouvi seu grunhido de surpresa. Como minha nuca estava coberta de marcas, ele teria que ser habilidoso. Normalmente, um novo guardião oferecia uma tela em branco. Só que aquele cara era bom e acabou conseguindo pôr a marca da promessa com delicadeza no meio da nuca. A marca da promessa parecia um S longo e esticado com pontas retorcidas. Ele a tatuou entre as marcas *molnija*, deixando que se envolvesse com elas como num abraço. O procedimento doeu, mas mantive o rosto inexpressivo, me recusando a fazer careta. O tatuador me mostrou o resultado em um espelho antes de cobri-lo com um curativo para que cicatrizasse sem problemas.

Depois, tornei a me juntar aos meus amigos e assisti enquanto o restante recebia suas tatuagens. Isso significou ficar de pé por mais duas horas, mas não me importei. Meu cérebro ainda oscilava por tudo que havia acontecido naquele dia. Eu era uma guardiã. Uma guardiã de verdade. E com esse pensamento vieram perguntas. O que aconteceria agora? Será que minha pontuação seria boa o bastante para apagar meus registros de mau comportamento? Me tornaria a guardiã de Lissa? E quanto a Victor? E Dimitri?

Me mexi, incomodada, quando todo o impacto da cerimônia dos guardiões me atingiu. Não tinha a ver apenas com Dimitri e Victor. Tinha a ver comigo — com o resto da minha vida. A escola havia terminado. Eu nunca mais teria professores acompanhando cada movimento meu nem me corrigindo quando cometesse erros. Tomaria todas as decisões sozinha enquanto estivesse protegendo alguém. Os Moroi e dâmpiros mais jovens me veriam como autoridade. E eu nunca mais poderia me dar ao luxo de praticar lutas num minuto e relaxar em meu quarto no outro. Não haveria mais aulas fáceis. Eu estaria a serviço o tempo todo. Aquela ideia era assustadora; a pressão, quase demais. Até então, eu sempre havia associado formatura a liberdade. Agora já não tinha tanta certeza disso. Que novo formato minha vida assumiria? Quem iria decidir? E como eu chegaria até Victor se fosse designada como guardiã de qualquer um que não fosse Lissa?

Do outro lado do salão, meus olhos encontraram os de Lissa em meio a plateia. Eles queimavam com um orgulho comparável ao de minha mãe, e ela sorriu.

Não faça essa cara, me repreendia ela através do laço. Você não devia parecer tão ansiosa; hoje, não. Tem que comemorar.

Eu sabia que ela tinha razão. Seria capaz de encarar o que estava por vir. Minhas preocupações, que eram muitas, podiam esperar mais um dia — ainda mais porque o humor exultante de meus

amigos e minha família garantiam que eu iria celebrar. Abe, com aquela influência que sempre parecia exercer, reservara uma pequena sala de jantar e organizara uma festa para mim que parecia mais de acordo com a de uma debutante da realeza do que com a de uma humilde dampira inconsequente.

Antes do evento, me troquei mais uma vez. Agora, roupas de festa bonitas pareciam mais apropriadas do que o traje formal da cerimônia *molnija*. Pus um vestido transpassado de manga curta verde-esmeralda e meu *nazar* no pescoço, muito embora não combinassem. O *nazar* era um pequeno pingente que parecia um olho circulado por diferentes tons de azul. Na Turquia, de onde Abe era, acreditavam que isso oferecia proteção. Ele o dera à minha mãe anos antes, e ela, por sua vez, o dera para mim.

Depois que me maquiei e penteei meu cabelo embaraçado em ondas longas e escuras (porque os curativos de minha tatuagem não combinavam *nem um pouco* com o vestido), eu mal parecia alguém capaz de lutar contra monstros ou até mesmo de dar um soco. Não — isso não era bem verdade, como percebi no momento seguinte. Ao encarar o espelho, fiquei surpresa em ver um pavor em meus olhos castanhos. Havia dor ali, dor e perda que nem o melhor vestido e a mais bela maquiagem podiam esconder.

Ignorei aquilo e fui para a festa. Me deparei com Adrian logo que saí do dormitório. Sem dar uma palavra, ele me puxou para seus braços e me beijou. Fui totalmente surpreendida. Que novidade. Mortos-vivos não me pegavam de surpresa, mas um Moroi atrevido da realeza, sim.

E foi um senhor beijo, um beijo que me fez sentir quase culpada por ter me entregado a ele. Tive preocupações quando comecei a namorar Adrian, mas muitas delas desapareceram com o tempo. Depois de vê-lo flertar descaradamente e não levar nada a sério tantas vezes, nunca esperaria tanta devoção de sua parte em nosso relacionamento. Também não esperava perceber que meus sentimentos por ele se intensificavam — o que parecia tão contraditório, já que eu ainda amava Dimitri e tramava manobras impossíveis para salvá-lo.

Dei uma gargalhada quando Adrian me pôs no chão. Ali perto, alguns Moroi mais jovens pararam para nos observar. Um Moroi namorar uma dampira não era tão incomum na nossa idade, mas uma dampira notável namorando o Moroi sobrinho-neto da rainha? Isso meio que chamava a atenção — ainda mais que todos sabiam o quanto a rainha Tatiana me odiava. Havia poucas testemunhas da última vez em que nos encontramos, quando ela gritou comigo, me dizendo para ficar longe de Adrian, mas esse tipo de notícia sempre se espalha.

— Gostaram do espetáculo? — perguntei aos *voyeurs*. Ao perceberem que haviam sido pegas, as crianças Moroi se apressaram e seguiram seu caminho. Me virei de novo para Adrian e sorri. — O que foi isso? Foi um beijo meio longo para ser dado em público.

— Isso — respondeu ele, dramático — foi a sua recompensa por ter mandado tão bem naquelas provas. — Então fez uma pausa. — E também porque você está muito gostosa com esse vestido.

Olhei para ele com ironia.

— Recompensa, é? Meredith ganhou brincos de diamante do namorado.

Ele pegou em minha mão e deu de ombros, despreocupado, quando começamos a caminhar em direção à festa.

— Você quer diamantes? Vai ganhar diamantes. Vou cobri-la deles. Já sei, vou lhe dar um vestido cheio deles. Mas vai ser bem curto.

— Acho que vou ficar com o beijo mesmo — falei, imaginando que Adrian me vestiria como

uma modelo em trajes de banho.

Ou como uma dançarina de *pole dance*. A referência a joias de repente trouxe à tona uma lembrança indesejada. Quando Dimitri me manteve cativa na Sibéria, me envolvendo numa alegre complacência com suas mordidas, também me cobrira de joias.

— Eu sabia que você era sinistra — continuou Adrian. Uma agradável brisa de verão agitou o cabelo castanho que ele sofria tanto para estilizar todo dia e, com a mão que estava livre, sem se dar conta, tentou ajeitá-lo de novo. — Mas só me dei conta do quanto ao ver você derrubando os guardiões lá no campo.

— Isso quer dizer que você vai ser mais legal comigo? — provoqueei.

— Já sou muito legal com você — disse ele, convencido. — Sabe o quanto quero um cigarro agora? Mas não. Enfrento a abstinência de nicotina com determinação. Tudo por você. Acho que, depois de vê-la lá fora, vou ser um pouco mais cuidadoso perto de você. Aquele louco do seu pai também vai me fazer tomar mais cuidado.

Resmunguei, me lembrando de como Adrian e Abe estavam sentados juntos.

— Meu Deus. Você teve mesmo que ficar com ele?

— Ei, ele é bacana. Um pouco instável, mas bacana. Nos demos muito bem. — Adrian abriu a porta do prédio que estávamos procurando. — E de certa forma, ele também é sinistro. Quero dizer, qualquer outro cara que usasse cachecóis daquele jeito seria zombado pela escola inteira. Abe não. Ele acabaria com alguém quase tão bem quanto você. Na verdade... — A voz de Adrian ficou nervosa.

Olhei para ele, surpresa.

— Na verdade o quê?

— Bem... Abe disse que gostou de mim. Mas também deixou claro o que faria comigo se um dia eu magoasse você ou lhe fizesse algum mal. — Adrian fez uma careta. — De fato, ele descreveu o que faria nos mínimos detalhes. Então, sem mais nem menos, mudou para um assunto qualquer, mais feliz. Gosto do cara, mas ele é assustador.

— Ele passou dos limites! — Parei do lado de fora do salão de festas. Ouvi o murmurinho de pessoas conversando atravessar a porta. Parecia que éramos uns dos últimos a chegar. Achei que aquilo queria dizer que eu faria uma grande entrada, digna de uma convidada de honra. — Não tem o direito de ameaçar meus namorados. Tenho dezoito anos. Já sou adulta. Não preciso da ajuda dele. Posso ameaçar meus namorados sozinha.

Minha indignação divertiu Adrian, e ele me deu um sorriso demorado.

— Concordo com você. Mas isso não quer dizer que eu não vá levar o “conselho” dele a sério. Meu rosto é bonito demais para correr riscos.

O rosto dele *era* bonito, mas aquilo não me impediu de balançar a cabeça, exasperada. Alcancei a maçaneta da porta, mas Adrian me puxou para trás.

— Espere — disse ele.

Me abraçou de novo, e nossos lábios se encontraram em outro beijo quente. Meu corpo pressionou o dele, e me peguei confusa com meus próprios sentimentos e a percepção de que chegava a um ponto em que poderia querer mais do que apenas beijar.

— Está bem — disse Adrian quando finalmente nos largamos. — *Agora* podemos entrar.

Ele tinha aquele mesmo tom de voz leve, mas em seus olhos verde-escuros vi faíscas de paixão. Eu não era a única a pensar em mais do que apenas beijos. Até então, tínhamos evitado conversar sobre

sexo, e ele de fato havia feito muito bem em não me pressionar. Acho que ele sabia que eu simplesmente não estava pronta depois de Dimitri, mas em momentos como aquele, pude ver o quanto era difícil para ele se segurar.

Isso amoleceu algo dentro de mim e, na ponta dos pés, lhe dei outro beijo.

— O que foi isso? — perguntou ele poucos instantes depois.

Abri um grande sorriso.

— A *sua* recompensa.

Quando finalmente chegamos à festa, todos no salão me cumprimentaram animados, com sorrisos orgulhosos. Muito tempo antes, eu teria adorado ser o centro das atenções. Aquele desejo havia diminuído um pouco, mas agora fiz cara de confiante e aceitei os elogios de meus entes queridos com segurança e alegria. Ergui as mãos, triunfante, recebendo mais aplausos e incentivos.

Minha festa foi quase tão tumultuada quanto minhas provas. Nunca nos damos conta de quanta gente se importa conosco até que todos apareçam para nos apoiar. Aquilo me fez me sentir humilde e *quase* um pouco chorosa. No entanto, guardei para mim mesma. Dificilmente cairia no choro em minha festa da vitória.

Todo mundo queria conversar comigo, e era uma surpresa e um deleite cada vez que alguém me abordava. Não era sempre que eu tinha todas as pessoas que mais amava num mesmo lugar e, inquieta, me dei conta de que aquilo poderia nunca mais acontecer de novo.

— Bem, até que enfim você conseguiu uma licença para matar. Já estava na hora.

Me virei e me deparei com os olhos divertidos de Christian Ozer, uma antiga perturbação que se tornara um bom amigo. Na verdade, tão bom que, no auge de minha alegria, abri os braços e o abracei — algo que ele claramente não esperava. Eu estava surpreendendo todo mundo naquele dia.

— Calma, calma — disse ele, se afastando e corando. — Que novidade. Você é a única menina que ficaria emocionada com a ideia de matar. Não quero nem pensar no que acontece quando você e Ivashkov estão sozinhos.

— Ei, olha só quem está falando. Você está se coçando para ganhar o mundo.

Christian deu de ombros, concordando. Era uma regra-padrão em nosso mundo: guardiões protegiam Moroi. Moroi não se envolviam em batalhas. No entanto, depois dos recentes ataques dos Strigoi, muitos Moroi — embora não fossem maioria — tinham começado a argumentar que já estava na hora de reagir e passar a ajudar os guardiões. Usuários de fogo como Christian eram especialmente valiosos, já que incinerar era uma das melhores maneiras de matar um Strigoi (além de cravar estacas e decapitar). O movimento para ensinar os Moroi a lutar fora detido recentemente pelo governo, mas isso não havia impedido alguns de praticar em segredo. Christian era um deles. Ao olhar para o lado, pisquei, impressionada. Havia alguém com ele, alguém que eu mal tinha notado.

Jill Mastrano o seguia como uma sombra. Uma Moroi caloura — bem, que logo passaria para o segundo ano —, ela havia se apresentado como alguém que também queria lutar. Tinha meio que se tornado aluna de Christian.

— Ei, Jill — falei, dando-lhe um sorriso caloroso. — Obrigada por ter vindo.

Jill enrubesceu. Estava determinada a aprender a se defender, mas ficava envergonhada na companhia dos outros — ainda mais perto de “celebridades” como eu. Tagarelar era sua reação nervosa.

— Eu tinha que vir — disse ela, tirando o cabelo castanho-claro comprido do rosto. Como sempre, era um emaranhado de cachos. — Quero dizer, foi tão legal o que você fez. Nas provas. Todo

mundo ficou impressionado. Ouvi um dos guardiões dizer que nunca viram ninguém como você. Então, quando Christian perguntou se eu queria vir, *é claro* que eu precisava fazer isso. Ah! — Seus olhos verde-claros se arregalaram. — Nem lhe dei os parabéns. Me desculpe. Parabéns.

Ao lado dela, Christian se esforçava para manter a expressão neutra. Não fiz esse tipo de tentativa e, rindo, lhe dei um abraço também. Eu corria o sério risco de me tornar calorosa e efusiva. Acabaria tendo meu status de guardiã durona revogado se continuasse com aquilo.

— Obrigada. Vocês já estão prontos para enfrentar um exército de Strigoi?

— Em breve — respondeu Christian. — Mas devemos precisar da sua cobertura.

Christian sabia tão bem quanto eu que os Strigoi estavam muito além das capacidades dele. Sua magia do fogo tinha me ajudado muito, mas sozinho? Já era outra história. Ele e Jill aprendiam por conta própria a usar a magia de forma ofensiva, e quando eu tinha tempo entre uma aula e outra, ensinava aos dois alguns movimentos de combate.

O rosto de Jill se entristeceu um pouco.

— Isso vai acabar quando Christian se for.

Me virei para ele. Não era surpresa alguma que estivesse de partida. *Todos* nós estávamos.

— E o que você vai fazer da vida? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Vou para a Corte com vocês. Tia Tasha disse que vamos ter uma “conversa” sobre o meu futuro.

Ele fez uma careta. Quaisquer que fossem seus planos, parecia que não eram os mesmos de Tasha. Grande parte dos Moroi da realeza iria para faculdades de elite. Eu não sabia ao certo o que Christian tinha em mente.

Era o procedimento-padrão depois da formatura que os novos guardiões fossem à Corte Real dos Moroi para receber orientações e suas missões. Todos nós tínhamos que partir em alguns dias. Segui o olhar de Christian e vi sua tia do outro lado do salão e, que Deus me ajude, ela estava conversando com Abe.

Tasha Ozerá tinha quase trinta anos de idade, com o mesmo cabelo preto brilhante e os mesmos olhos azul-claros de Christian. No entanto, seu belo rosto era deformado por uma cicatriz terrível em um dos lados — resultado de ferimentos provocados pelos próprios pais de Christian. Dimitri se tornara um Strigoi contra a vontade, mas os Ozerá haviam escolhido esse destino, porque queriam a imortalidade. Ironicamente, isso lhes custara a vida quando os guardiões os caçaram. Tasha criou Christian (no tempo em que ele não estava na escola) e era uma das principais líderes do movimento que apoiava os Moroi que desejavam lutar contra os Strigoi.

Eu admirava Tasha, com ou sem cicatriz, e ainda achava que ela era bonita. A julgar pelos caprichos de meu pai, estava claro que ele concordava. Abe lhe serviu uma taça de champanhe e disse algo que a fez rir. Ela se inclinou para a frente, como se lhe contasse um segredo, e ele também riu. Fiquei de queixo caído. Até mesmo daquela distância, era claro que os dois estavam flertando.

— Meu Deus — falei, sentindo um arrepio, me virando depressa para Christian e Jill.

Christian parecia dividido entre a presunção diante do meu desconforto e o próprio constrangimento ao ver um pirata mafioso dar em cima da mulher que ele considerava como mãe. Um instante depois, a expressão no rosto de Christian amoleceu, ele se virou para Jill e continuou nossa conversa.

— Ei, você não precisa de mim — disse ele. — Vai encontrar outros por aqui. E ter o próprio

clube de super-heróis mais cedo do que pensa.

Me peguei sorrindo de novo, mas meus sentimentos generosos de repente foram destruídos por um golpe de ciúmes. Só que não meus. De Lissa, que vinham pelo laço. Chocada, procurei ao redor e a avistei do outro lado do salão, com um olhar mortal para Christian enquanto ele conversava com Jill.

Vale a pena comentar que Christian e Lissa já tinham sido namorados. Mais do que namorados. Foram muito apaixonados um pelo outro e, para ser sincera, ainda eram. Infelizmente, os últimos acontecimentos haviam desgastado demais seu relacionamento, e Christian terminara com Lissa. Ele a amava, mas deixara de confiar nela. Lissa perdera o controle quando outra usuária de espírito chamada Avery Lazar tentara dominá-la. Acabamos detendo Avery, e ela foi trancada em uma instituição para doentes mentais, pelo que fiquei sabendo. Agora Christian sabia os motivos do comportamento horrível de Lissa, mas o estrago já estava feito. No começo, ela ficou deprimida, mas sua mágoa tinha se transformado em raiva.

Lissa afirmava que não queria mais nada com ele, mas o laço a entregava. Ela sempre sentia ciúmes de qualquer menina que conversasse com ele — ainda mais de Jill, com quem ele passava muito tempo ultimamente. Eu sabia que na verdade não havia nada romântico acontecendo entre os dois. Jill o idolatrava como a algum tipo de professor sábio; só isso. Se ela tinha uma queda por alguém, era por Adrian, que sempre a tratou como uma irmã mais nova. Na verdade, todos nós a tratávamos assim.

Christian seguiu meu olhar, e sua expressão endureceu. Ao perceber que tinha a atenção dele, Lissa se virou na mesma hora e começou a falar com o primeiro cara que encontrou, um dampiro bonito da minha sala. Ela começou a flertar cheia de charme e encantos, que com tanta facilidade emergiam nos usuários de espírito, e logo os dois estavam rindo e conversando de um jeito muito parecido com o de Abe e Tasha. Minha festa havia se tornado uma rodada de encontros-relâmpago.

Christian se virou para mim.

— Bem, parece que ela já tem muito com o que se ocupar.

Revirei os olhos. Lissa não era a única que sentia ciúmes. Do mesmo jeito que ela ficava nervosa sempre que ele andava com outras meninas, Christian se aborrecia quando ela conversava com outros caras. Era irritante. Em vez de admitir que ainda se gostavam e que simplesmente precisavam fazer as pazes, aqueles dois idiotas se mostravam cada vez mais hostis um com o outro.

— Será que um dia você vai parar com isso e tentar conversar com ela como uma pessoa razoável? — indaguei, suspirando.

— Claro — disse ele com amargura. — No dia em que *ela* começar a agir como uma pessoa razoável.

— Meu Deus. Vocês vão me fazer arrancar os cabelos.

— Seria um desperdício de um belo cabelo — disse Christian. — Além do mais, ela deixou suas intenções muito claras.

La reclamar e lhe dizer o quanto estava sendo um idiota, mas Christian não tinha a menor intenção de ficar ali para ouvir o sermão que eu já havia dado uma dúzia de vezes.

— Vamos, Jill — falou ele. — Rose precisa cumprimentar outras pessoas.

Ele logo se afastou, e eu estava prestes a tentar enfiar um pouco de bom senso em sua cabeça quando outra voz falou:

— Quando é que você vai dar um jeito nisso? — Tasha estava parada ao meu lado, balançando a

cabeça diante da retirada de Christian. — Esses dois precisam voltar um para o outro.

— Eu sei disso. Você sabe disso. Mas parece que isso não entra na cabeça deles.

— Bem, é melhor você dar um jeito — disse ela. — Se Christian for para uma faculdade do outro lado do país, vai ser tarde demais. — Havia um tom seco e exasperado em sua voz quando mencionou o fato de Christian ir para a faculdade.

Lissa ia para Lehigh, uma universidade perto da Corte, graças a um acordo com Tatiana. Lissa poderia ir para uma universidade melhor do que a que os Moroi costumavam frequentar se em troca passasse um tempo na Corte, aprendendo sobre a realeza.

— Sei disso — falei, irritada. — Mas por que sou *eu* quem tem que consertar as coisas?

Tasha sorriu.

— Porque você é a única persuasiva o bastante para fazê-los enxergar a razão.

Decidi deixar a insolência de Tasha para lá, ainda mais porque o fato de ela estar conversando comigo significava que não estava conversando com Abe. Olhei ao redor do salão e de repente fiquei tensa. Agora ele estava falando com *minha mãe*. Trechos do diálogo chegavam até mim em meio ao barulho.

— Janine — disse ele, sedutor —, você não envelheceu um dia sequer. Poderia ser irmã de Rose. Se lembra daquela noite na Capadócia?

Minha mãe deu uma risadinha. Eu nunca a tinha visto fazer isso. E concluí que nunca mais queria ver aquilo de novo.

— Claro. E me lembro do quanto você estava disposto a me ajudar quando a alça do meu vestido arrebentou.

— Meu Deus! — exclamei. — Ele é insaciável.

Tasha olhou, intrigada, até perceber a quem eu me referia.

— Abe? Na verdade ele é muito charmoso.

Suspirei.

— Com licença.

Fui em direção a meus pais. Eu aceitava que os dois tivessem vivido um romance um dia — um romance que levou à minha concepção —, mas não significava que queria vê-los reviver isso. Estavam recordando alguma caminhada na praia quando cheguei. Logo afastei o braço de Abe de minha mãe. Ele estava de pé, perto demais dela.

— Ei, posso falar com você? — perguntei.

Ele parecia surpreso, mas deu de ombros.

— Claro. — Abriu um sorriso convencido para minha mãe. — Conversamos mais tarde.

— Nenhuma mulher está segura aqui? — perguntei, exigindo uma resposta enquanto o tirava dali.

— Do que você está falando?

Paramos perto da tigela de ponche.

— Você está flertando com todas as mulheres deste salão!

Minha crítica não o intimidou.

— Bem, há tantas mulheres adoráveis aqui... É sobre isso que você queria conversar comigo?

— Não! Queria conversar com você sobre o fato de ter ameaçado meu namorado. Você não tinha direito de fazer uma coisa dessas.

Suas sobrancelhas escuras arquearam.

— O quê? Aquilo? Não foi nada. Só um pai cuidando da filha.

— A maioria dos pais não ameaça arrancar as entranhas do namorado da filha.

— Não é verdade. De qualquer forma, não foi bem isso o que eu disse. Foi muito pior.

Suspirei. Ele parecia se deleitar com minha irritação.

— Pense nisso como um presente de formatura. Estou orgulhoso de você. Todo mundo sabia que você se sairia bem, mas ninguém imaginou que se sairia *tão* bem. — Ele piscou. — Decerto, não esperavam que você destruísse a propriedade.

— Que propriedade?

— A ponte.

Franzi a testa.

— Tive que fazer isso. Era o melhor jeito. Meu Deus, foi um superdesafio. O que os outros formandos fizeram? Eles não lutaram no meio daquela coisa, não é?

Abe negou com a cabeça, amando cada minuto de seu conhecimento superior.

— Ninguém mais foi posto naquela situação.

— Claro que foi. Todos nós passamos pelas mesmas provas.

— Você não. Quando elaboraram as provas, os guardiões concluíram que você precisava de algo... extra. Algo especial. Afinal, estive lá fora, lutando no mundo real.

— O quê? — O volume da minha voz atraiu a atenção de algumas pessoas. Baixei o tom, e as palavras de Meredith mais cedo voltaram à minha mente. — Isso não é justo!

Ele não parecia preocupado.

— Você é superior aos outros. Forçá-la a fazer coisas fáceis não teria sido justo.

Eu já tinha passado por muitas coisas ridículas na vida, mas aquilo era demais.

— Por isso me levaram a fazer aquela proeza na ponte? E se ficaram surpresos por eu ter cortado as cordas, que diabos esperavam que eu fizesse? De que outro jeito eu poderia ter sobrevivido àquilo?

— Humm. — Ele acariciou o queixo sem se dar conta. — Para ser sincero, não acho que soubessem.

— Ah, pelo amor de Deus. Não dá para acreditar nisso.

— Por que está tão brava? Você passou.

— Porque me colocaram numa situação da qual nem sequer sabiam como sair. — Olhei para ele, desconfiada. — E como é que você sabe disso? Esse é assunto dos guardiões.

Uma expressão da qual eu não gostava nem um pouco tomou seu rosto.

— Ah, bem, estive com sua mãe ontem à noite e...

— Espere aí. Pare — interrompi. — Não quero saber o que você e minha mãe fizeram ontem à noite. Acho que vai ser pior do que a ponte.

Ele sorriu.

— As duas coisas são passado. Então, você não precisa se preocupar agora. Aproveite o sucesso.

— Vou tentar. Só não me faça mais favores com Adrian, está bem? Quero dizer, estou feliz por você ter vindo me apoiar, mas já é mais do que o suficiente.

Abe me olhou, astuto, e eu me lembrei de que, por trás daquela arrogância toda, ele era de fato um homem sagaz e perigoso.

— Você ficou muito feliz quando concordei em lhe fazer um favor depois que voltou da Rússia.

Fiz uma careta. Ele estava certo, já que *havia* conseguido infiltrar um recado em uma prisão de segurança máxima. Mesmo não dando em nada, ele ainda tinha seus méritos.

— Está bem — admiti. — Aquilo foi impressionante. E estou agradecida. Até hoje não sei como

— você conseguiu. — De repente, como num sonho que recordamos no dia seguinte, me lembrei da ideia que tive momentos antes da prova. Baixei a voz. — Você não foi até lá, foi?

Ele bufou.

— Claro que não. Eu não poria os pés naquele lugar. Simplesmente acionei minha rede de contatos.

— Onde *fica* aquele lugar? — perguntei, esperando soar desinteressada.

Não consegui enganá-lo.

— Por que você quer saber?

— Porque estou curiosa! Criminosos condenados sempre desaparecem sem deixar rastros. Sou uma guardiã agora e nem sei nada sobre nosso sistema carcerário. Existe apenas uma prisão? São várias?

Abe não respondeu logo de cara. Me estudou com cuidado. Em seus negócios, desconfiava de que todos tivessem segundas intenções. Por ser sua filha, devia ser considerada duplamente suspeita. Estava no sangue.

Ele só pode ter subestimado meu potencial para a insanidade porque, por fim, disse:

— Existe mais de uma. Victor está em uma das piores. Chamada Tarasov.

— Onde ela fica?

— Agora? — refletiu ele. — No Alasca, eu acho.

— O que você quer dizer com “agora”?

— Ela muda ao longo do ano. Agora está no Alasca. Depois vai para a Argentina. — Ele deu um sorriso malicioso, parecendo se perguntar o quanto eu seria esperta. — Você sabe por quê?

— Não, eu... Espere aí. Luz do sol. — Fazia todo sentido. — O Alasca tem a luz do dia quase o tempo todo nesta época do ano. Mas a escuridão da noite quase o tempo todo no inverno.

Acho que ele ficou mais orgulhoso com a minha percepção do que com as provas.

— Quaisquer prisioneiros que tentassem escapar teriam dificuldades. — Em plena luz do sol, nenhum Moroi fugitivo chegaria muito longe. — Não que alguém consiga escapar com aquele nível de segurança.

Tentei ignorar o quanto aquilo parecia um mau pressentimento.

— Então, acho que a poriam bem longe, ao norte do Alasca — falei, esperando descobrir a localização exata indiretamente. — Tem mais luz naquela região.

Ele deu uma risadinha.

— Nem mesmo eu posso lhe dizer isso. É uma informação que os guardiões mantêm bem-guardada, enterrada em seu quartel-general.

Paralisei. *Quartel-general...*

Abe, apesar de costumar ser observador, não notou minha reação. Seus olhos se voltavam para outra coisa, do outro lado do salão.

— Aquela é Renee Szelsky? Nossa... Ela ficou adorável com o passar dos anos.

Contrariada, gesticulei para mandá-lo embora, em grande parte porque queria refletir sobre esse novo plano que tinha na cabeça — e porque Renee não era ninguém que eu conhecesse muito bem, o que tornou o fato de ele dar em cima dela menos chocante.

— Bem, não quero atrapalhar. Vá seduzir mais mulheres e atraí-las para a sua teia.

Abe não precisava de muito incentivo. Sozinha, deixei minha cabeça girar, me perguntando se meu esquema em desenvolvimento tinha alguma chance de dar certo. Suas palavras haviam desencadeado

um novo plano em minha mente. Não era muito mais louco do que grande parte dos outros. Mais uma vez, meus olhos se depararam com os de Lissa, verdes como jade, do outro lado do salão. Como Christian não estava à vista, seu humor havia melhorado. Ela se divertia, entusiasmada com as aventuras que nos aguardavam agora que estávamos livres e soltas no mundo. Minha mente voltou às ansiedades que senti mais cedo naquele dia. Podíamos estar livres agora, mas a realidade nos alcançaria em breve. O tempo passava. Dimitri esperava, vigiando. Me perguntei por um instante se ainda receberia suas cartas semanais agora que deixaria a escola.

Sorri para ela, me sentindo um pouco mal por estar prestes a estragar seu humor quando lhe contasse que agora teríamos uma chance muito real de libertar Victor Dashkov.

Três

Os dias seguintes foram estranhos. Os outros aprendizes e eu podíamos ter tido a formatura mais glamorosa, mas não éramos os únicos a concluir os estudos na São Vladimir. Os Moroí tinham a própria cerimônia de graduação, e o campus ficava repleto de visitantes. Então, quase tão rápido quanto chegavam, os pais desapareciam — levando os filhos consigo. Os Moroí da realeza deixavam a escola para passar férias com os pais em propriedades luxuosas — muitas no hemisfério sul, onde os dias eram mais curtos naquela época do ano. Os demais Moroí também deixavam a escola com os pais, só que para lares mais modestos e talvez conseguindo empregos de verão antes de ir para a faculdade.

E, é claro, como a escola parava no verão, todos os outros alunos saíam também. Alguns que não tinham família nem para onde ir, normalmente dâmpiros, permaneciam ali o ano inteiro, fazendo eletivas especiais, mas eram minoria. O campus ficava mais vazio a cada dia enquanto meus colegas e eu esperávamos pelo momento em que seríamos levados para a Corte Real. Nos despedimos dos outros, dos Moroí que permaneciam ou dos dâmpiros mais jovens que logo seguiriam nossos passos.

Fiquei triste por ter que me separar de Jill. Nos encontramos por acaso quando eu ia para o dormitório de Lissa na véspera da viagem à Corte. Havia uma mulher com ela. Presumi que fosse sua mãe, e as duas carregavam caixas. O rosto de Jill se iluminou quando ela me viu.

— Ei, Rose! Me despedi de todo mundo, mas não consegui achar você — disse ela, entusiasmada. Sorri.

— Bem, estou feliz por termos nos encontrado.

Eu não podia lhe contar que estava me despedindo também. Tinha passado meu último dia na São Vladimir caminhando por todos os lugares que me eram familiares, começando pelo campus do primário onde Lissa e eu nos conhecemos quando estávamos no jardim de infância. Explorei os corredores e os cantos do meu dormitório, passei pelas salas de aula preferidas e até visitei a capela. Também passei muito tempo em locais repletos de lembranças doces e amargas ao mesmo tempo, como as áreas de treinamento onde conheci Dimitri. A pista por onde ele costumava me fazer correr em círculos. A cabana onde finalmente nos entregamos um ao outro. Tinha sido uma das melhores noites da minha vida, e pensar nisso sempre me trazia alegria e dor.

No entanto, Jill não precisava ser sobrecarregada com isso. Me virei para a mãe dela e comecei a estender a mão até notar que ela não poderia me cumprimentar enquanto levava a caixa.

— Sou Rose Hathaway. Aqui, me deixe carregar isso.

Peguei a caixa antes que ela pudesse se opor, porque eu tinha certeza de que faria isso.

— Obrigada — disse ela, agradavelmente surpresa. Acompanhei as duas quando começaram a andar de novo. — Sou Emily Mastrano. Jill já me falou muito de você.

— Ah, é? — perguntei, dando um sorriso provocador para Jill.

— Nem tanto. Só falei que às vezes passo um tempo com você. — Havia uma leve advertência nos olhos verdes de Jill, e me dei conta de que talvez Emily não soubesse que a filha se dedicava a práticas proibidas sobre como usar a magia para matar Strigoi no tempo livre.

— Gostamos de ter Jill por perto — falei, sem estragar seu disfarce. — E qualquer dia vamos ensiná-la a domar esse cabelo.

Emily deu uma gargalhada.

— Tendo isso há quase quinze anos. Boa sorte.

A mãe de Jill era deslumbrante. As duas não se pareciam muito, pelo menos não superficialmente. O cabelo brilhante de Emily era liso e preto; os olhos eram de um azul profundo e tinham cílios longos. Ela se mexia com graciosidade, muito diferente do jeito de andar sempre constrangido de Jill. Mesmo assim, pude ver os genes compartilhados aqui e ali, os rostos em forma de coração e o contorno dos lábios. Jill ainda era jovem e, um dia, quando seus traços se desenvolvessem, provavelmente iriapartir corações — algo do qual não devia ter consciência agora. Eu esperava que sua autoconfiança melhorasse.

— Onde vocês moram? — perguntei.

— Em Detroit — respondeu Jill, fazendo uma careta.

— Não é tão ruim — falou a mãe, rindo.

— Não tem montanhas. Só estradas.

— Lá, faço parte de uma companhia de balé — explicou Emily. — Então vivemos onde podemos pagar as contas.

Acho que fiquei mais surpresa com o fato de as pessoas irem ao balé em Detroit do que com Emily ser uma bailarina. Fazia sentido ao observá-la e, realmente, com portes altos e esbeltos, os Moroí eram dançarinos ideais, se comparados aos humanos.

— Ei, é uma cidade grande — falei a Jill. — Aproveite a agitação enquanto pode antes de voltar para a chatice no meio do nada. — É claro que treinos de combate ilícitos e ataques de Strigoi dificilmente seriam chatos, mas eu queria fazer com que Jill se sentisse melhor. — E não vai demorar tanto assim. — As férias de verão dos Moroí mal chegavam a dois meses. Os pais ficavam ávidos para devolver os filhos à segurança da escola.

— Pode ser — disse Jill, sem parecer convencida.

Chegamos no carro, e pus as caixas no porta-malas.

— Vou mandar um e-mail para você quando puder — prometi. — E aposto que Christian também vai. Talvez eu consiga até convencer Adrian a fazer o mesmo.

Jill se alegrou, e fiquei feliz ao vê-la voltar ao seu normal, que era de muito entusiasmo.

— Verdade? Isso seria ótimo. Quero saber de tudo o que acontece na Corte. Você deve fazer todo tipo de coisa legal com Lissa e Adrian, e aposto que Christian vai encontrar todo tipo de coisa... sobre coisas.

Emily não pareceu ter notado a péssima tentativa de edição de Jill, e abriu um sorriso para mim.

— Obrigada pela ajuda, Rose. Adorei conhecer você.

— Igualmente... Ai!

Jill havia se jogado em mim para me abraçar.

— Boa sorte com tudo — disse ela. — Você tem tanta sorte. Vai ter uma vida tão legal agora!

Retribuí o abraço, incapaz de explicar o quanto tinha inveja dela. Sua vida ainda era segura e inocente. Jill podia não gostar de passar o verão em Detroit, mas a estada seria breve, e ela logo estaria de volta ao familiar e tranquilo mundo da São Vladimir. Não seria exposta ao desconhecido e a seus perigos.

Só depois que Jill e sua mãe saíram de carro foi que pude me responder seu comentário:

— Espero que sim — murmurei, pensando no que estava por vir. — Espero que sim.

Meus colegas de turma e alguns Moroi que haviam sido escolhidos pegaram o avião bem cedo, no dia seguinte, deixando as montanhas rochosas de Montana para trás, rumo às colinas em meio aos vales da Pensilvânia. A Corte Real era muito parecida com o que me lembrava; tinha o mesmo clima antigo e imponente que a São Vladimir tentava reproduzir com os prédios altos e a arquitetura de pedras intrincadas. Porém, a escola também parecia querer exibir um ar de estudo, de sabedoria, enquanto a Corte era mais luxuosa. Era como se os próprios prédios quisessem garantir que todos nós soubéssemos que aquela era a sede do poder e da realeza entre os Moroi. A Corte Real queria que nos sentíssemos impressionados e talvez um pouco intimidados.

E apesar de já ter estado ali antes, fiquei impressionada. As portas e janelas dos prédios de pedras em tons de marrom eram trabalhadas em relevo e emolduradas por antigos ornamentos dourados. Muito diferentes da magnificência que eu vira na Rússia, mas agora me dava conta de que os arquitetos da Corte haviam projetado aqueles prédios inspirados nos modelos europeus do passado — os fortes e palácios de São Petersburgo. A São Vladimir tinha bancos e passagens nas praças e pátios, mas a Corte ia além. Fontes e estátuas elaboradas de antigos governantes adornavam os gramados, primorosos trabalhos em mármore antes encobertos pela neve. Agora, no auge do verão, estavam esplendorosos e à mostra. E em toda parte, toda parte, havia flores nas árvores, arbustos, trilhas — era deslumbrante.

Fazia sentido que os recém-formados fossem visitar a administração central dos guardiões, mas me dei conta de que havia outra razão para terem nos levado ali no verão. Queriam que víssemos tudo aquilo, que nos emocionássemos e apreciássemos a glória pela qual lutávamos. Ao ver as expressões nos rostos dos recém-formados, percebi que a tática funcionava. A maioria nunca estivera ali antes.

Lissa e Adrian estavam no meu voo, e nós três permanecemos juntos enquanto acompanhávamos o grupo. Estava tão quente quanto em Montana, mas a umidade ali era mais intensa. Comecei a suar depois de uma pequena e leve caminhada.

— Você *trouxe* um vestido desta vez, não é? — perguntou Adrian.

— Claro — respondi. — Querem nossa presença em eventos elegantes, além da recepção principal. Mas eles devem me dar meu traje preto e branco para isso.

Adrian balançou a cabeça, e notei que sua mão começou a se mexer em direção ao bolso até hesitar e recuar. Ele progredia nas tentativas de parar de fumar, mas eu tinha certeza de que era difícil se livrar tão depressa da necessidade subconsciente de estender a mão automaticamente para pegar um maço de cigarros ao ar livre.

— Estou falando de hoje à noite. Para o jantar.

Olhei para Lissa com cara de interrogação. Sua agenda na Corte sempre abrangia eventos aos

quais as “pessoas comuns” não iam. Com meu novo e incerto status, não sabia ao certo se iria com ela. Através do laço, senti que ela estava intrigada e não fazia a menor ideia de que haveria um jantar especial.

— Que jantar? — perguntei.

— O que marquei com minha família.

— O jantar que você... — Parei ab-ruptamente e o encarei com os olhos arregalados, sem gostar nem um pouco do sorriso malicioso que ele tinha no rosto. — Adrian! — Alguns dos recém-formados me olharam, curiosos, e continuaram andando à nossa volta.

— Qual é, já estamos saindo há alguns meses. Conhecer os pais faz parte do ritual do namoro. Já conheci sua mãe. E conheci até seu pai assustador. Agora é a sua vez. Garanto que ninguém da minha família vai fazer insinuações como as que seu pai fez.

Na verdade, eu meio que já conhecia o pai de Adrian. Ou, bem, o vira em uma festa. Duvidava que ele fizesse alguma ideia de quem eu era — deixando minha louca reputação de lado. Não sabia quase nada sobre a mãe de Adrian. De fato, ele falava muito pouco sobre os membros da família — bem, de grande parte deles.

— Só com os seus pais? — perguntei, desconfiada. — Vai mais alguém da família que eu deva saber?

— Bem... — A mão de Adrian se mexeu de novo. Acho que dessa vez ele queria um cigarro como forma de se proteger do tom de alerta da minha voz. Lissa, como observei, parecia se divertir muito com tudo aquilo. — Minha tia-avó preferida deve passar por lá.

— Tatiana? — perguntei. Pela centésima vez, pensei em como dera a sorte de acabar com um cara relacionado à líder do mundo dos Moroi inteiro. — Ela me odeia! Você sabe o que aconteceu na última vez em que conversamos. — Sua Majestade Real me criticara, gritando coisas sobre como eu era inferior demais para andar com seu sobrinho e sobre os grandes “planos” que tinha para ele e Lissa.

— Acho que ela já mudou de ideia.

— Ah, qual é?

— Não, é sério. — Ele quase parecia dizer a verdade. — Conversei com minha mãe outro dia, e... Sei lá. Tia Tatiana não parece mais odiar você tanto assim.

Franzi a testa, e nós três voltamos a andar.

— Talvez ela admire seu trabalho como vigilante nos últimos tempos — refletiu Lissa.

— Pode ser — falei. Mas, no fundo, não acreditava nisso. Se é que fez alguma diferença, o fato de eu ter fugido só pode ter me deixado mais repugnante aos olhos da rainha.

Me senti um pouco traída por Adrian ter me pegado de surpresa com esse jantar, mas agora não restava mais nada a fazer. O único lado bom era a impressão de que ele só estava brincando comigo quanto à presença da tia. Eu disse que iria, e minha decisão o deixou de tão bom humor que ele nem fez muitas perguntas quando Lissa e eu falamos que tínhamos “uma coisa nossa” para fazer naquela tarde. Todos os meus colegas seguiam em um tour pela Corte e seus arredores como parte de sua doutrinação, mas eu já tinha visto tudo aquilo antes e consegui escapar dali. Lissa e eu deixamos nossas coisas nos quartos e então partimos para a extremidade mais distante da Corte, onde as pessoas que não eram da realeza viviam.

— Você já vai me contar o que é essa *outra* parte do seu plano? — perguntou Lissa.

Desde que Abe explicara sobre a prisão de Victor, eu andava fazendo outra lista mental dos

problemas que teríamos para invadi-la. Em especial, eram dois — um a menos do que eu tinha antes de conversar com Abe. Não que as coisas estivessem muito mais fáceis. Primeiro, não fazíamos a menor ideia de *onde* no Alasca aquele lugar ficava. Segundo, não sabíamos como era o sistema de segurança da prisão e nem sua disposição. Não tínhamos ideia do que iríamos invadir.

No entanto, algo me dizia que todas aquelas respostas poderiam ser encontradas em uma fonte, o que significava que de fato eu só tinha um problema imediato: como alcançar essa fonte. Felizmente, conhecia alguém que devia poder nos ajudar a chegar lá.

— Vamos visitar Mia — falei.

Mia Rinaldi era Moroi e uma ex-colega de turma — uma ex-inimiga, na verdade. Também era um exemplo da total transformação de personalidade. Mudou da vaca ardilosa sempre disposta a acabar — e dormir — com qualquer um em busca de popularidade para a menina sincera, simples, confiante e ávida por aprender a defender a si mesma e os outros dos Strigoi. Ela vivia ali na Corte com o pai.

— Você acha que Mia sabe como invadir uma prisão?

— Mia é boa, mas não tão boa assim. Só que ela pode nos ajudar a obter informações confidenciais.

Lissa reclamou:

— Não acredito que você acabou de usar a palavra “confidenciais”. Isso está mesmo virando um filme de espionagem.

Ela falou de brincadeira, mas senti que estava preocupada. O tom leve mascarava seu medo, a inquietação que ainda sentia quanto a libertar Victor, apesar da promessa que me fizera.

Os que não faziam parte da realeza, mas trabalhavam e realizavam tarefas comuns na Corte, viviam em apartamentos distantes dos aposentos da rainha e do hall de entrada. Eu já tinha arranjado o endereço de Mia, e saímos atravessando gramados perfeitos, reclamando uma com a outra sobre o dia quente. Ela estava em casa, vestindo jeans e camiseta casuais, com um picolé na mão. Seus olhos se arregalaram quando ela nos viu à porta.

— Com os diabos! — disse ela.

Soltei uma gargalhada. Era o tipo de reação que eu teria.

— Que bom ver você também! Podemos entrar?

— Claro. — Ela deu um passo para o lado. — Vocês querem um picolé?

E algum dia recusei? Peguei um de uva e me sentei com Lissa e ela na pequena sala de estar. O lugar estava longe de exhibir a opulência de uma sala de visitas da realeza, mas era aconchegante e organizado, e, sem dúvida, muito apreciado por Mia e seu pai.

— Eu sabia que os formandos estavam vindo — disse Mia, tirando os cachos louros do rosto. — Mas não tinha certeza de que você estaria com eles. Você chegou a se formar?

— Cheguei — respondi. — Recebi a marca da promessa e tudo mais.

Levantei o cabelo para ela poder ver o curativo.

— Fico surpresa por terem deixado você voltar depois de sair para a farra da matança. Ou você ganhou pontos extras por isso?

Aparentemente, Mia ouvira a mesma história sobre minhas aventuras que todo mundo. Por mim, tudo bem. Não queria falar sobre a verdade. Não queria falar sobre Dimitri.

— Você acha que alguém consegue impedir Rose de fazer o que quer? — perguntou Lissa, sorrindo. Ela tentava evitar que entrássemos em detalhes sobre meus antigos paradeiros, o que me

deixou agradecida.

Mia deu uma gargalhada e mastigou um pedaço grande de picolé de limão. Era de admirar que ela não tivesse uma dor de cabeça por causa do frio.

— É verdade. — Seu sorriso desapareceu quando ela engoliu o pedaço. Seus olhos azuis, sempre perspicazes, me estudaram em silêncio por alguns instantes. — E agora Rose quer alguma coisa.

— Ei, só estamos felizes em ver você — falei.

— Acredito nisso. Mas também acredito que você tenha segundas intenções.

O sorriso de Lissa cresceu. Ela se divertia por eu ter sido pega em meu jogo de espionagem.

— O que faz você dizer isso? Consegue interpretar Rose tão bem assim ou *sempre* supõe que ela tem segundas intenções?

Agora Mia sorriu de novo.

— As duas coisas. — De repente, ela chegou para a frente no sofá e me olhou, séria. Quando foi que se tornou tão observadora? — Está bem. Não faz sentido perder tempo. Você precisa da minha ajuda para quê?

Suspirei, desmascarada.

— Preciso entrar na sala de segurança principal dos guardiões.

Ao meu lado, Lissa fez um tipo de barulho sufocado. Me senti um pouco mal por ela. Apesar de ela conseguir esconder seus pensamentos de mim às vezes, não fazia nem dizia muito que fosse uma verdadeira surpresa. Quanto a mim? Eu sempre a decepcionava. Ela não fazia ideia do que estava por vir na metade do tempo, mas, sinceramente, se planejávamos tirar um criminoso renomado da prisão, então invadir uma sala de segurança não deveria ter sido um choque tão grande.

— Uau — disse Mia. — Você não perde tempo com coisas pequenas. — Seu sorriso se retorceu um pouco. — É claro que você não viria até mim por coisas pequenas. Você poderia resolvê-las sozinha.

— Consegue me pôr... nos pôr... lá dentro? — perguntei. — Você é amiga de alguns dos guardiões daqui... e seu pai tem acesso a muitos lugares... — Eu não sabia qual era exatamente o trabalho do sr. Rinaldi, mas achava que tinha a ver com manutenção.

— O que você está procurando? — perguntou ela. Em seguida, ergueu uma das mãos quando abriu a boca para reclamar. — Não, não. Não preciso de detalhes. Só de uma ideia geral para dar um jeito nisso. Sei que você não quer entrar lá só para conhecer o lugar.

— Preciso de alguns registros — expliquei.

Suas sobrancelhas arquearam.

— Dos empregados? Está tentando arranjar um emprego?

— Eu... não. — Ahn. Até que não era má ideia, levando-se em conta minha situação precária quanto a ser designada a Lissa. Mas não. Uma coisa de cada vez. — Preciso de registros de segurança exterior em outros lugares... escolas, lares da realeza, prisões. — Tentei manter uma expressão casual ao mencionar o último. Mia estava envolvida com umas doideiras, mas até ela tinha seus limites. — Imagino que guardem essas coisas lá.

— Guardam, sim — disse ela. — Só que grande parte dos arquivos é eletrônica. E sem querer ofender, mas isso deve estar acima até de suas habilidades. Mesmo que tivéssemos acesso a um dos computadores, tudo está protegido por senha. Quando saem de lá, bloqueiam os computadores. Acho que você não se tornou uma hacker desde a última vez em que nos vimos.

Não, claro que não. E ao contrário dos heróis dos filmes de espionagem sobre os quais Lissa havia

me provocado, eu não tinha nenhum amigo especialista em tecnologia que pudesse sequer chegar perto de decifrar aquele tipo de criptografia e segurança. Droga. Encarei meus pés, calada, me perguntando se teria alguma chance de obter mais informações com Abe.

— Mas se a informação que você precisa não for tão recente, ainda podem ter cópias em papel — disse Mia.

Ergui a cabeça.

— Onde?

— Eles têm depósitos enormes, escondidos em um dos porões. Arquivos e mais arquivos. Que ainda são trancados, mas deve ser mais fácil encontrá-los do que brigar com os computadores. Mais uma vez, depende do que você precisa. E de quando é.

Abe me dera a impressão de que já tinha um tempo que a prisão Tarasov existia. É claro que havia um registro dela naqueles arquivos. Eu não duvidava de que os guardiões tivessem entrado na era digital pouco antes, o que significava que não deveríamos encontrar os detalhes mais recentes sobre a segurança do lugar, mas eu me contentaria com uma cópia da planta.

— Deve ser o que precisamos. Você consegue nos pôr lá dentro?

Mia ficou quieta por vários segundos, e pude ver que sua mente trabalhava a todo vapor.

— É possível. — Ela olhou para Lissa. — *Você* ainda consegue obrigar as pessoas a se tornarem suas escravas?

Lissa fez uma careta.

— Não gosto de pensar nisso assim, mas, é, consigo.

Era mais uma vantagem do espírito.

Mia refletiu por mais algum tempo e então assentiu por um breve instante.

— Está bem. Voltem lá pelas duas, e veremos o que dá para fazer.

As duas da tarde para o resto do mundo era o mesmo que o meio da madrugada para os Moroi, que tinham hábitos noturnos. Sair em plena luz do dia não parecia algo secreto, mas só pude concluir que o plano de Mia era baseado no fato de que também haveria menos pessoas por volta daquela hora.

Eu tentava decidir se deveríamos ficar mais um pouco ou ir embora quando uma batida na porta interrompeu meus pensamentos. Mia se endireitou e de repente pareceu desconfortável. Ela se levantou para atender a porta, e uma voz familiar vinha do corredor em nossa direção.

— Me desculpe por ter chegado mais cedo, mas eu...

Christian apareceu na sala. Ele se calou de repente, logo que me viu com Lissa. Todos pareciam paralisados. Então, acho que cabia a mim fingir que aquela não era uma situação horrível e constrangedora.

— Ei, Christian — falei, animada. — E aí?

Seus olhos estavam em Lissa, e ele levou um instante para arrastá-los até mim.

— Tudo bem. — Ele se virou para Mia. — Posso voltar...

Lissa se levantou depressa.

— Não — disse ela com uma voz tranquila, típica de uma princesa. — Rose e eu temos mesmo que ir.

— É — concordei, aproveitando a deixa. — Temos... coisas... para fazer. E não queremos atrapalhar seu...

Merda. Eu não tinha ideia do que eles iriam fazer. Nem sabia ao certo se queria ter.

Mia recuperou a voz.

— Christian queria ver alguns dos movimentos que ando praticando com os guardiões do campus.

— Legal. — Mantive o sorriso no rosto enquanto me dirigia à porta com Lissa. Ela passou o mais longe de Christian que pôde. — Jill vai ficar com ciúmes.

E não era apenas Jill. Depois de outra rodada de despedidas, Lissa e eu partimos, e voltamos pelos gramados. Pude sentir a raiva e o ciúme irradiando pelo laço.

— É só um clube da luta, Liss — falei, sem precisar que ela participasse da conversa. — Não está acontecendo nada. Eles vão falar de socos, chutes e outras coisas chatas.

Bem, na verdade, aquelas coisas eram bem legais, mas eu não ia glorificar o fato de Christian e Mia passarem um tempo juntos.

— Talvez *agora* não esteja acontecendo nada — resmungou ela, olhando fixamente para a frente. — Mas quem sabe o que poderia acontecer? Eles passam um tempo juntos, praticam alguns movimentos, uma coisa leva à outra...

— Isso é ridículo — falei. — Esse tipo de coisa não é nem um pouco romântica. — Outra mentira, já que era exatamente como começara meu relacionamento com Dimitri. Mais uma vez, melhor não mencionar isso. — Além do mais, Christian não pode estar envolvido com *todas* as meninas que andam com ele. Mia, Jill... Sem querer ofender, mas ele não é tão garanhão assim.

— Ele é muito bonito — argumentou Lissa, e aqueles sentimentos obscuros ainda ferviam dentro dela.

— É — admiti, mantendo os olhos no caminho e alertas. — Mas é preciso mais do que isso. Além do mais, pensei que você não ligasse para o que ele faz.

— E não ligo — disse ela, sem sequer convencer a si mesma, muito menos a mim. — Nem um pouco.

Minhas tentativas de distraí-la se mostraram completamente inúteis pelo resto do dia. As palavras de Tasha me vieram à mente: *Quando é que você vai dar um jeito nisso?* Lissa e Christian andavam sendo irracionais demais, ambos mergulhados em suas irritações — o que meio que me irritava também. Christian teria sido muito útil em minhas escapadas ilícitas, mas eu tinha que manter distância dele para o bem de Lissa.

Por fim, a deixei com seu mau humor quando chegou a hora do jantar. Comparado à sua situação amorosa, o meu relacionamento com um playboy meio mimado de uma família que me desaprovava parecia muito otimista. Como o mundo se tornava triste e assustador! Prometi a Lissa que voltaria logo depois de comer e que iríamos juntas nos encontrar com Mia. Tocar no nome de Mia não deixou Lissa feliz, mas a possibilidade de uma invasão de fato a fez parar de pensar em Christian por um momento.

O vestido que eu tinha para usar no jantar era grená, feito de um tecido leve e rendado, ideal para o verão. O decote era decente, e pequenas alças espessas davam a ele um ar elegante. Com o cabelo em um rabo de cavalo baixo que fazia um bom trabalho ao esconder a tatuagem que cicatrizava, eu quase parecia uma namorada respeitável — que só servia para mostrar o quanto as aparências enganam, já que participava de um esquema louco para trazer meu último namorado de volta do mundo dos mortos.

Adrian me avaliou da cabeça aos pés quando cheguei à casa de seus pais. Eles tinham residência fixa ali na Corte. O pequeno sorriso em seu rosto demonstrou que ele gostou do que viu.

— Você aprova? — perguntei, dando uma voltinha.

Ele pôs um dos braços ao redor de minha cintura.

— Infelizmente, sim. Esperava que você aparecesse com alguma coisa muito mais indecente. Algo que deixasse meus pais escandalizados.

— Às vezes parece que você nem se importa comigo — comentei enquanto entrávamos. — Parece que só me usa para chocar os outros.

— As duas coisas, dampirinha. Me importo com você *e* a uso para chocar os outros.

Escondi o sorriso enquanto a governanta dos Ivashkov nos levava até a sala de jantar. A Corte de fato tinha restaurantes e cafés escondidos em seus prédios, mas membros da realeza como os pais de Adrian consideravam mais elegante ter um jantar chique na própria casa. Quanto a mim, eu teria preferido sair, ir para um lugar público. Mais opções de fuga.

— Você deve ser Rose.

Minha avaliação das saídas foi interrompida quando uma Moroi muito alta e elegante chegou. Ela usava um longo vestido de cetim verde que logo fez com que eu me sentisse deslocada e que combinava perfeitamente com a cor de seus olhos — e com a dos de Adrian. Seu cabelo escuro estava preso em um coque, e ela deu um sorriso caloroso e genuíno ao apertar minha mão.

— Sou Daniella Ivashkova — disse ela. — É um prazer conhecê-la, enfim.

Será que era mesmo? Minha mão apertou a dela de modo automático.

— Igualmente, lady Ivashkova.

— Por favor, me chame de Daniella. — Ela se virou para Adrian e emitiu um som de reprovação com a língua enquanto endireitava o colarinho de sua camisa de botões. — Sinceramente, querido — disse ela —, você se olha no espelho antes passar pela porta? Seu cabelo está uma bagunça.

Adrian se esquivou da mãe quando ela estendeu a mão em direção à sua cabeça.

— Você está brincando? Passei horas na frente do espelho para *deixá-lo* desse jeito.

Ela suspirou, incomodada.

— Às vezes, não consigo concluir se sou ou não sortuda por não ter gerado outros filhos. — Atrás dela, criados silenciosos punham a comida na mesa. Um vapor emergia das travessas, e meu estômago roncou. Torci para que ninguém mais tivesse ouvido. Daniella olhou para o corredor mais adiante. — Nathan, quer se apressar? A comida está esfriando.

Alguns instantes depois, passos pesados soaram sobre o chão de madeira adornado, e Nathan Ivashkov surgiu na sala de jantar. Como a mulher, usava roupas formais; o cetim azul de sua gravata brilhava junto à sobriedade do paletó de seu terno preto. Ainda bem que tinham ar-condicionado ali. Do contrário, ele derreteria naquele tecido pesado. Sua característica que mais se destacava era a que eu me lembrava de ter visto antes: uma cabeça distinta com cabelo e bigode grisalhos. Eu me perguntava se o cabelo de Adrian ficaria assim quando ele envelhecesse. Não, eu nunca descobriria. Adrian provavelmente pintaria o cabelo ao primeiro sinal de fios brancos — ou grisalhos.

O pai de Adrian podia até ser exatamente como me lembrava, mas estava claro que não fazia a menor ideia de quem eu era. Na verdade, parecia genuinamente impressionado ao me ver.

— Esta é, ah... amiga de Adrian, Rose Hathaway — disse Daniella com delicadeza. — Você se lembra? Ele disse que iria trazê-la para jantar aqui hoje.

— Prazer em conhecê-lo, lorde Ivashkov.

Ao contrário da mulher, ele não sugeriu que nos tratássemos pelo primeiro nome, o que me deixou um pouco aliviada. O Strigoi que transformara Dimitri à força também se chamava Nathan, e aquele não era um nome que eu queria dizer em voz alta. O pai de Adrian me olhou da cabeça aos

pés, mas não com a estima que o filho havia demonstrado mais cedo. Era mais como se eu fosse uma coisa estranha.

— Ah. A menina dampira.

Ele não foi exatamente rude, apenas desinteressado. Quero dizer, não me chamou de prostituta de sangue nem nada. Todos nós nos sentamos para jantar, e apesar de Adrian ter mantido seu típico sorriso descontraído no rosto, mais uma vez tive a sensação de que ele queria muito, *muito* um cigarro. Talvez uma bebida forte também. A companhia dos pais não era algo que apreciasse. Quando um dos criados nos serviu de vinho, Adrian pareceu imensamente aliviado e não disfarçou. Lancei um olhar de alerta para ele, que foi ignorado.

Nathan conseguiu devorar depressa seus medalhões suínos com molho balsâmico e ainda parecer elegante e respeitável.

— E então — perguntou ele, com a atenção voltada para Adrian —, agora que Vasilisa se formou, o que você vai fazer da vida? Não pretende continuar se misturando com alunos do segundo grau, não é? Não faz mais sentido você ficar por lá.

— Não sei — respondeu Adrian, relaxado. Ele balançou a cabeça, bagunçando ainda mais o cabelo cuidadosamente desarrumado. — Gosto de andar com eles. Achem que sou mais divertido do que sou, na verdade.

— Isso não é surpresa alguma — disse o pai. — Você não é nem um pouco divertido. Está na hora de fazer algo produtivo. Se não vai voltar para a faculdade, deveria pelo menos começar a comparecer a algumas reuniões de negócios da família. Tatiana o mima, mas você poderia aprender muito com Rufus.

Eu sabia o bastante sobre a política da realeza para reconhecer aquele nome. O membro mais velho de cada família costumava ser seu “príncipe” ou “princesa” e fazer parte do Conselho Real — e poderia se tornar rei ou rainha. Quando Tatiana recebera a coroa, Rufus se tornara o príncipe da família Ivashkov, já que era o segundo mais velho.

— É verdade — disse Adrian, fingindo falar sério. Ele mais brincava com a comida no prato do que comia. — Eu realmente gostaria de saber como ele mantém as duas amantes em segredo, sem que a mulher descubra.

— Adrian! — vociferou Daniella, e um rubor se derramou sobre suas bochechas pálidas. — Não diga uma coisa dessas à mesa do jantar, muito menos diante de uma convidada.

Nathan parecia ter me notado mais uma vez e deu de ombros, me rejeitando.

— Ela não importa.

Mordi o lábio por conta daquilo, reprimindo o desejo de tentar lançar meu prato de porcelana chinesa como se fosse um *frisbee* e atingir sua cabeça. Decidi não fazer isso. Não só estragaria o jantar, como o prato não voaria como eu precisava. Nathan voltou o olhar zangado para Adrian.

— Mas *você*, sim. Não vou tolerar que fique por aí, sem fazer nada. E usando nosso dinheiro para patrocinar isso.

Algo me dizia que eu não devia me meter, mas não suportei ver Adrian sendo repreendido pelo pai irritante. Ele *realmente* ficava por aí e gastava dinheiro, mas Nathan não tinha o direito de zombar do filho por causa disso. Quero dizer, é claro que eu fazia aquilo o tempo todo. Só que era diferente.

— Talvez você possa ir para Lehigh com Lissa — sugeri. — Continuar estudando o espírito com ela e... fazer o que fazia na última vez em que estive na faculdade...

— Beber e matar aula — disse Nathan.

— Arte — disse Daniella. — Adrian fez aulas de arte.

— É mesmo? — perguntei, me virando para ele, surpresa. De alguma forma, dava para vê-lo como o típico artista. Combinava com sua personalidade excêntrica. — Então isso seria perfeito. Você poderia retomar o curso.

Ele deu de ombros e tomou a segunda taça de vinho.

— Sei lá. Essa faculdade deve ter o mesmo problema da última.

Franzi a testa.

— E o que é?

— Dever de casa.

— Adrian — vociferou o pai.

— Está bem — disse Adrian, relaxado. Ele apoiou o braço na mesa. — Na verdade, não preciso de um trabalho nem de mais dinheiro. Depois que Rose e eu nos casarmos, as crianças e eu vamos viver do salário dela de guardiã.

Todos nós ficamos paralisados, até eu. Sabia muito bem que Adrian estava brincando. Quero dizer, mesmo que ele alimentasse fantasias sobre casamento e filhos (e eu tinha *quase* certeza de que ele não fazia isso), o modesto salário de um guardião *nunca* bastaria para mantê-lo na vida luxuosa a que estava acostumado.

O pai de Adrian, porém, deixou claro que *não* achou que o filho estivesse brincando. Daniella parecia indecisa. Quanto a mim, eu estava apenas incomodada. Era um assunto muito, muito ruim para ser trazido à tona em um jantar como aquele, e não dava para acreditar que Adrian havia feito isso. E nem achei que tivesse sido por causa do vinho. Ele só gostava muito de atormentar o pai.

O silêncio desagradável se tornou cada vez mais pesado. Meu instinto visceral de preencher lacunas em conversas me instigava, mas algo me disse para ficar quieta. A tensão aumentou. Quando a campainha tocou, nós quatro quase pulamos da cadeira.

A governanta, Torrie, se apressou para atender a porta, e, mentalmente, suspirei, aliviada. Uma visita inesperada ajudaria a amenizar a tensão.

Talvez não.

Torrie limpou a garganta quando voltou, claramente confusa enquanto olhava de Daniella para Nathan.

— Sua Majestade Real, a rainha Tatiana, está aqui.

Não. Não era possível.

Todos os Ivashkov se levantaram de forma ab-rupta e, meio segundo depois, me juntei a eles. Eu não tinha acreditado quando Adrian dissera mais cedo que Tatiana poderia aparecer. Pela cara que fazia, ele também parecia muito surpreso. Mas não deu outra; lá estava ela. Apressada, Tatiana entrou na sala de jantar, elegante no que devia considerar um casual traje de negócios: um terninho preto feito sob medida com uma blusa de renda e seda vermelha por baixo. Pequenos grampos com pedras preciosas brilhavam em seu cabelo escuro, e aqueles olhos imperiais encaravam todos nós enquanto oferecíamos reverências apressadas. Até mesmo a própria família seguia as formalidades.

— Tia Tatiana — disse Nathan, forçando o que parecia ser um sorriso em seu rosto. Acho que ele não fazia aquilo com muita frequência. — Quer se juntar a nós para jantar?

Ela acenou, recusando.

— Não, não. Não posso ficar. Estou indo me encontrar com Priscilla, mas pensei em passar aqui quando soube que Adrian estava de volta. — Seu olhar pairou sobre ele. — Não acredito que você

esteja aqui o dia todo e não tenha ido me visitar.

Apesar de sua voz fria, juro que havia uma faísca de deleite em seus olhos. Algo assustador. Ela não era alguém que eu consideraria calorosa e efusiva. Toda aquela experiência de vê-la fora de um de seus salões cerimoniais foi totalmente irreal.

Adrian sorriu para a tia. Estava claro que ele era a pessoa mais à vontade na sala de jantar naquele momento. Por razões que nunca entendi, Tatiana amava e mimava Adrian. Não que ela não amasse os outros membros da família; só ficava claro que ele era seu preferido. Aquilo sempre me surpreendeu, levando em conta o quanto ele aprontava às vezes.

— Ah, pensei que você tivesse coisas mais importantes para fazer do que me receber — disse ele. — Além do mais, larguei o cigarro, e agora não podemos mais sair da sala do trono para fumar escondido.

— Adrian! — repreendeu Nathan, enrubescendo. Foi então que pensei que poderia ter sugerido a brincadeira de tomar uma dose cada vez que ele exclamasse o nome do filho em tom de reprovação. — Titia, me des...

Tatiana ergueu uma das mãos de novo.

— Ah, fique quieto, Nathan. Ninguém quer ouvir isso. — Quase me engasguei. Ficar no mesmo cômodo que a rainha era horrível, mas quase valia a pena só para vê-la dar um tapa na cara do lorde Ivashkov verbalmente. Ela se virou para Adrian com uma expressão mais amena no rosto. — Você parou, enfim? Já estava na hora. Imagino que isso seja coisa sua.

Demorei um instante para perceber que ela falava comigo. Até aquele ponto, eu já torcia para que ela nem tivesse me notado. Parecia ser a única explicação para ela não ter gritado, mandando tirar a prostituta de sangue rebelde dali. Era chocante. Seu tom de voz nem me acusava. Estava... impressionada.

— B-Bem, não fui eu, vossa Majestade — falei. Minha meiguice era muito diferente do meu comportamento em nosso encontro anterior. — Foi Adrian quem teve a... determinação para fazer isso.

Que Deus me ajude. Tatiana deu uma risadinha.

— Muito diplomático. Deviam designar você a um político.

Nathan não gostou da atenção dedicada a mim. Acho que eu também não, ainda que fosse meio amável.

— Você e Priscilla vão falar de negócios esta noite? Ou será apenas um jantar amigável?

Tatiana tirou os olhos de mim.

— Os dois. Tem havido discussões sem importância entre membros da família. Não em público, mas andam vazando. Fazem alarde por causa da segurança. Alguns estão prontos para começar o treinamento agora mesmo. Outros se perguntam se os guardiões podem ficar sem dormir. — Ela revirou os olhos. — E essas são as sugestões mais amenas.

Não dava para negar: aquela visita havia se tornado muito mais interessante.

— Espero que você cale a boca desses aspirantes a militantes — resmungou Nathan. — Nós lutando ao lado dos guardiões é um absurdo.

— *Absurdo* — disse Tatiana — é haver conflitos entre as classes da realeza. É isso que quero “calar”. — Seu tom ficou arrogante, típico de uma rainha. — Somos os líderes entre os Moroi. Temos que dar o exemplo. Precisamos nos unir para sobreviver.

Estudei Tatiana com curiosidade. O que aquilo queria dizer? Ela não havia concordado nem

discordado da posição de Nathan sobre os Moroi lutarem. Falou apenas sobre estabelecer a paz entre sua gente. Mas como? Será que pretendia encorajar o novo movimento ou acabar com ele? A segurança era uma grande preocupação de todos desde o ataque à Escola, e cabia a ela dar um jeito nisso.

— Me parece muito difícil — disse Adrian, fingindo não saber da seriedade do problema. — Se você ainda quiser um cigarro mais tarde, abro uma exceção.

— Prefiro que você vá me fazer uma visita amanhã — disse ela, sarcástica. — Deixe os cigarros em casa. — Ela olhou para o copo de vinho vazio de Adrian. — E as outras coisas também.

Um lampejo de determinação cruzou seu olhar, e apesar de ter desaparecido tão depressa quanto surgiu, me senti quase aliviada. Aquela era a Tatiana fria que eu conhecia.

Ele bateu continência.

— Sim, senhora.

Tatiana olhou por um breve instante para o resto de nós.

— Tenham uma boa noite. — Foi sua única despedida.

Fizemos outra reverência, e ela seguiu em direção à porta da frente. Nesse meio-tempo, ouvi passos e murmúrios. Ela estava acompanhada de uma comitiva, como percebi, e deixara todos na entrada para ir cumprimentar Adrian.

Depois disso, o jantar foi silencioso. A visita de Tatiana tinha nos deixado meio impressionados. Pelo menos não tive mais que presenciar a briga de Adrian com o pai. Daniella manteve qualquer pequena conversa que surgia, tentando saber mais sobre meus interesses, e percebi que ela não tinha dado uma palavra durante a breve visita de Tatiana. Daniella se casara com um Ivashkov, e eu me perguntava se ela se sentia intimidada pela rainha.

Quando chegou a hora de partirmos, Daniella era só sorrisos enquanto Nathan havia se retirado para o escritório.

— Você precisa aparecer mais vezes — disse ela a Adrian, ajeitando seu cabelo apesar dos protestos. — E você é sempre bem-vinda, Rose.

— Obrigada — falei, espantada.

Fiquei estudando seu rosto para ver se estava mentindo, mas acho que não. E isso não fazia sentido. Os Moroi não aprovavam relacionamentos longos com dampiros. Muito menos os Moroi da realeza. *Menos* ainda os Moroi da realeza parentes da rainha. Se é que a experiência passada sugeria alguma coisa.

Adrian suspirou.

— Talvez. Quando ele não estiver em casa. Ah, droga. Me lembrei. Esqueci meu casaco aqui na última vez. Estava doido para ir embora.

— Você tem uns cinquenta casacos — comentei.

— Pergunte a Torrie — disse Daniella. — Ela vai saber onde está.

Adrian saiu para procurar a governanta e me deixou com sua mãe. Eu devia ter falado de amenidades inofensivas e educadas, mas fui tomada pela curiosidade.

— O jantar estava ótimo — disse a ela, sendo sincera. — E espero que você não me entenda mal... mas quero dizer... Bem, você parece aceitar meu namoro com Adrian.

Ela assentiu, serena.

— Aceito, sim.

— E... — Bem, aquilo tinha que ser mencionado. — Tati... A rainha Tatiana também parecia

aceitar.

— Aceita, sim.

Cuidei para que meu queixo não caísse no chão.

— Mas... quero dizer, na última vez em que conversamos, ela estava furiosa. Ficou repetindo que nunca permitiria que ficássemos juntos no futuro nem nos casássemos ou qualquer coisa parecida. — Me encolhi, lembrando da brincadeira de Adrian. — Imaginei que você concordasse com ela. O lorde Ivashkov concorda. Você não pode querer mesmo que seu filho fique com uma dampira para sempre.

O sorriso de Daniella foi gentil, mas irônico.

— *Você* tem planos de ficar com ele para sempre? *Você* tem planos de se casar com ele e sossegar?

Aquelas perguntas me pegaram totalmente desprevenida.

— Eu... Não... Quero dizer, sem querer ofender Adrian. É que nunca...

— Teve planos de sossegar um dia? — Ela assentiu, com sabedoria. — Foi o que imaginei. Acredite, sei que Adrian não estava falando sério mais cedo. Todos estão tirando conclusões de coisas que sequer aconteceram. Já ouvi falar de você, Rose. Todos ouviram. E admiro você. Pelo que eu soube, imagino que não seja o tipo que desistiria de ser uma guardiã para se tornar dona de casa.

— Você tem razão — admiti.

— Então não vejo problema. Vocês dois são jovens. Podem se divertir e fazer o que quiserem agora, mas eu... nós... sabemos que mesmo que você vá e volte com Adrian pelo resto da vida, não vai se casar nem sossegar. E isso não tem nada a ver com o que Nathan ou qualquer outra pessoa diz. É a vida. É o tipo de pessoa que você é. Dá para ver nos seus olhos. Tatiana se deu conta disso também, e foi por isso que se acalmou. O seu lugar é lá fora, lutando, e é o que vai fazer. Pelo menos se realmente quiser ser uma guardiã.

— Quero, sim.

Eu a encarava, admirada. Sua postura era impressionante. Era o primeiro membro da realeza que conheci que não havia surtado no mesmo instante e enlouquecido ao imaginar um casal formado por um Moroi e uma dampira. Se outras pessoas vissem as coisas como Daniella, a vida de muitos outros seria mais fácil. E ela tinha razão. Não importava o que Nathan pensava. Nem importaria se Dimitri estivesse por perto. O fato é que Adrian e eu não passaríamos o resto da vida juntos porque eu sempre seria uma guardiã a serviço, e não perambularia por aí como ele fazia. Me dar conta disso amenizou as coisas... mas também me deixou um pouco triste.

Por trás dela, vi Adrian se aproximando pelo corredor. Daniella se inclinou para a frente, e falou comigo em voz baixa. Havia uma certa nostalgia em suas palavras, no tom de uma mãe preocupada.

— Mas, Rose... Já que estou bem com vocês dois namorando e felizes, por favor tente não partir *demais* o coração dele quando a hora chegar.

Quatro

Concluí que seria melhor não comentar com Adrian sobre a conversa que tive com Daniella. Não precisava de poderes psíquicos para perceber sua mescla de humores enquanto voltávamos para o alojamento. Ele estava aborrecido com o pai, mas animado com a aparente aceitação da mãe. Eu não queria estragar aquilo lhe contando que ela só havia concordado com nosso namoro porque supunha que fosse algo temporário, uma diversão.

— Então você vai sair com Lissa? — perguntou ele quando chegamos ao meu quarto.

— É. Sinto muito. Você sabe... Coisas de menina.

E com “coisas de menina”, eu queria dizer arrombar e invadir.

Adrian parecia um tanto desapontado, mas eu sabia que não se incomodava com nossa amizade. Ele deu um pequeno sorriso para mim e abraçou minha cintura, se abaixando para me beijar. Nossos lábios se encontraram, e o calor que sempre me surpreendia se espalhou por meu corpo. Depois de alguns doces momentos, nos afastamos, mas seu olhar demonstrava que isso não era fácil para ele.

— Até mais tarde — falei.

Ele me deu mais um beijo rápido e foi para o próprio quarto.

No mesmo instante, saí para procurar Lissa, que fazia hora em seu quarto. Ela olhava de maneira fixa e determinada para uma colher de prata e, através de nosso laço, pude sentir suas intenções: Lissa tentava infundi-la com uma compulsão do espírito para animar quem quer que a segurasse. Eu me perguntava se ela fazia aquilo para si mesma ou se estaria apenas experimentando. Não vasculhei sua mente para descobrir.

— Uma colher? — perguntei com deleite.

Ela deu de ombros e a largou.

— Ei, não é nada fácil arranjar prata. Tenho que tentar com o que conseguir.

— Bem, ela serviria para alegrar jantares.

Lissa sorriu e pôs os pés sobre a mesa de centro de ébano que ficava no meio da sala de estar de sua pequena suíte. Cada vez que eu via aquela mesa, não conseguia deixar de me lembrar da mobília lustrosa e preta da suíte onde ficara presa na Rússia. Lutara contra Dimitri com uma estaca feita do pé de uma cadeira de um estilo parecido.

— Por falar nisso... como foi o *seu* jantar?

— Não tão mal quanto eu pensava — admiti. — Só não sabia o quanto o pai de Adrian é um babaca. A mãe dele é bem legal. Ela não tem problemas com o nosso namoro.

— É, já nos conhecemos. Ela é bacana... mas nunca pensei que seria bacana o bastante para não se importar com um namoro escandaloso. Imagino que Sua Majestade Real não tenha aparecido.

Lissa estava brincando. Por isso, minha resposta a deixou desconcertada.

— Apareceu, sim, e... não foi tão ruim.

— O quê? Você disse “não”?

— Eu sei, eu sei. Foi tão louco. Ela fez uma visita rápida a Adrian e agiu como se o fato de eu estar lá não fosse grande coisa. — Não me dei ao trabalho de sondar o lado político das visões de Tatiana sobre os Moroi treinarem para lutar. — Claro, quem sabe o que teria acontecido se ela tivesse ficado? Talvez se transformasse na antiga Tatiana. Aí eu precisaria da magia de uma prataria inteira, para me impedir de enfiar uma faca nela.

Lissa suspirou.

— Rose, você *não pode* fazer esse tipo de brincadeira.

Dei um sorriso largo.

— Digo as coisas que você tem muito medo de dizer.

Isso fez com que ela retribuísse o sorriso.

— Fazia tempo que eu não ouvia isso — disse ela em voz baixa.

Minha viagem para a Rússia afetara nossa amizade — o que acabou me mostrando o quanto ela é importante para mim.

Permanecemos o resto do tempo juntas, falando sobre Adrian ou fofocas. Fiquei aliviada ao ver que ela havia recuperado o humor depois de ter se encontrado com Christian, mas, com o passar do dia, sua ansiedade aumentava por causa de nossa missão pendente com Mia.

— Vai dar tudo certo — falei quando chegou a hora. Voltávamos pelos caminhos da Corte, usando camisetas e jeans confortáveis. Era bom estar livre do toque de recolher da escola, mas, de novo, sair em plena luz do dia não fazia com que me sentisse muito escondida. — Vai ser fácil.

Lissa lançou um olhar penetrante para mim, mas não disse nada. Os guardiões eram a força de segurança em nosso mundo, e aquele era seu quartel-general. Invadi-lo seria tudo menos fácil.

No entanto, Mia parecia determinada quando nos encontramos, e me senti encorajada por sua postura — e pelo fato de ela estar toda de preto. É verdade, aquilo não adiantaria muito na luz do dia, mas dava a impressão de que tudo era mais legítimo. Eu estava doida para saber o que havia acontecido com Christian, e Lissa também. Mais uma vez, esse era um daqueles assuntos nos quais era melhor não entrar.

Mia, porém, nos explicou seu plano e, sinceramente, senti que as chances de ele funcionar eram de uns 65 por cento. Lissa ficou tensa com sua tarefa, já que envolvia compulsão, mas ela fazia parte da tropa e concordou em cumpri-la. Repassamos tudo em detalhes mais algumas vezes e partimos para o prédio que abrigava as operações dos guardiões. Eu estivera lá uma vez, quando Dimitri me levara para ver Victor na cela ao lado do quartel. Nunca tinha passado muito tempo nos escritórios principais antes, e como Mia havia previsto, poucos trabalhavam àquela hora do dia.

Quando entramos, nos deparamos com uma recepção como a de qualquer outro escritório administrativo. Um guardião sério estava sentado a uma escrivaninha com um computador, cercado de arquivos e mesas. Não devia ter muito o que fazer àquela hora da noite, mas era claro que ainda se encontrava em alerta máximo. Atrás dele havia uma porta, que chamou minha atenção. Mia tinha

explicado que era a passagem para todos os segredos dos guardiões, para seus registros e escritórios principais — e para as áreas de vigilância que monitoravam as regiões de alto risco da Corte.

Mesmo sério, o cara deu um pequeno sorriso para Mia.

— Não está um pouco tarde? Você não veio para ter uma aula, veio?

Ela sorriu de volta. Ele devia ser um dos guardiões com quem fizera amizade durante o tempo que passara na Corte.

— Não, só estou com umas amigas e queria mostrar tudo para elas.

Ele arqueou uma sobrancelha ao prestar atenção em Lissa e em mim. Em seguida, acenou a cabeça com leveza.

— Princesa Dragomir. Guardiã Hathaway.

Aparentemente, nossas reputações haviam chegado antes de nós. Era a primeira vez que alguém usava meu novo título para se referir a mim. Aquilo me surpreendeu — e fez com que me sentisse um pouco culpada por trair o grupo do qual acabava de me tornar membro.

— Este é Don — apresentou Mia. — Don, a princesa quer lhe pedir um favor.

Ela lançou um olhar significativo para Lissa.

Lissa respirou fundo, e senti faíscas da magia de compulsão através de nosso laço enquanto ela se concentrava nele.

— Don — disse Lissa com firmeza —, nos dê as chaves e os códigos para termos acesso aos arquivos lá embaixo. Depois, cuide para que as câmeras dessas áreas sejam desligadas.

Ele franziu a testa.

— Por que eu...

Porém, à medida que os olhos dela se mantinham nos dele, pude ver a compulsão o dominando. As linhas de seu rosto se atenuaram, indicando submissão, e suspirei, aliviada. Muitas pessoas eram fortes o bastante para resistir à compulsão — ainda mais à de um Moroi comum. A de Lissa era bem mais poderosa por causa do espírito, mas nunca dava para saber se alguém se libertaria dela.

— Claro — disse Don, se levantando. Ele abriu a gaveta de uma mesa e deu a Mia uma penca de chaves que ela passou para mim na mesma hora. — A senha é 4312578.

Decorei os números, e ele nos conduziu pela porta todo-poderosa. Mais adiante, corredores se espalhavam em todas as direções. Ele apontou para um à direita.

— Lá embaixo. Virem à esquerda no final e desçam dois lances de escada. É a porta da direita.

Mia olhou para mim para se certificar de que eu havia entendido. Assenti, e ela se virou para ele.

— Agora cuide para que a vigilância seja desligada.

— Nos leve até lá — disse Lissa com firmeza.

Don não conseguiu resistir ao comando, e ela e Mia o seguiram, me deixando sozinha. Aquela parte do plano dependia apenas de mim, e me apressei pelos corredores. As instalações estavam quase desertas, mas eu ainda podia dar de cara com alguém — e não teria compulsão alguma para me ajudar a escapar da encrenca.

As instruções de Don eram exatas, mas eu ainda não estava preparada quando digitei o código e entrei na câmara. Fileiras e mais fileiras de arquivos se estendiam por um corredor enorme. Não dava para ver o fim. Havia pilhas de gavetas de um metro e meio de altura. A luz fraca das lâmpadas fluorescentes e o silêncio assustador davam àquilo tudo um ar fantasmagórico, quase assombrado. Todas as informações dos guardiões anteriores à era digital. Só Deus sabia de quando datavam os registros mais antigos. Da época medieval na Europa? De repente, me senti insegura e me perguntei

se conseguiria levar aquilo adiante.

Fui até o primeiro armário à esquerda, aliviada ao ver que estava etiquetado. Dizia AA1. Abaixo havia AA2 e assim por diante. Meu Deus. Eu teria que passar por vários armários para sair dos As. Fiquei agradecida pela organização ser simples, em ordem alfabética, mas agora entendia por que aqueles armários se prolongavam até a eternidade. Eu teria que percorrer mais de três quartos do caminho para encontrar os Ts. E só quando cheguei à gaveta TA27 achei o arquivo da prisão de Tarasov.

Fiquei ofegante. A pasta era espessa, repleta de todo tipo de documentos. Havia páginas sobre a história da prisão e seus padrões de migração, bem como as plantas de cada uma de suas localidades. Eu mal podia acreditar. Tanta informação... Mas do que é que precisava? O que seria útil? A resposta veio depressa: *tudo*. Fechei a gaveta e enfiei a pasta debaixo do braço. Certo. Hora de sair dali.

Me virei e comecei a seguir em direção à saída numa leve corrida. Agora que tinha o que precisava, a urgência da fuga me pressionava. Estava quase lá quando ouvi um leve ruído, e a porta se abriu. Paralisei ao ver um dampiro que não reconheci entrar. Ele também paralisou, claramente impressionado, e interpretei como uma pequena bênção o fato de ele não ter me jogado contra a parede e começado a me interrogar de imediato.

— Você é Rose Hathaway — disse o dampiro.

Meu bom Deus. Será que havia alguém que não soubesse quem eu era?

Fiquei tensa, sem saber ao certo o que esperar agora, mas falei como se nosso encontro ali fizesse todo sentido.

— Parece que sim. Quem é você?

— Mikhail Tanner — disse ele, ainda intrigado. — O que você está fazendo aqui?

— Cumprindo uma tarefa — falei, confiante. Mostrei a pasta. — O guardião em serviço daqui de baixo me pediu para buscar uma coisa.

— Você está mentindo — disse ele. — *Eu* sou o guardião em serviço responsável pelos arquivos. Se alguém precisasse de alguma coisa, teria me pedido.

Merda. Lá se vão os planos elaborados com tanto cuidado. No entanto, enquanto estava ali, uma ideia estranha me veio à mente. Sua aparência não me era nem um pouco familiar: cabelo castanho anelado, altura mediana, quase trinta anos. Muito bonito, muito mesmo. Mas aquele nome... havia algo sobre aquele nome...

— Srta. Karp — falei, ofegando. — Você é... Você teve um envolvimento com a srta. Karp.

Ele ficou tenso, e seus olhos azuis se estreitaram, desconfiados.

— O que você sabe sobre isso?

Engoli em seco. O que fazia — ou tentava fazer por Dimitri — não era sem precedentes.

— Você a amava. Saiu para matá-la depois que... depois que ela se transformou.

A srta. Karp fora nossa professora alguns anos antes. Ela era usuária do espírito e, quando os efeitos disso começaram a enlouquecê-la, fez a única coisa que poderia para salvar sua mente: se tornou uma Strigoi. Mikhail, seu amante, fez a única coisa que *ele* sabia que poderia acabar com aquele estado diabólico: procurá-la e matá-la. Me ocorreu que eu estava cara a cara com o herói de uma história de amor quase tão dramática quanto a minha.

— Mas você nunca a encontrou — falei em voz baixa. — Não é?

Ele levou um bom tempo para responder, e seus olhos pesavam muito sobre mim. Eu me perguntava o que ele estaria pensando. Nela? Na própria dor? Ou será que me analisava?

— Não — disse ele, por fim. — Tive que parar. Os guardiões precisavam mais de mim.

Mikhail falou daquele jeito calmo e controlado no qual os guardiões eram especialistas, mas, em seus olhos, vi pesar — um pesar que eu entendia muito bem. Hesitei antes de arriscar a única chance que tinha de não ser pega e acabar numa cela.

— Eu sei... Sei que você tem todas as razões para me arrastar para fora daqui e me entregar. É o que deveria fazer. O que esperam que faça. O que eu faria também. Acontece que... — Mais uma vez, mostrei a pasta. — Bem, estou tentando fazer o que você fez. Estou tentando salvar alguém.

Ele permaneceu quieto. Provavelmente, adivinhou de quem eu falava e presumiu que “salvar” significava “matar”. Se sabia quem eu era, também saberia quem fora meu mentor. Poucos conheciam a história do meu romance com Dimitri, mas o fato de eu me importar com ele já dizia tudo.

— Não adianta, você sabe — falou Mikhail, por fim. Dessa vez, sua voz falhou um pouco. — Eu tentei... tentei de tudo para encontrá-la. Só que quando eles desaparecem... quando não querem ser encontrados... — Ele balançou a cabeça. — Não há nada que possamos fazer. Entendo por que você quer fazer isso. Acredite, entendo mesmo. Mas é impossível. Você nunca irá encontrá-lo se ele não quiser.

Me perguntei o quanto poderia contar a Mikhail — o quanto deveria. Então me ocorreu que se havia mais alguém no mundo capaz de compreender o que eu estava passando, seria aquele homem. Além do mais, eu não tinha muitas opções.

— Acontece que acho que posso encontrá-lo — falei, devagar. — Ele está me procurando.

— O quê? — As sobrancelhas de Mikhail arquearam. — Como é que você sabe?

— É que ele, humm, me manda cartas dizendo isso.

Aquele olhar de guerreiro feroz voltou no mesmo instante.

— Se você sabe disso, se *pode* encontrá-lo... deveria arranjar reforços para matá-lo.

Me retraí diante daquelas últimas palavras e, mais uma vez, temi o que tive que dizer em seguida:

— Você acreditaria se eu dissesse que existe um jeito de salvá-lo?

— Você quer dizer, destruindo-o.

Neguei com a cabeça.

— Não... Estou falando de salvar de verdade. De um jeito de recuperá-lo, de fazê-lo voltar a seu estado original.

— Não — disse Mikhail logo de cara. — Isso é impossível.

— Pode não ser. Conheço alguém que conseguiu. Que transformou um Strigoi de volta. — Está bem; foi uma mentirinha. Na verdade, eu não conhecia a pessoa, mas não iria entrar nos detalhes de “conheço alguém que conhece alguém”...

— Isso é impossível — repetiu Mikhail. — Os Strigoi estão mortos. São mortos-vivos. Dá no mesmo.

— E se houvesse uma chance? — perguntei. — E se isso pudesse ser feito? E se a srta. Karp... Sonya... pudesse ser uma Moroi de novo? E se vocês pudessem ficar juntos outra vez?

Aquilo também queria dizer que ela voltaria a ser louca, mas era um detalhe técnico para mais tarde.

Foi como se ele tivesse levado uma eternidade para responder, e minha ansiedade aumentou. Lissa não poderia manter a compulsão para sempre, e eu havia dito a Mia que seria rápida. O plano seria arruinado se eu não saísse logo dali. No entanto, enquanto Mikhail pensava, pude ver sua máscara

vacilar. Depois de tanto tempo, ele ainda amava Sonya.

— Se o que você está dizendo é verdade... e não acredito que seja... vou junto.

Calma. Não. Isso não faz parte dos planos.

— Não dá — neguei no mesmo instante. — Já tenho algumas pessoas a postos. — Outra mentirinha. — Mais gente pode estragar as coisas. Não vou fazer nada sozinha — falei, cortando o que imaginei que seria seu argumento seguinte. — Se você quer mesmo me ajudar... se quer mesmo uma chance de trazê-la de volta... tem que me deixar ir.

— Não há como isso ser verdade — disse ele mais uma vez.

Só que havia dúvida em sua voz, e apelei para aquilo.

— Você vai correr o risco de não tentar?

Mais silêncio. Agora, eu começava a suar. Mikhail fechou os olhos por um instante e respirou fundo. Então, deu um passo para o lado e gesticulou em direção à porta.

— Vá.

Quase caí, aliviada, e agarrei a maçaneta da porta na mesma hora.

— Obrigada. Muito obrigada.

— Posso me meter em muitos problemas por causa disso — disse ele, aborrecido. — E ainda não acredito que seja possível.

— Mas você espera que seja. — Não precisei de uma resposta para saber que tinha razão. Abri a porta, mas antes de sair, parei e olhei para Mikhail. Agora, ele já não escondia mais o pesar e a dor. — Se você estava falando sério... se quer ajudar... talvez haja um jeito.

Outra peça do quebra-cabeça havia se revelado para mim, outra forma de vencermos aquilo. Expliquei o que precisava que ele fizesse e fiquei surpresa com a rapidez com que concordou. Me dei conta de que era muito parecido comigo. Nós dois sabíamos que a ideia de trazer um Strigoi de volta era impossível... porém, queríamos muito, muito acreditar que isso pudesse ser feito.

Depois, voltei sozinha pelas escadas. Don não estava em sua mesa, e me perguntei o que Mia teria feito com ele. Não quis descobrir, e me dirigi à saída, até um pequeno pátio, que havíamos estabelecido como nosso ponto de encontro. Mia e Lissa já me esperavam ali, andando de um lado para o outro. Como não estava mais distraída pela ansiedade, me abri para o laço e senti a agitação de Lissa.

— Graças a Deus — disse ela quando me viu. — Pensamos que você tivesse sido pega.

— Bem... é uma longa história. — Que não me dei ao trabalho de contar. — Encontrei o que precisava. E... na verdade, encontrei muito mais do que isso. Acho que vamos conseguir.

Mia me lançou um olhar tanto irônico quanto nostálgico.

— Como eu quero saber o que vocês estão fazendo...

Balancei a cabeça enquanto nós três saíamos andando.

— Não — respondi. — Acho que você não quer.

cinco

Quando voltamos para o quarto de Lissa, concluí que seria melhor ficarmos acordadas até tarde, estudando os documentos. Ela teve uma mistura de sentimentos depois que lhe contei sobre meu encontro com Mikhail — algo que não comentei com Mia. A reação inicial de Lissa foi de surpresa, mas havia outras coisas também. O medo pela encrenca na qual eu poderia me meter. Um certo romantismo acolhedor pelo que tanto Mikhail quanto eu estávamos dispostos a fazer por quem amávamos. A dúvida sobre se faria o mesmo se Christian estivesse naquela situação. Conclui logo de cara que sim; seu amor por ele ainda era forte a esse ponto. Então, disse a si mesma que na verdade não se importava mais com ele, o que eu teria achado irritante se não estivesse tão distraída.

— O que foi? — perguntou ela.

Eu tinha suspirado alto, preocupada, e não percebi isso até ler seus pensamentos. Sem querer que ela soubesse que eu vasculhava sua mente, apontei para os papéis e me esparramei na cama.

— Só estou tentando entender isso.

Não estava tão longe assim da verdade.

A planta da prisão era complexa. As celas ocupavam dois andares e eram minúsculas — apenas um prisioneiro em cada. Os papéis não explicavam por quê, mas era óbvio. Tinha a ver com o que Abe dissera sobre impedir que criminosos se transformassem em Strigoi. Se eu passasse anos trancada numa prisão, seria capaz de entender a tentação de atacar e matar meu colega de cela para me tornar uma Strigoi e fugir. Além disso, elas ficavam bem no meio do prédio; eram cercadas de guardas, escritórios, “salas de exercício”, uma cozinha e uma sala para os fornecedores de sangue. Os documentos detalhavam o rodízio dos vigias e os horários de alimentação dos prisioneiros. Aparentemente, estes eram escoltados até os fornecedores, um a um, sob extrema vigilância e podiam ingerir apenas doses muito pequenas de sangue. De novo, tudo mantinha os prisioneiros fracos e os impedia de se transformar em Strigoi.

Todas as informações eram boas, mas eu não tinha razão para acreditar que nem mesmo uma parte delas fosse atualizada, já que o arquivo datava de cinco anos antes. Também era provável que a prisão já usasse todo tipo de novos equipamentos de vigilância. Talvez só pudéssemos contar com que a localização e a planta da prisão ainda fossem as mesmas.

— Como você está se sentindo com relação a suas habilidades para fazer encantamentos? — perguntei a Lissa.

Apesar de ela não ter sido capaz de utilizar tanto o poder restaurador do espírito no meu anel quanto uma mulher que eu conhecia, chamada Oksana, eu havia notado que meu temperamento induzido pela escuridão estava mais ameno. Lissa fizera um anel para Adrian também, mas eu não sabia dizer ao certo se isso estava ajudando a dominar seus vícios nos últimos tempos — vícios que ele costumava se permitir para controlar o espírito.

Ela deu de ombros e se deitou na cama. Estava tomada pela exaustão, mas tentava ficar acordada por minha causa.

— Estou melhorando. Queria conhecer Oksana.

— Talvez um dia — falei vagamente. Achava que Oksana nunca deixaria a Sibéria. Ela fugira com seu guardião e preferia manter a discrição. E eu não queria Lissa por lá tão cedo depois do calvário por que passei. — Além da cura, você já conseguiu utilizar outro poder em algo? — Um momento mais tarde, respondi minha própria pergunta. — Ah, é mesmo. Na colher.

Lissa fez uma careta, que se transformou num bocejo.

— Acho que não funcionou muito bem.

— Humm.

— Humm?

Olhei de novo para as plantas.

— Acho que se você puder fazer mais alguns encantamentos de compulsão, me ajudaria muito com isso. Temos que forçar as pessoas a verem o que queremos que vejam.

É claro que se Victor — cujos poderes de compulsão não chegavam nem perto dos dela — fora capaz de fazer um feitiço de luxúria, ela conseguiria o que eu precisava. Só tinha que praticar mais. Compreendia os princípios básicos, mas tinha dificuldades para prolongar a duração dos efeitos desejados. O único problema em pedir isso a ela era fazer com que usasse mais o espírito. Mesmo que os efeitos colaterais não surgissem de imediato, era provável que voltassem para assombrá-la no futuro.

Lissa me olhou curiosa, mas quando a vi bocejar de novo, disse para não se preocupar; eu lhe explicaria tudo no dia seguinte. Ela não argumentou, e depois de um breve abraço, cada uma foi para a sua cama. Não íamos dormir muito, mas tínhamos que aproveitar o que desse. Amanhã ia ser um grande dia.

Eu usara uma variação do traje formal preto e branco dos guardiões quando fora ao julgamento de Victor. Em situações normais de guarda-costas, vestíamos roupas comuns. Para eventos elegantes, porém, queriam que parecêsemos determinados e profissionais. Na manhã seguinte à nossa invasão ousada foi quando realmente experimentei a moda dos guardiões pela primeira vez.

No julgamento de Victor, eu usara roupas de segunda mão, mas agora tinha um traje oficial de guardiã, feito sob medida: calças pretas e retas, uma blusa branca de abotoar e um casaco preto que me servia com perfeição. Certamente, não era para ser sexy, mas a forma como envolvia a barriga e o quadril favorecia meu corpo. Fiquei satisfeita com o que vi no espelho, e depois de passar vários minutos pensando, preendi o cabelo em um coque firme para exibir minhas marcas *molnija*. A pele ainda estava irritada, mas pelo menos eu já tinha me livrado dos curativos. E parecia muito... profissional. Aquilo me fez lembrar Sydney. Ela era alquimista — uma mulher que trabalhava com Moroi e vampiros para esconder do mundo a existência de vampiros. Com seu estilo apropriado, sempre parecia pronta para uma reunião de negócios. Eu ainda queria mandar uma pasta de presente

de Natal para ela.

Se havia um momento para eu me exhibir, era esse. Depois das provas e da formatura, aquele era o grande passo seguinte no processo de me tornar uma guardiã. Ofereciam um almoço para todos os recém-formados. Moroi elegíveis para novos guardiões também compareciam, na esperança de dar uma olhada nos candidatos. Agora, todos já sabiam sobre nosso histórico escolar e a pontuação obtida nas provas, e aquela era uma oportunidade para os Moroi nos conhecerem e fazerem suas ofertas por quem queriam como seu guardião. Naturalmente, grande parte dos convidados era da realeza, mas alguns outros Moroi importantes também se encontravam à altura do evento.

Eu não estava nem um pouco interessada em me exhibir e fisgar uma família requintada. Só queria ser a guardiã de Lissa. Ainda assim, tinha que causar uma boa impressão. Precisava deixar claro que era *eu* quem devia ficar com ela.

Chegamos ao salão de festas juntas. Era o único lugar grande o bastante para comportar todos nós, já que não só os formandos da São Vladimir estavam ali. Todas as escolas americanas haviam mandado seus recrutas, e por um instante achei o mar de preto e branco desconcertante. Pedacos coloridos — membros da realeza em seus melhores trajes — deram um pouco de vida à paleta. Ao nosso redor, suaves murais de aquarela faziam as paredes parecerem brilhantes. Lissa não usava um longo de festa nem nada, mas estava muito elegante em um vestido justo azul-esverdeado feito de seda pura.

A realeza se misturava com a facilidade para socializar de quem foi criada para isso, mas meus colegas circulavam com desconforto. Ninguém parecia se importar. Não era nosso trabalho procurar os outros; seríamos abordados por alguém. Todos os formandos usavam identificações — placas de metal gravadas. Nada de adesivos com Oi, meu nome é... As placas permitiam que fôssemos reconhecidos de modo que a realeza pudesse chegar e fazer suas perguntas.

Não esperava que ninguém além de meus amigos falasse comigo, portanto Lissa e eu fomos direto para o bufê e ocupamos um canto tranquilo para beliscar canapés e caviar. Bem, Lissa comeu caviar. Aquilo me fazia lembrar demais a Rússia.

Adrian, é claro, nos procurou primeiro. Dei um sorriso largo e torto para ele.

— O que você está fazendo aqui? Sei que não é elegível para um guardião.

Sem planos concretos para o futuro, presumia-se que Adrian viveria na Corte. Sendo assim, não precisaria de proteção externa — a não ser que resolvesse cair no mundo.

— É verdade, mas raramente perco uma festa — disse ele. Adrian tinha uma taça de champanhe na mão, e me perguntei se os efeitos do anel que Lissa dera a ele estavam passando. É claro que uma bebida casual não seria o fim do mundo, e os termos da proposta de namoro foram frouxos nesse quesito. O que eu mais queria era que ele ficasse longe do cigarro. — Você já foi abordada por uma dúzia de pessoas esperançosas?

Balancei a cabeça.

— E quem quer a inconsequente da Rose Hathaway? Aquela que cai fora da escola sem avisar para resolver as próprias coisas?

— Muita gente — disse ele. — Eu quero. Você mandou muito bem na batalha e lembre-se de que todo mundo acha que você saiu para matar uns Strigoi. Alguns podem até pensar que sua personalidade louca vale a pena.

— Ele tem razão — falou uma voz de repente.

Olhei para a frente e vi Tasha Ozerá perto de nós com um pequeno sorriso em seu rosto

marcado. Apesar de ele ser desfigurado, achei Tasha bonita hoje — mais realeza do que nunca. Seu cabelo comprido brilhava, e ela estava com uma saia azul-marinho e uma camiseta de renda. Usava até mesmo salto alto e joias — coisas que com certeza eu nunca tinha visto nela.

Fiquei feliz em encontrá-la; não sabia que iria para a Corte. Uma ideia estranha me veio à mente.
— Finalmente deixaram você ter um guardião?

A realeza tinha várias maneiras educadas e discretas de evitar os que estavam em desgraça. No caso dos Oзера, o grupo de guardiões fora cortado pela metade como castigo pelo que os pais de Christian fizeram. Era totalmente injusto. Os Oзера mereciam os mesmos direitos que qualquer outra família real.

Ela assentiu.

— Acho que esperam me fazer parar de falar sobre os Moroi lutarem ao lado dos dampiros. Como uma chantagem.

— Uma chantagem na qual você não vai cair. Tenho certeza disso.

— Não mesmo. Na pior das hipóteses, essa situação só vai me dar alguém com quem praticar. — Seu sorriso desapareceu, e ela lançou olhares incertos sobre nós. — Espero que não se ofenda... mas solicitei você como guardiã, Rose.

Lissa e eu trocamos olhares estarecidos.

— Ah.

Eu não sabia o que mais dizer.

— Torço para que você fique com Lissa — acrescentou Tasha logo, se mostrando desconfortável.
— Mas a rainha parece muito determinada a manter suas escolhas. Se for esse o caso...

— Tudo bem — falei. — Se eu não puder ficar com Lissa, prefiro ficar com você.

E era verdade. Eu queria ser a guardiã de Lissa mais do que de qualquer outra pessoa no mundo, mas, se nos separassem, preferiria Tasha a algum esnobe da realeza. É claro que minhas chances de ser designada a ela eram tão poucas quanto as de ser designada a Lissa. Os que haviam se aborrecido por eu ter me afastado da escola se dariam ao trabalho de me pôr na situação mais desagradável possível. E mesmo que concedessem um guardião a ela, eu tinha a impressão de que as preferências de Tasha não seriam prioridade. Meu futuro ainda era um grande ponto de interrogação.

— Ei! — exclamou Adrian, ofendido por eu não tê-lo mencionado como minha segunda escolha. Balancei a cabeça para ele.

— Você sabe que me designariam a uma mulher de todo jeito. Além disso, você tem que fazer alguma coisa da vida para ganhar um guardião.

Falei de brincadeira, mas um pequeno franzido em sua testa me fez pensar que talvez, na verdade, o tivesse magoado. Tasha, por outro lado, parecia aliviada.

— Que bom que você não se importa. De qualquer forma, farei o que puder para ajudar vocês duas. — Ela revirou os olhos. — Não que minha opinião conte muito.

Compartilhar meus receios quanto a ser designada a Tasha parecia não fazer sentido. Em vez disso, comecei a lhe agradecer pela oferta, mas outra visitante se juntou a nós naquele instante: Daniella Ivashkova.

— Adrian — criticou ela com delicadeza e um pequeno sorriso no rosto —, não pode ficar com Rose e Vasilisa só para você. — Ela se virou para Lissa e para mim. — A rainha gostaria de falar com vocês.

Adorável. Nós duas nos levantamos, mas Adrian permaneceu sentado, sem querer ir conversar

com a tia. Aparentemente, Tasha também não queria. Ao vê-la, Daniella acenou de um jeito seco e cordial.

— Lady Ozero.

Então, saiu andando, presumindo que nós a seguíamos. Eu achava uma ironia Daniella parecer disposta a me aceitar, mas ainda manter distância e preservar o típico preconceito indiferente contra os Ozero. Acho que sua gentileza ia apenas até ali.

Tasha, porém, já tinha se tornado imune a esse tipo de tratamento havia muito tempo.

— Divirtam-se — falou. Ela olhou para Adrian. — Mais champanhe?

— Lady Ozero — disse ele com grandiloquência —, somos duas mentes com um único pensamento.

Hesitei antes de acompanhar Lissa até Tatiana. Havia notado a bela aparência de Tasha, mas só agora tinha prestado atenção em algo.

— Todas as suas joias são de prata? — perguntei.

Sem se dar conta, ela tocou o colar de opala que tinha no pescoço. Seus dedos estavam adornados com três anéis.

— São — respondeu ela, confusa. — Por quê?

— Isso vai parecer muito estranho... Bem, talvez não, se comparado à minha estranheza de sempre. Mas será que, humm, poderíamos pegar todas elas emprestadas?

Lissa me lançou um olhar e adivinhou meus motivos no mesmo instante. Precisávamos de mais encantamentos e estávamos sem prata. Tasha arqueou uma das sobrancelhas, mas como tantos amigos meus, tinha uma habilidade impressionante de lidar com ideias estranhas.

— Claro — respondeu. — Mas posso entregá-las a vocês mais tarde? Não quero tirá-las no meio desta festa.

— Sem problemas.

— Vou mandá-las para o seu quarto.

Com isso combinado, Lissa e eu fomos até Tatiana, que estava cercada de admiradores e puxa-sacos. Daniella só podia ter se enganado ao dizer que a rainha queria ver nós *duas*. A lembrança de Tatiana gritando comigo por causa de Adrian ainda queimava em minha mente, e o jantar na casa dos Ivashkov não havia me iludido, me levando a pensar que ela e eu tínhamos nos tornado melhores amigas de repente.

No entanto, para a minha surpresa, quando Tatiana nos viu, foram só sorrisos.

— Vasilisa. E Rosemarie.

Ela gesticulou para chegarmos mais perto, e o grupo abriu caminho. Me aproximei com Lissa, a passos hesitantes. Tatiana gritaria comigo diante de todas aquelas pessoas?

Aparentemente, não. Sempre havia novos membros da realeza para se conhecer, e, primeiro, ela apresentou Lissa a eles. Todos estavam curiosos em relação à princesa Dragomir. Também fui apresentada, mas a rainha não se deu ao trabalho de me cobrir de elogios, como fez com Lissa. Ainda assim, ser reconhecida já era incrível.

— Vasilisa — disse Tatiana quando as formalidades terminaram —, acho que você deveria visitar Lehigh em breve. As providências estão sendo tomadas para que você vá em, ah, talvez uma semana e meia. Pensamos que seria um belo presente de aniversário. Como sempre, Serena e Grant irão acompanhá-la e vou mandar mais alguns. — Serena e Grant eram os guardiões que haviam substituído Dimitri e eu na futura proteção de Lissa. É claro que iriam com ela. Então, Tatiana disse a

coisa mais estarrecedora de todas. — E pode ir também se quiser, Rose. Vasilisa não celebraria sem você.

Lissa se iluminou. Universidade de Lehigh. A isca que a fizera aceitar uma vida na Corte. Ela desejava o máximo de conhecimento que poderia ter, e a rainha lhe dera uma chance de conseguir isso. A perspectiva de uma visita a encheu de avidez e entusiasmo — ainda mais se pudesse comemorar o aniversário de dezoito anos lá, comigo. Aquilo bastou para fazê-la parar de pensar em Victor e Christian, o que já era alguma coisa.

— Obrigada, Majestade. Seria ótimo.

Eu sabia que havia uma grande possibilidade de não estarmos por lá para fazer essa visita agendada — não se meu plano para Victor desse certo. Mas não queria estragar a felicidade de Lissa — e não poderia mencionar isso em meio àquela multidão de membros da realeza. Também estava um tanto atordoada por ter sido convidada. Depois de fazer o convite, a rainha não falou mais comigo e continuou conversando com os outros ao seu redor. No entanto, foi agradável — para alguém como *ela*, pelo menos — ao se dirigir a mim, exatamente como havia sido na casa dos Ivashkov. Não tão gentil como se fosse minha melhor amiga, mas, com certeza, não agiu como uma vaca insana. Talvez Daniella tivesse razão.

Mais gracejos vieram, à medida que todos conversavam, tentando impressionar a rainha, e logo ficou claro que não precisavam mais de mim ali. Dei uma olhada ao redor do salão, encontrei uma pessoa com quem precisava falar e me afastei com discrição, sabendo que Lissa seria capaz de se virar sozinha.

— Eddie — chamei, chegando ao outro lado do salão. — Até que enfim você está sozinho.

Eddie Castile, um amigo de longa data, deu um sorriso largo ao me ver. Ele também era um vampiro, alto, com um rosto longo e estreito que ainda tinha um ar de menino fofo. Havia domado o cabelo ruivo escuro para variar. Lissa torcera para que Eddie e eu namorássemos um dia, mas nós dois éramos apenas amigos. Seu melhor amigo tinha sido Mason, um cara legal que era louco por mim e fora assassinado por Strigoi. Depois de sua morte, Eddie e eu adotamos posturas protetoras um com o outro. Ele fora sequestrado durante o ataque à São Vladimir e suas experiências o transformaram em um guardião determinado e sério — às vezes um pouco sério *demais*. Eu queria que ele se divertisse mais e adorei ver o brilho de felicidade naqueles olhos amendoados agora.

— Acho que todos os membros da realeza deste salão estão tentando subornar você — provoquei.

Não era apenas brincadeira. Fiquei de olho em Eddie ao longo da festa, e sempre havia alguém com ele. Seu histórico era excelente. Os lamentáveis acontecimentos de sua vida podem tê-lo assustado, mas sobreviver a eles se refletia bem em suas habilidades. Ele tinha ótimas notas e pontuações na prova. E o mais importante: não tinha uma reputação de irresponsável como a minha. Era uma excelente opção.

— Parece que sim. — Ele deu uma gargalhada. — Na verdade, eu não esperava isso.

— Quanta modéstia. Você é o mais disputado deste salão.

— Não se comparado a você.

— Ah. Dá para ver pelas pessoas que fazem fila para falar comigo. Tasha Ozer é a única que me quer, pelo que sei. Além de Lissa, claro.

Linhas de quem estava pensando marcaram o rosto de Eddie.

— Poderia ser pior.

— Vai ser pior. Não tem como eu conseguir ficar com nenhuma das duas.

Fizemos silêncio, e uma ansiedade me tomou de repente. Eu havia ido pedir um favor a Eddie, mas aquilo já não me parecia mais uma boa ideia. Ele estava prestes a deslancar através de uma carreira brilhante. Era um amigo leal, e eu tinha certeza de que me ajudaria com o que precisava... mas, de repente, achei que não podia lhe pedir isso. Porém, como Mia, Eddie era observador.

— O que foi, Rose? — Sua voz estava preocupada.

A natureza protetora em ação.

Balancei a cabeça. Não podia fazer aquilo.

— Nada.

— *Rose* — disse ele, me chamando a atenção.

Virei o rosto, incapaz de fitar seus olhos.

— Não tem importância. De verdade.

Eu encontraria outro jeito, outra pessoa.

Para a minha surpresa, ele estendeu a mão, tocou meu queixo e puxou meu rosto de volta. Seu olhar prendeu o meu, sem me permitir escapar.

— Do que você precisa?

O encarei por um bom tempo. Eu era tão egoísta, arriscando as vidas e reputações de amigos com os quais me importava... Se Christian e Lissa não estivessem brigados, eu pediria a ele também. Mas Eddie era tudo o que me restava.

— Preciso de uma coisa... uma coisa muito radical.

Seu rosto ainda estava sério, mas seus lábios se transformaram num sorriso irônico.

— Tudo que você faz é radical, Rose.

— Não tanto quanto isso. É... bem, uma coisa que pode estragar tudo para você. Metê-lo em um grande problema. Não posso fazer isso com você.

Aquele meio sorriso desapareceu.

— Não importa — disse ele com firmeza. — Se você precisa de mim, pode contar comigo. Não importa para o que seja.

— Você não sabe o que é.

— Confio em você.

— É meio ilegal. Até mesmo uma traição.

Aquilo o chocou por um momento, mas ele permaneceu determinado.

— O que quer que você precise. Não me importa. Pode contar comigo.

Eu salvara a vida de Eddie duas vezes e sabia que ele falava sério. Sentia que me devia alguma coisa. Iria aonde quer que eu pedisse, não por amor romântico, mas por amizade e lealdade.

— É ilegal — repeti. — Você teria que sair às escondidas da Corte... esta noite. E não sei quando voltaríamos.

Era perfeitamente possível que *nem* voltássemos. Se tivéssemos problemas com os guardas da prisão... bem, eles poderiam tomar medidas letais para cumprir seu dever. Era para isso que todos nós treináramos. No entanto, eu não conseguiria invadir a prisão apenas com a compulsão de Lissa. Precisava de outro lutador para me dar cobertura.

— É só me dizer quando.

E foi tudo. Não contei a extensão de nosso plano, mas falei onde deveríamos nos encontrar e o que era preciso levar. Eddie não me questionou em momento algum. Disse que estaria lá. Outros membros da realza vieram conversar com ele naquele instante, e saí, sabendo que ele apareceria

mais tarde. Era difícil, mas deixei de lado minha culpa pela possibilidade de pôr seu futuro em risco.

Eddie chegou, exatamente como havia prometido, quando meu plano começou a se desenrolar mais tarde, naquela noite. Lissa também. Mais uma vez, *noite* queria dizer “em plena luz do dia”. Senti a mesma ansiedade de quando agi às escondidas com Mia. A luz expunha tudo, mas era quando grande parte das pessoas estava dormindo. Lissa, Eddie e eu ainda circulávamos pela Corte da forma mais discreta possível e encontramos Mikhail em uma área do complexo que abrigava todo tipo de veículo que poderia ser mantido em uma garagem. As garagens eram grandes construções de metal, que pareciam industriais, instaladas nos arredores da Corte, e mais ninguém estava do lado de fora.

Entramos na garagem que Mikhail havia indicado na noite anterior, e fiquei aliviada ao ver que não tinha mais ninguém ali. Ele analisou nós três, parecendo surpreso com minha “equipe de combate”, mas não fez perguntas nem insistiu para se juntar a nós. Mais culpa me percorreu. Ali estava outro que arriscava seu futuro por mim.

— Vai ficar apertado — refletiu ele.

Forcei um sorriso.

— Somos todos amigos aqui.

Mikhail não riu da minha piada e abriu o porta-malas de um Dodge Charger preto. Não estava brincando quando disse que ficaria apertado. Tratava-se de um carro mais novo, o que era uma pena. Um modelo mais antigo seria maior, mas os guardiões só tinham top de linha por ali.

— Quando estivermos longe o bastante, encosto o carro e deixo vocês saírem — disse ele.

— Ficaremos bem — garanti. — Vamos lá.

Lissa, Eddie e eu entramos no porta-malas.

— Meu Deus — sussurrou Lissa. — Espero que ninguém seja claustrofóbico.

Era como um jogo ruim de Twister. O porta-malas era grande o bastante para alguma bagagem, mas não fora feito para acomodar três pessoas. Ficamos espremidos, juntos, e não existia espaço para privacidade. Satisfeito por termos cabido, Mikhail fechou o porta-malas e uma escuridão nos envolveu. O motor soou um minuto depois, e senti o carro andando.

— Quanto tempo você acha que vamos levar para sair daqui? — perguntou Lissa. — Ou para morrer envenenados por monóxido de carbono?

— Ainda nem saímos da Corte — observei.

Ela suspirou.

O carro seguiu em frente e, não muito tempo depois, parou. Mikhail já devia estar nos portões, conversando com os vigias. Ele havia me dito mais cedo que arranjaría uma desculpa qualquer de que tinha alguma incumbência e que não tínhamos motivos para acreditar que os vigias questionariam isso ou revistariam o carro. A Corte não se importava muito com a fuga de pessoas, como nossa escola. A maior preocupação ali era com quem entrava.

Um minuto passou, e me perguntei, inquieta, se havia algum problema. O carro andou de novo, e nós três expiramos, aliviados. Ganhamos velocidade, e depois do que imaginei ser mais ou menos um quilômetro, o carro mudou de direção e parou. O porta-malas se abriu, e nos jogamos para fora. Nunca tinha me sentido tão agradecida pelo ar puro. Me sentei no banco do passageiro ao lado de Mikhail, e Lissa e Eddie foram atrás. Depois de nos acomodarmos, Mikhail continuou dirigindo sem dar uma palavra.

Me permiti mais alguns momentos de culpa pelas pessoas que havia envolvido naquilo, mas depois

deixei para lá. Era tarde demais para me preocupar agora. Também deixei de lado minha culpa por Adrian. Ele teria sido um bom aliado, mas dificilmente eu poderia lhe pedir ajuda nisso.

E assim, me recostei e voltei os pensamentos para a missão diante de nós. Levaríamos uma hora para chegar ao aeroporto e, dali, três de nós partiríamos para o Alasca.

Seis

— Vocês sabem do que precisamos?

Eu estava sentada entre Eddie e Lissa, em nosso voo de Seattle para Fairbanks. Como era a mais baixa — por pouco — e a mentora, o assento do meio tinha sobrado para mim.

— Um novo plano? — perguntou Lissa.

— Um milagre? — perguntou Eddie.

Fiz uma pausa e olhei para os dois antes de responder. Desde quando eles haviam se tornado os comediantes dali?

— *Não*. Umas coisas. Precisamos de um equipamento legal para isso dar certo.

Dei um tapinha na planta da prisão que até então tinha passado a viagem quase toda sobre meu colo. Mikhail havia nos deixado do lado de fora de um pequeno aeroporto a uma hora de distância da Corte. Pegamos um avião de lá para a Filadélfia, dali para Seattle e agora para Fairbanks. Isso me lembrava um pouco os voos loucos que tivera que pegar da Sibéria na volta para os Estados Unidos. Aquela viagem também tivera escala em Seattle. Eu começava a acreditar que a cidade era uma passagem para lugares obscuros.

— Pensei que só precisássemos de nossa destreza — refletiu Eddie.

Ele podia ser sério quanto ao trabalho como guardião na maior parte do tempo, mas também era capaz de se tornar irônico quando relaxava. Não que estivesse totalmente confortável com nossa missão agora que conhecia mais alguns detalhes (mas nem todos). Eu sabia que Eddie voltaria ao estado de alerta ao pousarmos. Era compreensível que tivesse se chocado quando contei que iríamos libertar Victor Dashkov. Eu não havia dito nada sobre Dimitri nem sobre o poder do espírito, apenas que tirar Victor dali era fundamental para um bem maior. A confiança que Eddie tinha em mim era tão absoluta que ele havia aceitado minhas palavras sem prolongar o assunto. Eu me perguntava como ele reagiria ao descobrir a verdade.

— No mínimo, vamos precisar de um GPS — falei. — Só tem latitude e longitude nessa coisa. Nenhuma instrução real.

— Não deve ser difícil — disse Lissa, brincando com uma pulseira. Ela havia aberto a bandeja do encosto e espalhado as joias de Tasha. — Tenho certeza de que até no Alasca existe tecnologia moderna.

Lissa também havia adotado uma postura divertida, apesar da ansiedade que irradiava pelo laço.

Parte do bom humor de Eddie desapareceu.

— Espero que você não esteja pensando em armas nem nada do tipo.

— Não. De jeito nenhum. Se tudo sair como queremos, ninguém nem vai saber que estivemos lá.

Um confronto físico era provável, mas eu esperava minimizar os ferimentos graves.

Lissa suspirou e me entregou a pulseira. Ela estava preocupada porque grande parte do meu plano dependia de seus encantos — nos sentidos literal e figurado.

— Não sei se isso vai funcionar, mas talvez lhe dê mais resistência.

Peguei a pulseira e a deslizei pelo meu pulso. Não senti nada, mas era raro eu sentir alguma coisa

com objetos encantados. Havia deixado um bilhete para Adrian, dizendo que Lissa e eu queríamos fugir para umas “férias de meninas” antes de eu ser designada como guardiã e ela visitar a faculdade. Sabia que ele ficaria chateado. A perspectiva de ser coisa de menina contava muito, mas ele se aborreceria por não ter sido convidado para umas férias radicais — se é que acreditava mesmo nisso. Agora, já devia me conhecer bem o bastante para supor que grande parte de minhas atitudes tinham segundas intenções. Minha esperança era a de que ele espalhasse a história pelos oficiais da Corte quando dessem por nossa falta. Mesmo assim, estaríamos encarceradas, mas um fim de semana radical era melhor do que invadir uma prisão. E sinceramente, como as coisas poderiam piorar para mim? O único problema era que Adrian podia visitar meus sonhos e me interrogar sobre o que de fato estava acontecendo. Era uma das habilidades do espírito mais interessantes — e às vezes perturbadoras. Lissa não aprendera a caminhar pelos sonhos, mas conhecia o princípio de forma superficial. Em meio a isso e à compulsão, tentou encantar a pulseira para bloquear Adrian quando eu dormisse mais tarde.

O avião começou a pousar em Fairbanks, e avistei pela janela pinheiros altos e extensões de terra verde. Nos pensamentos de Lissa, vi que ela esperava geleiras e bancos de neve, apesar de saber que era pleno verão ali. Depois da Sibéria, aprendi a manter a mente aberta quanto a estereótipos geográficos. Minha maior preocupação era o sol. Deixamos a Corte em plena luz do dia e, como nossa viagem nos levou a oeste, a mudança no fuso horário significava que o sol permaneceria conosco. Agora, embora fosse quase nove da noite, tínhamos um céu azul e ensolarado, graças à latitude setentrional.

Era como uma manta gigante. Eu não havia comentado sobre isso com Lissa nem com Eddie, mas era provável que Dimitri tivesse espiões em toda parte. Eu estava intocável na São Vladimir e na Corte, mas suas cartas deixavam claro que ele esperaria até que eu cruzasse essas fronteiras. Não sabia a extensão de sua logística, mas humanos vigiando a Corte à luz do dia não teriam me surpreendido. E muito embora eu tivesse saído de lá escondida em um porta-malas, havia uma grande chance de Dimitri já estar me perseguindo. Porém, a mesma luz que guardava os prisioneiros nos manteria a salvo. Teríamos que permanecer alertas durante as poucas horas de noite e, se conseguíssemos resolver tudo depressa, deixaríamos o Alasca a qualquer momento. É claro que talvez isso não fosse tão bom. Perderíamos o sol.

Nossa primeira complicação veio quando pousamos e tentamos alugar um carro. Eddie e eu tínhamos dezoito anos, mas nenhuma das locadoras de veículos alugava para alguém tão jovem. Depois da terceira recusa, minha raiva começou a crescer. Quem teria pensado que nos atrasaríamos por algo tão idiota? Por fim, na quarta tentativa, uma mulher hesitou, mas nos disse que a menos de dois quilômetros do aeroporto havia um cara que provavelmente nos alugaria um carro, desde que tivéssemos um cartão de crédito e fizéssemos um depósito grande o bastante.

Caminhamos no clima agradável, mas dava para ver que o sol começava a incomodar Lissa quando

chegamos ao nosso destino. Bud — da Bud's Rental Cars — não parecia *tão* tosco quanto esperávamos e de fato nos alugou um carro quando apresentamos dinheiro suficiente. Dali, arranjamos um quarto num hotel modesto e repassamos os planos mais uma vez.

Todas as nossas informações indicavam que a prisão operava em horários de vampiros, o que significava que aquele seria o período ativo do dia. Nosso plano era ficar no hotel até o dia seguinte, quando a “noite” Moroi chegasse, e dormir um pouco antes de agir. Isso deu a Lissa mais tempo para trabalhar em seus encantamentos. Era fácil defender nosso quarto.

Meu sono não foi perturbado por Adrian, e me senti agradecida. Isso queria dizer que ele havia acreditado na viagem de meninas ou não tinha conseguido passar pelas pulseiras de Lissa. Pela manhã, comemos algumas rosquinhas depressa, com os olhos um tanto embaçados. Fugir de nosso esquema de horários de vampiros desgastava todos nós.

Só que o açúcar nos ajudou a pegar no tranco, e Eddie e eu deixamos Lissa por volta das dez para fazer um reconhecimento. Compramos meu invejável GPS e mais algumas coisas em uma loja de artigos esportivos no caminho e o usamos para navegar pelas estradas remotas que pareciam nos levar a lugar nenhum. Quando o GPS avisou que estávamos a menos de dois quilômetros da prisão, paramos no acostamento de uma estradinha de terra e seguimos a pé, atravessando um campo de grama alta que se estendia por toda parte, parecendo não ter fim.

— Pensei que no Alasca houvesse tundras — disse Eddie, atravessando o mato alto.

O céu era azul e claro de novo, com apenas algumas nuvens que não adiantavam em nada para esconder o sol. Eu havia começado a caminhar com uma jaqueta leve, mas a tinha amarrado na cintura, pois estava suando. Às vezes, uma rajada de vento bem-vinda passava por nós, aplainando o mato e agitando meu cabelo.

— Acho que não em toda parte. Ou talvez tenhamos que ir mais para o norte. Ah, veja. Isso me parece promissor.

Paramos diante de uma cerca alta de arame farpado com uma placa enorme que dizia: **propriedade privada — proibida a entrada de pessoal não autorizado**. As letras eram vermelhas, talvez para enfatizar o quanto falavam sério. Por mim, teria acrescentado uma caveira e ossos cruzados para dar o recado.

Eddie e eu estudamos a cerca por alguns instantes e então olhamos um para o outro, resignados.

— Lissa irá curar qualquer ferimento que tivermos — falei, esperançosa.

Pular uma cerca de arame farpado não é impossível, mas não é nada divertido. Jogar a jaqueta sobre os arames que eu teria que agarrar já me protegia muito, mas, ainda assim, saí com alguns arranhões e rasgos nas roupas. Quando cheguei no topo, pulei para baixo, preferindo um pouso forçado a uma descida. Eddie me imitou e fez uma careta diante do forte impacto.

Caminhamos mais um pouco e avistamos os contornos escuros de um prédio. Paramos ao mesmo tempo e ajoelhamos, procurando nos esconder no mato o máximo possível. Os arquivos da prisão indicavam que havia câmeras do lado de fora, ou seja, corríamos o risco de sermos detectados se chegássemos perto demais. Eu tinha levado binóculos de longo alcance junto com o GPS e os peguei naquele momento para estudar o exterior do prédio.

Os binóculos eram bons — muito bons — tanto quanto deveriam ser para valerem o preço. O nível de nitidez me impressionava. Como tantas invenções dos Moroi, o prédio era uma mistura de antigo e moderno. Os muros sombrios, feitos de blocos de pedra acinzentados, encobriam quase toda a prisão em si, e o telhado se projetava apenas um pouco acima deles. Algumas figuras caminhavam

de um lado para o outro, no alto dos muros, olhos vivos para vigiar junto com as câmeras. O lugar parecia um forte, impenetrável e inescapável. Merecia estar em um penhasco rochoso, com um céu preto sinistro ao fundo. O campo e o sol pareciam não combinar com aquilo.

Passei os binóculos para Eddie. Ele fez a própria avaliação e então apontou para a esquerda.

— Ali.

Estreitei os olhos e mal avistei uma caminhonete ou um utilitário que seguia em direção à prisão. O carro deu a volta por trás, e o perdi de vista.

— Nosso único jeito de entrar — murmurei, me lembrando da planta.

Sabíamos que não tínhamos a menor chance de escalar os muros nem mesmo de chegar perto o bastante a pé sem sermos notados. Precisávamos literalmente entrar pela porta da frente, e era aí que o plano ficava um pouco complicado.

Eddie abaixou os binóculos e olhou para mim, franzindo a testa.

— Estava falando sério mais cedo. Você sabe. Confio em você. Qualquer que seja a razão para você estar fazendo isso, sei que é boa. Mas antes de dar andamento nas coisas, tem *certeza* de que é isso o que quer?

Dei uma gargalhada áspera.

— Se eu quero? Não. Mas é o que precisamos fazer.

Ele acenou a cabeça.

— É o suficiente.

Observamos a prisão por mais um tempo, circulando por ali para obtermos perspectivas diferentes, mas ainda mantendo distância. O cenário condizia com nossas expectativas, mas ver tudo em 3-D ainda era útil.

Depois de mais ou menos meia hora, voltamos para o hotel. Lissa estava sentada com as pernas cruzadas sobre uma das camas, ainda trabalhando nos encantamentos. Os sentimentos que vinham dela eram agradáveis e contentes. O espírito sempre a fez se sentir bem — mesmo que tivesse efeitos colaterais mais tarde —, e ela acreditava estar progredindo.

— Adrian ligou para o meu celular duas vezes — disse ela quando entramos.

— E você não atendeu?

— Não. Coitado do cara.

Dei de ombros.

— É melhor assim.

Fizemos um breve relato do que vimos, e sua alegria começou a despencar. Nossa visita tornou ainda mais real o que iríamos fazer mais tarde naquele dia, e trabalhar tanto com o espírito já a tinha deixado no limite. Poucos instantes depois, a senti sufocar o próprio medo. Ela ficou determinada. Me disse que ia fazer aquilo e que pretendia manter sua palavra, muito embora temesse cada segundo que a aproximava de Victor Dashkov.

Em seguida veio o almoço e então, pouco tempo depois, estava na hora de pôr o plano em ação. Já era o fim da tarde para os humanos, o que queria dizer que a noite dos vampiros logo chegaria ao fim. Era agora ou nunca. Nervosa, Lissa distribuiu os encantamentos que havia feito para nós, preocupada com a possibilidade de não funcionarem. Eddie se arrumou, vestindo o traje formal preto e branco de guardião recém-recebido enquanto Lissa e eu permanecemos com nossas roupas comuns — com algumas modificações. O cabelo de Lissa estava castanho e opaco, resultado de uma tinta que sai com água. Meu cabelo estava bem preso por baixo de uma peruca ruiva encaracolada

que, de forma desconfortável, me lembrava minha mãe. Nos sentamos no banco de trás do carro, e Eddie nos conduziu, como um chofer, ao longo da estrada remota que havíamos percorrido mais cedo. Ao contrário de antes, não paramos no acostamento. Permanecemos na estrada e seguimos de carro até a prisão — ou, bem, até a portaria. Ninguém disse nada no caminho, mas a tensão e a ansiedade dentro de nós eram cada vez maiores.

Antes de sequer chegarmos perto do muro, havia um posto de controle operado por um guardião. Eddie parou o carro, e tentei parecer calma. Ele abriu a janela. O guardião em serviço se aproximou e se abaixou de modo que os dois ficassem cara a cara.

— O que veio fazer aqui?

Eddie lhe entregou uma folha de papel, numa postura confiante e despreocupada, como se aquilo fosse perfeitamente normal.

— Vim trazer novos fornecedores de sangue.

O arquivo continha todo tipo de formulários e papéis para negócios relativos à prisão, inclusive relatórios e fichas para pedidos de suprimentos — como fornecedores de sangue. Tínhamos feito uma cópia de um dos formulários de requisição e a havíamos preenchido.

— Não fui notificado de que haveria uma entrega — disse o guardião, mais intrigado que desconfiado. Ele deu uma olhada no documento. — Este formulário é antigo.

Eddie deu de ombros.

— É o que me deram. Sou novo nisso.

O homem sorriu.

— É, você mal parece ter idade suficiente para já ter deixado a escola.

Ele olhou para Lissa e eu, e apesar da prática de autocontrole, fiquei tensa. O guardião franziu a testa enquanto nos avaliava. Lissa tinha me dado um colar, e ela usava um anel, ambos encantados com uma leve compulsão para fazer os outros pensarem que éramos humanas. Teria sido muito mais fácil obrigar a vítima a usar um encantamento e forçá-la a acreditar que via humanas, mas isso não era possível. A magia seria mais difícil desse jeito. Ele semicerrou os olhos, quase como se nos visse através de uma neblina. Se os encantamentos tivessem funcionado com perfeição, ele não teria nos olhado pela segunda vez. Estavam um pouco falhos. Modificavam nossa aparência, mas não com a mesma clareza que imaginávamos. Foi por isso que nos demos ao trabalho de mudar o cabelo: se a ilusão de sermos humanas falhasse, ainda teríamos nossa identidade um pouco protegida. Lissa se preparou para trabalhar com compulsão direta, embora esperássemos não chegar a esse ponto com cada pessoa que encontrássemos.

Alguns instantes depois, o guardião parou de nos olhar, parecendo ter concluído que éramos humanas, no fim das contas. Expirei e relaxei os punhos. Nem havia percebido que estavam contraídos.

— Aguarde um minuto. Vou verificar isso — disse ele a Eddie.

O guardião se afastou e foi até um telefone dentro de sua cabine. Eddie se virou para trás e olhou para nós.

— Tudo bem até agora?

— A não ser pelo formulário antigo — murmurei.

— Não dá para saber se meu encantamento está funcionando? — perguntou Eddie.

Lissa tinha dado a ele um dos anéis de Tasha com um encantamento para fazê-lo parecer bronzeado e moreno. Como ela não estava alterando sua raça, a magia só precisava embaçar suas

feições. A exemplo dos nossos encantamentos para parecermos humanas, eu desconfiava de que aquele não projetava a imagem exata que ela gostaria, mas deve ter alterado a aparência de Eddie o bastante para que ninguém o identificasse mais tarde. Devido à nossa resistência à compulsão — e cientes de que havia um encantamento em ação, o que anulava seus efeitos sobre nós —, Lissa e eu não sabíamos dizer como ele aparentava para os outros.

— Tenho certeza de que está tudo bem — falou Lissa, nos tranquilizando.

O guardião voltou.

— Mandaram vocês entrarem, e resolverão isso lá dentro.

— Obrigado — disse Eddie, pegando o formulário de volta.

A postura do homem indicava que ele presumia ter sido um erro do escritório. Ele foi diligente, mas a ideia de alguém infiltrar fornecedores de sangue em uma prisão dificilmente seria algo que se esperaria — ou se veria como um risco para a segurança. Coitadinho.

Dois guardiões nos cumprimentaram quando chegamos à entrada do muro que cercava a prisão. Nós três saímos do carro e fomos conduzidos ao espaço entre o muro e a prisão em si. Enquanto as áreas da São Vladimir e da Corte eram viçosas e repletas de plantas e árvores, aquela era sem graça e desértica. Nem mesmo grama; apenas terra batida. Era aquilo que funcionava como a “área de exercícios” dos prisioneiros? Será que sequer tinham permissão para sair ao ar livre? Fiquei surpresa por aquele lugar não ser circundado por fossos.

O interior do prédio se revelou tão desagradável quanto o exterior. As celas da Corte eram áridas e frias; metais e paredes brancas por toda parte. Eu esperava algo parecido. Porém, quem quer que tivesse projetado Tarasov deixara a aparência moderna de lado e imitara o tipo de prisão que poderia ter sido encontrada na Romênia medieval. Os muros de pedras pesadas se prolongavam pelos corredores, acinzentados e agourentos, e o ar ainda era frio e úmido. Só podiam criar condições de trabalho desagradáveis para os guardiões designados a servir ali. Presumi que tivessem a intenção de reforçar a fachada intimidadora que se estendia por toda parte, até mesmo para os prisioneiros que passavam pelos portões pela primeira vez. De acordo com nossa planta, havia uma pequena seção de dormitórios onde os empregados viviam. Eu esperava que aquelas acomodações fossem melhores.

Em meio à decoração inspirada ou não na Idade das Trevas, passamos por uma câmara ou outra enquanto caminhávamos pelo corredor. A segurança daquele lugar não era nada primitiva. Às vezes, ouvíamos uma porta bater com força, mas, de um modo geral, havia um completo silêncio sinistro, quase mais amedrontador do que gritos e berros.

Fomos levados para a sala do diretor do presídio, um cômodo que ainda tinha a mesma arquitetura deprimente, apesar de ser repleto de acessórios administrativos comuns: mesa, computador etc. Parecia eficiente, e mais nada. Nossa escolta explicou que íamos conversar com o diretor assistente, já que o diretor sênior ainda se encontrava na cama. Já era de se imaginar: o subordinado havia ficado com o turno da noite. Torci para que isso significasse que ele estava cansado e desatento. Talvez não. Aquilo raramente acontecia com guardiões, não importavam suas funções.

— Theo Marx — disse o diretor assistente, apertando a mão de Eddie.

Era um dampiro não muito mais velho que nós, e me perguntei se ele havia sido designado para trabalhar ali pouco tempo antes.

— Larry Brown — respondeu Eddie.

Tínhamos arranjado um nome sem graça para ele, que não sobressairia, para usarmos nos documentos.

Theo não falou com Lissa nem comigo, mas se virou para nós com o mesmo olhar intrigado que o primeiro cara quando o glamour do encantamento exerceu sua ilusão. O olhar foi demorado, mas, de novo, escapamos. Theo voltou sua atenção para Eddie e pegou o formulário de requisição.

— Este é diferente do de sempre — disse ele.

— Não fazia a menor ideia — falou Eddie, se desculpando. — É a primeira vez que passo por isso.

Theo suspirou e consultou o relógio.

— O diretor virá trabalhar daqui a algumas horas. Acho que vamos ter que esperá-lo chegar para descobrir o que está acontecendo. A Sommerfield costuma mandar tudo em ordem.

Havia algumas instituições Moroi no país que recolham fornecedores de sangue — aqueles à margem da sociedade humana que se contentavam em passar a vida dopados por endorfinas de vampiros — e os distribuíam. Sommerfield era o nome de uma delas, em Kansas City.

— Não sou o único novato por lá — disse Eddie. — Talvez alguém tenha se confundido.

— Isso é típico — disse Theo, bufando. — Bem, você também deve se sentar e esperar. Posso pegar um café se quiser.

— Quando vamos alimentar alguém? — perguntei de repente, com a voz mais suplicante e ávida que consegui. — Faz tanto tempo.

Lissa aproveitou minha deixa.

— Disseram que seria quando chegássemos aqui.

Eddie revirou os olhos diante do que era um comportamento típico de fornecedores.

— Elas são assim o tempo todo.

— Posso imaginar — disse Theo. — Humm. Fornecedores de sangue. — A porta de sua sala estava entreaberta, e ele gritou para alguém do lado de fora: — Ei, Wes? Você pode vir aqui?

Um dos guardiões que havia nos escoltado enfiou a cabeça para dentro.

— O que foi?

Theo acenou com desprezo para nós.

— Leve essas duas até a área de fornecimento para que não nos enlouqueçam. Se já estiver na hora de alguém se alimentar, pode usá-las.

Wes assentiu e fez sinal para sairmos da sala. Eddie e eu estabelecemos o mais breve dos contatos visuais. Seu rosto não entregava nada, mas eu sabia que ele estava nervoso. Tirar Victor dali era nossa missão agora, e Eddie não gostava de nos mandar para a toca do dragão.

Wes nos conduziu por mais portas e postos de controle enquanto avançávamos rumo ao interior da prisão. Me dei conta de que, para escapar, teria que atravessar de volta cada barreira de segurança que cruzava para entrar. De acordo com a planta, a área de fornecimento ficava do outro lado da prisão. Eu havia presumido que seguiríamos por alguma rota periférica, mas, em vez disso, cortamos caminho pelo centro do prédio — onde os prisioneiros eram mantidos. Ter estudado a planta me dera uma noção do desenho, mas Lissa não percebeu para onde éramos conduzidas até chegarmos a uma placa que alertava: **cuidado — entrada da área de prisioneiros (criminosos)**. Achei aquelas palavras estranhas. Todos que estavam ali não eram criminosos?

Portas duplas e pesadas bloqueavam aquela seção, e Wes usou tanto um código eletrônico quanto uma chave para cruzá-la. O ritmo de Lissa não mudou, mas senti sua ansiedade aumentar quando chegamos num longo corredor, repleto de celas com barras de ferro. Eu não me sentia nem um pouco melhor do que ela, só que Wes — ainda alerta — não demonstrou medo algum. Me dei conta de que ele passava por ali o tempo todo. Sabia o quanto era seguro. Os prisioneiros podiam ser

perigosos, mas passar por eles era uma rotina para ele.

Mesmo assim, espiar o interior das celas quase fez meu coração parar. Os pequenos compartimentos eram tão obscuros e deprimentes quanto qualquer outra coisa ali, e continham apenas esqueletos de móveis. Ainda bem que grande parte dos prisioneiros estava dormindo. Outros, no entanto, observavam enquanto seguíamos em frente. Nenhum deles disse coisa alguma, mas o silêncio era praticamente mais assustador. Alguns dos Moroi mantidos ali pareciam pessoas normais, pelas quais passaríamos nas ruas, e me perguntei o que poderiam ter feito para terem ido parar lá. Os rostos eram tristes, desprovidos de esperança. Olhei mais uma vez e percebi que alguns prisioneiros não eram Moroi, e sim dampiros. Fazia sentido, mas, mesmo assim, me pegou desprevenida. Minha própria raça também tinha criminosos com os quais era preciso se lidar.

Porém, nem todos os prisioneiros tinham boa aparência. Alguns pareciam definitivamente pertencer a Tarasov. Havia malevolência neles, uma sensação sinistra quando seus olhos se prendiam em nós e não nos largavam. Escrutinavam cada detalhe nosso, embora o motivo eu não soubesse dizer. Será que procuravam qualquer coisa que pudesse lhes oferecer uma fuga? Seriam capazes de ver através de nossas fachadas? Estavam simplesmente famintos? Eu não sabia, mas me senti agradecida pelos guardiões calados plantados ao longo do corredor. Também me senti agradecida por não ter visto Victor e presumi que ele vivia em outro corredor. Ainda não podíamos correr o risco de sermos reconhecidas.

Por fim, deixamos o corredor dos prisioneiros através de outra porta dupla e chegamos à área de fornecimento de sangue. Ela também parecia uma masmorra medieval, mas as aparências tinham que ser mantidas por causa dos prisioneiros. Decoração à parte, o desenho da sala de fornecimento se parecia com o da São Vladimir, só que menor. Uns cubículos ofereciam privacidade moderada, e um Moroi com cara de entediado lia um livro em uma mesa, parecendo prestes a cair no sono. Havia apenas um fornecedor de sangue no cômodo, um humano de meia-idade e desproporcional sentado em uma cadeira com um sorriso dopado no rosto, encarando o nada.

O Moroi se mexeu e arregalou os olhos quando entramos. Estava claro que éramos a coisa mais empolgante que acontecia com ele naquela noite inteira. O cara não teve aquele momento de desorientação quando nos viu. Devia ser pouco resistente à compulsão, o que era bom saber.

— O que é isso?

— Duas novas acabaram de chegar — anunciou Wes.

— Mas ainda não está na hora — disse o Moroi. — E nunca recebemos ninguém tão jovem. Sempre nos dão os mais velhos e desgastados.

— Não me pergunte — falou Wes, seguindo em direção à porta depois de gesticular para que Lissa e eu nos sentássemos. Era claro que ele considerava escoltar fornecedores de sangue algo abaixo de sua posição. — Marx quer que elas fiquem aqui até Sullivan se levantar. Acho que vamos acabar descobrindo que se trata de um erro, mas elas estavam reclamando, dizendo que precisavam de uma dose.

— Maravilha — murmurou o Moroi. — Bem, nossa próxima refeição é daqui a quinze minutos. Então posso dar uma folga ao Bradley, ali. Ele está tão longe que duvido que notaria se outra pessoa fornecesse sangue em seu lugar.

Wes assentiu.

— Vamos telefonar para cá quando esclarecermos tudo.

O guardião saiu, e o Moroi pegou uma prancheta, suspirando. Tive a sensação de que todos ali

estavam cansados do emprego. Dava para entender por quê; devia ser horrível trabalhar naquele lugar. Sou muito mais enfrentar o mundo desconhecido.

— Quem deve se alimentar daqui a quinze minutos? — perguntei.

O Moroi ergueu a cabeça, surpreso. Não era o tipo de pergunta que um fornecedor de sangue faria.

— O que você disse?

Lissa se levantou e prendeu o seu olhar.

— Responda a pergunta dela.

O homem fez uma cara relaxada. Era *mesmo* fácil usar compulsão nele.

— Rudolf Kaiser.

Ninguém que uma de nós reconhecesse. Ele poderia estar ali por assassinato em massa ou fraude, até onde eu sabia.

— Quando será a vez de Victor Dashkov? — perguntou Lissa.

— Daqui a duas horas.

— Mude a escala. Diga aos guardas que houve uma alteração e que ele tem que vir agora, em vez de Rudolf.

Os olhos vazios do Moroi — agora tão pasmos quanto os de Bradley, o fornecedor — pareciam levar um momento para processar aquilo.

— Sim — disse ele.

— Isso é algo que deve acontecer naturalmente. Não levantará suspeitas.

— Não levantará suspeitas — repetiu ele, monótono.

— Faça isso — ordenou ela com uma voz dura. — Chame os guardas, arranje tudo e não tire os olhos de mim.

O Moroi obedeceu. Enquanto falava ao telefone, se identificou como Northwood. Quando desligou, tudo já estava resolvido. Agora, não tínhamos nada a fazer, a não ser esperar. Meu corpo inteiro estava tomado de tensão. Theo havia dito que levaria mais de uma hora para que o diretor começasse a trabalhar. Ninguém fazia perguntas até então. Eddie teria apenas que matar o tempo com Theo e não levantar suspeitas por trás de um erro de documentação. *Acalme-se, Rose. Você consegue.*

Enquanto esperávamos, Lissa usou compulsão em Bradley, o fornecedor, forçando-o a um sono pesado. Eu não queria nenhuma testemunha, nem mesmo drogada. Por isso, virei a câmara um pouco para que ela não pudesse mais captar as imagens da parte principal da sala. Naturalmente, teríamos que lidar com o sistema de vigilância inteiro antes de deixarmos a prisão, mas, por enquanto, não precisávamos que alguém da equipe de segurança visse o que estava prestes a acontecer.

Eu havia me acomodado em um dos cubículos quando a porta se abriu. Lissa permanecia em sua cadeira, perto da mesa de Northwood, para manter a compulsão. Tínhamos dito a ele que eu seria a fornecedora. Eu estava fechada na cabine, mas, por meio da visão de Lissa, enxerguei o grupo entrando: dois guardiões... e Victor Dashkov.

A mesma angústia que ela sentira ao vê-lo no julgamento a percorreu. Seus batimentos cardíacos aceleraram. Suas mãos tremeram. A única coisa que, enfim, a acalmara na época do julgamento fora a conclusão de tudo: saber que Victor seria trancado para sempre, incapaz de machucá-la de novo.

E agora estávamos prestes a mudar tudo aquilo.

Com força, Lissa varreu o medo de sua mente para poder manter o domínio sobre Northwood.

Os guardiões ao lado de Victor estavam sérios e prontos para entrar em ação, embora na verdade não precisassem disso. A doença que o atormentara durante anos — da qual Lissa o curara por um tempo — começava a se mostrar de novo. A falta de exercícios e de ar fresco parecia surtir efeito também, assim como as quantidades limitadas de sangue que os prisioneiros deviam receber. Os guardas o mantinham algemado por precaução, e o peso o arrastava para baixo, quase o fazendo rastejar.

— Lá — disse Northwood, apontando para mim. — Aquela ali.

Os guardiões conduziram Victor, passando por Lissa, e ele mal olhou para ela pela segunda vez. Lissa trabalhava com dupla compulsão: mantendo Northwood sob controle e fazendo um breve esforço para se tornar insignificante para Victor quando ele passasse. Os guardiões o acomodaram em uma cadeira ao meu lado e recuaram, ainda de olho nele. Um dos dois ficou de conversa com Northwood, notando que éramos novatas e jovens. Se um dia eu fizesse aquilo de novo, pediria a Lissa para fazer um encantamento em que parecêssemos mais velhas.

Depois de se sentar ao meu lado, Victor se inclinou na minha direção e abriu a boca. A alimentação era algo tão natural — os movimentos sempre os mesmos — que ele mal tinha que pensar no que fazia. Era como se nem me visse.

Só que então... ele me viu.

Victor paralisou; seus olhos arregalaram. Determinados traços marcavam as famílias Moroi reais, e olhos verde-claros como jade eram característicos tanto entre os Dashkov quanto entre os Dragomir. O olhar de desgaste e resignação desapareceu de seu rosto, e a perspicácia artilosa tão típica dele — o intelecto astuto que eu conhecia bem — voltou para o seu lugar. Me trouxe uma lembrança sinistra de alguns dos prisioneiros pelos quais havíamos passado mais cedo.

Ele, porém, estava confuso. Como as outras pessoas que encontráramos, tinha os pensamentos desordenados devido ao meu encantamento. Seus sentidos lhe diziam que eu era humana... No entanto, a ilusão não era perfeita. Também havia o fato de Victor, como um forte manejador de compulsão que não fosse do espírito, ser um tanto quanto resistente a ela. E assim como Eddie, Lissa e eu tínhamos imunidade aos encantamentos uns dos outros por sabermos nossas verdadeiras identidades, Victor experimentava o mesmo efeito. Sua mente podia insistir em afirmar que eu era humana, mas seus olhos diziam que se tratava de Rose Hathaway, mesmo com a peruca. E quando essa informação se solidificou, a ilusão humana o deixou.

Um sorriso lento e intrigado se espalhou por seu rosto, exibindo suas presas descaradamente.

— Minha nossa. Esta deve ser a melhor refeição que já tive.

Mal dava para ouvir sua voz, encoberta pela conversa dos outros.

— Venha com esses dentes para perto de mim e serei sua última refeição — murmurei numa voz tão baixa quanto a dele. — Mas se você quiser uma chance de sair daqui e ver o mundo de novo, irá fazer exatamente o que eu disser.

Ele me olhou, intrigado. Respirei fundo, apavorada com o que tinha que dizer em seguida.

— Me ataque.

Sete

— Não com os dentes — acrescentei, depressa. — Parta para cima de mim. Sacuda as algemas. O que quer que consiga fazer.

Victor Dashkov não era estúpido. Outros teriam hesitado ou me feito perguntas. Ele não. Podia não saber ao certo o que estava acontecendo, mas sentiu que se tratava de uma pequena oportunidade de se libertar. Provavelmente, a única que teria. Ele passara grande parte da vida arquitetando tramas complicadas. Portanto, era especialista em entrar nelas de repente.

Erguendo as mãos o máximo que podia, ele me atacou, dando um bom espetáculo ao fingir me enforcar com a corrente que ligava uma algaema à outra. Enquanto fazia isso, dei um grito apavorante. No mesmo instante, os guardiões já estavam ali para deter aquele prisioneiro louco que, irracionalmente, agredia a coitada da menina. Porém, quando conseguiram dominá-lo, me levantei depressa e os ataquei. Mesmo que esperassem que eu fosse perigosa — e não esperavam — os surpreendi tanto que não tiveram tempo de reagir. *Quase* me senti mal diante do quanto aquilo era injusto com eles.

Bati no primeiro com força o bastante para que ele soltasse Victor e caísse para trás, atingindo a parede perto de Lissa enquanto ela, frenética, obrigava Northwood a permanecer calmo e a não chamar ninguém em meio ao caos. O outro guardião teve um pouco mais de tempo para reagir, mas ainda foi lento ao largar Victor e se virar para mim. Me aproveitei disso e acertei um soco nele, fazendo com que nós dois partíssemos para o corpo a corpo. Ele era grande e assustador e, quando passou a me considerar uma ameaça, não hesitou. Um murro no ombro enviou uma dor aguda por meu braço, e respondi de imediato com uma joelhada em seu estômago. Nesse meio-tempo, seu parceiro havia se levantado e vinha em nossa direção. Eu precisava acabar logo com aquilo, não apenas para meu próprio bem, mas também porque, sem dúvida, chamariam reforços se tivessem qualquer chance.

Agarrei o que estava mais perto de mim e o empurrei contra a parede — de cabeça — o mais forte que pude. Ele cambaleou, confuso, e fez isso de novo, no exato momento em que seu parceiro me alcançou. O primeiro guardião desabou no chão, inconsciente. Eu odiava fazer aquilo, mas parte do meu treinamento fora aprender a diferença entre incapacitar e matar. Ele devia ter apenas uma dor de cabeça. Era o que eu esperava. O outro guardião, porém, estava muito na ofensiva, e nos rodeamos, acertando alguns golpes e esquivando de outros.

— Não posso deixá-lo inconsciente! — gritei para Lissa. — Precisamos dele. Use a compulsão.

A resposta veio pelo laço. Ela conseguiria usar a compulsão em duas pessoas ao mesmo tempo, mas isso requeria muita força. Ainda não tínhamos escapado, e ela não podia correr o risco de se esgotar tão cedo. A frustração substituiu o medo dentro dela.

— Northwood, vá dormir — vociferou ela. — Bem ali. Na sua mesa. Você está exausto e passará horas dormindo.

Pelo canto do olho, vi Northwood se curvar. Sua cabeça fez um barulho ao atingir a mesa. Todos que trabalhavam ali teriam uma concussão depois que acabássemos com aquilo. Então me joguei sobre o guardião, usando o peso do meu corpo para botá-lo dentro do campo de visão de Lissa, que se posicionou em meio à nossa luta. Ele olhou para ela, surpreso, e era tudo o que precisávamos.

— Pare!

Ele não respondeu tão rápido quanto Northwood e hesitou. Esse cara era mais resistente.

— *Pare de lutar!* — repetiu ela com mais força, intensificando sua vontade.

Forte ou não, ele não conseguiu enfrentar tamanho poder do espírito. Cada braço seu pendeu para um lado, e ele parou de lutar comigo. Me afastei um pouco para recuperar o fôlego e pus a peruca de volta no lugar.

— Mantê-lo sob controle vai ser difícil — disse Lissa.

— Difícil por cinco minutos ou por cinco horas?

— Entre uma coisa e outra.

— Então vamos nessa. Pegue a chave de Victor com esse cara.

Lissa mandou o guardião lhe entregar a chave das algemas. Ele disse que ela estava com o outro guardião. Não deu outra. Vasculhei o corpo inconsciente — ele respirava normalmente, graças a Deus — e peguei a chave. Agora, voltei toda a minha atenção para Victor. Quando a briga começou, ele saiu do caminho e apenas observou, tranquilo, enquanto todo tipo de novas possibilidades, sem dúvida, se formava em sua mente distorcida.

Me aproximei, adotando minha “cara assustadora” com a chave nas mãos.

— Vou abrir suas algemas agora — falei em uma voz tanto doce quanto ameaçadora. — Você vai fazer exatamente o que dissermos. Não vai correr ou começar uma briga nem interferir em nossos planos de forma alguma.

— Ah, agora você também usa compulsão, Rose? — perguntou ele de um jeito seco.

— Não preciso disso. — Abri as algemas. — Posso rendê-lo e deixá-lo inconsciente do mesmo jeito que fiz com aquele cara e arrastá-lo para fora. Para mim, não faz diferença.

As algemas e correntes pesadas caíram no chão. Aquele olhar de malícia e presunção permaneceu em seu rosto, mas suas mãos tocaram os punhos com delicadeza. Foi então que notei que havia marcas de pancada e hematomas neles. As algemas não eram feitas para proporcionar conforto, mas me recusei a lamentar por ele. Victor ergueu a cabeça e olhou para nós.

— Que charmoso — refletiu. — Entre todas as pessoas que tentariam me resgatar, eu nunca teria esperado vocês duas... e no entanto, pensando bem, são as mais capazes de fazer isso.

— Não precisamos dos seus comentários, Hannibal — falei rispidamente. — E não use a palavra *resgatar*. Isso faz parecer que você é algum herói preso injustamente.

Ele arqueou uma das sobrancelhas, como se acreditasse que de fato era o caso. Em vez de discordar de mim, acenou em direção a Bradley, que havia mesmo dormido durante a luta. Naquele estado drogado, a compulsão de Lissa fora mais do que suficiente para deixá-lo inconsciente.

— Me dê o cara — disse Victor.

— O quê? — perguntei. — Não temos tempo para isso!

— E eu não tenho forças para o que quer que você tenha em mente — sibilou Victor. Aquela máscara de sabe-tudo agradável desapareceu, dando lugar a uma expressão cruel e desesperada. — O encarceramento envolve mais do que barras, Rose. Nos deixam ávidos por comida e sangue, tentando nos manter fracos. Caminhar por aqui é o único exercício que consigo fazer, e o esforço já basta. A menos que você realmente planeje me arrastar para fora daqui, me arranje sangue!

Lissa interrompeu qualquer resposta que eu pudesse dar.

— Seja rápido.

Olhei para Lissa, impressionada. Estava prestes a negar aquilo a Victor, mas, através do laço, senti uma estranha mistura de sentimentos vindos dela. Compaixão e... compreensão. Ah, ela ainda o odiava, com certeza. Mas também sabia como era viver com porções limitadas de sangue.

Ainda bem que Victor foi rápido. Sua boca já estava no pescoço do humano praticamente antes de Lissa terminar de falar. Sentir aqueles dentes no pescoço foi o suficiente para que Bradley despertasse, confuso ou não. Ele acordou num solavanco, e sua expressão logo se preencheu com o deleite que fornecedores de sangue sentiam com a endorfina dos vampiros. Uma pequena dose de sangue era tudo que Victor precisaria, mas quando os olhos de Bradley começaram a se arregalar, surpresos, percebi que Victor sugava mais do que uma dose rápida. Dei um pulo para a frente e tirei Victor de cima do fornecedor, esparramado ali.

— Que diabos você está fazendo? — perguntei, exigindo uma resposta e sacudindo Victor com força. Era algo que eu queria fazer havia um bom tempo. — Você acha que poderia drená-lo e se tornar um Strigoi assim, na nossa cara?

— Dificilmente — respondeu Victor, estremeando diante de minhas mãos, que o seguravam com força.

— Não era isso o que ele estava fazendo — disse Lissa. — Só perdeu o controle por um segundo.

Depois de satisfazer sua sede de sangue, Victor recuperou a postura tranquila.

— Ah, Vasilisa. Sempre tão compreensiva.

— Não tire nenhuma conclusão — vociferou ela.

Encarei os dois.

— Temos que ir. Agora. — Me virei para o guardião dominado pela compulsão. — Nos leve para a sala onde monitoram todas as câmeras de segurança.

Ele não respondeu. Suspirei e me virei para Lissa, com expectativa. Ela repetiu minha ordem, e ele começou a deixar o cômodo no mesmo instante. Minha adrenalina estava alta por causa da luta, e eu permanecia ansiosa para acabar com tudo aquilo e sair dali. Através do laço, senti o nervosismo de Lissa. Ela podia ter defendido a necessidade de sangue demonstrada por Victor, mas, enquanto caminhávamos, se mantinha o mais longe dele possível. A dura consciência de quem ele era e do que fazíamos lhe dava calafrios. Eu queria poder confortá-la, mas não havia tempo.

Seguimos o guardião — Lissa perguntou seu nome; era Giovanni —, atravessando mais corredores e postos de controle. A rota pela qual ele nos conduziu contornava a extremidade da prisão e não passava pelas celas. Prendi a respiração quase o tempo todo, apavorada com a possibilidade de darmos de cara com alguém. Vários outros fatores já não contribuíam; não precisávamos disso também. No entanto, continuamos com sorte e não nos deparamos com ninguém — mais uma vez, devia ser uma das consequências de se fazer aquilo perto do fim da noite e não atravessar uma zona de segurança

máxima.

Lissa e Mia tinham conseguido que o guardião da Corte apagasse as gravações das câmeras de segurança por lá também, mas eu não havia testemunhado isso. Agora, quando Giovanni nos levou à sala de vigilância da prisão, não pude evitar um pequeno suspiro. Monitores cobriam as paredes, e consoles com interruptores e botões complexos se dispunham à frente. Mesas repletas de computadores estavam em toda parte. Me senti como se aquele cômodo tivesse o poder de decolar rumo ao espaço. Tudo na prisão era exibido: cada cela, vários corredores e até mesmo a sala do diretor, onde Eddie estava sentado, batendo papo com Theo. Dois outros guardiões se encontravam ali, e me perguntei se teriam nos visto pelos corredores. Mas não — estavam concentrados demais em outra coisa: uma câmera que tinha sido virada para uma parede branca. Era a que eu havia ajustado na sala de fornecimento.

Se debruçavam sobre ela, e um deles dizia que deviam mandar alguém lá embaixo para checar. Então os dois se ergueram e notaram nossa presença.

— Ajude-a a rendê-los — ordenou Lissa a Giovanni.

Mais uma vez, houve hesitação. Estaríamos melhores com um “ajudante” menos resistente, mas Lissa não fazia a menor ideia quando o escolheu. Como antes, ele acabou entrando em ação. Também como antes, o elemento surpresa contribuiu muito para dominarmos aqueles dois guardiões. Eu era uma estranha — o que os deixou em alerta de imediato —, mas ainda parecia ser humana. Giovanni era seu colega de trabalho. Os dois não esperavam um ataque da parte dele.

No entanto, nem assim foi fácil derrubá-los. Ter reforços contou muito, e Giovanni era bom em seu trabalho. Deixamos um guardião inconsciente bem depressa. Giovanni o asfixiou por um instante até ele desabar. O outro se manteve distante de nós, e notei que seus olhos espiavam uma das paredes o tempo todo. Ali havia um extintor de incêndio, um interruptor e um botão redondo prateado.

— É um alarme! — exclamou Victor no exato momento em que o guardião tentou alcançá-lo.

Giovanni e eu partimos para cima dele ao mesmo tempo, o detendo antes que sua mão pudesse apertar o botão e enviar uma legião de guardas atrás de nós. Um golpe na cabeça deixou aquele guardião inconsciente também. A cada pessoa que eu derrotava naquela invasão, uma onda de culpa e náusea se retorcia mais e mais forte em meu estômago. Os guardiões eram os caras do bem, e eu não conseguia deixar de pensar que lutava ao lado do mal.

Agora que estávamos sozinhos, Lissa sabia qual era o passo seguinte.

— Giovanni, desabilite todas as câmeras e apague a última hora de gravação.

Houve maior hesitação por parte dele dessa vez. Obrigá-lo a lutar contra os amigos requereu uma compulsão muito forte de Lissa. Ela mantinha o controle, mas se cansava e ficaria cada vez mais difícil fazê-lo obedecer a nossos comandos.

— Faça isso — vociferou Victor, parando ao lado de Lissa.

Lissa estremeceu diante da proximidade de Victor, mas quando o olhar dele se juntou ao dela, Giovanni cumpriu a ordem e começou a mexer nos interruptores dos consoles. Os poderes de Victor não chegavam nem perto dos de Lissa, mas sua pequena dose de compulsão havia fortalecido a dela.

Um por um, os monitores se apagaram, e então Giovanni digitou alguns comandos no computador que armazenava a gravação digital das câmeras. Luzes vermelhas de erro piscavam nos consoles, mas agora não havia ninguém ali para dar um jeito nelas.

— Mesmo que ele apague a gravação, há quem consiga recuperá-la do disco rígido — observou

Victor.

— É um risco que vamos ter que correr — falei, irritada. — Reprogramar ou qualquer coisa do tipo não faz parte de minha lista de habilidades.

Victor revirou os olhos.

— Talvez, só que destruição com certeza faz.

Levei um instante para entender o que ele quis dizer, mas a ficha caiu. Depois de dar um suspiro, agarrei o extintor de incêndio da parede e espanquei o computador até ele não passar de uma pilha de fragmentos de metal e plástico. Lissa se encolhia a cada golpe e ficava de olho na porta.

— Espero que tenha isolamento acústico — murmurou ela.

— Me parece resistente — falei, confiante. — E agora está na hora de irmos.

Lissa mandou Giovanni nos devolver à sala do diretor, na parte da frente da prisão. Ele obedeceu, nos conduzindo de volta ao longo do labirinto que havíamos atravessado mais cedo. Seus códigos e cartões de segurança nos ajudaram a passar por cada posto de controle.

— Imagino que você não consiga usar a compulsão em Theo para ele nos deixar sair daqui — falei a Lissa.

Sua expressão era a de quem fazia força. Ela negou com a cabeça.

— Nem sei quanto tempo posso manter o controle sobre Giovanni. Nunca tinha feito ninguém de fantoche antes.

— Tudo bem — falei, tentando tranquilizar nós duas. — Estamos quase acabando.

Porém, haveria outra luta em nossas mãos. Depois de ter derrotado metade dos Strigoi na Rússia, eu ainda me sentia bem no que dizia respeito à minha própria força, mas aquele sentimento de culpa não me abandonava. E se nos deparássemos com uma dúzia de guardiões, nem mesmo minha força resistiria.

Eu já estava confusa quanto à planta da prisão, e acabou que a rota de Giovanni de volta para a sala principal nos conduzia, sim, por um bloco de celas. Outra placa dizia: cuidado — entrada da área de prisioneiros (psiquiátricos).

— Psiquiátricos? — perguntei, surpresa.

— Claro — murmurou Victor. — Para onde mais você acha que mandam os prisioneiros com problemas mentais?

— Para os hospitais — respondi, mesegurando para não fazer uma piada e dizer que todos os criminosos têm problemas mentais.

— Bem, nem sempre...

— Parem!

Lissa interrompeu Victor e parou abruptamente diante da porta. Quase nos chocamos contra ela. Lissa se virou e recuou vários passos.

— O que foi? — perguntei.

Ela olhou para Giovanni.

— Encontre outro caminho para a sala principal.

— Este é o mais curto — argumentou ele.

Lissa balançou a cabeça devagar.

— Não importa. Encontre outro, dê um jeito de não nos depararmos com os outros.

Giovanni franziu a testa, mas Lissa manteve a compulsão. Ele se virou num movimento brusco, e nos apressamos para acompanhá-lo.

— O que foi? — repeti.

A mente de Lissa estava confusa demais para que eu captasse seu raciocínio. Ela fez uma careta.

— Senti auras de usuários do espírito atrás daquela porta.

— *O quê?* Quantas?

— Pelo menos duas. Não sei se me sentiram também.

Se não fosse pelo ritmo de Giovanni e a urgência nos pressionando, eu teria parado.

— Usuários do espírito...

Lissa havia procurado tanto por outros como ela... Quem diria que os acharíamos ali? Na verdade... talvez devêssemos ter esperado por isso. Sabíamos que os usuários do espírito brincavam com a insanidade. Por que não acabariam num lugar como aquele? E levando em conta o trabalho que tivemos para obter informações sobre a prisão, não era de admirar que esses usuários permanecessem escondidos. Eu duvidava que algum empregado dali sequer compreendesse o que eram.

Lissa e eu trocamos breves olhares. Eu sabia o quanto ela queria investigar aquilo, mas agora não era o momento. Victor já parecia interessado demais no que havíamos dito. Então, as palavras seguintes de Lissa foram em minha cabeça: *Tenho certeza de que qualquer usuário do espírito veria através de meus encantamentos. Não podemos correr o risco de nossa verdadeira identidade ser descoberta — mesmo que seja por supostos loucos.*

Assenti, mostrando que entendia, deixando a curiosidade e até mesmo o pesar de lado. Teríamos que checar isso outra hora — digamos, na próxima vez que resolvêssemos invadir uma prisão de segurança máxima.

Por fim, chegamos à sala de Theo sem mais incidentes, apesar de meu coração ter percorrido o caminho todo acelerado e meu cérebro repetido *Vá! Vá! Vá!*. Theo e Eddie estavam conversando sobre a política da Corte quando nosso grupo entrou. Eddie se levantou no mesmo instante e partiu para cima de Theo, percebendo que era hora de ir embora. Sufocou Theo com a mesma eficiência que Giovanni teve mais cedo, e fiquei feliz por alguém além de mim fazer aquele trabalho sujo. Pena que Theo conseguiu dar um bom grito antes de desmaiar e cair no chão.

De imediato, os dois guardiões que haviam nos escoltado antes correram para a sala. Eddie e eu partimos para a luta, e Lissa e Victor obrigaram Giovanni a fazer o mesmo. Para dificultar as coisas, logo depois que rendemos um dos guardiões, Giovanni se libertou da compulsão e começou a lutar *contra* nós. Pior, correu até a parede na qual descobri — tarde demais — que havia outro botão prateado para acionar o alarme. Ele socou o botão, e uma sirene estridente preencheu o ar.

— Merda! — gritei.

Lissa não tinha habilidades para a luta física, e Victor não era muito melhor do que ela. Tudo dependia de Eddie e de mim para acabar com os dois últimos — e tínhamos que ser *rápidos*. O segundo guardião da escolta foi derrotado. Então, restamos apenas nós contra Giovanni. Ele acertou um bom golpe em mim — um golpe que fez minha cabeça bater na parede. Não foi forte o bastante para provocar um desmaio, mas o mundo girou e pontinhos pretos e brancos dançaram diante de meus olhos. Aquilo me paralisou por um momento, mas Eddie partiu para cima dele, e logo Giovanni não era mais uma ameaça.

Eddie me pegou pelo braço para me dar estabilidade, e nós quatro saímos disparados da sala no mesmo instante. Olhei para trás, para os corpos inconscientes, me odiando mais uma vez por ter feito aquilo. Porém, não havia tempo para culpa. Tínhamos que sair dali. Agora. Todos os guardiões

daquele prédio chegariam em menos de um minuto.

Nosso grupo se apressou até as portas da frente, e descobrimos que tinham sido trancadas pelo interior do prédio. Eddie xingou e nos disse para esperar. Correu até a sala de Theo e voltou com um dos cartões de segurança que Giovanni havia usado para passar pelas portas. Como prevíamos, aquele cartão nos permitiu chegar rápido ao carro alugado. Entramos logo no veículo, e fiquei satisfeita por Victor ter conseguido nos acompanhar sem fazer nenhum de seus comentários irritantes.

Eddie acelerou, dirigindo pelo caminho por onde havíamos entrado. Eu estava ao lado dele, na frente.

— Tenho certeza de que o cara do portão vai saber do alarme — avisei.

Nossa intenção inicial era simplesmente sair dali, dizendo a ele que houve uma confusão na papelada, no fim das contas.

— É — concordou Eddie com uma dureza no rosto.

Não deu outra. O guardião saiu da cabine, acenando com os braços.

— Aquilo é uma arma? — perguntei.

— Não vou parar para descobrir.

Eddie pisou fundo no acelerador, e quando o guardião percebeu que passaríamos de qualquer forma, saiu do caminho. Atravessamos a cancela de madeira que dava para a estrada, deixando um amontoado de estilhaços no chão.

— Bud vai ficar com nosso depósito — falei.

Ouvi barulhos de tiros vindos de trás. Eddie xingou de novo, mas, à medida que fugíamos acelerados, os tiros se tornavam mais fracos e logo estávamos fora de alcance. Ele expirou.

— Se aqueles tiros tivessem atingido os pneus ou as janelas, teríamos que nos preocupar com muito mais do que um depósito.

— Vão mandar pessoas atrás de nós — disse Victor, do banco de trás. Mais uma vez, Lissa se acomodou o mais distante dele possível. — As caminhonetes devem estar saindo de lá agora.

— Acha que não imaginamos isso? — vociferei.

Eu sabia que Victor estava tentando ajudar, mas ele era a última pessoa de quem queria ouvir alguma coisa naquele momento. Ainda enquanto falava, olhei para trás e vi a silhueta escura de dois veículos acelerando pela estrada, nos seguindo. Chegavam cada vez mais perto, sem deixar a menor dúvida de que os utilitários logo alcançariam nosso carrinho compacto.

Olhei para o GPS.

— Temos que virar logo — alertei Eddie. Não que ele precisasse dos meus conselhos.

Já tínhamos traçado uma rota de fuga que envolvia muitas e muitas mudanças de direção naquelas estradas remotas. Felizmente, havia várias delas. Eddie fez uma curva fechada à esquerda e então, quase de imediato, virou à direita. Mesmo assim, os veículos que nos perseguiam continuaram conosco; podíamos vê-los pelo retrovisor. Só depois de algumas voltas é que a estrada atrás de nós permaneceu livre.

Tensão e silêncio preencheram o carro enquanto esperávamos que os guardiões nos alcançassem. Não alcançaram. Tínhamos feito muitas curvas confusas, mas levei quase dez minutos para aceitar que de fato havíamos conseguido.

— Acho que nos livramos deles — disse Eddie.

A surpresa em sua voz se equiparava a meus sentimentos. Seu rosto ainda estava franzido de

preocupação e suas mãos agarravam o volante com força.

— Não nos livraremos deles até deixarmos Fairbanks — falei. — Tenho certeza de que irão vasculhar a região, e ela não é tão grande assim.

— Para onde vamos? — perguntou Victor. — Se é que posso saber.

Me virei sobre o assento para encará-lo.

— Isso é você quem vai dizer. Por mais que seja difícil acreditar, não fizemos tudo aquilo só porque sentíamos falta de sua agradável companhia.

— É *mesmo* difícil de acreditar.

Estreitei os olhos.

— Queremos encontrar seu irmão. Robert Doru.

Tive a satisfação momentânea de pegar Victor desprevenido. Então sua expressão maliciosa voltou.

— É claro. Isso tem a ver com o pedido de Abe Mazur, não tem? Eu já devia saber que ele não aceitaria um não como resposta. É claro que nunca imaginaria que vocês tivessem se unido a ele.

Victor parecia não saber que, na verdade, eu estava unida a Abe por laços de família, e não me dispus a esclarecer isso.

— Irrelevante — falei com frieza. — Agora você vai nos levar até Robert. Onde está ele?

— Rose, você se esquece — refletiu Victor — de que não é a usuária de compulsão aqui.

— Sei disso, mas sou a que pode amarrá-lo à margem da estrada e dar um telefonema anônimo para a prisão, revelando seu paradeiro.

— Como vou saber que você não vai conseguir o que quer de mim e em seguida me entregar do mesmo jeito? — perguntou ele. — Não tenho motivo algum para confiar em você.

— Tem razão. Eu, com toda certeza, não confiaria em mim. Mas se tudo der certo, existe uma chance de libertarmos você depois. — Não, na verdade não existia. — Quer arriscar? Nunca terá outra oportunidade como esta, e sabe disso.

Victor não tinha nenhuma resposta inteligente e engraçadinha para aquilo. Mais um ponto para mim.

— E então — continuei —, vai nos levar até ele ou não?

Pensamentos que eu não conseguia identificar se debatiam por detrás de seus olhos. Sem dúvida, ele tramava como poderia usar aquilo em benefício próprio; provavelmente tentava descobrir como escapar de nós antes de sequer alcançarmos Robert. Era o que eu teria feito.

— Las Vegas — respondeu Victor, enfim. — Temos que ir para Las Vegas.

Oito

Depois de ter criticado Abe por sempre ir a lugares remotos e horríveis, devia ter me empolgado diante da perspectiva de ir para a Cidade do Pecado. Pena que eu tinha algumas reservas quanto à viagem épica que estava por vir. Primeiro que uma cidade como Las Vegas era o *último* lugar em que eu imaginaria encontrar um recluso quase louco. Pelo pouco que ouvi aqui e ali, Robert havia saído de cena e queria ficar sozinho. Uma cidade agitada, repleta de turistas, não condizia muito com essa informação. Segundo que cidades como aquela eram áreas fornecedoras de sangue perfeitas para Strigoi. Tumultuada. Inconsequente. Poucas inibições. Era muito fácil alguém desaparecer — ainda mais quando a maioria saía à noite.

Uma parte de mim tinha certeza de que só podia ser um truque de Victor, mas ele jurou de pés juntos que era verdade. Então, sem qualquer outra pista, Las Vegas se tornou nosso destino seguinte. De todo jeito, não tínhamos muito tempo para debater o assunto, sabendo que os guardiões vasculhariam Fairbanks à nossa procura. É claro que os encantamentos de Lissa haviam alterado nossa aparência o bastante para que eles não procurassem por pessoas com as nossas características. No entanto, conheciam o rosto de Victor, e o quanto antes deixássemos o Alasca, melhor.

Infelizmente, tínhamos um pequeno problema:

— Victor não tem carteira de identidade — disse Eddie. — Não podemos embarcá-lo num avião.

Era verdade. Todos os pertences de Victor haviam sido confiscados por autoridades da prisão, e em meio à confusão para desabilitar a vigilância e derrotar meia dúzia de guardiões, não tivemos tempo de procurar seus objetos pessoais. A compulsão de Lissa era fenomenal, mas ela estava exausta depois de usar tanta na prisão. Além disso, era provável que os guardiões estivessem vigiando o aeroporto.

Nosso “amigo” Bud, o cara que nos alugou o carro, apresentou a solução. Não estava entusiasmado ao ter o carro devolvido com todos os arranhões adquiridos na direção intrépida de Eddie, mas bastante dinheiro acabou fazendo o humano parar de reclamar sobre “alugar para um bando de crianças”. Foi Victor quem pensou em um plano alternativo e deu a sugestão a Bud.

— Tem um aeroporto particular aqui por perto? Com voos que possamos contratar?

— Claro — respondeu Bud. — Mas não vai sair barato.

— Isso não é problema — falei.

Bud nos olhou, desconfiado.

— Vocês roubaram um banco ou coisa do tipo?

Não, mas tínhamos economizado muito dinheiro. Lissa possuía uma pensão e todo mês receberia mais do que o suficiente até completar dezoito anos, além de um cartão de crédito com limite alto. Eu também tinha um cartão de crédito da época em que convenci Adrian a financiar minha viagem para a Rússia. Eu renunciara ao resto dos meus bens, como a enorme conta no banco que ele abrira para mim. Porém, errada ou não, decidira manter um cartão à mão, para o caso de uma emergência.

E com certeza era uma emergência. Então, usamos o cartão para pagar uma parte do preço do avião particular. O piloto não podia nos levar até Las Vegas, mas podia nos levar até Seattle, onde foi capaz de nos pôr em contato com outro piloto que ele conhecia e que faria o resto do percurso. Mais dinheiro.

— De novo, Seattle — refleti antes de o avião decolar.

O interior do jatinho tinha quatro assentos, dois de cada lado, de frente uns para os outros. Me sentei perto de Victor; e Eddie, de frente para ele. Imaginamos que seria a melhor disposição para a nossa proteção.

— O que tem Seattle? — perguntou Eddie, intrigado.

— Deixa para lá.

Pequenos aviões particulares não chegam nem perto de ser tão rápidos quanto os grandes e comerciais, e nossa viagem levou grande parte do dia. Durante o voo, continuei perguntando a Victor sobre o que seu irmão fazia em Las Vegas e por fim consegui a resposta que queria. Victor acabaria tendo que nos contar em algum momento, mas devia sentir um entusiasmo sádico ao adiar a resposta.

— Robert não vive exatamente em Las Vegas — explicou. — Ele tem uma pequena casa, uma cabana, eu acho, nos arredores, no Red Rock Canyon, a alguns quilômetros da cidade.

Agora, sim. *Aquilo* se aproximava mais do que eu esperava. Lissa se retesou ao ouvir falar em cabana, e senti sua inquietação através do laço. Quando Victor a sequestrou, a levou para uma cabana na floresta e a torturou ali. Olhei para ela, tentando tranquilizá-la o máximo que podia. Nesses momentos, eu queria que o laço funcionasse nos dois sentidos para poder confortá-la.

— Então vamos até lá?

Victor bufou.

— Com certeza não. Robert dá muito valor à privacidade. Não receberia estranhos em casa. Mas irá até a cidade se eu pedir.

Lissa olhou para mim. *Victor pode estar armando para nós. Ele tinha muitos colaboradores. Agora que está fora da prisão, poderia telefonar para eles virem nos encontrar em vez de Robert.*

Assenti para ela com leveza, mais uma vez desejando ser capaz de responder através do laço. Também tinha pensado nisso. Não podíamos deixar Victor sozinho em momento algum para fazer ligações não supervisionadas. E, na verdade, eu me sentia melhor com a ideia do encontro em Las Vegas. Para a nossa própria segurança, por causa dos seguidores de Victor, seria melhor ficarmos na cidade do que fora dela, no meio do nada.

— Já que tenho sido tão útil — disse Victor —, tenho o direito de saber o que você quer com o meu irmão. — Ele olhou de relance para Lissa. — Está à procura de aulas sobre o espírito? Você deve ter feito um excelente trabalho investigativo para descobri-lo.

— Você não tem direito nenhum de saber sobre nossos planos — repliquei com rispidez. — E está falando sério? Se vai fazer as contas de quem tem sido mais útil aqui, nós ganhamos

tranquilamente. Você tem muito que contribuir depois do que fizemos em Tarasov.

A única resposta de Victor foi um pequeno sorriso.

Parte de nosso voo aconteceu à noite, o que queria dizer que era de manhã cedo quando pousamos em Las Vegas. A segurança da luz do sol. Fiquei surpresa ao ver como o aeroporto estava cheio. O particular de Seattle tinha uma boa quantidade de aeronaves, mas o de Fairbanks estava quase deserto. Já aquela pista estava repleta de jatinhos, e muitos deles ostentavam luxuosidade. Eu não devia ter me surpreendido. Las Vegas era o parque de diversões das celebridades e outras pessoas ricas, e muitas delas não se rebaixariam pegando voos comerciais com passageiros comuns.

Havia táxis ali, nos poupando o calvário de alugar outro carro. Porém, quando o motorista nos perguntou para onde íamos, todos permanecemos em silêncio. Me virei para Victor.

— Para o centro da cidade, não é? Na Strip, aquela rua cheia de hotéis e cassinos?

— É — concordou ele.

Victor tinha certeza de que Robert preferiria se encontrar com estranhos em um lugar bem público. De onde ele pudesse fugir com facilidade.

— A Strip é grande — disse o motorista. — Vocês querem ir a algum lugar específico ou devo deixá-los na metade da rua?

Um silêncio pairou sobre nós. Lissa me lançou um olhar significativo.

— Que tal o Witching Hour?

Considere a hipótese. Las Vegas era o lugar favorito de alguns Moroi. A luz do sol deixava a cidade menos atraente para os Strigoi, e os cassinos sem janelas criavam atmosferas escuras e confortáveis. O Witching Hour era um hotel e cassino do qual todos tínhamos ouvido falar. Apesar dos muitos clientes humanos, na verdade pertencia a um Moroi. Então, oferecia vários atrativos clandestinos para proporcionar momentos agradáveis aos vampiros. Fornecedores de sangue nas salas dos fundos. *Lounges* especiais só para Moroi. Um belo número de guardiões em vigília.

Guardiões...

Balancei a cabeça e olhei de soslaio para Victor.

— Não podemos levá-lo até lá.

Entre todos os hotéis de Las Vegas, o Witching Hour era o último para o qual iríamos querer ir. A fuga de Victor já devia ser notícia em todo o mundo Moroi. Levá-lo para a maior concentração de Moroi e guardiões de Vegas seria a pior coisa que podíamos fazer àquela altura.

Pelo retrovisor, o rosto do motorista parecia impaciente. Foi Eddie quem finalmente falou:

— O Luxor.

Ele e eu estávamos no banco de trás, com Victor entre nós, e o encarei.

— De onde você tirou isso?

— Assim ficamos longe do Witching Hour. — Eddie pareceu um tanto constrangido de repente.

— E sempre quis ficar lá. Quero dizer, se estamos em Vegas, por que não ficar em uma pirâmide?

— Não dá para criticar essa lógica — disse Lissa.

— Então vamos para o Luxor — falei ao motorista.

Seguimos em silêncio, todos nós — bem, com exceção de Victor — observando tudo, admirados. Mesmo à luz do dia, as ruas de Las Vegas fervilhavam de gente. Os jovens e glamorosos andavam lado a lado com os casais mais velhos das Américas, que deviam ter economizado muito para fazer aquela viagem. Os hotéis e cassinos pelos quais passamos eram enormes, convidativos e cheios de brilho.

E quando chegamos ao Luxor... é. Era exatamente como Eddie havia dito. Um hotel em forma

de pirâmide. Olhei para a construção ao sair do carro, me esforçando muito para não ficar de queixo caído, como a turista sonhadora que eu era. Paguei ao motorista e entramos. Não sabia por quanto tempo ficaríamos, mas precisávamos de um quarto para servir de base de operação.

Pisar no hotel era como estar de volta aos clubes noturnos de São Petersburgo e Novosibirsk. Luzes brilhantes e o opressivo cheiro de fumaça. E barulho. Barulho, barulho, barulho.

Caça-níqueis apitavam e soavam, fichas caíam, pessoas gritavam de desgosto ou deleite, e o vozerio baixo preenchia o ambiente como um enxame de abelhas. Fiz uma careta. Aqueles estímulos perturbavam meus sentidos.

Passamos pela extremidade do cassino para chegar ao balcão, onde a recepcionista sequer piscou diante de três adolescentes e um velho se acomodando no mesmo quarto. Só pude imaginar que, por ali, viam de tudo. Nosso quarto era médio, com duas camas de casal, e de alguma forma demos a sorte de ele ter uma vista maravilhosa. Lissa ficou de pé, perto da janela, fascinada pelas pessoas e pelos carros da Strip abaixo, mas fui direto aos negócios.

— Está bem, ligue para Robert — ordenei a Victor.

Ele havia se acomodado em uma das camas, com as mãos cruzadas apoiando a cabeça e uma expressão serena, como se de fato estivesse de férias. Apesar daquele sorriso presunçoso, pude ver a fadiga em seu rosto. Mesmo com o reabastecimento de sangue, a fuga e a longa viagem haviam sido exaustivas, e os efeitos de sua doença que voltava aos poucos naturalmente afetavam sua força física.

Victor alcançou o telefone do hotel no mesmo instante, mas balancei a cabeça.

— Liss, deixe-o usar seu celular. Quero um registro desse número.

Ela passou o telefone com cuidado, como se Victor pudesse contaminá-lo. Ele pegou o aparelho e me lançou um olhar quase angelical.

— Acho que não vou ter privacidade, não é? Faz tanto tempo que Robert e eu não conversamos...

— Não — disse eu rispidamente.

A dureza em minha voz impressionou até a mim, e me dei conta de que Lissa não era a única que sofria por causa de todo o espírito usado naquele dia.

Victor deu de ombros com leveza e começou a digitar. Havia nos dito em um dos voos que decorara o número de Robert, e tive que acreditar que era para o irmão que ele telefonava. Também torci para que o número de Robert não tivesse mudado. É claro que, mesmo sem encontrar o irmão havia anos, Victor passara pouco tempo preso e devia ter se mantido informado sobre ele antes disso.

Uma tensão preencheu o quarto enquanto esperávamos e o telefone chamava. Um instante depois, ouvi alguém atender, embora não conseguisse entender as palavras exatas.

— Robert — disse Victor num tom agradável —, aqui é Victor.

Aquilo foi recebido com frenesi do outro lado da linha. Só dava para ouvir metade da conversa, mas era intrigante. Primeiro, Victor teve que passar um tempão convencendo Robert de que havia saído da prisão. Ao que parecia, Robert não se encontrava tão à margem da sociedade Moroi para estar por fora das últimas notícias. Victor disse a ele que os detalhes seriam revelados mais tarde e então começou a persuadi-lo para vir nos encontrar.

Demorou muito. Tive a sensação de que Robert vivia com medo e paranoico, o que me fez lembrar da srta. Karp nos estágios avançados da insanidade provocada pelo espírito. O olhar de Lissa permaneceu fixo na vista do lado de fora da janela durante a ligação inteira, mas seus sentimentos

refletiam os meus: medo de aquele ser seu destino um dia. Ou o meu também, se eu absorvesse os efeitos do espírito. A imagem da placa de Tarasov voltou por um breve instante à sua mente: **cuidado — entrada da área de prisioneiros (psiquiátricos).**

A voz de Victor se tornou surpreendentemente bajuladora e até mesmo delicada enquanto ele falava com o irmão. Me lembrei, inquieta, dos velhos tempos, antes de sabermos dos planos doentios de Victor para dominar os Moroi. Naquela época, ele nos tratava com gentileza também e era quase um membro da família de Lissa. Me perguntei se ele fora sincero em algum momento ou se tudo não passara de fingimento.

Por fim, depois de quase vinte minutos, Victor convenceu Robert a vir nos ver. As palavras ininteligíveis do outro lado da linha estavam repletas de ansiedade e, àquela altura, eu estava convencida de que Victor de fato conversava com o louco do irmão e não com um de seus comparsas. Ele marcou um jantar em um dos restaurantes do hotel e, enfim, desligou.

— Jantar? — perguntei, quando ele largou o telefone. — Seu irmão não se preocupa em sair depois que escurece?

— É um jantar mais cedo — respondeu Victor. — Às quatro e meia. E o sol não vai se pôr antes das oito.

— Às quatro e meia? — perguntei. — Meu bom Deus. Vamos pedir o prato especial para idosos?

Porém, ele tinha razão quanto à hora e ao sol. Sem a segurança oferecida pela luz do sol de verão quase ininterrupta do Alasca, eu começava a me sentir sufocada pela pressão dos limites do nascer e do pôr do sol, muito embora fosse verão ali. Infelizmente, um jantar seguro e mais cedo queria dizer que tínhamos que esperar algumas horas.

Victor se deitou na cama com as mãos atrás da cabeça. Acho que tentava parecer despreocupado, mas suponho que, na verdade, era a exaustão que o levava a buscar o conforto da cama.

— Gostaria de tentar a sorte lá embaixo? — Ele olhou para Lissa. — Usuários do espírito são excelentes jogadores de cartas. Não preciso lhe dizer o quanto você é boa em interpretar as pessoas.

Ela não respondeu.

— Ninguém sai deste quarto — falei.

Eu não gostava da ideia de ficarmos apertados ali, mas não podia correr o risco de uma tentativa de fuga ou de um Strigoi rondando os cantos escuros do cassino.

Depois de tirar a tinta do cabelo, Lissa pôs uma poltrona perto da janela. Ela se recusava a chegar perto de Victor. Me sentei com as pernas cruzadas na outra cama, onde havia muito espaço para Eddie se sentar também, mas ele permaneceu de pé, encostado em uma parede, numa postura de guardião perfeita enquanto vigiava Victor. Eu não tinha a menor dúvida de que Eddie poderia se manter naquela posição durante horas, não importava o quanto ela se tornasse desconfortável. Todos fomos treinados para suportar condições adversas. Ele fazia um bom trabalho em parecer severo, mas, às vezes, eu o pegava estudando Victor com curiosidade. Eddie ficou do meu lado naquele ato de traição, mas ainda não sabia por que eu tinha feito isso.

Já estávamos ali havia algumas horas quando alguém bateu à porta. Me levantei, sobressaltada.

Eddie e eu agimos como se fôssemos espelho um do outro, nos endireitando com extrema atenção, alcançando as estacas. Tínhamos pedido o almoço uma hora antes, mas já fazia tempo que o serviço de quarto havia vindo e voltado. Era cedo demais para Robert e, além disso, ele não sabia em nome de quem nosso quarto estava. No entanto, não houve náusea alguma. Nenhum Strigoi à nossa porta. Meu olhar se deparou com o de Eddie, trocando mensagens secretas sobre o que fazer.

Porém, foi Lissa quem agiu primeiro. Ela se levantou da cadeira e deu alguns passos pelo quarto.

— É Adrian.

— O quê? — perguntei, surpresa. — Você tem certeza?

Ela assentiu. Usuários do espírito costumavam ver apenas auras, mas conseguiam sentir uns aos outros quando estavam perto o bastante — exatamente como ela havia feito na prisão. Ainda assim, nenhum de nós se mexeu. Ela me lançou um olhar seco.

— Ele sabe que estou aqui — comentou Lissa. — Pode me sentir também.

Suspirei, mantendo a mão na estaca, e dei passos largos até a porta. Espiei pelo olho mágico. Ali, de pé e inquieto, com uma expressão engraçada, estava Adrian. Não consegui ver mais ninguém e, sem sinais da presença de Strigoi, por fim abri a porta. Seu rosto se iluminou com alegria quando me viu. Ele se inclinou e me deu um breve beijo no rosto antes de entrar no quarto.

— Vocês não pensaram que poderiam sair para festejar no fim de semana sem mim, não é? Ainda mais *aqui*, entre todos os lugares...

Ele paralisou, e foi um daqueles raros momentos em que Adrian Ivashkov foi pego totalmente de surpresa.

— Você sabia — perguntou ele devagar — que Victor Dashkov está sentado na sua cama?

— É — falei. — Foi meio que um choque para nós também.

Adrian tirou os olhos de Victor e reparou à sua volta, notando Eddie pela primeira vez. Eddie estava tão imóvel que quase parecia fazer parte da decoração. Adrian se virou para mim.

— Que *diabos* está acontecendo? Todo muito está à procura dele!

As palavras de Lissa vieram até mim pelo laço. *É melhor contar a Adrian. Você sabe que ele não vai embora agora.*

Ela tinha razão. Eu não imaginava como Adrian havia nos encontrado, mas agora que estava ali, não iria embora por nada. Hesitante, olhei para Eddie, que leu meus pensamentos.

— Vamos ficar bem — disse ele. — Pode ir conversar. Não vou permitir que nada aconteça.

E eu estou forte o bastante de novo para usar a compulsão se ele tentar alguma coisa, acrescentou Lissa.

Suspirei.

— Está certo. Voltamos logo.

Peguei Adrian pelo braço e o puxei para fora do quarto. Logo que chegamos ao corredor, ele começou de novo:

— Rose, o que...

Balancei a cabeça. No tempo em que passamos no hotel, eu tinha ouvido vários ruídos de outros hóspedes no corredor e sabia que meus amigos nos escutariam se conversássemos ali. Em vez disso, Adrian e eu tomamos o elevador e fomos lá para baixo, onde o barulho do cassino encobriria nossas palavras. Encontramos um canto fora da passagem, e Adrian praticamente me empurrou contra a parede, com uma expressão obscura. Sua postura despreocupada me irritava às vezes, mas eu preferia isso a quando ele estava chateado, em grande parte porque tinha receio de que o espírito acrescentaria uma ponta de instabilidade.

— Você me deixa um bilhete dizendo que está fugindo para ter um último fim de semana de festa e em vez disso a encontro escondida com um dos criminosos mais notórios dos últimos tempos? Quando saí da Corte, todo mundo só falava nisso! Esse cara não tentou matar você?

Respondi a pergunta dele com outra pergunta.

— Como foi que você nos achou?

— O cartão de crédito — falou ele. — Esperei você usá-lo.

Meus olhos se arregalaram.

— Quando aceitei tudo aquilo, você prometeu que não ficaria xeretando!

Como minhas contas e cartões de crédito vinham com a ajuda de Adrian, eu sabia que ele teria acesso aos extratos, mas acreditei quando ele disse que respeitaria minha privacidade.

— Quando você estava na Rússia, cumpri minha promessa. Agora é diferente. Fiquei checando com a operadora e, logo que o pagamento do voo fretado apareceu, telefonei e descobri para onde você estava indo.

A chegada de Adrian ali muito pouco tempo depois da nossa não era tão inacreditável assim, já que ele andava monitorando o cartão. Logo que obtive a informação de que precisava, pude ter agendado um voo com facilidade. Um jatinho comercial direto deve ter compensado a lentidão da nossa viagem cheia de paradas.

— Eu não resistiria a Vegas de jeito nenhum — continuou ele. — Então pensei em fazer uma surpresa para você e aparecer para me juntar à diversão.

Me lembrei de que havia usado o cartão para pagar pelo quarto, mais uma vez entregando onde estávamos. Ninguém mais tinha acesso aos meus cartões nem aos de Lissa, mas a facilidade com que Adrian havia nos rastreado me deixou nervosa.

— Você não devia ter feito isso — resmunguei. — Podemos estar juntos, mas existem limites que você tem que respeitar. Isso não é da sua conta.

— Não é como se eu tivesse lido o seu diário! Eu só queria me encontrar com minha namorada e... — Era um sinal da angústia de Adrian o fato de só agora sua mente ter começado a fazer uma retrospectiva e juntar as peças do quebra-cabeça. — Meu Deus. Rose, por favor me diga que não foram vocês que o libertaram. Todos estão procurando por duas meninas humanas e um vampiro. As descrições não batem de jeito nenhum... — Ele gemeu. — Mas *foi* você, não foi? De alguma forma, você invadiu uma prisão de segurança máxima. Com Eddie.

— Não deve ser tão segura assim — comentei com leveza.

— Rose! Aquele cara ferrou com a vida de vocês. Por que o libertariam?

— Porque... — Hesitei. Como poderia explicar aquilo a Adrian? Como poderia explicar o que, de acordo com todas as evidências em nosso mundo, era impossível? E como poderia explicar o que, em especial, motivava tudo aquilo? — Victor tem informações de que precisamos. Ou, bem, ele tem acesso a alguém de quem precisamos. Era o único jeito de conseguir isso.

— O que na face da terra ele poderia saber para levar você a fazer tudo isso?

Engoli em seco. Já tinha invadido prisões e covis de Strigoi, mas dizer a Adrian o que eu disse em seguida me encheu de apreensão.

— É que talvez exista um jeito de salvar os Strigoi. De fazê-los voltar a ser o que eram. E Victor... Victor conhece alguém que pode ter feito isso.

Adrian me encarou por vários e longos segundos, e mesmo em meio ao movimento e ao barulho do cassino, foi como se o mundo tivesse parado, em silêncio.

— Rose, isso é impossível.

— Pode não ser.

— Se houvesse um jeito de fazer isso, nós saberíamos.

— Envolve usuários do espírito. E acabamos de descobrir sobre eles.

— Isso não quer dizer que... Ah. Entendi. — Aqueles olhos de um verde intenso brilharam e,

dessa vez, estavam furiosos. — É por causa dele, não é? Essa é a sua última tentativa louca de chegar a ele. A Dimitri.

— Não é apenas por causa dele — falei, vagamente. — Pode salvar todos os Strigoi.

— Pensei que isso tivesse acabado! — exclamou Adrian. Sua voz era alta o bastante para que algumas pessoas que estavam nos caça-níqueis próximos dali nos olhassem. — Você disse que tinha acabado. Você disse que podia seguir em frente e ficar comigo.

— E fui sincera — falei, surpresa diante do tom desesperado em minha voz. — É algo que acabamos de descobrir. Tínhamos que tentar.

— E aí? E se essa fantasia estúpida funcionar? Você liberta Dimitri por um milagre, e me larga *assim* — disse ele, estalando os dedos.

— Não sei — falei, cansada. — Estamos dando um passo de cada vez. Amo estar com você. De verdade. Mas não posso ignorar isso.

— Claro que não pode. — Ele voltou os olhos para cima. — Sonhos, sonhos. Caminho por eles, vivo neles. Me iludo com eles. É de admirar que eu ainda enxergue a realidade. — O som estranho de sua voz me deixou nervosa. Pude reconhecer um de seus lapsos meio malucos, induzidos pelo espírito. Então, ele me deu as costas e suspirou. — Preciso de uma bebida.

Qualquer pena que eu sentia se transformou em raiva.

— Ah, que bom. Isso vai resolver tudo. Fico feliz em ver que em um mundo que enlouqueceu, você ainda tem seus velhos recursos.

Me esquivei de seu olhar. Adrian não costumava fazer aquilo e, quando fazia, era algo poderoso.

— O que você espera que eu faça? — perguntou.

— Você podia... Você podia... — Meu Deus. — Bem, agora que está aqui, podia nos ajudar. Além do mais, esse cara que vamos encontrar é outro usuário do espírito.

Adrian não traiu seus pensamentos, mas tive a sensação de que havia despertado seu interesse.

— É, é exatamente o que quero. Ajudar minha namorada a trazer o ex de volta. — Ele se virou de novo e o ouvi murmurar. — Preciso de *duas* bebidas.

— Quatro e meia — gritei para ele, que estava de costas, se afastando. — Vamos nos encontrar às quatro e meia.

Adrian não respondeu e desapareceu em meio à multidão.

Voltei para o quarto em uma nuvem negra que devia ser óbvia para todo mundo. Lissa e Eddie eram espertos o bastante para não fazerem perguntas, mas Victor, é claro, não era tão reservado.

— O quê? O sr. Ivashkov não vai se juntar a nós? Eu estava tão ansioso pela companhia dele.

— Cale a boca — mandei, cruzando os braços e me encostando na parede, perto de Eddie. — Não fale a menos que alguém fale com você.

As poucas horas seguintes se arrastaram. Eu estava convencida de que, a qualquer momento, Adrian voltaria e, relutante, concordaria em nos ajudar. Usaríamos sua compulsão se as coisas dessem errado, muito embora a dele não se comparasse à de Lissa. Sem dúvida... Sem dúvida ele me amava o bastante para vir me apoiar. Não me abandonaria, não é mesmo? *Você é uma idiota, Rose.* Era a minha própria voz me criticando na minha cabeça, e não a de Lissa. *Você não deu a ele razão alguma para ajudar. Só o magoa o tempo todo. Exatamente como fez com Mason.*

Por volta de 16h15, Eddie olhou para mim:

— Vamos pegar uma mesa?

— Vamos.

Eu estava inquieta e decepcionada. Não queria ficar nem mais um minuto naquele quarto, presa em sentimentos obscuros que não passavam. Victor se levantou da cama, se espreguiçando como se tivesse acordado de um cochilo revigorante. Ainda assim, eu poderia ter jurado que havia um brilho de ansiedade escondido nas profundezas de seus olhos. Para todos os efeitos, ele e o irmão eram próximos, embora eu não visse a menor evidência de que Victor demonstrava amor ou lealdade por alguém. Quem saberia? Talvez em algum lugar ali houvesse um verdadeiro afeto por Robert.

Formamos um tipo de configuração protetora em que eu ia à frente, Eddie atrás e os dois Moroi entre nós. Abri a porta do quarto e dei de cara com Adrian. Sua mão estava erguida como a de alguém prestes a bater à porta. Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Ah, ei — disse ele. Adrian tinha a expressão relaxada de sempre, mas sua voz estava um pouco tensa. Eu sabia que ele não estava nem um pouco feliz com aquilo. Dava para ver isso na rigidez de suas mandíbulas e na agitação de seus olhos. No entanto, ele fingiu estar bem perante os outros, o que me deixou agradecida. O mais importante era que ele tinha voltado. Era isso o que importava, e consegui ignorar o cheiro de bebida e de cigarro que o envolvia. — Então... Ouvi dizer que está rolando uma festa. Se importam se eu me juntar a vocês?

Dei um leve sorriso agradecido para ele.

— Vamos lá.

Nosso grupo, agora de cinco, seguiu pelo corredor em direção ao elevador.

— Eu estava limpando meus adversários no pôquer, sabia? — acrescentou Adrian. — Então é bom que isso seja legal.

— Não sei se vai ser legal — refleti. As portas do elevador se abriram. — Mas acho que vai ser memorável.

Chegamos no restaurante para encontrar Robert Doru. E o que poderia ser a única salvação de Dimitri.

Nove

Foi fácil achar Robert Doru.

Não porque ele se parecesse com Victor. Nem por nenhuma cena dramática em que um irmão corria em direção ao outro. Em vez disso, foi a mente de Lissa que me deu o toque. Vi Robert através de seus olhos, a aura dourada de um usuário do espírito iluminando seu canto do restaurante como uma estrela. Aquilo a pegou de surpresa, e seus passos vacilaram por um instante. Os usuários do espírito eram uma visão rara demais para Lissa para que ela estivesse totalmente acostumada com eles. Lissa podia perceber ou ignorar as auras, e logo antes de “desligar” a de Robert, ela notou que muito embora a dele tivesse o brilho dourado da de Adrian, também dava uma sensação de instabilidade. Faíscas de outras cores piscavam ali, mas eram trêmulas e ligeiras. Ela se perguntou se seria a insanidade provocada pelo uso do espírito começando a se manifestar.

Os olhos de Robert se iluminaram quando Victor se aproximou da mesa, mas os dois não se abraçaram nem se tocaram. Victor apenas se sentou ao lado do irmão. O restante de nós permaneceu de pé por um momento estranho. A situação toda era esquisita demais. Porém, era a razão para estarmos ali, e depois de mais alguns segundos, meus amigos e eu nos juntamos aos irmãos à mesa.

— Victor... — sussurrou Robert com os olhos arregalados. Ele podia ter alguns traços dos Dashkov, mas seus olhos eram castanhos e não verdes. Suas mãos brincavam com um guardanapo. — Não consigo acreditar... Faz tanto tempo que quero ver você...

A voz de Victor foi delicada, como havia sido ao telefone, como se ele falasse com uma criança.

— Eu sei, Robert. Também estava com saudade de você.

— Você vai ficar aqui? Pode voltar e ficar comigo? — Uma parte minha queria falar com rispidez que a ideia era ridícula, mas o desespero na voz de Robert despertou um pouquinho de pena em mim. Permaneci em silêncio, apenas observando o desfecho daquele drama. — Eu poderia escondê-lo. Seria ótimo. Só nós dois.

Victor hesitou. Ele não era burro. Apesar de minhas vagas alegações no avião, sabia que não existia a menor chance de eu deixá-lo ir.

— Não sei — falou ele, tranquilo. — Não sei.

A chegada do garçom nos arrancou daquele estado de perplexidade, e todos pedimos bebidas. Adrian quis um gim-tônica e nem lhe solicitaram a carteira de identidade. Eu não sabia ao certo se era porque ele parecia ter 21 anos ou se porque era persuasivo o bastante com o espírito. De um

jeito ou de outro, não me empolguei com isso. O álcool enfraquecia o espírito. Nos encontrávamos em uma situação precária, e eu gostaria que ele estivesse com força total. É claro que, levando em conta que havia bebido mais cedo, isso não importava agora.

Depois que o garçom saiu, Robert pareceu notar o restante de nós. Seus olhos passaram depressa por Eddie, se estreitaram em Lissa e Adrian e permaneceram em mim por um bom tempo. Me retesei, pois não gostei de ser examinada. Por fim, ele se voltou para o irmão.

— Quem você trouxe, Victor? — Robert ainda tinha aquele ar absorto, disperso, mas era iluminado pela desconfiança agora. Medo e paranoia. — Quem são essas crianças? Dois usuários do espírito e... — Seu olhar caiu sobre mim de novo. Ele examinava minha aura. — Um dos beijados pelas sombras?

Por um instante, fiquei impressionada pelo fato de ele ter usado o termo. Então me lembrei do que Mark, o marido de Oksana, me contara. Robert fora ligado a um dampiro um dia — e esse dampiro morrera, acelerando drasticamente a deterioração de sua mente.

— São amigos — disse Victor, num tom estável. — Amigos que gostariam de conversar com você e fazer algumas perguntas.

Robert franziu a testa.

— Você está mentindo. Dá para perceber. E eles não o consideram um amigo. Estão tensos. Se mantêm distantes de você.

Victor não negou a alegação.

— No entanto, precisam da sua ajuda, e prometi isso a eles. Foi o preço que paguei para poder visitá-lo.

— Você não devia ter feito promessas por mim.

O guardanapo de Robert estava em tiras agora. Eu meio que senti vontade de dar o meu para ele.

— Mas você não queria me ver? — perguntou Victor, cativante, em tom caloroso, com um sorriso quase genuíno.

Robert parecia intrigado. Confuso. Mais uma vez, me fez lembrar uma criança, e comecei a ter minhas dúvidas de que aquele cara já tivesse trazido de volta um Strigoi um dia.

De novo, ele foi poupado de responder quando nossas bebidas chegaram. Nenhum de nós havia sequer tocado no menu, o que deixou o garçom muito irritado. Ele se afastou, e abri o meu sem vê-lo de fato.

Então, Victor nos apresentou a Robert com a mesma formalidade que deveria ter em qualquer função diplomática. A prisão não havia afetado sua noção de etiqueta da realeza. Ele disse apenas nosso primeiro nome. Robert se virou mais uma vez na minha direção, com a testa ainda franzida, olhando de Lissa para mim. Adrian dissera que, sempre que estávamos juntas, nossas auras mostravam que éramos ligadas.

— Um laço... Quase me esqueci de como é isso... mas Alden. Nunca me esqueci de Alden...

Seus olhos se tornaram nostálgicos e quase vagos. Ele revivia uma lembrança.

— Lamento — falei, surpresa ao sentir a compaixão em minhas palavras. Aquilo dificilmente seria o duro interrogatório que eu havia previsto. — Posso imaginar como deve ter sido... perdê-lo...

Os olhos nostálgicos se tornaram penetrantes e duros.

— Não pode, não. Não é nada que você possa imaginar. *Nada*. Neste exato momento... neste exato momento... você tem o mundo. Um universo de sensações além das que os outros têm, a compreensão de outra pessoa que ninguém pode ter. Perder isso... ter isso arrancado de você... a

faria desejar a morte.

Uau. Robert era muito bom em acabar com a conversa, e permanecemos sentados ali, dessa vez torcendo para que o garçom voltasse. Quando isso aconteceu, nos esforçamos para escolher a comida — com exceção de Robert — e a maioria decidiu na mesma hora. O restaurante era de comida asiática, e optei pela primeira coisa que vi no menu: uma degustação de rolinho primavera.

Depois de pedirmos a comida, Victor manteve o pulso firme com Robert de um jeito que fui incapaz de fazer.

— Você vai ajudá-los? Vai responder às perguntas deles?

Tive a sensação de que Victor pressionava Robert nem tanto para nos pagar por seu resgate e mais porque sua natureza maquinadora morria de curiosidade, queria saber os segredos e as motivações de todos.

Robert suspirou. Sempre que olhava para Victor, demonstrava uma devoção muito forte e até mesmo uma adoração. Robert provavelmente não poderia negar nada ao irmão. Era o tipo perfeito para se envolver nos planos de Victor, e me dei conta de que talvez devesse agradecer pelo fato de ele ter se tornado instável. Se tivesse pleno controle de seus poderes, Victor não teria se incomodado nem um pouco com Lissa na última vez. Já teria o próprio manejador do espírito para usar como quisesse.

— O que vocês querem saber? — perguntou Robert, com os olhos embaçados.

Ele se dirigia a mim, parecendo reconhecer minha liderança.

Olhei para meus amigos em busca de apoio moral e não recebi nenhum. Para começo de conversa, Lissa e Adrian não aprovavam aquela missão, e Eddie não sabia seu propósito. Engoli em seco, me preparando, e voltei toda a minha atenção para Robert.

— Ouvimos falar que uma vez você libertou um Strigoi. Que foi capaz de trazê-lo, ou trazê-la, de volta ao seu estado original.

Uma surpresa reluziu no rosto composto de Victor. Sem dúvida, ele não esperava aquilo.

— Onde vocês ouviram isso? — perguntou Robert, exigindo uma resposta.

— Um casal que conheci na Rússia me contou. Mark e Oksana.

— Mark e Oksana... — Mais uma vez, o olhar de Robert viajou por um instante. Tive a impressão de que aquilo acontecia muito, de que ele não passava muito tempo na realidade. — Eu não sabia que eles ainda estavam juntos.

— Estão, sim. E estão ótimos. — Eu precisava dele de volta no presente. — É verdade? Você fez o que os dois disseram? Isso é possível?

As respostas de Robert eram sempre precedidas de uma pausa.

— Trazê-la.

— Hã?

— Era uma mulher. Eu a libertei.

Suspirei contra a minha vontade, mal me atrevendo a processar aquelas palavras.

— Você está mentindo. — Foi Adrian quem falou com dureza.

Robert olhou para ele com uma expressão de deleite e desprezo.

— E quem é você para dizer isso? Como pode saber? Já usou e abusou tanto de seus poderes que é de admirar que ainda consiga sequer tocar a magia. Tudo isso que você faz consigo mesmo... Na verdade, nada disso ajuda, não é? A punição do espírito ainda o afeta... Logo você não será capaz de diferenciar os sonhos da realidade...

Aquelas palavras atingiram Adrian por um instante, mas ele prosseguiu:

— Não preciso de nenhum sinal físico para ver que você está mentindo. Sei que está porque o que descreve é impossível. Não tem como salvar um Strigoi. Quando eles se vão, se vão. Estão mortos. Mortos-vivos. Para sempre.

— Quem está morto nem sempre continua morto...

As palavras de Robert não foram dirigidas a Adrian. Foram ditas a mim. Senti um calafrio.

— Como? Como você fez isso?

— Com uma estaca. Ela foi morta por uma estaca e, por isso, foi trazida de volta à vida.

— Está bem — falei. — Isso *é* uma mentira. Já matei muitos Strigoi com estacas e, acredite, eles continuam mortos.

— Não é com uma estaca qualquer. — Os dedos de Robert dançavam na borda de seu copo. — Uma estaca especial.

— Uma estaca encantada com espírito — disse Lissa, de repente.

Ele levantou os olhos, voltando-se para ela, e sorriu. Era um sorriso amedrontador.

— É, você é uma menina inteligente, muito inteligente. Uma menina inteligente e delicada. Delicada e gentil. Posso ver isso na sua aura.

Olhei fixamente para o nada, em direção à mesa, com a mente agitada. Uma estaca encantada com espírito. Estacas de prata eram encantadas com os quatro elementos mais importantes para os Moroi: terra, ar, água e fogo. Essa infusão de vida destruía a força dos mortos-vivos dentro de um Strigoi. Já que nossa descoberta de como encantar objetos com espírito era recente, ainda não tínhamos pensado em infundir uma estaca. O espírito curava. O espírito me trouxera do mundo dos mortos de volta à vida. Ao se juntar aos outros elementos na estaca, seria mesmo possível que a escuridão distorcida que envolvia os Strigoi fosse destruída, devolvendo à pessoa seu estado legítimo?

Me senti agradecida pela chegada da comida porque meu cérebro ainda estava lento. Os rolinhos primavera me ofereceram uma oportunidade muito bem-vinda de pensar.

— É mesmo tão fácil? — perguntei, por fim.

Robert deu uma risadinha com escárnio.

— Não é nem um pouco fácil.

— Mas você disse... Você acabou de dizer que eu só preciso de uma estaca encantada com espírito. E então matar um Strigoi com ela.

Ou, bem, matar não. Os detalhes técnicos eram irrelevantes.

Seu sorriso voltou.

— Você, não. Você não pode fazer isso.

— Então quem... — parei, e o resto das palavras morreram em meus lábios. — Não. *Não*.

— Os beijados pelas sombras não têm o dom da vida. Apenas os abençoados pelo espírito — explicou ele. — A pergunta é: quem é capaz de fazer isso? A Menina Delicada ou o Idiota Bêbado? — Seus olhos se alternavam entre Lissa e Adrian. — Eu apostaria na Menina Delicada.

Aquelas palavras foram o que me tirou da perplexidade. Na verdade foram o que destruiu a coisa toda, aquele sonho quase impossível de salvar Dimitri.

— Não — repeti. — Mesmo que isso fosse possível, e não tenho certeza de que acredito em você, ela não pode fazer isso. Não vou deixar.

Numa reviravolta quase tão impressionante quanto a revelação de Robert, Lissa se virou para mim, e uma raiva transbordava por nosso laço.

— E desde quando *voce* me diz o que posso ou não fazer?

— Não me lembro de um dia você já ter feito um treinamento para ser uma guardiã nem aprendido a cravar uma estaca em um Strigoi — retruquei com tranquilidade, tentando manter a voz calma. — Até hoje, você só bateu em Reed, e aquilo já foi difícil o bastante.

Quando Avery Lazar tentara dominar a mente de Lissa, mandara seu irmão beijado pelas sombras fazer o trabalho sujo. Com a minha ajuda, Lissa batera nele e o mantivera longe. Aquilo fora executado com perfeição, mas ela odiara fazê-lo.

— Eu consegui, não foi? — perguntou ela, em tom de exclamação.

— Liss, bater não se parece em *nada* com cravar uma estaca em um Strigoi. E isso sem nem contar o fato de que, primeiro, você teria que chegar perto de um. Você acha que conseguiria atingi-lo antes de ele morder você ou quebrar seu pescoço? Não.

— Vou aprender.

A determinação em sua voz e em sua mente era admirável, mas os guardiões levavam décadas para aprender o que fazíamos — e muitos ainda morriam em combate.

Adrian e Eddie pareciam incomodados em meio à nossa discussão boba, mas Victor e Robert se mostravam tanto intrigados quanto deleitados. Não gostei daquilo. Não estávamos ali para diverti-los.

Tentei fugir daquele assunto perigoso, me voltando para Robert.

— Se um usuário do espírito trouxesse um Strigoi de volta, então aquela pessoa se tornaria um beijado pelas sombras.

Não mencionei a conclusão óbvia para Lissa. Parte do que havia enlouquecido Avery (além do uso normal do espírito) fora estabelecer um laço com mais de uma pessoa. Ao fazer isso, ela criou uma situação muito instável que logo levou todas as pessoas envolvidas à escuridão e à insanidade.

Os olhos de Robert vagaram de novo enquanto ele encarava o nada, além de mim.

— Os laços são estabelecidos quando alguém morre, quando a alma de fato deixa o corpo e vai para o mundo dos mortos. Trazê-la de volta é o que faz com que alguém seja beijado pelas sombras. A marca da morte está sobre eles. — O olhar dele de repente se voltou para mim. — Exatamente como está em você.

Me recusei a evitar aqueles olhos, apesar do calafrio que me percorreu diante daquelas palavras.

— Os Strigoi estão mortos. Salvar um deles significaria que sua alma seria trazida de volta do mundo dos mortos também.

— Não — argumentou ele. — As almas dos Strigoi não seguem em frente. Elas vagam... não neste mundo nem no próximo. Isso é errado e nada natural. É o que faz com que sejam o que são. Matar ou salvar um Strigoi manda a alma de volta ao estado normal. Não há laço algum.

— Então não há perigo algum — disse Lissa a mim.

— Sem contar que um Strigoi pode matá-la — comentei.

— Rose...

— Terminamos essa conversa mais tarde.

Lancei um olhar duro para ela. Nos encaramos por um momento, e, em seguida, ela se virou para Robert. Ainda havia uma obstinação no laço que não me agradava.

— Como você encanta a estaca? — perguntou Lissa a ele. — Ainda estou aprendendo.

Mais uma vez estava a ponto de criticá-la, e então pensei melhor no assunto. Talvez Robert estivesse enganado. Talvez tudo que precisássemos para converter um Strigoi fosse de fato uma estaca infundida com espírito. E Robert só acreditasse que um usuário do espírito deveria fazê-lo porque

ele o fizera. Supostamente. Além disso, eu preferia que Lissa se preocupasse com os encantamentos a lutar. Se a parte do encantamento parecesse difícil demais, ela teria que desistir de tudo.

Robert olhou para mim e depois para Eddie.

— Um de vocês deve ter uma estaca. Vou mostrar como é.

— Não podemos pegar uma estaca em público — exclamou Adrian, numa sábia e notável observação. — Os humanos estranhariam, e é óbvio que se trata de uma arma.

— Ele tem razão — disse Eddie.

— Podemos voltar para o quarto depois do jantar — disse Victor.

Ele tinha aquele olhar agradável e vago no rosto. Eu o estudei, esperando que minha expressão mostrasse minha desconfiança. Pude sentir a hesitação de Lissa, apesar de sua determinação. Ela não estava disposta a aceitar qualquer sugestão dele. No passado, víamos até onde Victor podia ir na tentativa de executar seus planos. Ele convencera a própria filha a se transformar em Strigoi e a ajudá-la a escapar da prisão. Até onde sabíamos, ele planejava o mesmo para...

— É isso. — Suspirei, sentindo meus olhos se arregalarem enquanto eu o encarava.

— Isso o quê? — perguntou Victor.

— Foi por isso que você fez Natalie se transformar. Você pensou... Você sabia. O que Robert tinha feito. Ia usar a força de Strigoi dela e em seguida fazer com que ele a transformasse de volta.

O rosto já pálido de Victor ficou ainda mais pálido, e ele parecia envelhecer diante de nós. Seu olhar presunçoso desapareceu, e ele se virou para outro lado.

— Natalie está morta e se foi há muito tempo — disse com dureza. — Não faz sentido falar sobre ela.

Alguns tentaram comer depois disso, mas meu rolinho primavera parecia insosso agora. Lissa e eu pensávamos na mesma coisa. Entre todos os pecados de Victor, sempre considerei o de ele ter convencido a filha a se transformar em Strigoi o pior. Foi o que de fato me fez concluir de vez que ele era um monstro. De repente, me vi forçada a reavaliar as coisas — forçada a *reavaliá-lo*. Se ele já sabia que poderia trazê-la de volta, o que fizera ainda era terrível — mas não *tão* terrível. Para mim, ele ainda era malvado; não havia o que questionar. Porém, se acreditava que poderia trazer Natalie de volta, então acreditava no poder de Robert. Eu ainda não deixaria Lissa chegar perto de um Strigoi de jeito nenhum, mas aquela história incrível havia se tornado um tanto mais crível. Não dava para deixá-la de lado sem investigar um pouco mais.

— Podemos subir para o quarto depois de comer — falei, por fim. — Mas não vamos ficar lá por muito tempo.

Minhas palavras eram para Victor e Robert. Este parecia ter mergulhado em seu mundo de novo, mas Victor assentiu.

Olhei por um instante para Eddie, que acenou a cabeça de um jeito diferente, meio seco. Sabia do risco de levarmos os irmãos para um lugar mais reservado. Me dizia que estaria ainda mais alerta — não que já não estivesse.

Quando terminamos o jantar, tanto Eddie quando eu estávamos tensos. Ele foi ao lado de Robert, e eu, de Victor. Mantivemos Lissa e Adrian entre os irmãos. No entanto, apesar de seguirmos bem perto uns dos outros, foi difícil cruzar o cassino lotado. Pessoas paravam em nosso caminho, andavam ao nosso redor, atravessavam nosso grupo... um caos. Fomos separados duas vezes por turistas distraídos. Não estávamos muito longe dos elevadores, mas eu começava a ficar inquieta diante da possibilidade de Victor e Robert fugirem, cortando a multidão.

— Precisamos sair deste tumulto — gritei para Eddie.

Ele deu mais um de seus breves acenos e entrou à esquerda ab-ruptamente, me pegando de surpresa. Virei Victor na mesma direção, e Lissa e Adrian deram passos para o lado a fim de nos acompanhar. Fiquei intrigada até ver que nos aproximávamos de um corredor com uma placa que dizia saída de emergência. Longe da agitação do cassino, o nível de ruído diminuiu.

— Imagino que haja escadas aqui — explicou Eddie.

— Que guardião esperto. — Abri um sorriso para ele.

Viramos mais uma vez e nos deparamos com um armário de zeladores à direita e, à frente, uma porta com o símbolo de uma escada. A porta parecia levar tanto ao lado de fora quanto aos andares superiores.

— Brilhante — falei.

— Vocês estão, tipo, no décimo andar — observou Adrian.

Era a primeira vez que ele dizia alguma coisa em um bom tempo.

— Nada como um pouco de exercício para... Merda. — Parei ab-ruptamente diante da porta.

Ali havia um pequeno aviso dizendo que um alarme dispararia se ela fosse aberta. — Faz sentido.

— Me desculpe — disse Eddie, como se fosse responsável por aquilo.

— Você não tem culpa — falei, me virando. — Vamos voltar.

Teríamos que nos arriscar na multidão. Talvez o passeio tivesse cansado Victor e Robert o bastante para que não sentissem vontade de fugir naquele momento. Nenhum dos dois era muito jovem, e Victor ainda se encontrava fora de forma.

Lissa estava tensa demais para pensar muito sobre ser conduzida, mas Adrian me lançou um olhar, dizendo com clareza que achava aquilo uma perda de tempo. É claro que achava toda aquela coisa de Robert uma perda de tempo. Para ser sincera, eu já me surpreendia por ele voltar com a gente para o quarto. Achei que ficaria no cassino com seus cigarros e mais uma bebida.

Eddie, que liderava o grupo, deu alguns passos para voltar ao cassino no final do corredor. E então aquilo me atingiu.

— Parem! — gritei.

Ele reagiu no mesmo instante e parou no pequeno espaço. Em seguida, houve uma pequena confusão. Diante do susto, Victor tropeçou em Eddie, e então Lissa tropeçou em Victor. O instinto fez Eddie alcançar a estaca, e a minha já estava na mão. Eu a tinha agarrado logo que a náusea me percorreu.

Havia Strigoi entre nós e o cassino.

Dez

É um deles... um deles...

— Não — ofeguei, me virando de repente para o que estava mais perto de mim.

Era uma mulher. Parecia haver três Strigoi ao nosso redor.

Eddie já estava em ação também, e tentávamos passar os Moroi para trás de nós dois. Não precisamos apressá-los muito. Ao ver os Strigoi, os Moroi começaram a recuar, obstruindo a passagem. Em meio aos reflexos instantâneos de Eddie e ao pânico dos Moroi, tive certeza de que ninguém notou o que eu já havia notado.

Dimitri estava entre eles.

Não, não, não, falei, dessa vez para mim mesma. Ele me avisara. Repetidas vezes, dissera em suas cartas que, logo que eu deixasse a segurança dos escudos de proteção, viria atrás de mim. Eu acreditara nele e, no entanto... ver a realidade era algo completamente diferente. Fazia três meses, mas, naquele instante, um milhão de lembranças percorreram minha mente com a clareza de um cristal. Meu cativeiro com Dimitri. A forma como sua boca — tão quente, tão quente, apesar de sua pele fria — me beijara. A sensação de suas presas pressionando meu pescoço e a doce alegria que veio em seguida...

Ele parecia o mesmo de sempre, com aquela palidez branca como a neve e os olhos contornados por anéis vermelhos que tanto conflitavam com o cabelo castanho e macio na altura do queixo e os outros belos traços de seu rosto. Ele estava até com um casaco de couro. Só podia ser novo, já que o antigo ficara bastante rasgado depois da nossa última briga, na ponte. Onde é que ele continuava arranjando esses casacos?

— Saiam daqui! — gritei.

Minhas palavras foram para os Moroi logo que minha estaca se enfiou no coração da Strigoi. A confusão momentânea com todos nós no corredor prejudicou mais a ela do que a mim. Consegui vê-la bem, e ficou claro que ela não esperava que eu fosse tão rápida. Eu matara muitos Strigoi por eles terem me subestimado.

Eddie não teve a mesma sorte. Cambaleou quando Victor o empurrou para passar, permitindo que o outro Strigoi — um cara — que estava mais à frente o atirasse contra a parede. Ainda assim, aquele era o tipo de coisa que enfrentávamos o tempo todo, e Eddie reagiu de forma admirável. Se recuperou da pancada de imediato e, agora que os Moroi estavam fora do caminho, foi capaz de se

jogar em direção ao Strigoi e lutar contra ele perfeitamente.

Quanto a mim? Minha atenção estava em Dimitri.

Pulei por cima da Strigoi caída no chão sem sequer olhar para ela. Dimitri permanecia na parte de trás, enviando seus servos à linha de frente da batalha. Talvez tenha sido porque eu o conhecia muito bem, mas desconfiei de que ele não ficou nada surpreso por eu tê-la derrotado tão depressa e por Eddie estar dificultando as coisas para o outro. Eu duvidava que Dimitri se importasse se eles viveriam ou morreriam. Eram apenas distrações para que ele chegasse até mim.

— Eu falei — disse Dimitri, com dureza e deleite nos olhos. Ele observava cada gesto meu, e, de forma subconsciente, um imitava o outro enquanto esperávamos por uma abertura para atacar. — Eu falei que encontraria você.

— É — respondi, tentando ignorar os grunhidos de Eddie e do outro Strigoi. Eddie era capaz de derrotá-lo. Eu sabia que era. — Recebi os memorandos.

A sombra de um sorriso arqueou os lábios de Dimitri, exibindo as presas que de alguma forma desencadeavam uma mistura tanto de desejo quanto de ódio em mim. No mesmo instante, deixei esses sentimentos de lado. Já tinha hesitado com Dimitri e quase morrido por causa disso. Me recusava a permitir que aquilo acontecesse de novo, e a adrenalina que percorria meu corpo era um bom lembrete de que aquela era uma situação em que ou eu agia, ou morria.

Ele fez a primeira tentativa, mas me esquivei — quase como se o tivesse previsto. Esse era o problema. Conhecíamos um ao outro bem demais — os golpes um do outro bem demais. É claro que isso não significava que lutávamos de igual para igual. Até mesmo vivo, ele tinha mais experiência do que eu, e suas habilidades de Strigoi aumentavam seu potencial.

— E, no entanto, aqui está você — disse ele, ainda sorrindo. — Sendo tola e pondo os pés fora da segurança da Corte quando deveria ter ficado lá. Não acreditei quando meus espiões me contaram.

Não falei nada. Em vez disso, tentei atingi-lo com a estaca. Dimitri também pressentiu o que estava por vir e deu um passo para o lado. O fato de ele ter espiões não me surpreendia — nem mesmo à luz do dia. Dimitri controlava uma rede tanto de Strigoi quanto de humanos, e eu sabia que ele tinha olhos e ouvidos vigiando a Corte. A pergunta era: como foi que ele entrou naquele hotel no meio do dia? Mesmo com observadores humanos no aeroporto ou monitorando cartões de crédito como Adrian, Dimitri e seus amigos Strigoi precisariam esperar até a noite cair para chegar ali.

Não, não necessariamente, como percebi um momento depois. Strigoi às vezes tinham soluções provisórias. Caminhonetes e vans com cabines escuras e vedadas por completo. Entradas subterrâneas. Os Moroi que queriam passar de um cassino para o outro, saindo do Witching Hour, conheciam túneis secretos que conectavam determinados prédios. Dimitri também devia saber de tudo aquilo. Se só estivesse esperando que eu sáísse dos escudos de proteção, teria feito o que fosse preciso para chegar até mim. Eu sabia melhor do que ninguém o quanto ele era cheio de recursos.

Também sabia que ele tentava me distrair com aquela conversa.

— E o mais estranho de tudo — prosseguiu — é que você não veio sozinha. Trouxe Moroi. Sempre arriscou a própria vida, mas eu não esperava que fosse tão descuidada com a deles.

Então, algo me veio à mente. Além do leve zunido vindo do cassino na outra ponta do corredor e os ruídos de nossa luta, tudo mais estava em silêncio. Faltava um barulho importante. Digamos, o alarme de uma porta de incêndio.

— Lissa! — gritei. — Saia já daqui! Tire *todos* daqui.

Ela já deveria saber. Todos eles já deveriam saber. Aquela porta levava aos andares superiores — e ao lado de fora. Ainda tinha sol. Não importava se o alarme levaria os vigias do hotel até nós. Caramba, aquilo espantaria os Strigoi. O que importava era que os Moroi fossem para um lugar seguro.

Porém, uma rápida checada no laço me disse qual era o problema. Lissa estava paralisada. Em estado de choque. Viu de repente com quem eu lutava, e isso foi demais para ela. Ter consciência de que Dimitri se tornara um Strigoi era uma coisa. Ver aquilo — ver aquilo de verdade —, bem, era diferente. Eu sabia disso por experiência própria. Mesmo depois de estar preparada, a aparência dele ainda me fazia estremecer. Ela estava abalada; era incapaz de pensar ou de se mexer.

Num piscar de olhos, avaliei seus sentimentos, mas, em uma luta contra um Strigoi, um único segundo poderia ser a diferença entre a vida e a morte. A conversa de Dimitri havia funcionado, e embora eu o observasse e acreditasse estar prevenida, ele me atingiu e me lançou contra a parede, suas mãos pressionando meus punhos de forma tão dolorosa que não consegui segurar a estaca.

Ele pôs o rosto bem de frente para o meu, tão perto que nossas testas se tocaram.

— Roza... — murmurou. Seu hálito era quente e doce em minha pele. Era como se devesse ter cheiro de morte ou decomposição, mas não tinha. — Por quê? Por que você tem que ser tão difícil? Poderíamos ter passado a eternidade juntos...

Meu coração disparava em meu peito. Eu tinha medo, pavor diante da morte. Sabia que ela podia estar a alguns segundos de mim. E ao mesmo tempo, era tomada pela mágoa por tê-lo perdido. Ver os traços em seu rosto, ouvir a mesma voz com sotaque que até agora me envolvia como um veludo... Senti meu coração se partir de novo. Por quê? Por que aquilo havia acontecido conosco? Por que o universo era tão cruel?

Consegui recuperar o autocontrole, mais uma vez calando o fato de que aquele era Dimitri. Éramos predador e presa — e eu corria o risco de ser devorada.

— Lamento — falei entre os dentes, fazendo força, inutilmente, para me libertar dele. — Minha eternidade não tem a ver com fazer parte da máfia dos mortos-vivos.

— Eu sei — falou ele. Eu poderia ter jurado que havia uma tristeza em seu rosto, mas mais tarde me convenci de que devia ter imaginado aquilo. — A eternidade será solitária sem você.

Algo penetrante soou de repente em meus ouvidos. Nós dois estremecemos. Os ruídos com intenção de atordoar os humanos eram um inferno para uma audição sensível como a que tínhamos. No entanto, não pude deixar de sentir um alívio. A saída de incêndio. Finalmente aqueles idiotas — isso mesmo, eu não tinha o menor remorso por chamar meus amigos de idiotas por estarem agindo daquele jeito — haviam deixado o prédio. Senti a luz do sol pelo laço e me confortei com aquilo enquanto as presas de Dimitri se aproximavam da artéria que derramaria o sangue da vida em meu pescoço.

Torci para que o alarme o distraísse, mas ele era bom demais. Lutei mais uma vez, na esperança de conseguir surpreendê-lo, mas não adiantou nada. O que *de fato* o surpreendeu foi a estaca de Eddie sendo cravada na lateral de seu estômago.

Dimitri rosnou de dor e me largou, partindo para cima de Eddie. Este tinha uma expressão dura no rosto e nem piscava. Se estava abalado por ter visto Dimitri, não demonstrou. Até onde eu sabia, meu amigo sequer registrava aquele como Dimitri. Só devia enxergar um Strigoi. Era assim que fomos treinados. Para ver monstros e não pessoas.

Dimitri deixou de prestar atenção em mim por um momento. Queria prolongar minha morte.

Eddie era apenas um incômodo do qual ele precisava nos livrar para poder continuar com a brincadeira.

Os dois se envolveram em uma dança parecida com aquela mais cedo entre mim e Dimitri, só que Eddie não conhecia os passos de Dimitri como eu. Por isso não foi capaz de evitar por completo que Dimitri o agarrasse pelo ombro e o jogasse contra a parede. A manobra tinha a intenção de esmigalhar o crânio de Eddie, mas ele conseguiu se mexer de tal maneira que seu corpo sofreu o impacto. Ainda assim doía, mas ele continuava vivo.

Tudo isso aconteceu em milissegundos. E naqueles breves instantes, minha perspectiva mudou. Enquanto Dimitri me assombrava e estava prestes a me morder, eu havia conseguido superar o ímpeto de vê-lo *como* Dimitri, a pessoa que um dia conheci e amei. Depois ter sido continuamente forçada à posição de vítima, com minha vida a ponto de chegar ao fim, eu tinha insistido em me manter no modo *luta-luta-luta*.

Agora, ao ver outra pessoa combatendo Dimitri... ao ver a estaca de Eddie serpentear para dentro dele... Bem, de repente, perdi aquela objetividade fria. Me lembrei do que havia me levado até ali. Me lembrei do que tínhamos acabado de saber por Robert.

Frágil. Tudo ainda era tão frágil. Eu jurara a mim mesma que, se chegássemos num ponto em que Dimitri estivesse prestes a me matar e eu não tivesse descoberto mais nada sobre como salvar um Strigoi, faria isso. Eu o mataria. E aquela era a minha chance. Eddie e eu podíamos derrotar Dimitri. Podíamos acabar com aquele estado maligno, como um dia ele quisera.

No entanto... menos de uma hora antes, tinham me dado uma pequena esperança: a de que um Strigoi poderia ser salvo. É verdade que a parte sobre um usuário do espírito fazê-lo era absurda, mas Victor acreditara nisso. E se alguém como ele acreditara...

Eu não podia fazer aquilo. Dimitri não podia morrer. Ainda não.

Me atirei com minha estaca numa manobra difícil em que a extremidade de prata atingiu a parte de trás da cabeça de Dimitri. Ele soltou um urro de fúria, conseguiu se virar e me empurrar ao mesmo tempo em que ainda se defendia de Eddie. Dimitri era bom a esse ponto. Porém, a estaca de Eddie se aproximava do coração de Dimitri, e o olhar de meu amigo não vacilava, determinado a matar.

A atenção de Dimitri oscilava entre nós dois e, em um pequeno lapso — de apenas um suspiro —, vi Eddie posicionar a estaca, pronto para tentar acertar o coração de Dimitri. Uma tentativa que parecia estar prestes a obter êxito enquanto a minha havia falhado.

E foi por isso que, em um único movimento, ataquei com minha estaca, atingindo o rosto de Dimitri e empurrando o braço de Eddie para o lado ao mesmo tempo. Era um rosto bonito. Eu odiava ter que estragá-lo, mas sabia que cicatrizaria. Ao atacar, fiz força para passar por ele, me jogando em Eddie, e nós dois cambaleamos em direção à saída de emergência que ainda emitia o alarme. O rosto frio de Eddie mostrava surpresa, e por um instante permanecemos travados: eu o empurrava para a porta, e ele me empurrava de volta, em direção a Dimitri. No entanto, vi a hesitação. A posição não era favorável, e Eddie estava a ponto de me jogar em um Strigoi, o que seu treinamento não permitiria.

Dimitri, porém, já aproveitava a oportunidade. Estendeu a mão e agarrou meu ombro, tentando me puxar para trás. Eddie segurou meu braço e me puxou para a frente. Gritei de surpresa e dor. Era como se fossem me partir em duas. Dimitri era de longe o mais forte, mas mesmo presa ali no meio, meu peso fazia efeito, e dei uma força a Eddie, o que nos ajudou a ganhar alguma vantagem. Ainda

assim, íamos aos poucos. Como se andássemos no mel. A cada passo que eu conseguia dar para a frente, Dimitri me arrastava para trás.

No entanto, Eddie e eu fazíamos um pequeno — e muito, muito doloroso — progresso em direção à porta queixosa. Poucos instantes depois, ouvi passos e vozes.

— Seguranças — grunhiu Eddie, me dando um puxão.

— Merda — falei.

— Vocês não podem vencer — sibilou Dimitri.

Ele havia conseguido pôr as duas mãos em meus ombros e agora tinha mais força do que nós.

— Ah, é? Estamos prestes a ter o esquadrão de ataque inteiro do Luxor aqui.

— Estamos prestes a ter uma pilha de corpos aqui. De humanos — disse ele, sem se importar.

Os humanos nos alcançaram. Não sei bem quais foram suas impressões. Um cara atacando adolescentes? Gritaram para que todos nós nos soltássemos e nos virássemos para eles. Instruções que nós três ignoramos em nosso cabo de guerra épico. Então devem ter pegado Dimitri. Ele ainda me agarrava, mas suas mãos afrouxaram o bastante para que um puxão de Eddie e um quase salto meu me libertassem. Eddie e eu nem olhamos para trás, apesar de agora os seguranças gritarem conosco também.

Eles não eram os únicos a gritar. Pouco antes de eu abrir a porta, ouvi Dimitri gritar, em meio a gargalhadas:

— Não acabou, Roza. Você acha mesmo que existe algum lugar neste mundo onde eu não possa encontrá-la?

O mesmo aviso; sempre o mesmo aviso.

Dei o melhor de mim para ignorar o medo que aquelas palavras inspiravam. Eddie e eu corremos para a mistura de neblina e fumaça do deserto e para o sol que ainda havia ali, embora fosse o começo da noite. Estávamos no estacionamento do Luxor — que não se encontrava cheio o bastante para nos escondermos. Sem nos comunicarmos por meio de palavras, disparamos em direção à agitação da Strip, sabendo que nossas habilidades físicas superariam as de quaisquer perseguidores humanos e nos permitiriam desaparecer em meio à multidão.

Funcionou. Não cheguei a ver quantos nos seguiram. Imaginei que a equipe de segurança voltasse sua atenção para o cara alto que matava pessoas no hotel. As vozes que gritavam por trás de nós desapareceram, e Eddie e eu diminuímos o ritmo, parando em frente ao New York-New York. Mais uma vez, sem dar uma palavra, entramos no hotel de imediato. Ele tinha um layout tortuoso e era mais tumultuado que o Luxor. Nos misturamos às pessoas com facilidade e encontramos um lugar vazio perto de uma parede na extremidade mais distante do cassino.

A corrida havia sido pesada até mesmo para nós, e levamos um momento para recuperar o fôlego, parados ali. Percebi que a coisa era séria quando Eddie finalmente se virou para mim, com uma raiva que inflamava suas feições. Ele sempre foi o retrato da calma e do controle, desde seu primeiro rapto por Strigoi no ano anterior. Aquilo o endurecera, o deixara mais determinado para encarar qualquer desafio. Mas, ah, ele estava furioso comigo agora.

— Que diabos foi aquilo? — exclamou. — Você deixou Dimitri escapar.

Fiz minha melhor cara de durona, mas ele parecia me superar naquele dia.

— O quê? Você perdeu a parte em que cortei o rosto dele com a estaca?

— Eu ia acertar o coração dele! Tinha uma chance, e você me impediu!

— Os seguranças estavam chegando. Não dava tempo. Tínhamos que sair dali, e não podíamos

deixar que *nos* vissem matando.

— Acho que não sobrou ninguém para contar o que viu — argumentou Eddie, tranquilo. Ele parecia tentar recuperar a compostura. — Dimitri deixou uma pilha de corpos lá. Você sabe disso. Pessoas morreram porque *você* não me deixou cravar a estaca no peito dele.

Recuei, percebendo que Eddie tinha razão. Aquilo deveria ter acabado ali. Não cheguei a dar uma boa olhada no número de seguranças. Quantos teriam morrido? Não importava. Apenas o fato de que inocentes tinham morrido contava. Até mesmo um já seria muito. E a culpa era minha.

Meu silêncio fez Eddie aproveitar sua vantagem.

— Como é que justamente você pôde esquecer essa aula? Sei que ele foi seu instrutor. Ele *foi*. Mas não é mais o mesmo. Nos fizeram repetir isso tantas vezes. Não hesite. Não pense nele como uma pessoa real.

— Eu amo Dimitri — soltei, sem querer.

Eddie não sabia. Apenas algumas pessoas conheciam a história do meu romance com Dimitri e do que acontecera na Sibéria.

— O quê? — perguntou Eddie, surpreso, ofegando.

Sua indignação havia se transformado em choque.

— Dimitri... Ele é mais do que meu instrutor...

Eddie continuou me encarando durante vários e longos segundos.

— Era — disse ele, por fim.

— Hã?

— Ele *era* mais do que seu instrutor. Você o *amava*. — A confusão momentânea de Eddie se foi. O guardião durão estava de volta; nada de compaixão. — Lamento, mas isso é passado, o que quer que tenha havido entre vocês. Você tem que saber disso. A pessoa que você amou se foi. O cara que acabamos de ver? Não é o mesmo.

Balancei a cabeça devagar.

— Eu... Eu sei. Sei que não é ele. Sei que agora é um monstro, mas podemos salvá-lo... se conseguirmos fazer o que Robert nos explicou...

Os olhos de Eddie se arregalaram e, por um momento, ele perdeu a fala.

— Então é *isso*? Rose, que ridículo! Você não pode acreditar naquilo. Os Strigoi estão mortos. Se foram para nós. Robert e Victor falaram um monte de merda para você!

Agora me surpreendi.

— Então por que você ainda está aqui? Por que permaneceu conosco?

Ele jogou as mãos para o alto, exasperado.

— Porque você é minha *amiga*. Enfrentei tudo isso com você... Libertei Victor, ouvi o maluco do irmão dele falar... porque sabia que você precisava de mim. Todos precisavam, para ajudar a mantê-la a salvo. Pensei que você tivesse um motivo sério para tirar Victor da prisão. E que fosse devolvê-lo. Isso parece loucura? Ah, mas é normal para você. Você sempre teve boas razões para o que faz. — Ele suspirou. — Mas isso... isso é passar dos limites. Deixar um Strigoi escapar para perseguir uma ideia, uma ideia que não tem como dar certo, é dez vezes pior do que o que fizemos com Victor. Cem vezes pior. Cada dia que Dimitri anda pelo mundo é mais um dia em que pessoas vão morrer.

Desmoronei contra a parede e fechei os olhos, me sentindo enjoada. Eddie tinha razão. Eu tinha ferrado tudo. Prometera a mim mesma que mataria Dimitri se me deparasse com ele antes de perseguirmos a solução de Robert. Tudo deveria ter acabado naquele dia... mas eu tinha vacilado.

De novo.

Abri os olhos e me endireitei, precisando encontrar um novo propósito antes de me derramar em lágrimas no meio daquele cassino.

— Temos que encontrar os outros. Eles estão por aí, desprotegidos.

Acho que era a única coisa capaz de deter a crítica de Eddie naquele momento. Um chamado do instinto de dever. Proteger Moroi.

— Você sabe dizer onde Lissa está?

Meu laço havia me mantido conectada a ela durante a fuga, mas eu não tinha me permitido investigar nem um pouco mais fundo, apenas comprovar que ela estava viva e bem. Expandi o elo um pouco mais agora.

— Do outro lado da rua. No MGM.

Vi o hotel enorme quando corremos até aquele, só que não me dei conta de que Lissa estava lá dentro. Agora podia senti-la, se escondendo em meio a uma multidão como nós, assustada, mas não ferida. Teria preferido que ela e os outros tivessem optado por permanecer no sol. Porém, o instinto a havia levado a se abrigar entre paredes.

Eddie e eu não falamos mais sobre Dimitri enquanto saíamos para atravessar a rua tumultuada. O céu se tornava cor de pêssego, mas eu ainda me sentia segura lá fora. Muito mais segura do que no corredor do Luxor. Através do laço, eu sempre podia encontrar Lissa e, sem a menor hesitação, conduzi Eddie pelas curvas e viradas do MGM — sinceramente, o layout desses lugares era cada vez mais confuso — até vermos Lissa e Adrian parados perto de uma fileira de caça-níqueis. Ele fumava. Ela me avistou, correu até mim e me abraçou.

— Meu Deus. Eu estava tão assustada. Não sabia o que tinha acontecido com vocês. *Detesto* esse laço de mão única.

Me forcei a sorrir para ela.

— Estamos bem.

— Num sentido meio contundido — refletiu Adrian, se aproximando, relaxado.

Eu não duvidava daquilo. Em meio à adrenalina de uma luta, era fácil não sentir os ferimentos e a dor. Mais tarde, quando a fome de batalha desaparecia, começávamos a perceber a que tínhamos sujeitado nosso corpo.

Fiquei tão agradecida ao ver que Lissa estava bem que não me dei conta do que Eddie já tinha notado.

— Ei, onde estão Victor e Robert?

O rosto feliz de Lissa se entristeceu, e até mesmo Adrian parecia abatido.

— Merda — falei, sem precisar de qualquer explicação.

Lissa assentiu com os olhos arregalados, perturbada.

— Perdemos os dois.

Onze

Ah. Que ótimo.

Levamos um tempo para decidir o que faríamos em seguida. Discutimos por alto algumas ideias fracas sobre como achar Robert e Victor e acabamos descartando todas. O telefone de Robert era um celular, e apesar de a CIA ser capaz de rastrear esse tipo de coisa, nós com certeza não éramos. Mesmo que o endereço de Robert estivesse listado no catálogo, eu sabia que Victor não teria concordado em ir para lá. E embora Adrian e Lissa conseguissem ver a aura de um usuário do espírito, dificilmente poderíamos sair vagando sem destino pela cidade e esperar encontrar alguma coisa.

Não. Estávamos sem sorte com aqueles dois. Agora não havia nada a ser feito, a não ser voltar para a Corte e enfrentar qualquer punição que nos aguardasse. Tínhamos estragado tudo. *Eu* tinha estragado tudo.

Como o pôr do sol se aproximava — e já que não estávamos mais com um criminoso conhecido para nos arranjar problemas —, meu grupo, abatido, decidiu ir para o Witching Hour a fim de planejar nossa viagem. Talvez Lissa e eu fôssemos reconhecidas por lá, mas meninas fugitivas não estavam na mesma categoria que traidores fugitivos. Decidimos jogar os dados (sem nenhuma intenção de trocadilho) e passar um tempo perto dos guardiões em vez de nos arriscarmos a sofrer mais ataques de Strigoi antes de conseguirmos deixar Vegas.

O Witching Hour não era nada diferente de qualquer um dos outros cassinos que tínhamos visitado — a menos que você soubesse o que procurar. Os humanos dali estavam interessados demais na fascinação dos jogos e no glamour para notar que vários outros frequentadores eram coincidentemente altos, magros e pálidos. E quanto aos vampiros? Os humanos não percebiam que não éramos como eles. Só a misteriosa percepção de Moroi e vampiros nos permitia saber quem era quem.

Espalhados em meio à animação, à conversa e, às vezes, à multidão queixosa estavam os guardiões. Como a demanda por eles era grande, apenas um punhado podia ser designado em tempo integral a um lugar como aquele. Felizmente, os números eram reforçados pelos que faziam a segurança de ricos e poderosos que iam até ali para jogar. Moroi empolgados comemoravam diante de caça-níqueis ou roletas enquanto guardiões observadores e silenciosos andavam de um lado para o outro atrás deles, de olho em tudo. Nenhum Strigoi entraria ali.

— E agora? — perguntou Lissa, quase gritando para superar o barulho.

Era a primeira vez que um de nós falava desde que decidimos ir para lá. Paramos perto de umas mesas de vinte e um bem no meio de tudo.

Suspirei. Meu humor estava tão obscuro que eu nem precisava de qualquer efeito colateral do espírito. “Perdi Victor, perdi Victor.” Minhas próprias acusações mentais eram um círculo sem fim.

— Encontramos a central de serviços e agendamos passagens para sair daqui — falei. — Dependendo de quantas horas faltarem para o voo, talvez tenhamos que reservar outro quarto.

Os olhos de Adrian exploravam as ações ao nosso redor, se demorando em um dos vários bares.

— Não custa nada passar um tempinho aqui.

Vociferei:

— Está falando sério? Depois de tudo o que aconteceu, você só consegue pensar nisso?

Aquele olhar extasiado se voltou para mim, e ele franziu a testa.

— Há câmeras aqui. Pessoas que podem reconhecer você. Conseguir uma prova incontestável de que você estava neste cassino e *não* no Alasca seria uma boa coisa.

— É verdade — admiti. Acho que a típica despreocupação de Adrian mascarava seu desconforto. Além de saber por que eu realmente havia ido para Las Vegas, ele tinha se deparado com Strigoi. Entre eles, Dimitri. Aquela experiência nunca era fácil para Moroi algum. — Apesar de não termos nenhum álibi para quando estávamos *mesmo* no Alasca.

— Desde que Victor não seja visto por aqui, ninguém vai ligar uma coisa a outra. — A voz de Adrian se tornou amarga. — O que na verdade mostra o quanto todos são estúpidos.

— Ajudamos a pôr Victor na prisão — disse Lissa. — Ninguém pensaria que seríamos loucos o bastante para deixá-lo sair de lá.

Eddie, ainda em silêncio, me lançou um olhar penetrante.

— Então está combinado — disse Adrian. — Alguém vá reservar nossas passagens. Vou tomar alguma coisa e testar minha mão em alguns jogos. O universo me deve um pouco de sorte.

— Vou arranjar as passagens — disse Lissa, examinando uma placa que dava indicações para a piscina, os banheiros e a central de serviços.

— Vou com você — disse Eddie.

Enquanto antes sua expressão era acusatória, agora ele parecia evitar meus olhos.

— Está bem — falei, cruzando os braços. — Me avisem quando acabarem, e vamos nos encontrar com vocês.

Aquilo foi para Lissa, querendo dizer para ela me avisar pelo laço.

Convencido de que estava livre, Adrian seguiu direto para o bar, e fui atrás dele.

— Um Tom Collins — disse ele ao barman Moroi.

Era como se Adrian tivesse um dicionário de coquetéis na cabeça e simplesmente consultasse um por um. Eu quase nunca o via beber a mesma coisa.

— Quer um batizado? — perguntou o barman. Ele usava uma camisa branca nova com uma gravata-borboleta preta e mal aparentava ser mais velho do que eu.

Adrian fez uma careta.

— Não.

O barman deu de ombros e se virou para preparar o coquetel. “Batizado” era um código Moroi para acrescentar uma dose de sangue à bebida. Havia algumas portas nos fundos do bar, portas que deviam levar a fornecedores. Quando olhei ao redor, vi Moroi felizes, gargalhando com bebidas

tingidas de vermelho. Alguns gostavam da ideia de misturar sangue com álcool. Grande parte — como Adrian, ao que parecia — não aceitaria sangue, a menos que fosse “direto da fonte”. Supus que não tivesse o mesmo gosto.

Enquanto esperávamos, um Moroi mais velho parado ao lado de Adrian deu uma olhada em mim e assentiu com aprovação.

— Você arranjou uma das boas — disse ele a Adrian. — Ela é jovem, mas é melhor assim. — O cara, que bebia vinho tinto ou sangue puro, tombou a cabeça em direção aos outros de pé no bar. — A maioria está usada e gasta.

Ele fez um movimento com o ombro para indicar um lugar, e olhei na direção, embora não houvesse a menor necessidade. Entremeadas com os humanos e os Moroi estavam várias dampiras, arrumadas com muito glamour em vestidos de seda e veludo que faziam com que pouco restasse à imaginação. Grande parte era mais velha do que eu. As que não eram tinham um olhar desgastado, apesar das gargalhadas de flerte. Prostitutas de sangue. Encarei o Moroi.

— Não se *atreva* a falar assim delas, ou vou despedaçar essa taça de vinho na sua cara.

O cara arregalou os olhos e se virou para Adrian:

— Geniosa.

— Você não faz ideia — disse Adrian. O barman voltou com o Tom Collins. — Ela teve um dia ruim.

O canalha do Moroi não olhou mais para mim. Parecia estar longe de levar minha ameaça tão a sério quanto devia.

— Todos estão tendo um dia ruim. Você já soube?

Adrian olhou relaxado e divertido enquanto tomava um gole da bebida, mas, como eu estava bem perto dele, o senti se retesar um pouco.

— Do quê?

— Victor Dashkov. Aquele cara que sequestrou a menina Dragomir e tramava contra a rainha. Ele fugiu.

As sobrancelhas de Adrian arquearam.

— Fugiu? Isso é loucura. Ouvi dizer que ele estava numa prisão de segurança máxima.

— E estava. Na verdade, ninguém sabe o que aconteceu. Supõe-se que há humanos envolvidos nisso... e é aí que a história fica estranha.

— Estranha como? — perguntei.

Adrian contornou minha cintura com um dos braços, e desconfiei que fosse uma mensagem silenciosa para deixá-lo falar. Devia ser porque ele achava que seria o comportamento “adequado” a uma prostituta de sangue ou porque tinha medo de eu bater no cara. Não dava para dizer.

— Um dos guardas ajudou na fuga. Embora alegue ter sido controlado. Ele também disse de forma muito conveniente que tudo foi uma confusão e que não consegue se lembrar de muita coisa. Ouvi isso de alguns membros da realeza envolvidos na investigação.

Adrian deu uma gargalhada, tomando um grande gole da bebida.

— Isso *é mesmo* conveniente. Me cheira a serviço interno. Victor devia ter muito dinheiro. Seria fácil subornar um guarda. É o que acho que aconteceu.

Havia uma estabilidade agradável na voz de Adrian, e quando um sorriso levemente dopado surgiu no rosto do cara, me dei conta de que Adrian havia usado um pouco de compulsão.

— Aposto que você está certo.

— Você devia dizer isso a seus amigos da realeza. Serviço interno.

O cara assentiu com avidez.

— Vou dizer.

Adrian o encarou por mais alguns instantes e por fim se voltou para o Tom Collins. O olhar inexpressivo desapareceu do rosto do homem, mas eu sabia que a ordem de Adrian para espalhar a história do “serviço interno” permaneceria. Adrian virou o resto da bebida e pôs o copo vazio sobre o balcão do bar. Estava prestes a falar quando algo do outro lado chamou a sua atenção. E a do Moroi também. Acompanhei seus olhares admirados para ver o que havia deixado os dois tão fascinados.

Grunhi. Mulheres, é claro. Primeiro, pensei que fossem vampiras, já que meu tipo parecia agradar mais por ali. Uma segunda olhada revelou uma surpresa: as mulheres eram Moroi. Mulheres Moroi performáticas, para ser precisa. Havia várias delas usando vestidos iguais — curtos, decotados e bordados. Só que cada uma usava um tom: cobre, azul-esverdeado... Plumas e pedras brilhavam em seus cabelos, e elas sorriam e gargalhavam enquanto passavam pela multidão admirada, bonitas e sexy de um jeito diferente da minha raça.

O que não era surpresa. Eu tendia a notar com mais frequência os Moroi babando por vampiras pelo simples fato de ser vampira. Porém, naturalmente, os Moroi sentiam atração e desejo pelas mulheres de sua raça. Era como ela sobrevivia, e embora os Moroi quisessem se divertir com vampiras, quase sempre acabavam ficando com a própria espécie.

As moças performáticas eram altas e graciosas, e sua aparência jovem e resplendorosa me fez pensar que estivessem prestes a se apresentar. Dava para imaginar a brilhante demonstração de dança que fariam. Eu podia até admirar aquilo, mas estava claro que Adrian admirava mais, a julgar por seus olhos arregalados. Então, o cutuquei com o cotovelo.

— Ei!

A última das moças desapareceu na multidão do cassino, se retirando em direção a uma placa que dizia teatro, como eu suspeitava. Adrian olhou de novo para mim, abrindo um sorriso malandro.

— Não tem nada de errado em olhar.

Ele deu um tapinha no meu ombro.

O Moroi parado ao seu lado assentiu, concordando.

— Acho que vou ver um show hoje. — Ele fez movimentos circulares com o copo. — Todo esse negócio de Dashkov que mexe com os Dragomir... me deixa triste pelo pobre Eric. Ele era um cara legal.

Adotei uma expressão vaga.

— Você conheceu o pai de Lis... Eric Dragomir?

— Claro. — O Moroi gesticulou, pedindo mais uma dose. — Sou gerente deste cassino há anos. Ele estava sempre aqui. Podem acreditar, *ele* apreciava essas meninas.

— Você está mentindo — falei com frieza. — Ele adorava a mulher.

Eu já tinha visto os pais de Lissa juntos. Mesmo jovem, fui capaz de ver o quanto eram loucos e apaixonados um pelo outro.

— Não estou afirmando que ele *fazia* alguma coisa. Como seu namorado disse, não tem nada de errado em olhar. Mas muita gente sabia que o príncipe Dragomir gostava de festejar aonde quer que fosse, ainda mais em companhia de mulheres. — O Moroi suspirou e ergueu o copo. — Uma pena o que aconteceu com ele. Esperamos que peguem aquele canalha do Dashkov e deixem a filhinha de Eric em paz.

Não gostei das insinuações daquele cara sobre o pai de Lissa e fiquei agradecida por ela não estar por perto. O que me incomodava era que descobríamos recentemente que o irmão de Lissa, Andre, também fora do tipo festeiro, que vagava por aí e partia corações. Seria coisa de família? O que Andre fizera não era certo, só que havia uma grande diferença entre as aventuras de um adolescente e as de um homem casado. Eu não gostava de admitir, mas até os caras mais apaixonados olhavam para outras mulheres sem por isso serem infiéis. Adrian era prova disso. Ainda assim, não achei que Lissa gostaria da ideia de seu pai flertando com outras mulheres. A verdade sobre Andre fora dura o bastante, e eu não queria que nada destruísse as lembranças angelicais que ela tinha dos pais.

Lancei um olhar para Adrian dando a entender que ouvir aquele cara mais um pouco nos levaria a uma inevitável briga de socos. Eu não queria estar ali se Lissa fosse nos procurar. Adrian, sempre mais esperto do que aparentava, sorriu para mim.

— Bem, minha doçura, vamos tentar a sorte? Alguma coisa me diz que você vai superar as probabilidades. Como sempre.

Lancei um olhar penetrante para ele.

— Vamos.

Adrian piscou para mim e se levantou.

— Legal conversar com você — disse ele ao Moroi.

— Igualmente — falou o homem. A compulsão estava passando. — Você devia vesti-la melhor, sabe?

— Não estou interessado em *pôr* roupas nela — gritou Adrian, enquanto me puxava dali.

— Cuidado — avisei, entre os dentes. — Ou você é que vai acabar com uma taça de vinho na cara.

— Estou interpretando um papel, dampirinha. Um papel que vai garantir que você fique longe de problemas.

Paramos perto da sala de pôquer do cassino, e Adrian me avaliou da cabeça aos pés.

— Só que o cara tinha razão quanto às suas roupas.

Rangi os dentes.

— Não posso acreditar que ele tenha dito aquelas coisas sobre o pai de Lissa.

— Fofoca e rumores nunca desaparecem. Justamente você devia saber disso. Não importa se o sujeito está morto. Além do mais, aquela conversa, na verdade, era para o nosso bem. E com “nosso”, quero dizer *seu*. Mais alguém já deve estar considerando a teoria de serviço interno. Se aquele cara puder ajudar a espalhá-la ainda mais, isso irá garantir que ninguém sequer imagine que a guardiã mais perigosa do mundo possa estar envolvida.

— Acho que sim. — Me forcei a me acalmar. Sempre fui esquentada e agora sabia com certeza que as doses de escuridão que vinham de Lissa nas últimas vinte e quatro horas pioravam as coisas, como eu temia. Mudei de assunto, passando para um território mais seguro: — Você está sendo muito legal agora, levando em conta o quanto estava nervoso mais cedo.

— Não estou tão feliz assim, mas andei pensando — disse: Adrian.

— Hã? Se importaria de esclarecer isso para mim?

— Aqui, não. Vamos conversar depois. Temos coisas mais importantes com que nos preocupar.

— Como acobertar um crime e sair desta cidade sem sofrer ataques de Strigoi?

— Não. Como ganhar dinheiro para mim.

— Você está louco? — Perguntar aquilo a Adrian nunca era uma boa ideia. — Acabamos de

escapar de um bando de monstros com sede de sangue, e você só consegue pensar em apostar?

— O fato de estarmos vivos significa que devemos viver — argumentou ele. — Ainda mais se tivermos tempo.

— Você não precisa de mais dinheiro.

— Vou precisar se meu pai parar de me bancar. Além disso, tem a ver com curtir o jogo.

Com “curtir o jogo”, logo percebi que Adrian queria dizer “trapacear”. Se alguém considerar usar espírito como trapacear. Havia muito poder mental atrelado ao espírito, logo seus usuários eram ótimos em interpretar as pessoas. Victor tinha razão. Adrian fazia brincadeiras e continuava pedindo bebidas, mas percebi que prestava muita atenção nos outros. E muito embora tivesse o cuidado de não dizer nada explicitamente, suas expressões falavam por ele — confiante, em dúvida, perturbado. Sem palavras, ele ainda era capaz de projetar compulsão e blefar os outros jogadores.

— Já volto — falei, sentindo o chamado de Lissa.

Adrian acenou para mim, sem se importar. Eu também não estava preocupada com a segurança dele, já que havia alguns guardiões ali. O que me preocupava era a possibilidade de algum oficial do cassino notar sua compulsão e nos expulsar. Usuários do espírito a manejavam com mais força, mas todos os vampiros a possuíam até certo ponto. Usá-la era considerado imoral, e ela fora banida entre os Moroi. Um cassino de fato teria motivos para ficar de olho nisso.

No fim das contas, a central de serviços ficava perto da sala de pôquer, e logo achei Lissa e Eddie.

— E então? — perguntei enquanto voltávamos.

— Temos um voo pela manhã — respondeu Lissa. Ela hesitou. — Podíamos ter saído daqui nesta noite, mas...

Não precisava terminar. Depois do que tínhamos enfrentado naquele dia, ninguém queria arriscar a menor possibilidade de se deparar com um Strigoi. Ir para o aeroporto requereria apenas uma corrida de táxi. Mesmo assim, isso significava que teríamos que correr o risco de sair na escuridão.

Balancei a cabeça e os levei até a sala de pôquer.

— Você fez a coisa certa. Temos que fazer hora... Quer arranjar um quarto e dormir um pouco?

— Não. — Lissa se arrepiou, e senti temor nela. — Não quero sair desta multidão. Estou com um pouco de medo dos sonhos que teria...

Adrian podia ser capaz de agir como se não se importasse com os Strigoi, mas aqueles rostos ainda assombravam Lissa — principalmente o de Dimitri.

— Bem — falei, na esperança de fazê-la se sentir melhor —, ficarmos acordados irá nos ajudar a voltar aos horários da Corte. Você também pode ver Adrian ser expulso pelos seguranças do cassino.

Como eu já esperava, ver Adrian trapacear usando o espírito de fato distraiu Lissa — tanto que ela se interessou em tentar por conta própria. Que ótimo. Depois de convencê-la a ir para jogos mais seguros, lhe contei como Adrian havia implantado a ideia de um serviço interno na cabeça do cara Moroi. Deixei de lado a parte sobre o pai dela. Por um milagre, a noite passou sem incidentes — nem com Strigoi, nem com os seguranças —, e algumas pessoas até reconheceram Lissa, o que nos ajudaria a ter um álibi. Eddie não falou comigo a noite toda.

Sáímos do Witching Hour pela manhã. Nenhum de nós estava feliz por ter perdido Victor ou pelo ataque, mas o cassino havia nos acalmado um pouco — pelo menos até chegarmos no aeroporto. Ainda no cassino, fomos inundados de notícias sobre Moroi, isolados do mundo dos humanos. Porém, enquanto esperávamos pelo avião, não dava para deixar de ver as tevês, que pareciam estar em toda parte.

A manchete daquela noite era sobre uma matança em massa no Luxor, uma matança que não havia deixado pistas para a polícia. Grande parte dos guardas do cassino envolvidos tinham morrido por fraturas no pescoço, e nenhum outro corpo foi encontrado. Imaginei que Dimitri tivesse jogado os cadáveres de seus comparsas para fora, onde o sol os transformaria em cinzas. O próprio Dimitri, entretanto, havia escapado, sem deixar outras testemunhas para trás. Nem mesmo as câmeras tinham gravado coisa alguma, o que não me surpreendeu. Se consegui incapacitar a segurança da prisão, Dimitri com certeza podia fazer isso em um hotel de humanos.

Quaisquer melhorias no humor que havíamos conquistado desapareceram no mesmo instante, e não conversamos muito. Me mantive fora da mente de Lissa porque não precisava de seus sentimentos depressivos amplificando os meus.

Tínhamos arranjado um voo direto para a Filadélfia e de lá pegaríamos outro avião de volta para o aeroporto perto da Corte. O que enfrentaríamos ao chegar lá... Bem, essa seria a última de nossas inquietações.

Como o voo era durante o dia, não me preocupei com a possibilidade de haver Strigoi no avião e, sem prisioneiros para vigiar, me permiti cair no sono de que tanto precisava. Não conseguia me lembrar da última vez em que havia dormido naquela viagem. Tive um sono pesado, mas meus sonhos foram assombrados pelo fato de eu ter deixado um dos criminosos mais perigosos para os Moroi escapar *e* permitido que um Strigoi saísse impune *e* que um monte de humanos fosse morto. Não responsabilizava nenhum de meus amigos por isso. O desastre era todo por minha conta.

Doze

O que foi confirmado quando, por fim, nos arrastamos de volta para a Corte Real.

Eu não era a única encrencada, é claro. Lissa foi convocada pela rainha para ser repreendida, embora eu soubesse que ela não seria punida de verdade. Não como Eddie e eu. Podíamos estar fora da escola, mas teoricamente nos encontrávamos sob a jurisdição dos guardiões oficiais agora, o que significava que teríamos tantos problemas quanto qualquer empregado desobediente. Só Adrian escapou de quaisquer consequências. Estava livre para fazer tudo que quisesse.

E, na verdade, minha punição não foi tão ruim quanto podia ter sido. Para ser sincera, o que eu tinha a perder àquela altura? Minhas chances de ser a guardiã de Lissa já eram raras, e, de qualquer forma, ninguém além de Tasha queria a minha proteção. Um fim de semana louco em Vegas — a história que inventamos — dificilmente bastaria para dissuadi-la de querer meus serviços. Bastou, entretanto, para fazer com que alguns dos interessados em Eddie retirassem seus pedidos para que ele fosse seu guardião. Ele ainda era requisitado o suficiente para não correr o risco de perder uma boa posição, mas senti uma culpa horrível. Ele não deu uma palavra sobre o que havíamos feito para ninguém, só que, cada vez que olhava para mim, dava para ver a condenação em seus olhos.

E o vi muito nos dias seguintes. Descobri que os guardiões tinham um método para lidar com os desobedientes.

— O que vocês fizeram foi tão irresponsável que poderiam muito bem voltar para a escola. Até mesmo para a escola primária.

Estávamos em uma das salas no quartel-general dos guardiões, ouvindo os gritos de Hans Croft, o cara encarregado de todos os guardiões da Corte e alguém essencial para determinar as designações dos guardiões. Era um dampiro de cinquenta e poucos anos com um espesso bigode grisalho. Também era um babaca. O cheiro de cigarro sempre o envolvia. Eddie e eu estávamos sentados e quietos diante de Hans enquanto ele andava de um lado para o outro com as mãos para trás.

— Vocês podiam ter causado a morte da última Dragomir. Sem falar do jovem Ivashkov. Como acham que a rainha teria reagido à morte de seu sobrinho-neto? E quanto ao momento! Vocês saem por aí festejando justo quando o cara que tentou sequestrar a princesa está solto. Não que soubessem disso, pois deviam se encontrar ocupados demais, jogando em caça-níqueis e usando identidades falsas.

Estremeci diante da referência a Victor, apesar de achar que devia ter me sentido aliviada por

estarmos acima de qualquer suspeita quanto à fuga dele. Hans entendeu minha careta como uma admissão de culpa.

— Vocês podem ter se formado — declarou ele —, mas isso *não* quer dizer que sejam invencíveis.

Aquele confronto todo me lembrou de quando Lissa e eu voltáramos para a São Vladimir, de quando fôramos repreendidas pela mesma coisa: a fuga negligente e o perigo a que ela havia sido exposta. Só que desta vez eu não contava com nenhum Dimitri para me defender. Aquela lembrança fez com que um nó se formasse na minha garganta, e recordei seu rosto, sério e lindo; aqueles olhos castanhos intensos e apaixonados enquanto ele me defendia e convencia os outros do meu valor.

Mas não. Não havia Dimitri algum ali. Éramos apenas Eddie e eu sozinhos, enfrentando as consequências do mundo real.

— Você. — Hans apontou um dedo gordo e curto para Eddie. — Você pode ter sorte o bastante para escapar disso sem muitas repercussões. É claro que vai ter uma mancha negra em seu histórico para sempre. E acabou com suas chances de um dia ter uma posição na elite da realeza com outros guardiões para apoiá-lo. No entanto, será designado. Provavelmente para trabalhar sozinho com algum membro da nobreza menos importante.

A alta realeza tinha mais de um guardião, o que sempre facilitava a proteção. O argumento de Hans era de que agora a designação de Eddie seria rebaixada — gerando mais trabalho e perigo para ele. Olhei de soslaio para Eddie e vi aquela expressão dura e determinada em seu rosto mais uma vez. Ele parecia dizer que não importava se teria que proteger uma família inteira sozinho. Nem mesmo dez famílias. Na verdade, dava a impressão de que poderiam jogá-lo sozinho em um covil de Strigoi que enfrentaria todos eles.

— E *você*. — A voz aguda de Hans atraiu meus olhos de volta para ele. — Você terá sorte se tiver um emprego.

Como sempre, falei sem pensar. Devia ter suportado aquilo em silêncio, como Eddie.

— É claro que terei um emprego. Tasha Ozerá me quer. E vocês têm muito poucos guardiões para me manter à toa por aí.

Os olhos de Hans brilharam com um deleite amargo.

— Sim, estamos com poucos guardiões, mas existe todo tipo de trabalho que precisa ser feito. Não apenas a proteção pessoal. Alguém tem que fazer parte da equipe dos escritórios. Alguém tem que ficar parado, vigiando os portões da entrada.

Paralisei. Um cargo administrativo. Hans me ameaçava com um cargo administrativo. Todas as possibilidades horríveis que eu havia imaginado envolviam proteger um Moroi qualquer, alguém que eu não conhecesse e que provavelmente detestaria. No entanto, em todos esses cenários, eu estaria lá fora, no mundo. Em ação. Lutando e defendendo.

Mas aquilo? Hans tinha razão. Precisavam de guardiões para o trabalho administrativo da Corte. Era verdade que mantinham muito poucos para isso — éramos valiosos demais —, só que alguém tinha que fazer o serviço. Um desses “alguéns” ser eu era horrível demais para se compreender. Ficar sentada o dia inteiro durante horas e horas... como os guardas em Tarasov. A vida dos guardiões tinha todo tipo de tarefas nada glamorosas — porém necessárias.

Foi então que de fato percebi que estava no mundo real. Um medo me percorreu. Eu havia conquistado o título de guardiã quando me formei, mas será que entendia mesmo o que aquilo representava? Ou brincava de faz de conta — apreciando as vantagens e ignorando as consequências? Eu estava fora da escola. Não haveria nenhuma detenção. Aquilo era real. Era vida e morte.

Meu rosto deve ter entregado meus sentimentos. Hans deu um sorrisinho cruel.

— Isso mesmo. Temos várias maneiras de domar os problemáticos. Para sua sorte, o seu verdadeiro sentido ainda está sendo definido. Enquanto isso, há *muito* trabalho que precisa ser feito por aqui, e vocês dois vão nos ajudar.

Aquele “trabalho” ao longo dos dias seguintes acabou consistindo de tarefas manuais corriqueiras. Para ser sincera, não era muito diferente da detenção, e eu tinha quase certeza de que fora criado apenas para dar a transgressores como nós algo horrível a ser feito. Trabalhávamos doze horas por dia, em grande parte do lado de fora, arrastando pedras e retirando terra para construir um pátio novo e bonito para um conjunto de casas da realeza. Às vezes, tínhamos que fazer serviços de limpeza, esfregando assoalhos. Eu sabia que contavam com empregados Moroí para aquele tipo de coisa e talvez agora tivessem dado férias a eles.

Ainda assim, era melhor do que o outro trabalho que Hans nos daria: separar e arquivar pilhas e pilhas de papel. Aquilo me fez apreciar de outra maneira o fato de as informações terem se tornado digitais... e, de novo, me deixou preocupada com o futuro. Repetidas vezes, eu pensava na primeira conversa com Hans. Na ameaça de que aquela poderia ser a minha vida. De que nunca seria guardiã de Lissa ou de qualquer outro Moroí. Ao longo do treinamento, sempre tivemos um mantra: *Eles vêm primeiro*. Se eu tivesse mesmo ferrado com meu futuro, adotaria um novo mantra: *A vem primeiro*. Depois B, C, D...

Aqueles dias de trabalho me mantiveram longe de Lissa, e as equipes das recepções de nossos respectivos prédios se deram ao trabalho de nos manter afastadas também. Era frustrante. Eu conseguia rastreá-la através do laço, mas queria conversar com ela. Queria conversar com qualquer um. Adrian também se distanciou e não me incomodou nos sonhos, e eu me perguntava como ele estaria se sentindo. Não chegamos a ter nossa “conversa” depois de Las Vegas. Eddie e eu costumávamos trabalhar lado a lado, só que ele não falava comigo, o que me deixava presa durante horas em meus próprios pensamentos e em minha própria culpa.

E acredite, várias coisas intensificavam minha culpa. Ao longo da Corte, as pessoas sequer reparavam nos trabalhadores. Então, não importava se o serviço era ao ar livre ou não. Sempre falavam como se eu não estivesse ali. O que mais se comentava era sobre Victor. O perigoso Victor Dashkov à solta. Como foi que isso havia acontecido? Será que ele tinha poderes que ninguém conhecia? As pessoas sentiam medo. Algumas até estavam convencidas de que ele apareceria na Corte e tentaria matar todo mundo durante o sono. A teoria do “serviço interno” se espalhava, o que continuava a nos manter acima de qualquer suspeita. Infelizmente, agora muitos se preocupavam com a existência de traidores em nosso meio. Quem estaria trabalhando para Victor Dashkov? Espiões e rebeldes espreitariam a Corte, planejando todo tipo de atrocidade. Eu sabia que as histórias eram exageradas, mas não importava. Todas vinham de uma verdade essencial: Victor Dashkov caminhava pelo mundo como um homem livre. E apenas eu — e meus cúmplices — sabíamos que era tudo por minha causa.

A estada em Las Vegas ainda constituía um alibi para a invasão à prisão e tornava o que tínhamos feito ainda mais precipitado. As pessoas ficaram chocadas por termos deixado a princesa Dragomir fugir enquanto havia um homem perigoso à solta — o homem que a agredira! Graças a Deus, diziam todos, que a rainha tinha nos tirado de lá antes que Victor nos encontrasse. A viagem para Las Vegas também inaugurou toda uma linha de especulações — que me envolvia pessoalmente.

— Bem, isso não me surpreende em Vasilisa — ouvi uma mulher falar enquanto trabalhava ao ar

livre certo dia. Ela e alguns amigos caminhavam pelo prédio dos fornecedores e nem me viram. — A princesa já tinha fugido antes, não é? Esses Dragonmir costumam ser rebeldes. Ela deve ir direto para a primeira festa que conseguir encontrar depois que pegarem Victor Dashkov.

— Você está enganada — disse a amiga. — Não é por isso que Vasilisa foi. Na verdade, ela é muito sensata. É aquela dampira que está sempre com ela. A jovem Hathaway. Ouvi dizer que ela e Adrian Ivashkov fugiram para se casar em Las Vegas. Os enviados pela rainha quase não chegaram lá a tempo de impedi-los. Tatiana está furiosa, ainda mais por Hathaway ter declarado que nada manterá Adrian e ela longe um do outro.

Espere aí. Aquilo foi meio que um choque. Quero dizer, achei melhor as pessoas pensarem que Adrian e eu havíamos fugido do que me acusarem de ter ajudado e acobertado um fugitivo, mas, ainda assim... fiquei impressionada com a maneira como aquela conclusão havia surgido. Esperava que Tatiana não tivesse ouvido falar de nosso suposto casamento. Sem dúvida, aquilo estragaria qualquer progresso que tivéssemos feito.

Meu primeiro contato social de verdade aconteceu por meios improváveis. Eu enchia um canteiro de flores suspenso com pás de terra e suava feito louca. Era quase hora de os Moroi irem para a cama, o que significava que o sol estava em plena glória naquele verão. Pelo menos tínhamos uma bela vista enquanto trabalhávamos: a gigantesca igreja da Corte.

Eu passara muito tempo na capela da Escola, mas quase nunca visitava aquela igreja, já que ela ficava longe dos prédios principais da Corte. Era ortodoxa russa — a religião predominante entre os Moroi — e me lembrava muito algumas das catedrais que eu vira enquanto estava de fato na Rússia, embora não fosse tão grande. Era feita de belas pedras vermelhas. No topo de suas torres, havia domos com azulejos verdes, em cujo topo, por sua vez, havia cruzes douradas.

Dois jardins marcavam as fronteiras mais distantes do amplo território da igreja, e trabalhávamos em um deles. Perto de nós, estava um dos pontos mais notáveis da Corte: uma estátua gigante de uma antiga rainha Moroi que tinha quase dez vezes a minha altura. A estátua de um rei do mesmo porte se erguia do lado oposto. Eu nunca conseguia me lembrar dos nomes dos dois, mas tinha quase certeza de que faláramos sobre eles em uma das aulas de história. Haviam sido visionários e mudaram o mundo dos Moroi em sua época.

Notei que um vulto se aproximou de mim, e presumi que fosse Hans, vindo para nos dar mais uma tarefa horrível. Olhei para cima e fiquei impressionada ao ver que era Christian.

— Só podia ser — falei. — Você sabe que vai arranjar problemas se for visto conversando comigo. Christian deu de ombros e se sentou à beira de um muro de pedra quase completo.

— Duvido. Você é que vai arranjar problemas, e realmente não acho que as coisas ainda possam piorar para o seu lado.

— É verdade — resmunguei.

Ele ficou ali sentado por vários instantes, observando enquanto eu pegava montes e montes de terra com a pá. Por fim, perguntou:

— Está bem. E então, como e *por que* você fez isso?

— Fiz o quê?

— Você sabe muito bem o quê. Sua pequena aventura.

— Pegamos um avião e fomos para Las Vegas. Por quê? Humm. Me deixe pensar. — Fiz uma pausa para enxugar o suor da testa. — Onde mais iríamos encontrar hotéis com temas de piratas e barmen que não costumam pedir a carteira de identidade?

Christian gargalhou com escárnio.

— Rose, não venha com essa conversa mole para cima de mim. Você não foi para Las Vegas.

— Temos passagens de avião e recibos de hotéis para provar isso, sem contar as pessoas que viram a princesa Dragomir mandar muito bem nos caça-níqueis.

Minha atenção estava voltada para o trabalho, mas desconfiei de que Christian tivesse balançado a cabeça, exasperado.

— Logo que ouvi que três pessoas haviam tirado Victor Dashkov da prisão, soube que isso só podia ser coisa sua. Com vocês três fora, não tive a menor dúvida.

Vi Eddie se retesar e olhar ao redor, inquieto, não muito longe dali. Fiz a mesma coisa. Podia estar desesperada para ter algum contato social, mas não a ponto de correr o risco de indivíduos perigosos nos escutarem. Se nossos crimes vazassem, a jardinagem pareceria férias. Estávamos sozinhos, mas falei baixo e tentei armar uma expressão sincera.

— Ouvi dizer que eram humanos contratados por Victor. — Aquela era outra teoria que se espalhava, como a seguinte. — Na verdade, acho que ele se transformou em Strigoi.

— Está bem — disse Christian com ironia. Ele me conhecia bem demais para acreditar em mim. — E também ouvi dizer que um dos guardiões não lembra o que o fez atacar os colegas. Ele jura que foi controlado por alguém. Qualquer um que use esse tipo de compulsão deve conseguir fazer os outros enxergarem humanos, mímicos, cangurus...

Me recusei a olhar para ele e bati a pá com força no chão. Mordi o lábio para não replicar, nervosa.

— Ela fez isso porque acha que os Strigoi podem ser trazidos de volta à sua forma original.

Ergui a cabeça e encarei Eddie, incrédula, impressionada por ele ter falado.

— O que você está fazendo?

— Dizendo a verdade — respondeu Eddie, sem interromper seu trabalho. — Christian é nosso amigo. Acha que ele vai nos entregar?

Não, o rebelde Christian Ozer não nos entregaria. Porém, isso não significava que eu queria que a história vazasse. É fato: quanto mais pessoas sabem de um segredo, mais provável é que ele seja descoberto.

A reação de Christian não me surpreendeu nem foi muito diferente da de todos os outros.

— *O quê?* É impossível. Todo mundo sabe disso.

— Não de acordo com o irmão de Victor Dashkov — falou Eddie.

— Quer parar com isso? — perguntei.

— Se você não contar a ele, eu conto.

Suspirei. Os olhos azul-claros de Christian nos encaravam, arregalados e em choque. Como grande parte dos meus amigos, ele levava ideias loucas numa boa, mas aquilo era forçar o limite da loucura.

— Pensei que Victor Dashkov fosse filho único — comentou Christian.

Neguei com a cabeça.

— Não. O pai dele teve um caso. Então, Victor tem um meio-irmão bastardo. Robert. Que é usuário do espírito.

— Só você mesmo — falou Christian. — Só você descobriria uma coisa dessas.

Ignorei o que parecia ser o retorno a seu cinismo natural.

— Robert alega ter curado uma Strigoi. Ele matou a parte morta-viva dela e a trouxe de volta à vida.

— O espírito tem seus limites, Rose. Você pode ter sido trazida de volta, mas os Strigoi *já eram*.

— Não conhecemos a amplitude do uso do espírito — aleguei. — Metade ainda é um mistério.

— Sabemos de São Vladimir. Se ele pudesse restaurar Strigoi, você não acha que um cara como ele faria isso? Quero dizer, se não for um milagre, o que é? Uma coisa dessas teria sobrevivido nas lendas — argumentou Christian.

— Talvez sim. Talvez não. — Refiz meu rabo de cavalo, repassando nosso encontro com Robert na mente pela centésima vez. — Talvez Vlad não soubesse como. Não é tão fácil assim.

— É — concordou Eddie. — Essa é a parte boa.

— Ei! — disparei. — Sei que você está muito chateado comigo, mas, com Christian aqui, não precisamos de mais ninguém para fazer comentários maliciosos.

— Não sei — disse Christian. — Para uma coisa dessas, na verdade, você deve precisar de duas pessoas. Agora me explique como esse milagre supostamente é feito.

Suspirei.

— Infundindo espírito numa estaca, além dos outros quatro elementos.

Os encantamentos do espírito ainda eram um novo conceito para Christian também.

— Nunca pensei nisso. Acho que o espírito intensificaria as coisas... mas não consigo imaginar que enfiar uma estaca encantada com espírito em um Strigoi seja o bastante para trazê-lo de volta.

— Bem... aí é que está. De acordo com Robert, *eu* não conseguiria isso. Tem que ser realizado por um usuário do espírito.

Mais silêncio. Eu havia feito Christian perder a fala de novo.

Por fim, ele disse:

— Não conhecemos muitos usuários do espírito. Muito menos alguém que seja capaz de lutar contra um Strigoi *ou* cravar uma estaca no peito de um.

— Conhecemos dois usuários do espírito. — Franzi a testa, me lembrando de Oksana na Sibéria e Avery trancada... onde? Num hospital? Em um lugar como Tarasov? — Não, quatro. Cinco, contando com Robert. Mas, é, ninguém pode mesmo fazer isso.

— Não importa, já que não pode ser feito — disse Eddie.

— Não sabemos disso! — O desespero em minha voz me surpreendeu. — Robert acredita. Até Victor acredita. — Hesitei. — E Lissa também.

— E ela quer fazer isso — disse Christian, entendendo tudo depressa. — Porque faria qualquer coisa por você.

— Não dá.

— Porque ela não tem capacidade ou porque você não permitiria?

— As duas coisas — lamentei. — Não vou deixá-la chegar nem um pouco perto de um Strigoi. Ela já... — Grunhi, odiando revelar o que havia descoberto através do laço no tempo em que estávamos separadas. — Ela arranhou uma estaca e está tentando encantá-la. Até agora, não teve muita sorte. Graças a Deus.

— Se isso *fosse* possível — começou Christian devagar —, poderia mudar nosso mundo. Se ela pudesse aprender...

— O quê? Não! — Eu estava tão ávida para fazer com que Christian acreditasse em mim, e agora desejava que ele não tivesse acreditado. A única coisa boa em tudo aquilo era que, como nenhum de meus amigos pensava que isso fosse possível, ninguém sequer cogitou a hipótese de Lissa de fato tentar lutar contra um Strigoi. — Lissa não é uma guerreira. Nenhum usuário do espírito que

conhecemos é. Então, a menos que encontremos um, prefiro... — Estremeci. — Prefiro que Dimitri morra.

Aquilo finalmente fez com que Eddie parasse de trabalhar. Ele jogou a pá.

— É mesmo? Eu nunca teria imaginado isso.

Um sarcasmo que competia com o meu.

Me virei e dei passos largos em sua direção com os punhos cerrados.

— Escute, não aguento mais isso! Me desculpe. Não sei o que mais dizer. Sei que ferrei com tudo.

Deixei Dimitri escapar. Deixei Victor escapar.

— Você *deixou* Victor escapar? — perguntou Christian, surpreso.

Eu o ignorei e continuei gritando com Eddie.

— Foi um erro. Com Dimitri... foi um momento de fraqueza. Falhei no que fui treinada. Sei que falhei. Nós dois sabemos. Mas você sabe que não tive intenção de causar o estrago que causei. Se é mesmo meu amigo, *tem* que saber. Se eu pudesse voltar atrás... — Engoli em seco, surpresa ao sentir meus olhos queimando. — Eu voltaria. Juro que voltaria, Eddie.

Seu rosto estava completamente imóvel.

— Acredito em você. Sou seu amigo e sei... sei que você não queria que as coisas acabassem do jeito que acabaram.

Me curvei, aliviada e surpresa com o quanto andava preocupada com a possibilidade de perder o respeito e a amizade de Eddie. Olhei para baixo e fiquei impressionada ao ver meus punhos cerrados. Relaxei, incapaz de acreditar que, até então, estivera chateada àquele ponto.

— Obrigada. Muito obrigada.

— Que gritaria é essa?

Nos viramos e vimos Hans vindo em nossa direção. E ele parecia furioso. Então, também notei que Christian havia praticamente desaparecido no ar. Ainda bem.

— Não é o momento para bater papo — vociferou Hans. — Vocês dois ainda têm que trabalhar por mais uma hora hoje. Se vão se distrair, talvez seja melhor eu separá-los. — Ele gesticulou para Eddie. — Venha. Há algumas coisas para você arquivar.

Lancei um olhar solidário para Eddie enquanto Hans o levava dali. No entanto, fiquei aliviada por não ter que encarar a papelada.

Prossegui com o trabalho, e minha mente girava com as mesmas perguntas que eu havia me feito a semana toda. Tinha sido sincera com Eddie. Queria muito realizar o sonho de salvar Dimitri. Queria isso mais do que qualquer outra coisa — menos que Lissa arriscasse a própria vida. Não devia ter hesitado. Devia ter simplesmente matado Dimitri. Victor não teria escapado. Lissa não estaria considerando as palavras de Robert.

Pensar em Lissa me empurrava para dentro de sua mente. Ela estava em seu quarto, pondo mais algumas coisas na mala, de última hora, antes de se deitar. Amanhã visitaria Lehigh. Não era surpresa alguma o fato de meu convite para ir com ela ter sido retirado diante dos acontecimentos recentes. Seu aniversário — algo que fora horivelmente negligenciado em meio à confusão — também seria naquele fim de semana, e eu não achava certo ficar longe dela nesse dia. Devíamos comemorar juntas. Lissa tinha os pensamentos perturbados e estava tão consumida por eles que uma repentina batida à porta a fez dar um pulo.

Se perguntando quem poderia visitá-la àquela hora, ela abriu a porta e suspirou ao ver Christian ali parado. Era surreal para mim também. Parte de mim ainda achava que estávamos nos dormitórios

da escola, onde as regras — na teoria — mantinham meninos e meninas longe dos quartos uns dos outros. Porém, não estávamos mais lá. Éramos adultos agora. Ele deve ter ido direto para o quarto dela depois de conversar comigo, como percebi.

Era impressionante como a tensão aumentava depressa entre os dois. Um punhado de sentimentos explodiam no peito de Lissa: a mistura de raiva, mágoa e confusão de sempre.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela, exigindo uma resposta.

Os mesmos sentimentos estavam no rosto dele.

— Eu queria conversar com você.

— É tarde — disse ela, com dureza. — Além do mais, pelo que me lembro, você não gosta de conversar.

— É sobre o que aconteceu com Victor e Robert.

Aquilo foi o bastante para alarmá-la e tirá-la do estado de raiva. Ela olhou, ansiosa, para o corredor e gesticulou para que ele entrasse.

— Como é que você sabe disso? — sussurrou, fechando a porta depressa.

— Acabei de ver Rose.

— Como você conseguiu vê-la? *Eu* não consigo.

Lissa estava tão frustrada quanto eu porque nossos superiores nos mantinham separadas.

Christian deu de ombros, tomando o cuidado de manter uma distância segura entre eles na pequena sala da suíte. Os dois cruzavam os braços, na defensiva, apesar de eu achar que não se davam conta de o quanto refletiam um ao outro.

— Me infiltrei no campo de concentração dela. Eles a forçaram a encher canteiros com terra durante horas.

Lissa fez uma careta. Do jeito que andam nos mantendo separadas, ela não estava muito por dentro de minhas atividades.

— Pobre Rose.

— Ela está encarando. Como sempre. — Os olhos de Christian se voltaram para o sofá e a mala aberta, onde havia uma estaca de prata sobre uma blusa de seda. Eu duvidava que aquela blusa sobreviveria à viagem sem ficar toda amassada. — Que coisa interessante para se levar numa visita a uma faculdade.

Lissa fechou a mala depressa.

— Não é da sua conta.

— Você acredita mesmo nisso? — perguntou ele, ignorando o comentário. Deu um passo à frente, e sua avidez parecia fazê-lo esquecer que queria se manter distante. Por mais que Lissa estivesse distraída com a situação, logo teve consciência de o quanto os dois estavam próximos, do cheiro dele, do jeito que a luz brilhava em seu cabelo preto... — Você acha que conseguiria trazer um Strigoi de volta?

Ela focou sua atenção na conversa e balançou a cabeça.

— Não sei. Não sei mesmo. Mas sinto... sinto que tenho que tentar. De qualquer forma, quero saber o que o espírito em uma estaca faz. Isso é inofensivo.

— Não foi o que Rose disse.

Lissa sorriu para ele, arrependida. Percebeu o que estava fazendo e logo parou.

— Não. Rose não quer que eu leve essa ideia nem um pouco adiante. Apesar de querer que isso seja real.

— Me conte a verdade. — Os olhos dele queimavam para ela. — Você acha que tem alguma chance de cravar uma estaca em um Strigoi?

— Não — admitiu ela. — Eu mal consegui dar um soco. Mas... como falei, sinto que devo tentar. Devo tentar aprender. A cravar a estaca, quero dizer.

Christian ponderou por alguns instantes e então gesticulou em direção à mala.

— Você vai para Lehigh pela manhã?

Lissa assentiu.

— E Rose foi cortada da viagem?

— Claro.

— A rainha se ofereceu para deixar você levar outro amigo?

— Ofereceu, sim — admitiu Lissa. — Na verdade, sugeriu que fosse Adrian. Mas ele anda emburrado... e não sei se estou no clima para isso.

Christian parecia satisfeito com aquilo.

— Então me leve.

Coitados dos meus amigos. Eu não sabia ao certo o quanto cada um ainda aguentaria se chocar naquele dia.

— Por que em sua consciência eu levaria *você* ? — perguntou ela.

Toda a raiva de Lissa voltou diante da presunção dele. O xingamento indicava sua agitação.

— Porque — respondeu ele, com uma expressão tranquila — posso ensiná-la a cravar uma estaca em um Strigoi.

Treze

— Pode coisa nenhuma — falei em voz alta para ninguém em particular.

— Não pode, não — disse Lissa, com uma expressão compatível com meu ceticismo. — Sei que você anda aprendendo a lutar com fogo, mas ainda não praticou nada com estaca.

Christian tinha uma determinação no rosto.

— Já, sim. Um pouco. E posso aprender mais. Mia tem uns amigos guardiões que andam ensinando combate físico a ela, e aprendi alguma coisa.

A menção ao fato de ele treinar com Mia não contribuiu muito para mudar a opinião de Lissa.

— Você está aqui há menos de uma semana! E fala como se estivesse treinando há anos com um mestre.

— É melhor do que nada — disse ele. — E onde mais você vai aprender? Com Rose?

A indignação e a descrença de Lissa enfraqueceram um pouco.

— Não — admitiu ela. — Nunca. Na verdade, Rose acabaria comigo se me pegasse fazendo isso.

Acabaria mesmo. Pode apostar. De fato, apesar dos empecilhos e da equipe que insistia em me manter afastada de Lissa, eu estava tentada a ir até lá agora.

— Então esta é a sua chance — disse ele. Seu tom de voz mudou: — Escute, sei que as coisas não estão... muito boas entre nós, só que não importa se você quiser aprender isso. Diga a Tatiana que quer me convidar para ir a Lehigh. Ela não vai gostar, mas deve consentir. Posso lhe mostrar o que sei em nosso tempo livre. Então, quando voltarmos, levo você até Mia e os amigos dela.

Lissa franziu a testa.

— Se Rose souber...

— Por isso vamos começar distantes da Corte. Ela vai estar longe demais de você para fazer alguma coisa.

Ah, pelo amor de Deus. Eu daria aos dois umas aulas de luta — e começaria com um soco na cara de Christian.

— E quando voltarmos? — perguntou Lissa. — Ela vai descobrir. É inevitável por causa do laço.

Ele deu de ombros.

— Se ela ainda estiver trabalhando como jardineira, conseguiremos nos livrar dessa. Quero dizer, ela vai saber, mas não será capaz de interferir. Muito.

— Pode não ser o bastante — disse Lissa com um suspiro. — Rose tinha razão quanto a isso. Não

posso esperar aprender em algumas semanas o que ela levou anos para fazer.

Semanas? *Esse* era o prazo dela para isso?

— Você tem que tentar — disse ele, quase gentil.

Quase.

— Por que está tão interessado nisso? — perguntou Lissa, desconfiada. — Por que se importa tanto em trazer Dimitri de volta? Quero dizer, sei que você gostava dele, mas não tem a mesma motivação que Rose.

— Ele era um cara legal — respondeu Christian. — E se houver um jeito de transformá-lo de volta em um vampiro? É, isso seria maravilhoso. Só que é mais do que isso... mais do que apenas ele. Se houver um jeito de salvar todos os Strigoi, isso mudaria nosso mundo. Quero dizer, não que não seja legal botar fogo neles depois da matança, mas e se pudermos impedir essa matança antes de mais nada? Essa é a chave para nos salvar. Para salvar todos nós.

Lissa emudeceu por um momento. Christian havia falado com paixão, irradiando uma esperança com a qual ela simplesmente não contava. Era... tocante.

Ele se aproveitou do silêncio dela.

— E nem vou comentar o que você faria sem instrução alguma. Além do mais, eu gostaria de reduzir as chances de você acabar morrendo. Sei que, mesmo que Rose queira impedir, você vai levar isso adiante.

Lissa ficou quieta mais uma vez, ponderando a situação. Ouvi seus pensamentos, sem gostar nem um pouco do rumo que tomavam.

— Partimos às seis — disse ela, por fim. — Você pode me encontrar lá embaixo, às cinco e meia?

Tatiana não ficaria muito entusiasmada quando soubesse da nova escolha de convidado, mas Lissa tinha certeza de que conseguiria resolver aquilo numa conversa rápida pela manhã.

Ele assentiu.

— Vou estar lá.

De volta a meu quarto, fiquei muito indignada. Lissa tentaria aprender a cravar uma estaca em um Strigoi — *pelas minhas costas* — e Christian ia ajudá-la. Aqueles dois andavam rosnando um para o outro desde que terminaram. Eu devia me sentir lisonjeada por terem se unido para agir em segredo por mim, mas não. Fiquei irritada.

Refleti sobre minhas opções. Os prédios nos quais Lissa e eu ficávamos não tinham o mesmo tipo de recepção, toque de recolher nem segurança que nossos dormitórios da escola, mas os empregados dali haviam sido instruídos a avisar alguém na sala dos guardiões se eu me tornasse muito sociável. Hans também me mandara ficar longe de Lissa até segunda ordem. Ponderei tudo isso por um momento, pensando que poderia valer a pena ser arrastada de volta do quarto de Lissa por Hans e, então, por fim, um plano alternativo me veio à mente. Era tarde, só que não tarde *demais*, e saí do meu quarto para ir ao quarto ao lado. Bati à porta e torci para que minha vizinha ainda estivesse acordada.

Era uma vampira da minha idade, recém-formada, de uma escola diferente. Eu não tinha celular, mas a havia visto falando em um mais cedo naquele dia. Ela abriu a porta poucos instantes depois e felizmente não parecia ter sido tirada da cama.

— Ei — disse ela, surpresa, o que era compreensível.

— Ei, posso usar seu celular para enviar uma mensagem?

Eu não queria requisitar o telefone dela para conversar e, além do mais, Lissa poderia desligar na

minha cara. Minha vizinha deu de ombros, foi até o quarto e voltou com o celular. Eu havia decorado o número de Lissa e mandei a seguinte mensagem:

Sei o que vocês pretendem fazer, e é MÁ ideia. Vou acabar com os dois quando encontrá-los.

Devolvi o telefone à dona.

— Obrigada. Se alguém responder, você poderia me avisar?

Ela disse que sim, mas eu não esperava nenhuma mensagem de volta. Recebi a resposta de outro jeito. Depois de retornar ao quarto e à mente de Lissa, consegui ver quando o celular dela soou. Christian já tinha ido embora, e ela leu minha mensagem com um sorriso arrependido. Minha resposta veio através do laço. Ela sabia que eu estava observando.

Lamento, Rose. É um risco que tenho que correr. Vou fazer isso, sim.

Me revirei na cama a noite toda, ainda nervosa com o que Lissa e Christian iam tentar fazer. Não pensei que fosse cair no sono, mas quando Adrian veio até mim em um sonho, ficou claro que a exaustão do meu corpo havia vencido a agitação da minha mente.

— Las Vegas? — perguntei.

Os sonhos de Adrian sempre se passavam em lugares diferentes, de acordo com suas escolhas. Naquela noite, estávamos de pé na Strip, bem perto de onde Eddie e eu tínhamos nos encontrado com ele e Lissa, no MGM Grand. As luzes brilhantes e o neon dos hotéis e restaurantes reluziam na escuridão, mas aquele cenário todo era sinistramente silencioso se comparado à realidade. Adrian não havia levado os carros nem as pessoas da verdadeira Las Vegas para lá. Era como uma cidade fantasma.

Ele sorriu, se encostando em um poste coberto de cartazes de espetáculos e serviços de acompanhantes.

— Bem, não tivemos oportunidade de apreciar Vegas quando estivemos lá.

— É verdade. — Eu estava a mais ou menos um metro de distância, com os braços cruzados sobre o peito. Usava jeans e uma camiseta, além do *nazar*. Ao que parecia, Adrian havia decidido não escolher minhas roupas naquela noite, o que me deixou agradecida. Eu podia ter acabado como uma daquelas Moroi performáticas, com plumas e paetês. — Pensei que você estivesse me evitando.

Eu ainda não tinha muita certeza de como estava nosso relacionamento, apesar de sua postura despreocupada no *Witching Hour*.

Ele suspirou.

— Não é por escolha própria, dampirinha. Aqueles guardiões estão fazendo tudo que podem para mantê-la na solitária. Bem, mais ou menos isso.

— Christian conseguiu se infiltrar e conversar comigo mais cedo — falei, na esperança de evitar o assunto que andava na mente de Adrian: o fato de eu ter arriscado vidas para salvar meu ex-namorado. — Ele vai tentar ensinar Lissa a cravar uma estaca em um Strigoi.

Imaginei que Adrian fosse se unir a mim em minha indignação, mas ele parecia tão tolerante e sarcástico como sempre.

— Não estou surpreso por ela tentar. O que me surpreende é ele de fato estar interessado em ajudar numa teoria maluca.

— Bem, é maluca o bastante para motivá-lo... e acho que consegue ser maior do que o ódio que os dois andam sentindo um pelo outro ultimamente.

Adrian virou a cabeça para o lado, fazendo com que uma mecha de cabelo caísse sobre seus olhos.

Um prédio com palmeiras de neon azuis dava um brilho sinistro a seu rosto enquanto ele me olhava, como quem compreendia a situação.

— Qual é? Nós dois sabemos por que Christian está fazendo isso.

— Por que ele acha que seu grupo de depois das aulas com Jill e Mia o torna qualificado para ensinar esse tipo de coisa?

— Porque isso é uma desculpa para ficar perto dela. Sem parecer que ele se rendeu primeiro. Desse jeito, a virilidade é preservada.

Me mexi um pouco para que as luzes de um letreiro gigante que fazia propaganda de caça-níqueis não atingissem meus olhos.

— Isso é ridículo.

Ainda mais a parte da virilidade de Christian.

— Os homens fazem coisas ridículas por amor. — Adrian enfiou a mão no bolso e pegou um maço de cigarros. — Você sabe o quanto quero um destes agora? Só que eu soffro, Rose. Tudo por você.

— Não venha com romantismo para cima de mim — avisei, tentando esconder meu sorriso. — Não temos tempo para isso; não quando minha melhor amiga quer caçar monstros.

— É, mas como ela vai encontrá-lo? Isso é um problema.

Adrian não precisava explicar o “lo”.

— É verdade — admiti.

— E, de qualquer forma, ela ainda não conseguiu encantar a estaca. Portanto, até conseguir, todas as habilidades de kung fu do mundo não importarão.

— Os guardiões não praticam kung fu. E como é que você sabia da estaca?

— Ela me pediu ajuda algumas vezes — explicou ele.

— Humm. Eu não sabia disso.

— Bem, você anda meio ocupada. Nem pensou no coitadinho do seu namorado chateado.

Com tantas tarefas, eu não havia passado muito tempo na mente de Lissa — apenas o bastante para dar uma olhada nela.

— Ei, eu teria levado você para arquivar papelada comigo qualquer dia desses. — Eu andava com tanto medo de Adrian ficar furioso comigo depois de Vegas e, no entanto, ali estava ele, relaxado e brincalhão. Um pouco relaxado *demais*. Queria que ele se concentrasse no problema que tínhamos nas mãos. — O que você acha de Lissa com os encantamentos? Ela está perto de conseguir?

Adrian brincava com os cigarros sem se dar conta, e fiquei tentada a dizer a ele para ir em frente e fumar um. Afinal, o sonho era dele.

— Não dá para saber. Não me aprofundei em encantamentos tanto quanto ela. É estranho ter os outros elementos ali... Dificulta a manipulação do espírito.

— Você vai ajudar Lissa mesmo assim? — perguntei, desconfiada.

Ele balançou a cabeça com deleite.

— O que você acha?

Hesitei.

— Eu... Sei lá. Você ajuda Lissa com grande parte das coisas que tem a ver com espírito, mas ajudá-la com isso significaria...

— Ajudar Dimitri?

Assenti, sem confiar em mim mesma para entrar em detalhes.

— Não — disse Adrian, por fim. — Não vou ajudar Lissa simplesmente porque não sei como fazê-lo.

Suspirei, aliviada.

— Me desculpe — falei. — Por tudo... Por ter mentido sobre onde estava e o que estava fazendo. Eu errei. E não entendo... Bem, não consigo entender por que você está sendo tão legal comigo.

— Eu deveria ser mau? — Ele piscou para mim. — Você é chegada a esse tipo de coisa?

— Não! Claro que não. Mas, quero dizer, você ficou tão irritado quando foi para Vegas e descobriu o que estava acontecendo. Pensei... Sei lá. Pensei que você me odiasse agora.

O deleite desapareceu de suas feições. Ele chegou mais perto e pôs as mãos em meus ombros, seus olhos verde-escuros muito sérios.

— Rose, nada neste mundo me faria odiar você.

— Nem o fato de eu tentar trazer meu ex-namorado de volta do mundo dos mortos?

Adrian me segurou firme, e mesmo em um sonho, pude sentir o cheiro de sua pele e de seu perfume.

— É, vou ser sincero. Se Belikov estivesse por aqui agora, vivo, como ele já foi? Haveria alguns problemas. Não quero pensar no que aconteceria com a gente se... Bem, não vale a pena perder tempo com isso. Ele não está aqui.

— Ainda... Ainda quero que a gente dê certo — falei com meiguice. — Eu ainda tentaria, mesmo que ele estivesse de volta. É que para mim é difícil deixar para lá alguém com quem me importo.

— Eu sei. Você fez o que fez por amor. Não posso ficar chateado com você por causa disso. Foi uma besteira, mas o amor é assim. Tem alguma ideia do que eu faria por você? Para mantê-la em segurança?

— Adrian...

Não consegui olhar nos olhos dele. De repente, senti que não valia a pena. Era tão fácil subestimá-lo. A única coisa que consegui fazer foi encostar a cabeça em seu peito e deixá-lo me abraçar.

— Lamento.

— Lamente por ter mentido — disse ele, dando um beijo na minha testa. — Não lamente tê-lo amado. Isso faz parte de você. É uma parte da qual você tem que se desapegar, sim, mas ainda faz de você quem você é.

Uma parte da qual você tem que se desapegar...

Adrian tinha razão, e isso era algo assustador demais para admitir. Tive minha chance. Tinha me arriscado para salvar Dimitri e falhei. Lissa não chegaria a lugar algum com a estaca, o que significava que eu teria de fato que considerar Dimitri do mesmo jeito que todo mundo considerava: ele estava morto. E eu precisava seguir em frente.

— Que merda — resmunguei.

— O que foi? — perguntou Adrian.

— Odeio quando você é o sensato. Isso é tarefa minha.

— Rose — disse ele, se esforçando para manter um tom sério —, posso pensar em muitas palavras para descrevê-la. *Sexy* e *gostosa* são as primeiras da lista. Sabe o que não está nessa lista? *Sensata*.

Dei uma gargalhada.

— Está bem. Então minha tarefa é ser a menos louca.

Ele refletiu.

— Isso eu posso aceitar.

Levei meus lábios até os dele, e mesmo que nosso relacionamento ainda estivesse estremecido, não havia incerteza alguma em como nos beijávamos. O beijo dos sonhos era igual ao da vida real. Um calor aflorou entre nós, e senti um arrepio percorrer meu corpo inteiro. Ele soltou minhas mãos e envolveu minha cintura com os braços, me puxando para mais perto. Me dei conta de que estava na hora de começar a acreditar no que insistia em dizer. A vida realmente continuava. Dimitri podia ter ido embora, mas eu ainda era capaz de ter alguma coisa com Adrian — pelo menos até meu trabalho me tirar dali. Isso, é claro, presumindo que eu teria um. Caramba, se Hans me mantivesse ali para prestar serviços no escritório e Adrian persistisse em seu jeito acomodado, podíamos ficar juntos para sempre.

Adrian e eu nos beijamos por um bom tempo, nos puxando para cada vez mais perto um do outro. Por fim, me afastei. Se você transasse num sonho, queria dizer que *realmente* tinha feito isso? Eu não sabia e com certeza não iria descobrir. Ainda não estava pronta.

Dei um passo para trás, e Adrian entendeu.

— Me procure quando você tiver um pouco de liberdade.

— Espero que seja logo — falei. — Os guardiões não podem me punir para sempre.

Adrian parecia discordar, mas deixou o sonho se dissolver sem mais comentários. Voltei para minha própria cama e para meus próprios sonhos.

A única coisa que me impediu de interceptar Lissa e Christian quando os dois se encontraram na entrada do prédio no dia seguinte pela manhã foi o fato de Hans ter me convocado para o serviço ainda mais cedo. Ele me botou para trabalhar com a papelada — na câmara, o que era irônico o bastante —, me deixando ali para arquivar e remoeir o assunto de Lissa e Christian enquanto os vigiava por meio do laço. Interpretei como um sinal de habilidade para múltiplas tarefas o fato de eu ser capaz de organizar em ordem alfabética e espiar ao mesmo tempo.

No entanto, minha espionagem foi interrompida quando uma voz disse:

— Eu não esperava encontrar você aqui de novo.

Pisquei, me retirando da mente de Lissa. Tirei os olhos da papelada e os voltei para a frente. Mikhail estava diante de mim. Devido às complicações decorrentes do incidente com Victor, quase me esqueci do envolvimento de Mikhail em nossa “fuga”. Larguei os arquivos e dei um pequeno sorriso para ele.

— Pois é. Como o destino é estranho, não acha? Agora realmente me *querem* aqui.

— Querem mesmo. Você está com muitos problemas, pelo que ouvi dizer.

Meu sorriso se transformou em uma careta.

— Nem me fale. — Olhei ao redor, muito embora soubesse que estávamos sozinhos. — *Você* não teve problemas, não é?

Ele negou com a cabeça.

— Ninguém sabe o que fiz.

— Que bom.

Pelo menos uma pessoa havia escapado ilesa daquele fiasco. Minha culpa não poderia lidar com isso se ele também tivesse sido pego.

Mikhail se ajoelhou para que seus olhos ficassem na altura dos meus, repousando os braços sobre a mesa à qual eu me sentava.

— Você conseguiu o que queria? Valeu a pena?

— É difícil responder a essa pergunta.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Aconteceram algumas coisas... que eu não desejava tanto. Mas descobrimos o que queríamos saber. Ou, bem, achamos que sim.

Ele suspirou.

— Como trazer um Strigoi de volta?

— Acho que sim. Se nosso informante disse a verdade, então, sim. Só que, mesmo tendo dito...

Bem, não é tão fácil fazer isso. Para ser sincera, é quase impossível.

— E como é?

Hesitei. Mikhail havia nos ajudado, mas não estava entre meus confidentes. No entanto, agora eu via aquele olhar assombrado, o mesmo de antes. A dor de ter perdido sua amada ainda o atormentava. Provavelmente sempre atormentaria. Será que eu lhe faria mais mal do que bem se contasse o que havia descoberto? Aquela pequena esperança só serviria para lhe causar ainda mais sofrimento?

Por fim, decidi contar. Mesmo que Mikhail comentasse com os outros — e eu achava que ele não comentaria —, grande parte reagiria com gargalhadas. Não haveria prejuízo algum. O verdadeiro problema surgiria se ele contasse a alguém sobre Victor e Robert — mas eu não precisava mencionar o envolvimento dos dois. Ao contrário do que havia acontecido com Christian, ao que parecia, Mikhail não tinha se dado conta de que a invasão à prisão tão citada no noticiário Moroi havia sido realizada pelos adolescentes que ele ajudou a escapar. Mikhail não devia conseguir pensar em nada que não tivesse a ver com salvar sua Sonya.

— Precisamos de um usuário do espírito — expliquei. — Com uma estaca encantada. Então ele... ou ela... tem que cravar a estaca em um Strigoi.

— Do espírito... — Aquele elemento ainda era estranho para grande parte dos Moroi e dampiros. Porém, não para ele. — Como Sonya. Sei que o espírito costuma torná-los mais atraentes... mas juro que ela nunca precisou disso. Era bonita por si só. — Como sempre, no rosto de Mikhail surgiu aquele olhar triste que sempre surgia quando a srta. Karp era citada. Eu nunca o havia visto verdadeiramente feliz desde que o conheci e achava que ele seria muito bonito se desse um sorriso genuíno. De repente, Mikhail pareceu constrangido por seu lapso de romantismo e voltou ao assunto.

— Que usuário do espírito seria capaz de cravar uma estaca?

— Nenhum — falei, determinada. — Lissa Dragomir e Adrian Ivashkov são os dois únicos usuários do espírito que conheço. Bem, além de Avery Lazar. — Decidi deixar Oksana e Robert fora disso. — Nenhum deles tem habilidade para fazer uma coisa dessas. Você sabe tão bem quanto eu. E, de qualquer forma, Adrian não está nem um pouco interessado.

Mikhail era perspicaz e pegou o que eu não disse.

— Lissa está?

— Sim — admiti. — Mas levaria anos para aprender a fazer isso. Se não demorar ainda mais tempo. E é a última da linhagem dela. Não pode se arriscar dessa maneira.

A realidade de minhas palavras o atingiu, e não pude evitar compartilhar de sua dor e de sua decepção. Como eu, ele tinha acreditado muito naquela última tentativa de se unir ao seu amor perdido. E eu havia acabado de afirmar que era possível... e, no entanto, impossível. Acho que teria sido mais fácil para nós dois saber que tudo não passou de um boato.

Ele suspirou e ficou de pé.

— Bem... Obrigado por ter ido atrás disso. Lamento por você estar sendo punida sem ter conseguido nada.

Dei de ombros.

— Tudo bem. Valeu a pena.

— Espero... — Sua expressão era de hesitação. — Espero que o castigo acabe logo e não afete nada.

— Afete o quê? — perguntei, ansiosa, captando o tom de sua voz.

— É que... Bem, guardiões que desrespeitam ordens às vezes enfrentam punições longas.

— Ah. Isso. — Ele se referia ao meu constante medo de ficar presa em um cargo administrativo. Tentei parecer despreocupada e não demonstrar o quanto aquela possibilidade me assustava. — Tenho certeza de que Hans estava blefando. Quero dizer, será que ele me obrigaria mesmo a fazer isso para sempre só porque fugi e...

Parei, boquiaberta, quando um brilho de quem compreendia a situação surgiu nos olhos de Mikhail. Eu ouvira falar, muito tempo antes, de como ele tentara rastrear a srta. Karp, mas a logística da coisa nunca havia me atingido até aquele momento. Ninguém teria perdoado sua busca. Ele teria saído por conta própria, quebrando protocolos, e voltado às escondidas quando, por fim, desistiu de localizá-la. Teria se metido em tantos problemas quanto eu por abandonar seu posto.

— É por isso... — Engoli em seco. — É por isso que você... que você trabalha aqui na câmara agora?

Mikhail não respondeu minha pergunta. Em vez disso, olhou para baixo, dando um pequeno sorriso e apontou para as minhas pilhas de papel.

— *F* vem antes de *L* — disse ele antes de se virar e sair.

— Merda — resmunguei, olhando para os documentos.

Ele tinha razão. Aparentemente, eu não conseguia organizar em ordem alfabética tão bem assim enquanto vigiava Lissa. No entanto, quando fiquei sozinha, aquilo não me impediu de voltar à sua mente. Queria saber o que ela estava fazendo... e não queria pensar sobre como o que eu havia feito provavelmente seria considerado pior do que as atitudes de Mikhail aos olhos dos guardiões. Nem que uma punição parecida — ou pior — poderia estar reservada para mim.

Lissa e Christian estavam em um hotel perto do campus de Lehigh. Quando era o meio do dia para os vampiros, já era noite para os humanos da universidade. O tour de Lissa não começaria até a manhã do dia seguinte deles, o que significava que agora ela teria que fazer hora no hotel e tentar se ajustar ao fuso dos humanos.

Os “novos” guardiões de Lissa, Serena e Grant, estavam com ela, junto com mais três, enviados pela rainha. Tatiana tinha concordado com a ida de Christian sem chegar nem perto de se opor tanto quanto Lissa temia — o que me fez me perguntar mais uma vez se a rainha era tão ruim quanto sempre acreditei. Priscilla Voda, uma conselheira íntima da rainha de quem tanto Lissa quanto eu gostávamos, também acompanhava minha amiga enquanto ela dava uma olhada na faculdade. Dois dos guardiões extras ficaram com Priscilla; e o terceiro, com Christian. Todos jantaram juntos e, depois, se retiraram para seus quartos. Na verdade, Serena estava acomodada no quarto com Lissa enquanto Grant vigiava do lado de fora. Ver tudo aquilo despertou uma angústia em mim. Trabalhar como guardião em dupla — era para isso que eu fora treinada. O que passei a vida inteira esperando para fazer por Lissa.

Serena era um exemplo perfeito do distanciamento de um guardião. Estava lá sem estar enquanto Lissa pendurava algumas de suas roupas. Uma batida à porta logo deixou Serena em estado de alerta. Sua estaca já estava na mão, ela deu passos largos até a porta e espiou pelo olho mágico. Não pude deixar de admirar seu tempo de reação, embora uma parte de mim nunca acreditasse que alguém poderia proteger Lissa tão bem quanto eu.

— Chegue para trás — disse Serena a Lissa.

Um momento depois, a tensão em Serena diminuiu só um pouquinho, e ela abriu a porta. Grant estava ali parado com Christian ao seu lado.

— Ele veio ver você — disse Grant, como se não fosse óbvio.

Lissa assentiu.

— Humm. Está bem. Entre.

Christian entrou quando Grant se afastou. Ele lançou um olhar significativo para Lissa, acenando com leveza em direção a Serena.

— Ei, humm, você se importaria de nos dar um pouco de privacidade? — Logo que as palavras saíram da boca de Lissa, ela enrubesceu. — Quero dizer... só precisamos... só precisamos conversar sobre algumas coisas. É isso.

Serena manteve a expressão *quase* neutra, mas estava claro que ela pensava que os dois iriam fazer mais do que conversar. Namoros de adolescentes não costumavam ser uma fofoca quente no mundo dos Moroi. Lissa, porém, com sua notoriedade, atraía um pouco mais de atenção com seus romances. Serena devia saber que Christian e Lissa já tinham saído durante um tempo e depois terminado. E agora pensava que haviam voltado um para o outro. Lissa tê-lo convidado para a viagem sem dúvida indicava isso.

Serena olhou ao redor com cautela. O equilíbrio entre proteção e privacidade era sempre complicado para os Moroi e os guardiões, e quartos de hotel como aquele dificultavam ainda mais as coisas. Se seguissem os horários dos vampiros, com todos dormindo durante as horas de luz do dia, eu não duvidava que Serena teria permanecido no corredor com Grant. Porém, estava escuro lá fora, e até mesmo uma janela do quinto andar poderia servir de entrada para um Strigoi. Serena não era chegada a deixar sua nova protegida sozinha.

A suíte de Lissa tinha sala e escritório amplos, e um quarto adjacente com portas duplas de vidro fosco. Serena acenou em direção a elas.

— E se eu fosse lá para dentro? — Uma ideia inteligente. Ela dava privacidade, mas ainda se mantinha por perto. Então, Serena se deu conta de o que aquilo implicava, e *ela* enrubesceu. — Quero dizer... a menos que vocês queiram ir lá para dentro e eu...

— Não — exclamou Lissa, cada vez mais constrangida. — Assim está bom. Vamos ficar aqui. Só queremos *conversar*.

Eu não sabia ao certo para quem era aquele comentário, se havia sido para Serena ou Christian. Serena assentiu e desapareceu para dentro do quarto com um livro, o que me trouxe uma lembrança sinistra de Dimitri. Ela fechou a porta. Lissa não sabia o quanto o som se propagava ali. Então, ligou a tevê.

— Meu Deus, isso foi horrível — resmungou ela.

Christian parecia completamente à vontade, encostado na parede. Não fazia o tipo formal de jeito nenhum, mas havia usado um traje de gala no jantar mais cedo e ainda estava com ele. Ficava bem assim, não importava o quanto sempre reclamasse.

— Por quê?

— Porque ela acha que vamos... ela acha que vamos... Bem, você sabe.

— E daí? O que é que tem?

Lissa revirou os olhos.

— Você é um cara. É claro que não tem importância para você.

— Ei, até parece que *nunca* fizemos isso. Além do mais, é melhor ela pensar assim do que saber a verdade.

A referência ao passado sexual dos dois inspirou uma mistura de sensações — constrangimento, raiva, desejo — em Lissa, mas ela se recusou a permitir que seus sentimentos transparecessem.

— Está bem. Vamos acabar logo com isso. Temos um longo dia pela frente, e nossos horários de sono vão estar todos trocados como agora. Por onde começamos? Quer que eu pegue a estaca?

— Ainda não precisa. Por enquanto, devemos apenas praticar alguns movimentos de defesa básicos.

Ele se endireitou, foi para o meio do cômodo e arrastou uma mesa para tirá-la do caminho.

Juro que, se não fosse pelo contexto, ver aqueles dois tentando treinar combate sozinhos teria sido hilário.

— Está bem — disse ele. — Então você já sabe como dar um soco.

— O quê? Não sei, não!

Ele franziu a testa.

— Mas você derrubou Reed Lazar. Rose me contou isso umas cem vezes. Nunca a vi tão orgulhosa de alguma coisa.

— Soquei *uma* pessoa *uma* vez na vida — argumentou ela. — E Rose me deu as instruções. Não sei se consigo fazer isso de novo.

Christian assentiu, parecendo desapontado — não por causa das habilidades de Lissa e sim porque era de natureza impaciente e queria pular direto para a parte mais pesada da luta. Porém, nos surpreendeu e se mostrou um professor paciente enquanto passou pela bela arte de socar e atingir. Vários de seus movimentos foram aprendidos comigo.

Ele fora um aluno decente. Estava no nível dos guardiões? Não. Não chegava nem perto. E Lissa? Ela era esperta e competente, mas não tinha nascido para o combate, não importava o quanto quisesse ajudar naquela situação. Bater em Reed Lazar fora uma bela coisa, só que não parecia ser nada que se tornaria natural para ela um dia. Por sorte, Christian começou com coisas simples, como esquivar e observar o oponente. Lissa era apenas uma iniciante, mas parecia promissora. Christian parecia achar que aquilo se devia a suas habilidades como instrutor. Porém, sempre pensei que usuários do espírito tivessem um tipo de instinto extraordinário que previa o que os outros poderiam fazer em seguida. No entanto, eu duvidava que isso funcionasse com os Strigoi.

Depois de um pouco daquilo, Christian finalmente voltou-se para a ofensiva, e foi então que as coisas ficaram ruins.

A natureza delicada e curativa de Lissa não dava para a coisa, e ela se recusava a bater com toda a sua força por medo de machucá-lo. Quando Christian percebeu o que acontecia, seu temperamento irritadiço começou a vir à tona.

— Vamos! Não se trave.

— Não estou fazendo isso — protestou ela, dando um soco no peito dele que não chegou nem perto de fazê-lo se mexer.

Exaltado, ele passou uma das mãos pelos cabelos.

— Está, sim! Já vi você bater em uma porta com mais força do que está batendo em mim.

— Que comparação ridícula.

— E não está mirando no meu rosto.

— Não quero deixar uma cicatriz em você!

— Bem, do jeito que estamos indo, não tem o menor perigo de isso acontecer — resmungou ele.

— Além do mais, você pode me curar.

Me diverti com a discussão boba dos dois, mas não gostei de ele ter encorajado o uso casual do espírito. Eu ainda não havia me livrado da culpa pelos danos a longo prazo que a invasão à prisão podiam ter causado.

Estendendo os braços, Christian segurou Lissa pelo punho e a puxou em sua direção. Cerrou os dedos dela com a outra mão e, em seguida, demonstrou devagar como dar um soco para cima, empurrando o punho dela até seu rosto. Ele estava mais interessado em mostrar a técnica e o movimento, então, o soco passou de raspão.

— Entendeu? Faça um gancho para cima. O impacto deve ser bem aqui. Não se preocupe em me machucar.

— Não é tão simples assim...

O protesto de Lissa se calou e, de repente, os dois pareciam ter notado a situação em que se encontravam. Mal havia espaço entre eles, e os dedos de Christian ainda tocavam o punho dela. Eram quentes ao tocar a pele de Lissa e enviavam ondas de eletricidade pelo resto de seu corpo. O ar entre eles era espesso e pesado, como se pudesse envolvê-los e puxá-los para ainda mais perto um do outro. Pelos olhos arregalados de Christian e sua inspiração repentina, eu estava disposta a apostar que ele tinha sensações parecidas por estar tão perto do corpo dela.

Caindo em si, ele soltou a mão dela num gesto ab-rupto e deu um passo para trás.

— Bem — disse ele, com aspereza, embora ainda claramente afetado por aquela proximidade —, acho que você não estava falando sério quando disse que queria ajudar Rose.

Aquilo deu certo. Apesar da tensão sexual, uma fúria se acumulou em Lissa diante do comentário. Ela cerrou o punho e pegou Christian de surpresa quando se mexeu e lhe deu um soco no rosto. Não teve a mesma graça do soco que dera em Reed, mas atingiu Christian em cheio. Infelizmente, ela perdeu o equilíbrio na manobra e tropeçou para frente, na direção dele. Os dois caíram no chão juntos, esbarrando em uma mesinha e uma luminária que estavam ali perto. A luminária acertou a quina da mesa e quebrou.

Nesse meio-tempo, Lissa havia caído sobre Christian. Por instinto, os braços dele a envolveram no mesmo instante, e se antes o espaço entre eles já era pequeno, agora era inexistente. Os dois olharam nos olhos um do outro, e o coração de Lissa disparava intensamente em seu peito. Aquela sensação elétrica e tentadora crepitava em torno deles de novo, e para ela, o mundo inteiro parecia se concentrar nos lábios dele. Tanto ela quanto eu nos perguntamos mais tarde se eles teriam se beijado, mas bem naquele instante, Serena veio correndo de dentro do quarto.

Como guardiã, se encontrava em extremo estado de alerta, com o corpo tenso e a estaca na mão, pronta para enfrentar um exército de Strigoi. Veio gritando e parou ao ver a cena com a qual se deparou — que parecia ser romântica. É preciso reconhecer que aquilo era estranho, ainda mais com a luminária quebrada e a mancha vermelha e inchada no rosto de Christian. Era muito bizarro para qualquer um, e o estado de alerta de Serena deu lugar à confusão.

— Ah — disse ela, incerta. — Me desculpem.

Lissa foi inundada pelo constrangimento e se lamentou por ter sido tão afetada por Christian. Estava furiosa com ele, afinal. Se afastou depressa e se sentou e, em meio ao estado de perturbação, sentiu a necessidade de deixar claro que não acontecia absolutamente nada de romântico ali.

— Não... Não é o que você está pensando — gaguejou Lissa, olhando para qualquer lugar, menos para Christian, que se levantava e parecia tão incomodado quanto ela. — Estávamos lutando. Quero dizer, praticando luta. Quero aprender a me defender dos Strigoi. E a atacá-los. E a cravar estacas neles. Então, Christian estava me ajudando. Só isso.

Era um tanto fofo ela ter começado a falar sem parar, e aquilo me trouxe lembranças agradáveis de Jill.

Serena relaxou, e apesar de ter conseguido fazer aquela cara inexpressiva que todos os guardiões eram especialistas em fazer, era claro que se divertia.

— Bem — disse ela —, acho que não estão fazendo um bom trabalho.

Christian se virou, indignado, tocando o queixo ferido.

— Ei! Estamos, sim. Ensinei isso a ela.

Serena ainda achava tudo aquilo engraçado, mas um olhar sério e respeitoso começava a se formar em seu rosto.

— Isso mais parece sorte do que qualquer outra coisa. — Ela hesitou, como se estivesse prestes a tomar uma decisão importante. Por fim, disse: — Escutem, se estão mesmo querendo isso, precisam aprender do jeito certo. Vou mostrar como.

De. Jeito. Nenhum.

Eu estava a ponto de fugir da Corte e pegar carona até Lehigh para mostrar a eles como dar um soco *de verdade* — usando Serena como exemplo — quando algo me arrancou de Lissa e me fez voltar à minha própria realidade. Hans.

Eu tinha uma saudação sarcástica na ponta da língua, mas ele não me deu oportunidade.

— Esqueça os arquivos e me acompanhe. Você foi convocada.

— Eu... O quê? — Totalmente inesperado. — Convocada para quê?

Sua expressão era severa.

— Para ver a rainha.

caitorze

Na última vez em que Tatiana quis gritar comigo, ela apenas me levou até uma de suas salas particulares. Aquilo provocara um clima estranho, como se estivéssemos na hora do chá — só que as pessoas não costumavam gritar umas com as outras na hora do chá. Eu não tinha razão alguma para acreditar que agora seria diferente... até notar que minha escolta me guiava em direção aos principais prédios administrativos da Corte, para os lugares aos quais todo o governo da realeza era conduzido. Merda. Era mais sério do que eu imaginava.

E, de fato, quando por fim me levaram até a sala onde Tatiana esperava... Bem, quase paralisei e não consegui entrar. Apenas um leve toque em minhas costas de um dos guardiões que estava comigo me fez seguir em frente. O lugar estava lotado.

Eu não sabia ao certo em que sala estava. Os Moroi mantinham mesmo uma senhora sala do trono para o rei ou a rainha, mas não pensei que fosse aquela. O cômodo ainda tinha uma decoração pesada e dava a sensação de estarmos na realeza do Velho Mundo, em meio a frisos com meticulosos entalhes florais e castiçais dourados e brilhantes nas paredes. Também havia velas de verdade acesas neles. Sua luz refletia nas decorações metálicas da sala. Tudo reluzia, e me senti como se tivesse ido parar no palco de alguma produção.

E eu realmente poderia ter ido. Depois de olhar ao redor por um momento, percebi onde estava. As pessoas naquela sala se encontravam separadas. Doze delas se sentavam a uma mesa comprida sobre um pequeno palanque, o que devia ser o foco da sala. A própria Tatiana ocupava o meio da mesa, com seis Moroi de um lado e cinco do outro. A outra extremidade da sala estava arrumada apenas com fileiras de cadeiras — ainda elaboradas e estofadas com almofadas de cetim — também repletas de Moroi: o público.

As pessoas de um lado e de outro de Tatiana eram o aviso. Tratava-se de Moroi mais velhos, mas que tinham um ar de magnificência. Onze Moroi para as onze famílias reais atuantes. Lissa ainda não tinha dezoito anos — embora estivesse prestes a completá-los, como me lembrei de repente — e, portanto, ainda não possuía um lugar ali. Alguém representava Priscilla Voda. Eu olhava para o Conselho: príncipes e princesas do mundo dos Moroi. O membro mais velho de cada família reclamava o título real e uma posição de conselheiro ao lado de Tatiana. Às vezes, o mais velho renunciava à posição e a cedia para alguém que a família considerasse mais capaz, mas o convocado quase sempre tinha pelo menos 45 anos. O Conselho elegia o rei ou a rainha Moroi, que permanecia

no cargo até morrer ou se aposentar. Em raras circunstâncias, com apoio suficiente das famílias reais, um monarca poderia ser forçado a abandonar o posto.

Cada príncipe ou princesa do Conselho era, por sua vez, orientado por um conselho familiar, e ao olhar de novo para o público, reconheci grupos de membros de uma mesma família sentados juntos: Ivashkov, Lazar, Badica... Os das fileiras lá do fundo pareciam ser observadores. Tasha e Adrian estavam ao lado um do outro, e eu sabia com certeza que não faziam parte do Conselho Real nem do conselho da família. Ainda assim, vê-los me confortou um pouco.

Permaneci perto da entrada da sala, inquieta, transferindo o peso do corpo de um pé para o outro, me perguntando o que me aguardava. Não seria apenas humilhada em público. Aparentemente, seria humilhada diante dos Moroi mais importantes do mundo. Que maravilha.

Um Moroi alto, magro e desajeitado com mechas de cabelo branco deu alguns passos à frente, contornando a lateral da mesa comprida, e pigarreou. O zunido de conversa se desfez no mesmo instante. Um silêncio preencheu a sala.

— Esta sessão do Conselho Real Moroi está aberta — declarou ele. — Sua Majestade Real, Tatiana Marina Ivashkova, irá presidi-la.

Ele fez uma leve reverência em direção a ela. Em seguida, recuou com discrição para o canto da sala e parou perto de alguns guardiões que se alinhavam às paredes, como se fizessem parte da decoração.

Tatiana sempre se vestia com elegância para as festas em que eu a via, mas para um evento formal como aquele, ela de fato incorporava a aparência de rainha. Seu vestido de mangas compridas era de seda, azul-marinho, e uma coroa reluzente de pedras azuis e brancas se encontrava no topo de seu cabelo em tranças elaboradas. Em um desfile, eu teria achado que aquelas pedras eram imitações. Nela, não questionei nem por um instante se eram diamantes e safiras de verdade.

— Obrigada — disse ela, que também usava sua voz majestosa, rressonante e impressionante, preenchendo a sala. — Vamos continuar a conversa de ontem.

Espere aí... O quê? Andaram conversando sobre mim *ontem* também? Foi então que notei que tinha me envolvido com os braços em algum tipo de postura defensiva e os relaxei no mesmo instante. Não queria parecer fraca, não importava o que haviam reservado para mim.

— Hoje vamos ouvir o testemunho de uma guardiã recém-formada. — O olhar penetrante de Tatiana pairou sobre mim. E o da sala inteira também. — Rosemarie Hathaway, quer se aproximar, por favor?

Eu fui, mantendo a cabeça erguida e uma postura confiante. Não sabia exatamente onde ficar, então escolhi o meio da sala, de frente para Tatiana. Se era para ser exposta ao público, queria que alguém tivesse me avisado para vestir o traje preto e branco dos guardiões. Pouco importava. Eu não demonstraria medo algum, nem mesmo com um jeans e uma camiseta. Fiz uma pequena reverência apropriada e então a fitei nos olhos, me preparando para o que estava por vir.

— Você quer, por favor, dizer seu nome? — perguntou ela.

Tatiana já havia feito isso para mim, mas, mesmo assim, respondi:

— Rosemarie Hathaway.

— Quantos anos você tem?

— Dezoito.

— E há quanto tempo tem dezoito anos?

— Há alguns meses.

Ela esperou por alguns momentos para permitir que aquilo fosse absorvido, como se considerasse a informação importante.

— Srta. Hathaway, entendemos que nesse período você se afastou da Escola São Vladimir. É verdade?

Então era sobre *isso*? E não sobre a viagem para Vegas com Lissa?

— É.

Não dei mais detalhes. Meu Deus. Torci para que ela não falasse sobre Dimitri. Não devia saber do meu relacionamento com ele, mas qualquer informação poderia se espalhar por ali.

— Você foi para a Rússia para caçar Strigoi.

— Fui.

— Como um tipo de vingança pessoal por conta do ataque à São Vladimir?

— Hum... sim.

Ninguém disse nada, mas minha resposta definitivamente provocou um rebuliço na sala. As pessoas se mexiam, incomodadas, e arregalavam os olhos para as cadeiras ao lado. Strigoi sempre inspiraram medo, e alguém procurá-los ainda era um conceito incomum entre nós. Era estranho, só que Tatiana parecia muito satisfeita com a confirmação. Aquilo seria usado como mais munição contra mim?

— Então, poderíamos supor — prosseguiu ela — que você é uma das que acreditam em ataques diretos aos Strigoi.

— Sim.

— Muitos reagiram de formas diferentes ao terrível ataque sofrido pela São Vladimir — disse ela.

— Você não é a única vampira que queria contra-atacar os Strigoi. Embora decerto fosse a mais jovem.

Eu não sabia que outros haviam deixado a Corte para fazer justiça com as próprias mãos — bem, além de alguns vampiros inconsequentes na Rússia. Se aquela era a história da minha viagem na qual Tatiana estava disposta a acreditar, por mim, tudo bem.

— Temos relatos tanto de guardiões quanto de alquimistas na Rússia de que você obteve êxito. — Era a primeira vez que eu ouvia os alquimistas serem mencionados em público, mas é claro que deviam ser um assunto comum entre os membros do Conselho. — Você pode me dizer quantos matou?

— Eu... — Eu a encarei, surpresa. — Não tenho certeza, vossa Majestade. Pelo menos... — Quebrei a cabeça. — Sete.

Deve ter sido mais. E ela também achava que sim.

— Talvez essa seja uma estimativa modesta, se comparada ao que nossas fontes dizem — observou ela com grandeza. — No entanto, ainda se trata de um número impressionante. Você os matou sozinha?

— Em alguns casos, sim. Em outros, tive ajuda. Trabalhei com... uns colegas vampiros algumas vezes.

Na verdade, eu também contara com a ajuda de Strigoi, mas não mencionaria isso.

— E eles tinham mais ou menos a sua idade?

— Tinham.

Tatiana não disse mais nada, e como se recebesse uma deixa, uma mulher ao seu lado falou. Imaginei que fosse a princesa Conta.

— Quando você matou um Strigoi pela primeira vez?

Franzi a testa.

— Em dezembro do ano passado.

— E você tinha dezessete anos?

— Tinha.

— Você o matou sozinha?

— Bem... quase. Alguns amigos me ajudaram a distraí-lo.

Torci para que não me pressionassem para dar mais detalhes. A primeira vez em que matei foi quando Mason morrera, e depois dos acontecimentos que envolviam Dimitri, aquela era a lembrança que mais me atormentava.

A princesa Conta, porém, não queria muitos detalhes. Ela e os outros — que logo passaram a fazer perguntas também — queriam saber mais sobre os Strigoi que matei. Demonstraram um pouco de interesse em saber quando outros vampiros haviam me ajudado — mas não queriam entrar em detalhes sobre quando tive ajuda dos Moroi. Também tentaram evitar meu histórico disciplinar, o que achei intrigante. Os demais detalhes sobre minha vida acadêmica foram mencionados — minhas excepcionais notas em combate, como eu fora uma das melhores quando fugi com Lissa do segundo ano e a velocidade com que compensei o tempo perdido e voltei a ser a primeira da turma (pelo menos no que dizia respeito à luta). Também falaram sobre como eu protegera Lissa sempre que estivemos lá fora, sozinhas no mundo, e por fim concluíram com a minha excepcional pontuação nas provas.

— Obrigada, guardiã Hathaway. Está dispensada.

O tom de descarte de Tatiana não deixou a menor dúvida: ela me queria fora dali. Só podia me sentir ávida demais para obedecer. Fiz mais uma reverência e saí logo. Olhei por um instante para Tasha e Adrian ao deixar a sala, e a voz da rainha soou enquanto eu passava pela porta:

— Isso encerra nossa sessão de hoje. Nos reuniremos de novo amanhã.

Não fiquei surpresa quando Adrian me alcançou poucos minutos depois. Hans não havia me mandado voltar ao trabalho após a sessão, portanto, decidi interpretar aquilo como liberdade.

— Está bem — falei, pegando na mão de Adrian. — Esclareça as coisas para mim com sua sabedoria política de membro da realeza. O que foi aquilo?

— Não faço a menor ideia. Sou a última pessoa a quem se deve perguntar sobre política — respondeu ele. — Nem vou a essas coisas, mas Tasha me encontrou de última hora e disse para eu ir com ela. Acho que foi avisada de que você estaria lá. Só que estava tão confusa quanto a gente.

Nenhum de nós havia comentado nada, mas me dei conta de que o conduzia em direção a um dos prédios que abrigavam o comércio — restaurantes, lojas etc. De repente, estava faminta.

— Tive a impressão de que isso fazia parte de alguma coisa que já andam discutindo. Ela mencionou a última sessão.

— Foi fechada. Como a de amanhã vai ser. Ninguém sabe sobre o que estão conversando.

— Então por que tornar a de hoje pública?

Não parecia justo a rainha e o Conselho poderem escolher o que compartilhariam com os outros. Tudo deveria ter sido público.

Ele franziu a testa.

— Provavelmente porque vão fazer uma votação em breve, e ela será pública. Se o seu testemunho tem algum papel importante, talvez o Conselho queira garantir que outros Moroi o

presenciem. Para que todos compreendam a decisão quando ela for tomada. — Ele fez uma pausa. — Mas como vou saber? Não sou político.

— Assim parece que já está decidido — resmunguei. — Então por que fazer uma votação? E por que *eu* teria alguma coisa a ver com o governo?

Ele abriu a porta de um pequeno café que vendia refeições rápidas — hambúrgueres e outros sanduíches. Adrian fora criado com restaurantes elegantes e comida gourmet. Acho que ele preferia isso, mas sabia que eu não gostava de estar sempre em evidência *nem* de ser lembrada de que estava com um membro da realeza de uma família de elite. Fiquei feliz por ele saber que eu só queria uma refeição comum naquele dia.

No entanto, o fato de estarmos juntos nos rendeu alguns olha curiosos e cochichos por parte dos clientes do café. Na escola, fôramos uma fonte de especulação, mas na Corte? Éramos uma atração de palco principal. As aparências importavam por ali, e grande parte dos relacionamentos entre dampiros e Moroi se mantinha em segredo. O fato de sermos tão abertos — ainda mais levando em conta o parentesco de Adrian — era um escândalo e um choque, e nem sempre as reações eram discretas. Eu já tinha ouvido todo tipo de coisa desde que voltara para lá. Uma mulher me chamou de sem vergonha. Outra especulou em voz alta por que Tatiana não havia simplesmente “dado um jeito em mim”.

Por sorte, naquele dia, nossa plateia se contentava em nos encarar, o que era fácil ignorar. Havia uma pequena ruga na testa de Adrian, que estava pensativo, quando nos sentamos à mesa.

— Talvez estejam votando para fazer de você a guardiã de Lissa no fim das contas.

Fiquei tão impressionada que não consegui dizer nada durante vários segundos, até que, de repente, a garçonete apareceu. Por fim, balbuciei meu pedido e encarei Adrian com os olhos arregalados.

— Será? — A sessão acabou sendo uma avaliação de minhas habilidades. Fazia sentido. Só que... — Não. O conselho não se daria ao trabalho de fazer sessões apenas para designar um guardião.

Minhas esperanças diminuíram.

Adrian deu de ombros, mostrando que compreendia.

— É verdade. Mas essa não é uma designação qualquer. Lissa é a última da linhagem dela. Todo mundo, inclusive minha tia, tem um interesse especial por ela. Designar uma guardiã como você para protegê-la, uma pessoa... — lancei um olhar perigoso para Adrian enquanto ele tentava encontrar uma palavra — ...polêmica poderia decepcionar alguns.

— E é por isso que de fato *me* queriam ali para descrever o que fiz. Para convencer os outros de que sou competente. — Nem mesmo enquanto pronunciava aquelas palavras, me atrevi a acreditar nelas. Era bom demais para ser verdade. — Só não consigo imaginar isso, já que ando com tantos problemas com os guardiões.

— Sei lá — disse ele. — É apenas uma suposição. Quem sabe? Pode ser que realmente acreditem que o lance de Las Vegas não tenha passado de uma brincadeira inofensiva. — Havia um tom mais amargo em sua voz depois daquilo. — E eu falei que tia Tatiana estava mudando de opinião sobre você. Talvez a queira como a guardiã de Lissa agora, mas precise fazer uma exposição em público para justificar isso.

Era um pensamento surpreendente.

— Mas se eu chegar a ficar com Lissa, o que você vai fazer? Se tornar respeitável e ir para a faculdade também?

— Não sei — respondeu ele, com os olhos verdes pensativos enquanto tomava um gole de sua bebida. — Pode ser.

Aquilo também era inesperado, e minha conversa com a mãe de Adrian me veio à mente. E se eu fosse a guardiã de Lissa na faculdade e ele ficasse com a gente pelos quatro anos seguintes? Eu tinha quase certeza de que Daniella pensava que nos separaríamos naquele verão. Eu também pensava... e fiquei surpresa ao perceber o quanto me sentia aliviada com a possibilidade de ficar com ele. Dimitri sempre deixava meu coração cheio de dor e desejo, mas eu ainda queria Adrian na minha vida.

Sorri para ele, e pus minha mão sobre a sua.

— Não sei bem o que faria se você fosse respeitável.

Ele levou minha mão até seus lábios e a beijou.

— Tenho algumas sugestões — falou.

Eu não sabia se haviam sido suas palavras ou a sensação de sua boca na minha pele o que me fez arrepiar toda. Estava prestes a perguntar que sugestões eram aquelas quando nosso momento foi interrompido... por Hans.

— Hathaway — disse ele, com uma sobrancelha arqueada enquanto nos olhava de cima. — Você e eu temos ideias muito diferentes sobre a definição de “punição”.

Ele tinha razão. Para mim, punição envolvia coisas fáceis como levar chicotadas e passar fome. E não arquivar papelada.

Em vez disso, respondi:

— Você não me mandou voltar depois de falar com a rainha.

Ele me olhou, exasperado.

— *Também* não mandei você sair para um encontro. Venha. Volte para a câmara.

— Mas meu sanduíche de bacon com alface e tomate está chegando!

— Você terá um intervalo para o almoço daqui a algumas horas, como todos nós.

Tentei reprimir minha indignação. Não andavam me tratando a pão e água durante a detenção, mas a comida não era muito melhor do que isso. Naquele momento, a garçonete voltou com nossas refeições. Agarrei o sanduíche antes mesmo de ela pôr os pratos na mesa e o enrolei em um guardanapo.

— Posso levá-lo?

— Se você conseguir comê-lo antes de chegarmos lá.

Havia um ceticismo em sua voz, já que a câmara era muito perto dali. Claro que subestimava minha capacidade de ingerir comida.

Apesar da expressão reprovadora de Hans, dei um beijo de despedida em Adrian e um olhar que lhe dizia que talvez continuássemos nossa conversa depois. Ele abriu um sorriso feliz, de quem havia entendido, que vi apenas por um segundo até Hans me mandar sair dali. Fiel às minhas expectativas, consegui devorar o sanduíche antes de chegarmos ao prédio dos guardiões, mas me senti um pouco enjoada por mais ou menos trinta minutos.

A hora do almoço para mim era quase a do jantar para Lissa, lá fora, no mundo dos humanos. Ao voltar para minha punição desgraçada, me animei um pouco diante da alegria que a percorria e que senti por meio de nosso laço. Ela havia passado o dia todo no tour pelo campus de Lehigh, e tudo era como o esperado. Lissa amou tudo: os belos prédios, os jardins, os dormitórios... e principalmente as salas de aula. Uma olhada no catálogo de cursos abriu um leque de opções de matérias que nem mesmo o ensino superior da São Vladimir nos proporcionara. Ela queria ver e fazer tudo o que a

faculdade tinha para oferecer.

E muito embora desejasse que eu estivesse ali, ainda estava entusiasmada por ser seu aniversário. Priscilla lhe dera uma joia elaborada e lhe prometera um jantar elegante naquela noite. Não era bem o tipo de comemoração que Lissa esperava, mas a emoção de seu aniversário de dezoito anos ainda era inebriante — ainda mais à medida que ela visitava a faculdade dos sonhos que frequentaria em breve.

Confesso, senti uma pontinha de inveja. Apesar da teoria de Adrian sobre por que a rainha teria me chamado naquele dia, eu sabia — e Lissa também — que as chances de eu ir para a faculdade com ela ainda deviam ser inexistentes. Portanto, uma parte mesquinha de mim não conseguia entender como Lissa podia se sentir empolgada se eu não estaria junto com ela. Imaturidade minha, eu sei.

Porém, não tive muito tempo para ficar zangada porque, logo que o tour acabou, a comitiva de Lissa voltou para o hotel. Priscilla avisou que todos teriam cerca de uma hora para se preparar antes de ir jantar. Para Lissa, isso queria dizer mais tempo para praticar luta. Meu estado pensativo e triste logo se tornou irado.

As coisas pioraram quando percebi que mais cedo, naquele dia, Serena havia contado a Grant sobre o desejo de Lissa e Christian se defenderem. Ele também parecia pensar que era uma boa ideia. Era só o que me faltava. Lissa tinha dois guardiões progressistas. Por que não podia ter arranjado um conservador cabeça-dura que ficaria horrorizado diante da ideia de um Moroi sequer *pensar* em lutar contra um Strigoi?

Então, enquanto eu estivesse incapacitada e não conseguisse enfiar um pouco de bom senso em Lissa e Christian, eles teriam *dois* instrutores. Aquilo não só significava mais oportunidades de aprender, como também que Serena tinha um parceiro competente com quem poderia demonstrar certos movimentos. Ela e Grant simulavam uma luta e explicavam as manobras. Lissa e Christian observavam com os olhos arregalados.

Felizmente (bem, não para Lissa), nós duas logo percebemos algo. Os guardiões não conheciam o verdadeiro motivo do interesse de Lissa por lutar. Não faziam a menor ideia — e como poderiam fazer? — de que ela queria caçar um Strigoi e cravar uma estaca nele com poucas esperanças de trazê-lo de volta à vida. Pensaram que ela só quisesse aprender a defesa básica, algo que lhes parecia muito simples. E foi isso que ensinaram.

Grant e Serena também botaram Lissa e Christian para praticar juntos. Desconfiei de que houvesse algumas razões para isso. Uma era que Lissa e Christian não seriam capazes de fazer muito estrago um no outro. A outra era que isso divertia os guardiões.

Mas *não* divertia Lissa e Christian. Ainda havia tanta tensão entre os dois, tanto sexual quanto nervosa, que eles lamentavam ter tamanho contato. Grant e Serena impediram os Moroi de dar mais socos no rosto, mas simples esquivadas costumavam provocar esbarradas um no outro, dedos roçando a pele no calor da tensão. De vez em quando, os guardiões sugeriam que alguém fizesse o papel de Strigoi — pondo Lissa ou Christian na ofensiva. Os Moroi receberam isso bem até certo ponto. Afinal, ataques diretos eram o que queriam aprender.

No entanto, quando Christian (no papel de Strigoi) deu o bote em Lissa e a empurrou contra a parede, aprender a atacar de repente deixou de parecer uma ideia tão boa para ela. A manobra pressionou bastante um contra o outro, os braços dele segurando os dela. Ela pôde sentir o cheiro e o corpo dele e foi tomada pela fantasia de ele simplesmente a segurando ali e a beijando.

— Acho que vocês dois devem voltar para a defesa básica — disse Grant, interrompendo os sentimentos traiçoeiros de Lissa.

Ele falou como se estivesse mais preocupado com a possibilidade de se machucarem do que com a de começarem a se agarrar ali.

Lissa e Christian levaram um momento para registrar aquelas palavras e demoraram ainda mais para se afastarem um do outro. Quando o fizeram, os dois evitaram o contato visual e voltaram para o sofá. Os guardiões partiram para mais exemplos de como evitar um agressor. Lissa e Christian já tinham visto aquilo tantas vezes que sabiam a aula de cor, e a atração de antes deu lugar à frustração.

Lissa era educada demais para dizer alguma coisa, mas depois de quinze minutos vendo Serena e Grant demonstrarem como bloquear com os braços e se esquivar de alguém que o tenta agarrar, Christian finalmente perguntou:

— Como vocês fazem para cravar uma estaca em um Strigoi?

Serena paralisou diante das palavras de Christian.

— Você disse *estaca*?

Em vez de ficar chocado, Grant deu uma risadinha.

— Acho que não é nada com que precisem se preocupar. Vocês querem se concentrar em como *escapar* de um Strigoi, não em como chegar mais perto.

Lissa e Christian trocaram olhares incomodados.

— Já ajudei a matar um Strigoi antes — contou Christian. — Usei fogo no ataque à Escola. Você está dizendo que isso não é bom? Que eu não devia ter feito esse tipo de coisa?

Agora foi a vez de Serena e Grant trocarem olhares. “Arrá”, pensei. Aqueles dois não eram tão progressistas quanto acreditei. Eram a favor da defesa e não do ataque.

— Claro que devia — disse Grant, por fim. — O que você fez foi impressionante. E numa situação parecida? Com certeza. Você não gostaria de ser inútil. Mas a questão é essa. Você tem o fogo. Se ele foi passado para você para lutar contra os Strigoi, a sua magia é o caminho. Você já sabe como usá-la. E isso o manterá a salvo, fora do alcance deles.

— E quanto a mim? — perguntou Lissa. — Não tenho nenhum tipo de magia como essa.

— Você nunca chegará perto o bastante de um Strigoi a ponto de isso ser um problema — disse Serena com determinação. — Não vamos deixar isso acontecer.

— Além do mais — acrescentou Grant com deleite —, não saímos por aí, distribuindo estacas.

Eu teria oferecido qualquer coisa para que dessem uma olhada na mala dela bem naquele instante.

Lissa mordeu o lábio e se recusou a ter algum contato visual com Christian de novo, por medo de entregar suas intenções. As coisas não seguiam o rumo do plano louco dos dois. Mais uma vez, foi Christian quem tomou a iniciativa:

— Vocês podem pelo menos demonstrar? — pediu ele, tentando, e conseguindo, dar a impressão de ser alguém em busca apenas do sensacional e do empolgante. — É complicado? Parece que tudo o que vocês têm que fazer é mirar e acertar.

Grant bufou.

— Dificilmente. É preciso fazer um pouco mais do que isso.

Lissa se inclinou para a frente e juntou as mãos, aproveitando a deixa de Christian.

— Bem, então não se preocupem em nos ensinar. Apenas nos mostrem como é.

— Isso, vamos observar.

Christian se mexeu, inquieto, ao lado de Lissa. Ao fazê-lo, roçou o braço no dela, e os dois se

afastaram no mesmo instante.

— Não é brincadeira — disse Grant.

No entanto, foi até seu casaco e pegou uma estaca. Serena o encarou, incrédula.

— O que você vai fazer? — perguntou ela. — Cravar a estaca em *mim*?

Ele deu aquela risadinha e procurou pelo quarto com os olhos atentos.

— É claro que não. Ah. Ali está.

Grant se aproximou de uma pequena poltrona na qual havia uma almofada decorativa. Ele a pegou e avaliou sua largura. Ela era gorda e tinha um preenchimento espesso, feito de algum tipo de material denso. Grant se virou para Lissa e gesticulou para que ela ficasse de pé. Para a surpresa de todos, lhe entregou sua estaca.

Travou o corpo em uma posição rígida, agarrou a almofada com força e estendeu os braços alguns centímetros à sua frente.

— Vamos — falou ele. — Mire e acerte.

— Você ficou louco? — perguntou Serena.

— Não se preocupe — disse ele. — A princesa Voda pode pagar pelos incidentes. Estou provando uma teoria. Ataque a almofada.

Lissa hesitou por apenas mais alguns instantes. Foi tomada por um entusiasmo intenso e estranho. Eu sabia que ela andava ansiosa para aprender aquilo, mas sua vontade parecia maior do que antes. Rangendo os dentes, ela deu uns passos à frente e, desajeitada, tentou cravar a estaca na almofada. Lissa foi cuidadosa — temendo machucar Grant —, só que não precisava ter se preocupado. Ele nem se mexeu, e tudo o que ela conseguiu com a estaca foi desfiar um pedaço superficial do tecido. Tentou mais algumas vezes, mas não passou muito disso.

Christian, sendo quem era, disse:

— É só o que você consegue?

Ela o encarou e lhe entregou a estaca.

— Faça melhor do que isso.

Christian se levantou, e seu sorriso irritante desapareceu enquanto ele fazia uma avaliação crítica da almofada e calculava o golpe. Naquele momento, Lissa olhou ao redor e viu o humor nos olhos dos guardiões. Até mesmo Serena havia relaxado. Estavam demonstrando seu ponto de vista, provando que cravar uma estaca não era algo fácil de aprender. Fiquei satisfeita, e minha opinião sobre eles melhorou.

Christian, por fim, fez sua tentativa. De fato, perfurou o tecido, mas a almofada e seu estofado se mostraram fortes demais para serem atravessados. E, de novo, Grant nem se mexeu. Depois de fracassar mais algumas vezes, Christian voltou a se sentar e devolveu a estaca. Era engraçado ver seu convencimento enfraquecer um pouco. Até Lissa gostou daquilo, apesar da própria frustração diante de o quanto tudo se tornava difícil.

— O estofado é resistente demais — reclamou Christian.

Grant entregou a estaca para Serena.

— O quê? E você acha que seria mais fácil atravessar o corpo de um Strigoi? Com músculos e costelas no caminho?

Grant voltou para sua posição e, sem hesitar, Serena cravou a estaca. A ponta apareceu do outro lado da almofada e parou um pouco antes do peito de Grant enquanto pedaços de enchimento macios se espalhavam pelo chão. Ela a puxou de volta e a entregou a ele como se tivesse sido a coisa

mais simples do mundo.

Tanto Christian quanto Lissa os olhavam, impressionados.

— Me deixem tentar de novo — disse ele.

Quando Priscilla os chamou para jantar, já não havia nenhuma almofada intacta naquele quarto de hotel. Cara, ela levaria um susto quando recebesse a conta. Lissa e Christian faziam estragos com a estaca enquanto os guardiões olhavam com um ar superior, confiantes de que seu recado tinha sido dado. Cravar estacas em Strigoi não era fácil.

Lissa finalmente compreendia. Percebeu que, de certa forma, perfurar uma almofada — ou um Strigoi — nem tinha a ver com entender o princípio. É claro que me ouvira falar sobre alinhar o braço para acertar o coração e desviar das costelas, mas requeria mais do que conhecimento. Muito disso tinha a ver com força — uma força física que ela ainda não possuía. Serena, embora parecesse pequena, passara anos desenvolvendo seus músculos e conseguiria fazer aquela estaca atravessar quase tudo. Uma aula de uma hora não daria a Lissa esse tipo de força, e foi o que ela sussurrou a Christian quando o grupo saiu para jantar.

— Você já vai desistir? — perguntou ele, numa voz tão baixa quanto a dela, no banco traseiro de um utilitário.

Grant, Serena e um terceiro guardião também estavam no carro, mas muito envolvidos em uma discussão.

— Não! — sibilou Lissa. — Mas tenho que treinar antes de poder fazer isso.

— Tipo levantar peso?

— Eu... Eu não sei.

Os guardiões ainda conversavam entre si, mas o assunto de Lissa era perigoso demais para que ela arriscasse ser ouvida. Então, chegou bem perto de Christian, mais uma vez incomodada pela forma como a afetavam a proximidade e o modo como ele lhe era familiar. Ela engoliu em seco, tentou manter uma expressão indiferente no rosto e se ateve ao assunto.

— É que não sou forte o bastante. Isso é fisicamente impossível.

— Você fala como se estivesse desistindo.

— Ei! Você também não atravessou nenhuma almofada.

Ele ficou um pouco corado.

— Quase perfurei aquela verde.

— Não tinha quase nada nela!

— Só preciso praticar mais um pouco.

— Você não precisa fazer nada — devolveu ela, se esforçando para manter a voz baixa, em meio à raiva. — Essa luta não é sua. É minha.

— Ei — disse ele ríspidamente, seus olhos brilhando como dois diamantes azul-claros —, você só pode estar louca se acha que vou deixá-la ir e arriscar...

Christian parou de falar e mordeu o lábio, como se a vontade apenas não bastasse para o impedir de continuar. Lissa o encarou, e nós duas começamos a nos perguntar como aquela frase teria terminado. O que ele não arriscaria? Permitir que ela se colocasse em perigo? Foi o que imaginei.

Mesmo sem falar, ele disse muito com sua expressão. Pelos olhos de Lissa, o vi absorver as feições dela e tentar esconder seus sentimentos. Por fim, se afastou e acabou com aquele espaço de intimidade entre os dois, ficando o mais longe dela que podia.

— Está bem. Faça o que quiser. Não me importa.

Nenhum dos dois falou depois daquilo, e como era a hora do almoço para mim, voltei para a minha realidade e dei as boas-vindas a uma folga dos arquivos — mas logo fui informada por Hans de que teria que continuar trabalhando.

— Qual é? Não está na hora do almoço? Você tem que me alimentar! — exclamei. — Isso é mais do que crueldade. Pelo menos jogue algumas migalhas de pão para mim.

— Já alimentei você. Ou, bem, você se alimentou quando devorou aquele sanduíche. Queria um intervalo para o almoço naquela hora. E teve. Agora continue trabalhando.

Bati os punhos nas pilhas de papel sem fim à minha frente.

— Posso pelo menos fazer outra coisa? Pintar prédios? Arrastar pedras?

— Receio que não. — Um sorriso se formou nos cantos de seus lábios. — Há muitos papéis a serem arquivados.

— Por quanto tempo? Por quanto tempo você vai me punir?

Hans deu de ombros.

— Até alguém me mandar parar.

Ele me deixou sozinha de novo, e me recostei na cadeira, me esforçando para não tentar virar a mesa diante de mim. Pensei que aquilo faria com que me sentisse melhor por um instante, só que também significava que eu teria que refazer o trabalho. Dei um suspiro e voltei à tarefa.

Lissa estava no jantar quando voltei à sua mente mais tarde. Ele devia ter sido em homenagem a ela, por seu aniversário, mas de fato não passou de uma conversa com Priscilla sobre a realeza. Decidi que não era assim que se comemorava um aniversário. Precisaria compensá-la logo que recuperasse a liberdade. Teríamos uma festa de verdade, e eu poderia lhe entregar o presente: lindas botas de couro que Adrian me ajudara a adquirir ainda na época da escola.

Estar na cabeça de Christian teria sido mais interessante, mas, como não era uma opção, voltei para a minha mente e refleti sobre a conversa com Adrian mais cedo. Será que aquela punição finalmente acabaria? Um decreto oficial real me poria com Lissa, enfim, apesar da política comum dos guardiões?

Tentar descobrir era como ser um hamster em uma roda. Muito trabalho. Nenhum progresso. Porém, isso me envolveu durante a conversa no jantar, e antes que eu me desse conta, o grupo de Lissa já se aproximava da porta do restaurante. Agora estava escuro lá fora, e Lissa não deixou de sentir uma estranheza por se encontrar no horário dos humanos. Na escola ou na Corte, seria o meio do dia. Em vez disso, voltavam para o hotel e iriam para a cama. Bem, talvez não de imediato. Eu não tinha a menor dúvida de que se Lissa e Christian conseguissem superar a discussão, voltariam a perfurar almofadas. Por mais que eu quisesse que aqueles dois voltassem a namorar, não podia deixar de pensar que estariam muito mais seguros separados.

Talvez não.

O grupo havia permanecido no restaurante por muito tempo depois do horário do jantar, então o estacionamento estava quase vazio quando eles o atravessaram. Os guardiões não tinham parado os carros exatamente nos fundos, mas também não era muito perto da entrada. No entanto, fizeram bem ao ocupar as vagas perto de um dos postes que iluminava a rua.

Só que ele não estava aceso agora. A lâmpada havia sido quebrada.

Grant e o guardião de Priscilla notaram isso de imediato. Era o tipo de pequeno detalhe que fomos treinados para notar: qualquer coisa incomum, qualquer coisa que possa ter mudado. Num piscar de olhos, os dois já estavam com as estacas na mão, ladeando os Moroi. Serena e o guardião

designado a Christian levaram apenas alguns segundos para fazer o mesmo. Era mais uma coisa para a qual fôramos treinados. Manter-se em guarda. Reagir. Seguir os colegas.

Foram rápidos. Todos eles. Mas não fez diferença.

Porque, de repente, havia Strigoi em toda parte.

Não sei ao certo de onde eles vieram. Talvez estivessem atrás dos carros ou nas extremidades do estacionamento. Se eu tivesse visto a cena de cima ou estivesse lá com minha “náusea-alarme” teria sido capaz de avaliar melhor tudo aquilo. Porém, assistia aos acontecimentos pelos olhos de Lissa, e os guardiões se esforçavam para preservá-la longe do alcance dos Strigoi, que pareciam ter surgido do nada, na opinião dela. Grande parte das ações era uma confusão para Lissa. Seus guarda-costas a empurravam de um lado para o outro, tentando mantê-la a salvo enquanto rostos brancos com olhos vermelhos brotavam em toda parte. Ela enxergava tudo através de uma névoa repleta de medo.

Não demorou muito até nós duas começarmos a ver pessoas morrendo. Serena, tão rápida e forte quanto havia sido no hotel, atravessou o coração de um Strigoi com uma estaca num único movimento. Em seguida, para se vingar, uma Strigoi pulou no guardião de Priscilla e quebrou seu pescoço. Lissa mal percebia que Christian a envolvia com os braços, pressionando-a contra o utilitário e a protegendo com o próprio corpo. Os guardiões que restavam também formavam um anel de proteção da melhor maneira que podiam, mas estavam distraídos. O círculo enfraquecia — e eles caíam.

Os Strigoi mataram os guardiões, um por um. Não foi por falta de habilidade dos guardiões. Estavam simplesmente em desvantagem. Uma Strigoi rasgou a garganta de Grant com os dentes. Serena foi derrubada com força sobre o asfalto, caiu de cara no chão e não se mexeu mais. E, horror dos horrores, os Strigoi não poupavam os Moroi. Lissa — pressionando o próprio corpo contra o utilitário com tanta força que parecia se fundir nele — encarava com os olhos arregalados enquanto um Strigoi perfurava o pescoço de Priscilla com rapidez e eficiência, fazendo uma pausa para tomar seu sangue. A Moroi nem teve tempo de demonstrar surpresa, mas pelo menos não havia sofrido. As endorfinas atenuaram a dor enquanto o sangue e a vida eram sugados de seu corpo.

Os sentimentos de Lissa se transformaram em algo que ia além do medo, em algo incomparável. Ela estava em choque. Anestesiada. Com uma certeza fria e dura, soube que sua morte se aproximava e a aceitou. Sua mão encontrou a de Christian e a apertou com força. Ao se virar para ele, se confortou um pouco ao saber que a última coisa que veria na vida seria o belo azul cristalino de seus olhos. Pela expressão que ele tinha no rosto, seus pensamentos eram muito parecidos. Havia calor em seus olhos, calor, amor e...

Total e completa perplexidade.

Os olhos de Christian arregalaram, se concentrando em algo bem atrás de Lissa. Naquele mesmo instante, uma mão agarrou o ombro de Lissa e a virou. “É agora”, uma vozinha dentro dela sussurrou. “É agora que vou morrer.”

Em seguida, ela entendeu a perplexidade de Christian.

Estava cara a cara com Dimitri.

Como eu, Lissa tinha aquela sensação surreal de aquele ser Dimitri e ao mesmo tempo não ser. Tantos traços de suas feições ainda eram iguais... e, no entanto, tantos eram diferentes. Ela tentou dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas apesar de as palavras se formarem em seus lábios, não conseguia botá-las para fora.

Um calor intenso de repente queimou por trás dela, e uma luz brilhante iluminou as feições

pálidas de Dimitri. Nem Lissa, nem eu precisamos ver Christian para saber que ele havia criado uma bola de fogo com sua magia. O choque por ver Dimitri ou o fato de temer por Lissa tinha feito Christian entrar em ação. Dimitri estreitou os olhos um pouco diante daquela luz, mas então um sorriso cruel se formou em seus lábios, e a mão que repousava no ombro de Lissa passou para o pescoço dela.

— Pare com isso — mandou Dimitri. — Pare com isso ou ela morre.

Lissa finalmente recuperou a voz, mesmo sem ar.

— Não dê ouvidos a ele — disse ela, ofegante. — Ele vai nos matar de qualquer jeito.

Porém, atrás dela, o calor cessou. Sombras pairaram sobre o rosto de Dimitri mais uma vez. Christian não arriscaria a vida de Lissa, muito embora ela tivesse razão. Aquilo não parecia importar.

— Na verdade — disse Dimitri, com uma voz agradável em meio à cena horrível —, prefiro que vocês dois permaneçam vivos. Pelo menos por mais algum tempo.

Senti Lissa franzindo a testa. Não teria me surpreendido se Christian também tivesse franzido a dele, a julgar pela confusão em sua voz. Ele nem conseguiu fazer um comentário irritante. Apenas perguntar o óbvio:

— Por quê?

Os olhos de Dimitri brilharam.

— Porque preciso de vocês para servirem de isca para Rose.

Quinze

Naquele instante, na minha mente em pânico, me levantar e correr a pé até Lehigh — apesar dos quilômetros e quilômetros de distância — me parecia um plano bastante sensato. Um piscar de olhos depois, eu já sabia que aquilo não era para mim. Estava longe, muito longe, de ser para mim.

Ao dar um pulo da cadeira e sair correndo da sala, de repente, tive vontade de procurar Alberta. Eu a vira entrar em ação na São Vladimir e sabia que ela era capaz de lidar com qualquer problema. Àquela altura do nosso relacionamento, Alberta reagiria a qualquer perigo que eu levasse até ela. Os guardiões da Corte ainda eram estranhos para mim. A quem eu poderia recorrer? Hans? O cara que me odiava? Ele não acreditaria em mim, não como Alberta e minha mãe acreditariam. Enquanto corria pelos corredores silenciosos, descartei todas essas preocupações. Não importava. Eu o faria acreditar. Encontraria qualquer um que conseguisse. Qualquer um que pudesse tirar Lissa e Christian dali.

Só você pode, sussurrou uma voz na minha cabeça. É você quem Dimitri quer.

Ignorei aquilo também, em grande parte porque, em meio à distração, colidi com uma pessoa ao virar num corredor.

Dei um grito sufocado quando meu rosto bateu no peito dela. Olhei para cima. Mikhail. Eu teria me sentido aliviada, mas estava cheia de adrenalina e preocupações. Agarrei a manga de sua camisa e comecei a puxá-lo em direção às escadas.

— Vamos! Temos que arranjar ajuda!

Mikhail permaneceu onde estava, sem se mexer, apesar de meus puxões. Ele franziu a testa com calma no rosto.

— Do que você está falando?

— Lissa! Lissa e Christian. Eles foram levados por Strigoi. Por Dimitri. Podemos encontrá-los. Posso encontrá-los. Mas temos que correr.

A confusão de Mikhail aumentou.

— Rose... há quantas horas você está aqui embaixo?

Eu não tinha tempo para aquilo. Deixei Mikhail e subi as escadas correndo, até os andares principais do complexo. Um momento depois, ouvi seus passos atrás de mim. Quando cheguei à sala principal, esperava que alguém me criticasse por ter abandonado a punição, mas... ninguém parecia

sequer me notar.

O escritório estava um caos. Guardiões corriam por toda parte, faziam ligações e vozes atingiam níveis frenéticos. Eles sabiam, como me dei conta. Eles já sabiam.

— Hans! — gritei, abrindo caminho em meio ao tumulto. Ele estava do outro lado do escritório e tinha acabado de desligar o celular. — Hans, sei onde eles estão. Para onde os Strigoi levaram Lissa e Christian.

— Hathaway, não tenho tempo para suas... — Sua carranca se desfez. — Vocês têm aquele laço.

Eu o encarei, perplexa. Estava preparada para ser descartada por ele como se fosse uma amolação. Estava preparada para uma longa discussão até convencê-lo. Assenti, apressada.

— Eu vi. Vi tudo o que aconteceu. — Então eu franzi a testa. — Como é que vocês já sabem?

— Serena — disse ele, sério.

— Serena está morta...

Hans negou com a cabeça.

— Não, ainda não. Apesar de ter parecido que sim pelo telefone. O que quer que tenha acontecido fez com que ela desse tudo que lhe restava para nos ligar. Já mandamos alquimistas para buscá-la e... fazer uma limpeza.

Repassei os acontecimentos, me lembrando de Serena sendo jogada no asfalto. O golpe foi forte, e como ela não se mexeu mais, presumi o pior. No entanto, se sobreviveu — e aparentemente tinha sobrevivido —, eu mal podia imaginá-la arrastando o celular do bolso até o rosto com as mãos ensanguentadas...

“Por favor, por favor, que ela esteja viva”, pensei, sem saber ao certo para quem rezava.

— Venha — disse Hans. — Precisamos de você. As equipes já estão se formando.

Outra surpresa. Eu não esperava que ele me aceitasse tão depressa. Um novo respeito por Hans se instalou em mim. Ele podia agir como um babaca, mas era um líder. Quando via um recurso, o usava. Um único movimento, e ele já passava correndo pela porta, com vários guardiões o seguindo. Me esforcei para acompanhar seus passos mais largos e vi que Mikhail se juntava a nós.

— Você está realizando um resgate — falei a Hans. — Isso é... raro.

Hesitei até para pronunciar aquelas palavras. Sem dúvida, não queria desencorajá-lo. Porém, resgates de Moroi não eram comuns. Quando eram levados por Strigoi, costumavam ser considerados mortos. O resgate que fizemos depois do ataque à Escola fora uma exceção, uma exceção que requerera muita persuasão.

Hans me deu um olhar irônico.

— A princesa Dragomir também é rara.

Lissa era preciosa para mim; valia mais do que qualquer outra coisa no mundo. E para os Moroi, como percebi, também. Grande parte dos Moroi capturados por Strigoi era considerada morta, mas ela não estava incluída nesse grupo. Era a última de sua linhagem, a última de uma das doze famílias ancestrais. Perdê-la não representaria apenas um baque para a cultura Moroi. Seria um sinal, um agouro de que os Strigoi de fato estavam nos derrotando. Por ela, os guardiões arriscariam uma missão de resgate.

Na verdade, me pareceu que arriscariam muitas coisas. Quando chegamos às garagens onde os veículos da Corte eram mantidos, vi outros guardiões chegando em massa — junto com Moroi. Reconheci alguns. Tasha Ozer estava entre eles e, como ela, os outros eram usuários do fogo. Se aprendêramos algo, fora o valor que tinham em uma luta. Ao que parecia, a polêmica em torno de

Moroi partirem para a batalha era ignorada agora, e fiquei impressionada pela rapidez com que aquele grupo havia sido convocado. Os olhos de Tasha encontraram os meus, seu rosto sério e pálido. Ela não me disse nada. Não precisava.

Hans vociferava ordens, dividindo pessoas em grupos e veículos. Com cada pedaço de autocontrole que eu conseguia reunir, esperava pacientemente a seu lado. Minha natureza inquieta fez com que eu desejasse me meter e começar a exigir saber em que poderia ajudar. Minha vez chegaria, eu dizia a mim mesma, tentando me tranquilizar. Ele tinha uma função para mim. Eu só precisava esperar.

Meu autocontrole também era testado com Lissa. Depois que Dimitri a levou com Christian, abandonei sua mente. Não podia voltar. Ainda não. Não suportaria vê-los — ver Dimitri. Sabia que teria que fazer isso quando comesse a direcionar os guardiões, mas, por enquanto, eu adiava. Sentia que Lissa estava viva. Era só o que importava naquele momento.

Ainda assim, eu estava tão agoniada e tensa que, quando alguém pegou no meu braço, quase me virei com a estaca na mão.

— Adrian... — Suspirei. — O que você está fazendo aqui?

Ele se encontrava ali, parado, me olhando, e sua mão roçou a minha bochecha com delicadeza. Eu só tinha visto aquele olhar sério e pesaroso em seu rosto algumas vezes. Como sempre, não gostei. Adrian era uma daquelas pessoas que deveriam sorrir sempre.

— Logo que recebi a notícia, soube onde você estaria.

Balancei a cabeça.

— Tudo aconteceu há uns... sei lá... dez minutos? — Eu havia perdido a noção do tempo. — Como todo mundo ficou sabendo tão depressa?

— A Corte inteira foi avisada pelo rádio logo que descobriram. Eles têm um sistema de alarme instantâneo. Na verdade, a rainha está meio que trancada.

— O quê? Por quê? — De alguma forma, aquilo me incomodou. Não era Tatiana quem corria perigo. — Por que desperdiçar recursos com *ela*?

Um guardião ali por perto me lançou um olhar reprovador por conta disso.

Adrian deu de ombros.

— Um ataque Strigoi relativamente prestes a acontecer? Consideram isso uma grande ameaça à nossa segurança.

Relativamente era a palavra-chave. Lehigh ficava a cerca de uma hora e meia da Corte. Os guardiões estavam sempre alertas. Porém, a cada segundo que passava, eu desejava que fossem mais rápidos e permanecessem alertas. Se Adrian não tivesse aparecido, na certa eu teria perdido a paciência e dito a Hans para se apressar.

— É Dimitri — falei em voz baixa. Não sabia bem se devia contar aquilo a mais alguém. — Foi ele quem os levou. Está usando os dois para me atrair para lá.

O rosto de Adrian ganhou um ar sombrio.

— Rose, você não pode...

Ele se calou, mas eu sabia o que aquilo queria dizer.

— Que escolha eu tenho? — perguntei em tom de exclamação. — Preciso ir. Lissa é minha melhor amiga, e sou a única que pode levá-los até ela.

— É uma armadilha.

— Eu sei. E ele sabe que eu sei.

— O que você vai fazer?

De novo, eu sabia exatamente o que Adrian queria dizer.

Olhei para a estaca que, sem me dar conta, havia pegado mais cedo.

— O que tenho que fazer. Tenho que... Tenho que matar Dimitri.

— Que bom — disse Adrian, o alívio se espalhando por seu rosto. — Fico satisfeito.

Por alguma razão, aquilo me irritou.

— Meu Deus — falei com rispidez. — Você está tão ansioso assim para se livrar de um concorrente?

O rosto de Adrian permaneceu sério.

— Não. Só sei que enquanto ele estiver vivo, ou, bem, meio vivo, você corre perigo. E eu não consigo suportar isso. Não suporto saber que sua vida está em risco. E está, Rose. Você só estará a salvo quando ele se for. Quero você a salvo. *Preciso* que você esteja a salvo. Não posso... Não vou aguentar se alguma coisa acontecer com você.

Minha raiva repentina desapareceu tão depressa quanto veio.

— Ah, Adrian, me desculpe...

Deixei que ele me envolvesse em seus braços. Descansei a cabeça em seu peito e senti seu coração bater através da maciez de sua camisa, me permitindo um breve momento reconfortante. Eu só queria mergulhar nele, ali, naquele instante. Não queria ser consumida por sentimentos de medo: medo *por* Lissa e medo *de* Dimitri. Meu corpo gelou por completo quando, de repente, me dei conta de algo. Não importava o que acontecesse, eu perderia um deles naquela noite. Se resgatasse Lissa, Dimitri morreria. Se ele sobrevivesse, ela morreria. Não havia final feliz para essa história, nada que impedisse meu coração de se partir em pedaços.

Adrian acariciou minha testa com os lábios e então se inclinou em direção à minha boca.

— Tome cuidado, Rose. Não importa o que aconteça, por favor, *por favor*, tome cuidado. Não posso perder você.

Eu não sabia o que dizer diante daquilo, como responder a toda aquela emoção que transbordava dele. Minha mente e meu coração estavam inundados por uma mistura de tantos sentimentos que eu mal conseguia formar um pensamento coerente. Em vez de falar, levei meus lábios até os dele e o beijei. Em meio a tantas mortes naquela noite — às mortes que já tinham acontecido e às que estavam por vir —, aquele beijo me pareceu mais intenso do que qualquer um que já tivéssemos compartilhado. Estava vivo. Eu estava viva e queria permanecer assim. Queria resgatar Lissa e voltar para os braços de Adrian, voltar para seus lábios e para toda aquela vida...

— Hathaway! Meu bom Deus, será que vou ter que jogar água em vocês?

Me afastei ab-ruptamente de Adrian e vi Hans me encarando. Grande parte dos utilitários já estava preenchida. Agora era a minha vez de agir. Olhei para Adrian, me despedindo, e ele forçou um pequeno sorriso que acho que era para ser encorajador.

— Tome cuidado — repetiu. — Traga os dois de volta. E traga a si mesma de volta também.

Acenei por um breve instante para ele e acompanhei Hans, que estava impaciente, até um dos utilitários. A mais bizarra sensação de *déjà-vu* se instalou em mim quando me acomodei no banco de trás. Aquilo era tão parecido com quando Victor sequestrara Lissa que quase paralisei. Na época, eu também fora em um utilitário preto similar àquele, guiando os guardiões até o paradeiro de Lissa. Só que Dimitri estava sentado a meu lado — o Dimitri maravilhoso e corajoso que conheci havia tanto tempo. No entanto, aquelas recordações estavam tão presentes na minha mente e no meu coração

que eu podia me lembrar de cada detalhe: a forma como ele colocava o cabelo para trás das orelhas, a expressão feroz em seus olhos castanhos enquanto pisava fundo para nos levar até Lissa mais depressa. Ele era tão determinado, tão preparado para fazer a coisa certa...

O Dimitri de agora — o Dimitri Strigoi — também era determinado. Só que de um jeito muito diferente.

— Você será capaz de fazer isso? — perguntou Hans do assento da frente. Uma mão gentil apertou meu braço, e fiquei impressionada ao ver Tasha ao meu lado. Eu nem havia notado que ela iria no carro com a gente. — Estamos contando com você.

Assenti, querendo merecer o respeito dele. No melhor estilo guardião, mantive minhas emoções longe do rosto, tentando não sentir aquele conflito entre os dois Dimitris. Tentando não me lembrar de que a noite em que saímos atrás de Lissa e Victor fora a mesma noite em que Dimitri e eu nos tornáramos vítimas do feitiço da luxúria...

— Sigam para Lehigh — falei com uma voz fria. Era uma guardiã agora. — Darei as instruções quando chegarmos mais perto.

Estávamos na estrada havia apenas vinte minutos quando senti o grupo de Lissa parar. Aparentemente, Dimitri tinha escolhido um esconderijo não muito longe da universidade, que seria mais fácil para encontrarmos do que se continuassem se movendo. É claro que eu precisava lembrar a mim mesma que Dimitri *queria* ser encontrado. Como sabia que os guardiões que estavam comigo não precisariam de minhas instruções até chegarmos a Lehigh, me preparei e entrei na cabeça de Lissa para ver o que acontecia.

Lissa e Christian não tinham sido feridos nem agredidos, apenas puxados e arrastados. Estavam sentados no que parecia um depósito — um depósito que não era usado havia muito tempo. Uma espessa camada de poeira cobria tudo, tanto que era difícil definir alguns objetos empilhados nas estantes prestes a desmoronar. Algumas ferramentas, talvez. Papéis aqui e ali, bem como uma ou outra caixa. Uma lâmpada exposta era a única iluminação do cômodo, dando a tudo um ar cruel e sombrio.

Lissa e Christian estavam em cadeiras de madeira de encostos retos, com as mãos para trás, amarradas por uma corda. Por um momento, um *déjà-vu* me atingiu de novo. Me lembrei do último inverno quando eu também, junto com meus amigos, fora amarrada a cadeiras e mantida em cativeiro por Strigoi. Morderam Eddie, e Mason morrera...

“Não. Não pense assim, Rose. Lissa e Christian estão vivos. Nada aconteceu com eles. Nada irá acontecer com eles.”

A mente de Lissa estava no aqui e agora, mas uma pequena investigação me permitiu ver como era o prédio de um modo geral quando ela havia sido levada para lá. Parecia um armazém — velho e abandonado —, o que fazia dali um bom lugar para os Strigoi se esconderem com seus prisioneiros.

Havia quatro Strigoi no cômodo, mas de acordo com Lissa apenas um importava. Dimitri. Eu compreendia sua reação. Vê-lo como um Strigoi já era difícil para mim. Surreal, até. Me adaptara àquilo, de certa forma, por todo o tempo que passara com ele. No entanto, até mesmo eu era pega de surpresa, às vezes, ao vê-lo daquele jeito. Lissa não fora nem um pouco preparada para isso e estava completamente chocada.

O cabelo castanho-escuro de Dimitri estava solto, na altura do queixo, de um jeito que sempre adorei, e ele andava depressa de um lado para o outro, levantando poeira ao redor. Na maior parte do

tempo, ficava de costas para Lissa e Christian, o que a perturbava ainda mais. Sem ver o rosto dele, Lissa quase acreditava que era o Dimitri de sempre. Ele discutia com os outros três enquanto ia para frente e para trás naquele pequeno espaço, irradiando uma onda de agitação quase palpável.

— Se os guardiões estiverem mesmo a caminho — vociferou uma Strigoi —, já devíamos estar de prontidão, lá fora.

Ela era uma ruiva alta e desengonçada que parecia ter sido Moroi antes da transformação. Porém, seu tom sugeria que ela *não* acreditava que os guardiões estivessem de fato indo para lá.

— Eles estão vindo — disse Dimitri em voz baixa, com aquele sotaque adorável que apertou meu coração. — Sei que estão.

— Então me deixe ir lá para fora e ser útil! — esbravejou ela. — Você não precisa de nós para tomar conta desses dois.

Seu tom era de desprezo. De escárnio, até. Dava para compreender. Todos no mundo dos vampiros sabiam que os Moroi não reagiam, e Lissa e Christian estavam amarrados com firmeza.

— Você não os conhece — disse Dimitri. — São perigosos. Nem sei se essa proteção é o bastante. — Isso é ridículo!

Em um único movimento, Dimitri se virou e lhe deu um tapa. A pancada a jogou alguns metros de distância para trás. Os olhos da Strigoi se arregalaram de fúria e choque. Ele retomou o andar de um lado para o outro como se nada tivesse acontecido.

— Você vai ficar aqui e vigiá-los pelo tempo que eu mandar, entendeu? — Ela o encarou e tocou o próprio rosto com cuidado, mas não disse nada. Dimitri olhou para os outros. — E vocês também. Se os guardiões conseguirem chegar até nós, os três terão que fazer mais do que vigiar.

— Como você sabe? — perguntou outro Strigoi, exigindo uma resposta. Era um de cabelo preto que devia ter sido um humano antes. Uma raridade entre os Strigoi. — Como você sabe que virão?

Os Strigoi tinham uma audição impressionante, mas com aquela discussão, Lissa teve uma pequena oportunidade de falar com Christian sem ser detectada.

— Você consegue queimar minhas cordas? — murmurou ela em um tom de voz quase inaudível. — Como fez com Rose?

Christian franziu a testa. Quando ele e eu fôramos capturados, foi o que fez para me libertar. Doera muito e me deixara bolhas nas mãos e nos punhos.

— Vão notar — respondeu ele, sussurrando.

A conversa não foi adiante porque Dimitri parou ab-ruptamente e se virou para Lissa.

Ela ofegou diante do movimento repentino e inesperado. Ele se aproximou depressa, se ajoelhou e fitou os olhos dela. Lissa tremeu, apesar de todo o seu esforço. Nunca estivera tão perto de um Strigoi, e o fato de ser Dimitri era muito pior. Os anéis vermelhos em torno de suas pupilas pareciam queimar dentro dela, e as presas, prontas para atacar.

Uma das mãos dele serpenteou e agarrou o pescoço dela, puxando sua cabeça para cima de modo que ele pudesse fitar ainda mais seus olhos. Os dedos dele afundaram na pele de Lissa, não o bastante para deixá-la sem ar, mas o suficiente para surgirem hematomas depois. Se houvesse um depois.

— Sei que os guardiões virão porque Rose está nos observando — disse Dimitri. — Não está, Rose?

Dimitri afrouxou um pouco as mãos e deslizou os dedos pela pele do pescoço de Lissa com tanta delicadeza... e, no entanto, não restava dúvida de que tinha o poder de quebrá-lo...

Era como se ele fitasse *meus* olhos naquele momento. Minha alma. Até me senti como se ele

acariciasse o *meu* pescoço. Eu sabia que isso era impossível. O laço existia entre Lissa e mim. Ninguém mais podia vê-lo. Porém, naquele momento, era como se não existisse mais ninguém, apenas ele e eu. Era como se Lissa não estivesse entre nós.

— Você está aí dentro, Rose. — Um meio sorriso impiedoso surgiu em sua boca. — E não vai abandonar nenhum dos dois. Também não é tola o bastante para vir sozinha, não é? Talvez um dia tivesse vindo, mas agora não.

Me puxei para fora da mente de Lissa, incapaz de fitar aqueles olhos — e vê-los me fitarem de volta. Pelo meu próprio medo ou por um reflexo do medo de Lissa, descobri que meu corpo também tremia. Me forcei a parar e tentei desacelerar meu coração disparado. Engoli em seco, olhei ao redor para ver se alguém havia notado, mas todos estavam preocupados em discutir estratégias — menos Tasha.

Seus olhos calmos e azuis me estudavam, e seu rosto estava sério, preocupado.

— O que você viu?

Balancei a cabeça, incapaz de olhar para ela.

— Um pesadelo — murmurei. — Meu pior pesadelo se tornando realidade.

Dezesseis

Eu não tinha uma conta precisa de quantos Strigoi havia no grupo de Dimitri. Muito do que vi através de Lissa estava embaçado por confusão e terror. Os guardiões, sabendo que éramos esperados, tiveram simplesmente que estimar um número alto de Strigoi para calcular quantos mandariam. Hans esperava que uma força esmagadora compensasse a ausência do elemento-surpresa. Despachou o maior número de guardiões possível sem desfalar a Corte. Supunha-se que ela fosse defendida pelos escudos, mas, mesmo assim, não podia ficar desprotegida por completo.

Ter os recém-formados por lá ajudava. Grande parte deles havia sido deixada para trás, permitindo que os guardiões mais experientes partissem no destacamento de caça. Isso nos deixava com mais ou menos quarenta. Era tão incomum quanto grandes grupos de Strigoi reunidos. Os guardiões costumavam ser enviados em pares ou no máximo em trios para acompanhar famílias de Moroi. Aquele contingente enorme era capaz de provocar uma batalha comparável ao ataque à Escola.

Sabendo que se infiltrar na escuridão não funcionaria, Hans parou nosso comboio um pouco distante do depósito onde os Strigoi se aglomeravam. O prédio ficava em uma estrada que saía da via principal. Era uma área de indústrias, e não um caminho deserto na floresta, mas todos os estabelecimentos comerciais e todas as fábricas estavam fechados àquela hora da noite. Saí do utilitário, deixando a noite agradável me envolver. Estava úmido, e essa umidade do ar era especialmente opressiva quando eu já estava tomada pelo medo.

À margem da estrada, não senti náusea alguma. Dimitri não havia deixado Strigoi a postos tão longe, o que significava que nossa chegada ainda era — meio que — uma surpresa. Hans veio até mim, e lhe dei a melhor estimativa que pude da situação com base em minhas informações limitadas.

— Mas você pode encontrar Vasilisa? — perguntou ele.

Assenti.

— Logo que eu entrar no prédio, o laço me levará direto até ela.

Ele se virou, encarando a noite, enquanto carros aceleravam na rodovia perto dali.

— Se já estiverem esperando do lado de fora, irão sentir nosso cheiro e nos ouvir muito antes de os virmos. — O farol de um carro que passava iluminou por um instante seu rosto, marcado por linhas, pensativo. — Você disse que são três frentes de Strigoi?

— Pelo que pude ver. Há alguns com Lissa e Christian e outros do lado de fora. — Fiz uma pausa, tentando imaginar como Dimitri agiria naquela situação. É claro que o conhecia bem o bastante, até

mesmo como Strigoi, para prever sua estratégia. — E mais uma frente dentro do prédio, antes de chegar ao depósito.

Eu não tinha certeza daquilo, mas não contei a Hans. A suposição era feita com base em meus instintos, orientada pelo que eu faria e pelo que pensava que Dimitri faria. Imaginei que seria melhor Hans se preparar para três frentes de Strigoi.

E foi exatamente o que ele fez.

— Então vamos entrar com três grupos. Você irá liderar o grupo para fazer a extração. Outra equipe irá acompanhar a sua e, talvez, acabe se separando. Lutarão contra quem quer que esteja lá dentro, permitindo que seu grupo siga até os prisioneiros.

Aquilo soava tão... militar. *Extração. Prisioneiros.* E eu... a líder de um grupo. Fazia sentido por causa do laço, mas, no passado, sempre usaram meu conhecimento e me deixaram de lado. “Bem-vinda à vida de guardiã, Rose.” Na escola, conduzíamos vários tipos de exercício, passando por todos os diferentes cenários envolvendo Strigoi que nossos instrutores conseguiram imaginar. No entanto, ao olhar para o depósito, aqueles treinos eram como um teatro, uma brincadeira que não tinha como se comparar ao que eu estava prestes a enfrentar. Durante meio segundo, a responsabilidade de tudo aquilo pareceu me intimidar, mas logo deixei tais preocupações de lado. Era para isso que havia sido treinada; foi para isso que nasci. Meus medos não importavam. *Eles vêm primeiro.* Estava na hora de provar que sim.

— O que nós vamos fazer, já que não podemos nos infiltrar e pegá-los de surpresa? — perguntei.

Hans tinha razão quanto aos Strigoi nos detectarem com antecedência.

Um sorriso quase malicioso surgiu em seu rosto, e ele explicou o plano para o grupo enquanto também nos dividia em equipes. Sua tática de aproximação era arriscada e inconsequente. Meu tipo de plano.

E assim partimos. Alguém nos analisando de fora teria dito que estávamos em uma missão suicida. Talvez sim. Sinceramente, não importava. Os guardiões não abandonariam a última Dragomir. E eu não teria abandonado Lissa nem se houvesse um milhão de Dragomir.

Então, já que nos infiltrar estava fora de cogitação, Hans optou por um ataque extremo. Nosso grupo voltou para os oito utilitários e descemos a rua em velocidades não permitidas. Ocupamos as duas pistas, apostando que não haveria tráfego. Dois utilitários lideravam o ataque lado a lado e, em seguida, vinham mais duas fileiras de três carros. Aceleramos até o fim da estrada, paramos cantando pneu em frente ao depósito e saímos depressa de dentro dos carros. Já que chegar em segredo não era uma opção, surpreenderíamos sendo velozes e furiosos.

Alguns dos Strigoi, de fato, se surpreenderam. Era óbvio que nos viram chegar, mas fomos tão ágeis que tiveram muito pouco tempo para reagir. É claro que quando se é tão rápido e letal quanto um Strigoi, um pouco de tempo é tudo de que se precisa. Um bando deles surgiu diante de nós, e a “equipe do lado de fora” de Hans contra-atacou, aqueles guardiões se posicionando entre o meu grupo e o outro que entrava. Os Moroi usuários do fogo haviam sido designados para o grupo externo, por medo de incendiarem o prédio se entrassem.

Meu grupo contornou a batalha, inevitavelmente se deparando com alguns Strigoi que não haviam caído na distração do primeiro. Com uma determinação bem praticada, ignorei a náusea que me percorria por estar tão perto de um Strigoi. Hans me dera ordens estritas de não parar, a menos que um Strigoi estivesse no meu caminho, e, junto com outro guardião, permaneceu a meu lado para me proteger de quaisquer ameaças que pudessem me atingir. Não queria que nada me atrasasse ao

guiá-los até Lissa e Christian.

Abrimos caminho para o interior do depósito, saindo em um corredor abandonado bloqueado por Strigoi. Eu estava certa ao supor que Dimitri teria frentes de segurança. A passagem se estreitou naquele pequeno espaço e, por alguns instantes, as coisas ficaram caóticas. Lissa estava tão perto. Era como se me chamasse, e eu queimava de impaciência enquanto esperava que o corredor fosse liberado. Meu grupo estava nos fundos, deixando o outro grupo lutar. Vi tanto Strigoi quanto guardiões caírem e tentei não permitir que aquilo me distraísse. Lute agora, lamente depois. Lissa e Christian. Precisava me concentrar neles.

— Por ali — disse Hans, puxando meu braço.

Uma brecha acabava de se abrir à nossa frente. Ainda havia muitos Strigoi, mas estavam distraídos o bastante para que meus companheiros e eu conseguíssemos passar. Depressa, descemos o corredor que se alargava, formando um enorme espaço vazio — o centro do depósito. Um pouco de lixo e escombros eram tudo que restava das mercadorias um dia armazenadas ali.

Havia muitas portas naquele cômodo, mas não precisei do laço para saber atrás de qual Lissa estava. Três Strigoi se encontravam a postos do lado de fora de uma delas. Então... Quatro frentes de segurança. Dimitri contava com uma a mais. Não importava. Havia dez pessoas no meu grupo. Os Strigoi rosnaram, se preparando para o ataque. Por meio de um sinal não pronunciado, metade do meu grupo cuidou deles. O resto passou pela porta depressa.

Apesar da intensa concentração para alcançar Lissa e Christian, um pequeno pensamento dançava no fundo da minha mente o tempo todo. Dimitri. Ele não estava com nenhum dos Strigoi que tínhamos encontrado. Com toda a atenção voltada para nossos oponentes, eu não havia entrado na cabeça de Lissa para verificar a situação, mas estava certa de que ele estava ali dentro. Devia ter ficado com ela, sabendo que eu iria. Estaria esperando para me encarar.

Um dos dois morre esta noite. Lissa ou Dimitri.

Depois de atingirmos nosso objetivo, eu não precisava mais de proteção extra. Hans pegou a estaca diante do primeiro Strigoi que encontrou, passou por mim e partiu para a luta. O restante do grupo fez o mesmo. Entramos depressa, e se pensei que antes havia sido um caos, aquilo não era nada se comparado ao que enfrentávamos agora. Todos nós — guardiões e Strigoi — mal cabíamos naquele cômodo, o que significava que lutávamos em um espaço muito, muito pequeno. Uma Strigoi — a que havia levado uma bofetada de Dimitri mais cedo — veio para cima de mim. Lutei no piloto automático, mal me dando conta de minha estaca perfurando seu coração. Naquele cômodo, repleto de gritos e morte e colisões, havia apenas três pessoas no mundo que me importavam naquele momento: Lissa, Christian e Dimitri.

Por fim, o encontrei. Dimitri estava com meus dois amigos, encostado na parede mais distante. Não lutava contra ninguém. Estava de pé, de braços cruzados; um rei observando seu reino enquanto seus soldados combatiam o inimigo. Seus olhos se voltaram para mim com uma expressão de deleite e expectativa. Era ali que acabaria. Nós dois sabíamos disso. Abri caminho em meio à confusão, me esquivando dos Strigoi. Meus colegas partiam para a luta ao meu lado, despachando quem quer que estivesse à minha frente. Eu os deixei com sua luta, seguindo em direção ao meu objetivo. Tudo aquilo, tudo que estava acontecendo, havia levado àquele momento: o combate final entre mim e Dimitri.

— Você é linda na batalha — disse Dimitri. Sua voz fria chegou até mim com clareza, encobrindo o barulho da luta. — Como um anjo vingador que veio para trazer a justiça do céu.

— Que engraçado — falei, ajeitando a estaca nas mãos. — É por *isso* que estou aqui.

— Anjos caem, Rose.

Eu estava quase alcançando Dimitri. Através do laço, senti uma breve pontada de dor vinda de Lissa. Algo queimando. Ninguém a tinha machucado ainda, mas quando vi seus braços se mexendo pelo canto do olho, percebi o que havia acontecido. Christian tinha feito o que ela pediu: queimado as cordas. Eu a vi se mover e desamarrá-lo e, em seguida, minha atenção se voltou para Dimitri. Se Lissa e Christian estavam livres, melhor ainda. Escapariam dali com mais facilidade, depois de acabarmos com os Strigoi. *Se* acabássemos com os Strigoi.

— Você teve muito trabalho para me trazer até aqui — falei a Dimitri. — Muita gente vai morrer. Sua e minha.

Ele deu de ombros, despreocupado. Eu estava quase lá. À minha frente, um guardião lutava contra um Strigoi careca. A falta de cabelo *não* era atraente combinada a sua pele branca como a neve. Contornei os dois.

— Não importa — disse Dimitri. Ele se retesou quando me aproximei. — Nenhum deles importa. Se morrerem, é óbvio que não valem a pena.

— Presa e predador — murmurei, me lembrando do que ele me dissera quando me mantivera prisioneira.

Eu havia chegado até Dimitri. Ninguém estava entre nós agora. Era diferente das lutas que tivemos no passado, onde havia muito espaço para avaliar um ao outro e planejar nossos ataques. Ainda estávamos apertados naquele cômodo, e ao manter distância dos outros diminuínos o espaço entre nós. Uma desvantagem para mim. Os Strigoi eram fisicamente mais fortes que os guardiões. Mais espaço nos ajudava a compensar isso com manobras habilidosas.

No entanto, eu ainda não precisava fazer uma manobra. Dimitri tentava me deixar cansada de esperar, querendo que eu desse o primeiro golpe. Porém, estava bem-posicionado, me impedindo de tentar atingir seu coração num único movimento. Eu poderia fazer algum estrago se cortasse outra parte de seu corpo com a estaca, mas era provável que ele me acertasse um golpe com uma força intensificada pela proximidade. Então também tentei cansá-lo de tanto esperar.

— Todas essas mortes são por sua causa. Você sabe — disse ele. — Se tivesse me deixado despertá-la... Se estivéssemos juntos... Bem, nada disso teria acontecido. Ainda estaríamos na Rússia, nos braços um do outro, e todos os seus amigos estariam aqui, a salvo. Nenhum deles teria morrido. A culpa é sua.

— E quanto às pessoas que eu teria que matar na Rússia? — perguntei, exigindo uma resposta. Ele havia se mexido um pouco. Seria uma abertura? — Estariam a salvo se eu...

Um estrondo à minha esquerda me assustou. Christian, agora solto, acabava de bater com a cadeira em um Strigoi envolvido em uma luta contra um guardião. O Strigoi deu de ombros, se livrando de Christian como se ele fosse uma mosca. Christian voou para trás, se chocou contra uma parede e caiu no chão com uma expressão um tanto atordoada. Mesmo sem querer, dei uma olhada e vi Lissa correndo para o lado dele. E, que Deus me ajude, ela segurava uma estaca na mão. Como ela havia conseguido aquilo, eu não fazia a menor ideia. Talvez a tivesse apanhado de algum guardião caído no chão. Talvez nenhum Strigoi tivesse pensado em revistá-la quando ela chegou ali. Afinal, por que diabos um Moroi andaria com uma estaca?

— Parem com isso! E fiquem fora do caminho! — gritei para os dois, me virando para Dimitri.

Permitir que eles me distraíssem me custou caro. Ao perceber que Dimitri estava prestes a atacar,

consegui me esquivar sem nem ver o que ele fazia. Tentava alcançar meu pescoço, e minha escapada imprecisa havia me poupado do estrago completo. Ainda assim, sua mão pegou no meu ombro e me jogou quase tão longe quanto Christian. No entanto, ao contrário do meu amigo, eu tinha anos de treinamento que me ensinaram a me recuperar daquele tipo de coisa. Havia aprimorado muito o equilíbrio e a capacidade de recuperação. Cambaleei apenas um pouco e logo recobrei a estabilidade.

Só me restava rezar para Christian e Lissa me ouvirem e não fazerem nenhuma estupidez. Eu precisava manter a atenção em Dimitri ou acabaria sendo morta. E se morresse, certamente Lissa e Christian morreriam. Quando entramos ali, lutando para abrir caminho, tive a impressão de que havia mais guardiões do que Strigoi, embora, às vezes, isso não adiantasse muito. Ainda assim, esperava que meus colegas derrotassem nossos inimigos, me deixando fazer o que eu tinha que fazer.

Dimitri riu da minha esQUIVA.

— Eu ficaria impressionado se isso não fosse algo que uma criança de dez anos é capaz de fazer. Agora, quanto aos seus amigos... Eles também estão lutando como alguém de dez anos de idade. E para Moroi? Na verdade, é muito bom.

— É, bem, vamos ver qual vai ser a sua avaliação quando eu matar você — falei.

Fiz uma pequena finta para testar o quanto Dimitri estava atento. Ele deu um passo para o lado quase sem notar, tão gracioso quanto um dançarino.

— Você não consegue, Rose. Não se deu conta disso até agora? Ainda não *viu* isso? Você não consegue me derrotar. Não consegue me matar. Mesmo que conseguisse, não seria capaz de se forçar a isso. Hesitaria. De novo.

Não hesitaria, não. Era o que ele não percebia. Que havia cometido um erro ao levar Lissa até ali. Ela fazia tudo mudar de figura. Estava ali. Era real. Sua vida corria risco, e nesse caso... nesse caso, eu não hesitaria.

Dimitri deve ter se cansado de esperar por mim. Deu um pulo, de novo tentando alcançar meu pescoço. E, de novo, esquivei, deixando meu ombro sofrer o impacto da pancada. Dessa vez, ele agarrou meu ombro. Me puxou na sua direção, e um triunfo ardia naqueles olhos vermelhos. No pouco espaço que tínhamos, aquilo devia ser tudo o que Dimitri precisava para me matar. Ele conseguiu o que queria.

No entanto, ao que parecia, não era o único que queria me pegar. Outro Strigoi, talvez pensando em ajudar Dimitri, veio em nossa direção e tentou me alcançar. Dimitri mostrou as presas, dando ao outro Strigoi um olhar de puro ódio e fúria.

— Minha! — sibilou ele, atingindo o outro Strigoi de maneira inesperada.

E aquela era a minha deixa. A pequena distração de Dimitri o fez afrouxar as mãos. A mesma proximidade que o tornava letal a mim agora me deixava tão perigosa quanto ele. Eu estava perto de seu peito, do coração, e com a estaca na mão.

Nunca serei capaz de dizer ao certo quanto tempo durou a série de acontecimentos a seguir. De certa forma, foi como se tivesse passado apenas um segundo. Ao mesmo tempo, era como se estivéssemos congelados. Como se o mundo inteiro tivesse parado.

Minha estaca se mexia em direção a Dimitri e, quando seus olhos pairaram sobre mim mais uma vez, acho que ele finalmente acreditou que eu o mataria. Não hesitava. Estava acontecendo. Minha estaca estava lá...

E de repente não estava mais.

Algo me atingiu com força do lado direito, me empurrando para longe de Dimitri e atrapalhando minha mira. Cambaleei, mal evitando esbarrar em alguém. Apesar de sempre tentar ficar atenta a tudo que me cercava em uma luta, havia baixado a guarda naquela direção. Os Strigoi e os guardiões estavam à esquerda. A parede — e Lissa e Christian — estavam à direita.

E foram Lissa e Christian que me empurraram dali.

Acho que Dimitri ficou tão impressionado quanto eu. Também ficou impressionado quando Lissa veio na direção dele com aquela estaca na mão. E rápido como um relâmpago, através do laço, percebi o que ela havia escondido de mim com muito, muito cuidado no último dia: Lissa tinha conseguido encantar a estaca com espírito. Era por isso que estava tão entusiasmada durante a última aula de estacas com Grant e Serena. Saber que tinha a ferramenta de que precisava havia intensificado seu desejo de usá-la. Esconder tudo aquilo de mim era um feito que se comparava a encantar a estaca.

Não que isso importasse agora. Com uma estaca encantada ou não, ela não podia chegar perto de Dimitri. Ele também sabia disso, e sua surpresa logo deu lugar ao deleite e à diversão — quase indulgente, como alguém que vê uma criança fazer algo adorável. O ataque de Lissa foi desajeitado. Ela não era rápida o bastante. Não era forte o bastante.

— Não! — gritei, dando um pulo na direção dos dois, apesar de estar certa de que também não seria rápida o suficiente.

De repente, uma parede de calor e chamas apareceu diante de mim, e mal consegui raciocinar para me afastar. Aquele fogo brotava do chão, formando um anel em torno de Dimitri que me mantinha afastada dele. Era desorientador, mas apenas por um momento. Eu conhecia o trabalho de Christian.

— Pare com isso! — Eu não sabia o que fazer, se devia atacar Christian ou me jogar no fogo. — Você vai queimar todo mundo vivo!

O fogo estava bem controlado — Christian era habilidoso a esse ponto —, mas em um cômodo daquele tamanho, até mesmo um fogo sob controle seria letal. Os outros Strigoi se afastaram.

As chamas cercavam Dimitri cada vez mais de perto. Ouvi seu grito, pude ver seu olhar de agonia, mesmo através delas. O fogo começou a consumir seu casaco, e uma fumaça saía dali. Um instinto me dizia que eu precisava acabar com aquilo... e no entanto, de que importava? Eu tinha ido até lá para matá-lo. Importaria se outra pessoa fizesse isso por mim?

E foi então que notei Lissa ainda na ofensiva. Dimitri estava distraído, gritando enquanto as chamas o envolviam. Eu também gritava... por ele, por ela... é difícil dizer. O braço de Lissa atravessou as chamas e, mais uma vez, uma dor surgiu pelo laço — uma dor que minimizava a anterior, de quando Christian queimou suas cordas. Porém, ela prosseguia, ignorando a agonia ardente. Seu alinhamento estava certo. E ela mirava a estaca no coração.

A estaca entrou, perfurando-o.

Bem, mais ou menos.

Exatamente como quando havia praticado com a almofada, ela não tinha forças para enfiá-la até onde era preciso. Eu a senti se preparando, invocando toda a sua força. Ela jogou o peso do corpo inteiro no movimento e tentou de novo, usando as duas mãos. A estaca penetrou um pouco mais. Ainda não era o bastante. Em uma situação normal, a demora teria lhe custado a vida. Aquela não era uma situação normal. Dimitri não tinha como se defender dela, não com o fogo o consumindo devagar. Ele conseguiu se esforçar um pouco e afrouxar a estaca, anulando o pequeno progresso que

ela havia conquistado. Lissa fez uma careta e tentou de novo, empurrando a estaca de volta para a posição anterior.

Ainda não era o bastante.

Então, recuperei os sentidos e me dei conta de que precisava acabar com aquilo. Lissa se queimaria toda se continuasse tentando cravar a estaca em Dimitri. Ela não tinha habilidade para aquilo. Eu cravaria a estaca nele ou apenas deixaríamos que o fogo o consumisse até o fim. Avancei. Lissa me avistou pela visão periférica e mandou uma rajada de compulsão para mim.

Não! Me deixe fazer isso!

O comando me atingiu com força, uma parede invisível que me fez parar. Permaneci ali, perplexa, tanto pela compulsão quanto pelo fato de ela tê-la usado em mim. Levei apenas um momento para me livrar do encanto. Ela estava distraída demais para depositar todo o seu poder na ordem, e eu era muito resistente à compulsão.

No entanto, aquela pequena demora me impediu de alcançá-la. Lissa aproveitou sua última chance, sabendo que não teria outra.

Mais uma vez, lutando em meio à dor e à ardência provocadas pelo fogo, ela deu tudo de si para cravar a estaca bem no coração de Dimitri. Seu movimento ainda foi desajeitado, ainda requeria um pouco mais de manobra e força para empurrar do que um golpe habilidoso dado por um guardião treinado. Desajeitada ou não, a estaca finalmente penetrou. Perfurou o coração de Dimitri. E ao fazê-lo, senti magia transbordar pelo laço, a magia familiar que eu sentia tantas vezes quando ela praticava uma cura.

Só que... aquilo era cem vezes mais intenso do que qualquer outra coisa que eu já havia sentido antes. Me paralisou quase tanto quanto sua compulsão. Era como se todos os meus nervos fossem explodir, como se tivesse acabado de ser atingida por um relâmpago.

Uma luz branca surgiu de repente ao redor de Lissa, uma luz que encobria o brilho do fogo. Era como se alguém tivesse jogado o sol no meio daquele cômodo. Gritei e, por instinto, minha mão se ergueu para proteger meus olhos enquanto eu recuava. Pelos sons que se ouvia no cômodo, todos tiveram uma reação parecida.

Por um momento, foi como se não houvesse mais laço. Não senti nada vindo de Lissa — nem dor, nem magia. O laço era tão sem cor e vazio quanto a luz branca que preenchia o cômodo. O poder que ela usou havia inundado e sobrecarregado nosso elo, neutralizando-o.

Em seguida, a luz desapareceu. Não sumiu aos poucos. Apenas... se foi num piscar de olhos. Como se alguém tivesse apertado um interruptor. Fez-se silêncio no cômodo, a não ser por alguns murmúrios de desconforto e confusão. Aquela luz deve ter sido nociva para a vista sensível dos Strigoi. Era forte o bastante para mim. Centelhas dançavam em meus olhos. Eu não conseguia focar em nada, já que a imagem residual daquele brilho queimava em minha visão.

Por fim — estreitando um pouco os olhos —, consegui enxergar vagamente de novo. O fogo tinha acabado, embora houvesse manchas pretas na parede e no teto, assim como um resto de fumaça. De acordo com minhas estimativas, deveria ter havido muito mais estragos. Só que eu não podia perder tempo com aquele milagre porque outro acontecia diante de mim.

Não apenas um milagre. Um conto de fadas.

Tanto Lissa quanto Dimitri estavam no chão. Suas roupas, queimadas e chamuscadas. Manchas rosadas e de um vermelho intenso marcavam a linda pele de Lissa onde o fogo a tinha atingido com mais força. Suas mãos e punhos haviam sido particularmente afetados. Dava para ver sinais de sangue

onde as chamas de fato queimaram parte de sua pele, removendo-a. Queimaduras de terceiro grau, se é que eu me lembrava bem das aulas de fisiologia. No entanto, ela parecia não sentir dor alguma, e as queimaduras não afetaram o movimento das mãos.

Lissa acariciava o cabelo de Dimitri.

Enquanto ela estava sentada ereta, ele estava todo esparramado. A cabeça dele repousava sobre o colo dela, e ela deslizava os dedos pelo cabelo dele em um movimento repetitivo e delicado — como o que alguém faz para reconfortar uma criança ou até mesmo um animal. O rosto dela, apesar do horrível estrago provocado pelo fogo, estava radiante e repleto de compaixão. Dimitri havia me chamado de anjo vingador, mas ela era um anjo misericordioso enquanto olhava para baixo, para ele, sussurrando palavras tranquilizantes e sem sentido.

Pelo estado das roupas de Dimitri e o que eu tinha visto no fogo, esperava que ele estivesse todo retorcido de tão queimado — como algum tipo de pesadelo esquelético enegrecido. Porém, quando Dimitri mexeu a cabeça, permitindo que eu visse seu rosto por completo pela primeira vez, percebi que ele estava ileso. Nenhuma queimadura marcava sua pele — uma pele tão quente e bronzeada quanto estava quando nos conhecemos. Fitei seus olhos por um breve instante antes de ele enterrar a cabeça no joelho de Lissa. Vi profundezas castanhas sem fim, as profundezas nas quais mergulhara tantas vezes. Nada de anéis vermelhos.

Dimitri... não era mais um Strigoi.

E estava chorando.

Dezessete

O cômodo inteiro parecia ter prendido a respiração.

No entanto, ainda que diante de milagres, os guardiões — e os Strigoi, a propósito — dificilmente se distraíam. As lutas que haviam parado eram retomadas agora com a mesma fúria de antes. Os guardiões dominavam, e os que não estavam envolvidos no combate com os últimos sobreviventes dos Strigoi de repente se jogaram na direção de Lissa, tentando puxá-la dali para longe de Dimitri. Para a surpresa de todos, ela se agarrou a ele com firmeza e fez algumas tentativas fracassadas de afastar os que se acumulavam ao seu redor. Era brava e protetora, mais uma vez me lembrando uma mãe defendendo o filho.

Dimitri se agarrava a Lissa com a mesma intensidade, mas tanto ele quanto ela foram vencidos. Os guardiões acabaram os separando à força. Houve gritos confusos enquanto tentavam decidir se deviam matar Dimitri. Não teria sido difícil. Ele estava indefeso agora. Mal podia se manter de pé quando o ergueram.

Aquilo me fez acordar. Eu apenas olhava fixamente, paralisada e emudecida. Me liberei de minha perplexidade e me lancei à frente, embora não soubesse ao certo até quem iria: Lissa ou Dimitri.

— Não! Não façam isso! — gritei, vendo alguns dos guardiões se mexerem com estacas nas mãos. — Ele não é o que vocês pensam! Não é um Strigoi! Olhem para ele!

Lissa e Christian gritavam coisas parecidas. Alguém me agarrou e me puxou para trás, dizendo para deixar os outros cuidarem daquilo. Sem sequer pensar, me virei e dei uma bofetada no rosto do meu captor. Descobri tarde demais que era Hans. Ele tombou um pouco, parecendo mais surpreso do que ofendido. Porém, atacá-lo bastou para atrair a atenção dos outros, e logo eu tinha meu próprio grupo de guardiões contra os quais lutar. Meus esforços não adiantaram nada, em parte porque eu estava em desvantagem e em parte porque não conseguia encará-los do mesmo jeito que encarava os Strigoi.

Enquanto os guardiões me arrastavam, percebi que Lissa e Dimitri já haviam sido retirados do cômodo. Exigi saber onde estavam, gritando que precisava vê-los. Ninguém me ouviu. Me puxaram dali, para fora do depósito, passando por uma desconcertante quantidade de corpos. Grande parte era de Strigoi, mas reconheci alguns rostos do regimento dos guardiões da Corte. Contraí o rosto, muito embora não os tivesse conhecido bem. A batalha havia acabado; e o nosso lado, vencido — só que a um preço alto. Os guardiões sobreviventes fariam a limpeza agora. Não me surpreenderia se os

alquimistas aparecessem, mas, naquele momento, nada daquilo me importava.

— Onde está Lissa? — eu insistia em perguntar enquanto era jogada dentro de um dos utilitários. Dois guardiões entraram comigo, um de cada lado. Eu não conhecia nenhum deles. — Onde está Dimitri?

— A princesa foi levada para um lugar seguro — disse um dos guardiões, irritado.

Este e o outro cara olhavam firmes para a frente, e percebi que nenhum dos dois daria importância à pergunta sobre Dimitri, que poderia muito bem não existir para eles.

— Onde está Dimitri? — repeti, falando mais alto, na esperança de obter uma resposta. — Ele está com Lissa?

Aquilo provocou uma reação.

— Claro que não — disse o guardião que tinha falado antes.

— Ele está... Ele está vivo?

Era uma das perguntas mais difíceis que eu já havia feito na vida, só que precisava saber. Odiava admitir, mas se estivesse no lugar de Hans, não contaria com milagres. Exterminaria qualquer coisa que identificasse como ameaça.

— Sim — disse o motorista, enfim. — Ele... Aquilo... está vivo.

E foi tudo que consegui tirar deles, não importava o quanto argumentasse e exigisse ser libertada do carro — e acredite, fiz muito isso. Sua habilidade de me ignorar era impressionante, muito impressionante. Para ser sincera, eu nem tinha certeza se sabiam o que havia acontecido. Tudo passou tão depressa. A única coisa que aqueles dois sabiam era que tinham recebido ordens de me escoltar para fora do prédio.

Eu esperava que alguém conhecido se juntasse a nós no utilitário. Nada. Apenas mais guardiões desconhecidos. Nada de Christian nem de Tasha. Nem mesmo Hans — é claro, dava para entender. Ele devia ter receio de eu esbofeteá-lo sem querer de novo.

Por fim, quando o carro estava cheio e já na estrada, desisti de insistir e me esparramei no banco. Outros utilitários haviam partido com o nosso, mas eu não fazia a menor ideia se meus amigos se encontravam em algum deles.

O laço entre mim e Lissa se encontrava adormecido. Depois do choque inicial em que não senti nada, devagar, eu voltava a senti-la um pouco, me dizendo que ainda éramos ligadas e que estava viva. Só isso. Com todo aquele poder que havia emanado dela, era quase como se o laço estivesse temporariamente desgastado. A magia entre nós estava frágil. Cada vez que eu tentava usar o laço para obter notícias dela, era como se tivesse olhado para algo muito ofuscante e ainda estivesse cega. Eu só podia esperar que o laço se restabelecesse logo, porque precisava saber o que ela achava que havia acontecido.

Não, nada de achava. Eu precisava saber o que havia acontecido e ponto final. Ainda estava um tanto chocada, e a longa jornada de volta para a Corte me deu um tempo para processar os poucos fatos aos quais tinha acesso. Queria ir logo para a parte de Dimitri, mas precisava começar do início se quisesse mesmo analisar tudo o que havia acontecido.

Primeiro: Lissa encantou uma estaca e escondeu a informação de mim. Quando? Antes da viagem à faculdade? Em Lehigh? No cativeiro? Não importava.

Segundo: apesar de suas tentativas fracassadas com as almofadas, ela cravou a estaca no coração de Dimitri. Foi difícil, mas o fogo de Christian tornou isso possível. Estremeci, me lembrando das queimaduras que Lissa sofreu durante aquele tormento. Senti a dor provocada por elas antes de o

laço adormecer e também vi as marcas em sua pele. Adrian não era o melhor curandeiro do mundo, mas eu esperava que sua magia bastasse para cuidar dos ferimentos dela.

O terceiro e último fato... Bem... seria um fato? Lissa cravou a estaca em Dimitri e usou a mesma magia que usaria para cura... e então? Essa era a grande questão. O que aconteceu, além do que parecia ser uma explosão nuclear de magia através de nosso elo? Será que vi o que pensava ter visto?

Dimitri havia... se transformado.

Não era mais um Strigoi. Eu sentia isso no meu coração, muito embora tivesse fitado seus olhos apenas por um instante. Havia sido o bastante para me permitir enxergar a verdade. Os traços de Strigoi tinham desaparecido. Lissa fez tudo que Robert havia jurado que ela precisava fazer para recuperar um Strigoi, e com certeza depois de toda aquela magia... Bem, era fácil acreditar que tudo fosse possível. A imagem de Dimitri veio até mim, se agarrando a Lissa com lágrimas escorrendo pelo rosto. Eu nunca o tinha visto tão vulnerável. E eu não acreditava que os Strigoi chorassem.

Algo no meu coração se retorcia dolorosamente, e pisquei depressa para me impedir de chorar também. Dei uma olhada e me virei para tudo ao meu redor. Do lado de fora do carro, o céu clareava. O sol quase nascia. Os guardiões que estavam comigo apresentavam sinais de cansaço no rosto, embora a expressão de alerta em seus olhos nunca vacilasse. Eu tinha perdido a noção do tempo, mas meu relógio interno me dizia que já estávamos na estrada havia algum tempo. Já devíamos estar quase na Corte.

Hesitante, experimentei o laço e descobri que ele estava de volta, mas ainda frágil. Era como se piscasse, se restabelecendo. Foi o suficiente para me tranquilizar, e suspirei, aliviada. Quando o laço surgira alguns anos antes, era tão estranho... surreal. Agora que o havia aceitado como parte da minha vida, sua ausência não parecia natural.

Enxergando pelos olhos de Lissa o utilitário no qual ela viajava, esperei que Dimitri também estivesse ali. Aquele único relance no depósito não tinha me bastado. Eu precisava vê-lo de novo. Precisava ver se aquele milagre havia mesmo acontecido. Queria absorver aquelas feições, fitar o Dimitri de tanto tempo antes. O Dimitri que eu amava.

Só que ele não estava com Lissa. No entanto, Christian, sim, e olhou quando ela se mexeu. Lissa estivera dormindo e ainda se sentia grogue. Isso, aliado aos efeitos posteriores daquela força intensa mais cedo, havia deixado nossa ligação um tanto nebulosa. Para mim, as coisas perdiam e ganhavam foco a todo momento, mas, de um modo geral, dava para acompanhar o que acontecia.

— Como você se sente? — perguntou Christian.

Enquanto ele se voltava para Lissa, sua voz e seus olhos estavam repletos de tanto afeto que parecia impossível não notar. Só que ela estava um pouco preocupada naquele momento.

— Cansada. Exausta. Meio... Sei lá. Como se tivesse sido jogada de um lado para o outro em um furacão. Ou atropelada por um carro. Escolha alguma coisa horrível. É assim que me sinto.

Ele deu um pequeno sorriso para ela e tocou suas bochechas com delicadeza. Ao me abrir mais para as sensações de Lissa, senti a dor de suas queimaduras e que ele acariciava a pele perto de uma delas, mas tomava o cuidado de evitá-la.

— Está muito ruim? — perguntou ela. — Minha pele derreteu toda? Estou parecendo um alienígena?

— Não — respondeu ele, dando uma risadinha. — Não é tão ruim assim. Você está linda, como

sempre. Seria preciso muito mais para mudar isso.

A dor latejante que Lissa sentia a fazia acreditar que havia mais estragos do que Christian admitia, mas o elogio e o jeito como ele disse isso a confortaram muito. Por um momento, sua existência inteira se concentrou no rosto dele e na forma como o sol que nascia começava a iluminá-lo.

Em seguida o resto do mundo veio e a atingiu com força.

— Dimitri! Preciso ver Dimitri!

Alguns guardiões estavam no carro, e ela olhava para todos eles enquanto falava. Como tinha acontecido comigo, ninguém parecia disposto a se importar com ele ou com o que havia acontecido.

— Por que não posso vê-lo? Por que o levaram para longe de mim?

A pergunta se dirigia a qualquer um que quisesse respondê-la e, por fim, Christian o fez:

— Porque acham que Dimitri é perigoso.

— Não é. Ele só... Ele precisa de mim. Está machucado por dentro.

Os olhos de Christian se arregalaram de repente, e seu rosto se encheu de pânico.

— Ele não está... Você não estabeleceu um laço com ele, não é?

Supus, pela expressão em seu rosto, que Christian se lembrava de Avery e de como seu elo com mais de uma pessoa a levava ao limite. Christian não tinha ouvido a explicação de Robert de que a alma vai para o mundo dos mortos e de que Strigoi recuperados não estabelecem laços.

Lissa balançou a cabeça devagar.

— Não... Eu só sei disso. Quando... Quando o curei, tivemos uma conexão, e senti. Senti o que precisava fazer... Não dá para explicar. — Ela passou a mão pelo cabelo, frustrada por não conseguir expressar sua magia em palavras. O cansaço começava a tomá-la. — Foi como se eu tivesse que fazer uma cirurgia na alma dele — disse ela, por fim.

— Acham que Dimitri é perigoso — repetiu Christian com delicadeza.

— Ele não é! — Lissa encarava os outros ocupantes do carro, e todos olhavam em outra direção. — Ele não é mais um Strigoi.

— Princesa — começou um dos guardiões, inquieto —, ninguém sabe exatamente o que aconteceu. Não se pode ter certeza...

— Eu tenho certeza — disse ela, em uma voz alta demais para o pequeno espaço. Havia um ar de realeza, de autoridade naquilo. — *Eu sei*. Eu o salvei. Eu o trouxe de volta. Cada parte de mim sabe que ele não é mais um Strigoi!

Os guardiões pareciam desconfortáveis e, mais uma vez, emudecidos. Acho que estavam apenas confusos e, para ser sincera, como poderiam não estar? Não havia precedentes para aquela situação.

— Shhh — fez Christian, pondo a mão sobre a dela. — Não há nada que você possa fazer até voltarmos para a Corte. Você ainda está ferida e exausta. Isso está escrito no seu corpo inteiro.

Lissa sabia que ele tinha razão. *Estava* ferida e exausta. Aquela magia havia acabado com ela. Ao mesmo tempo, o que ela fez por Dimitri a ligou a ele — não por meio de um laço de magia, mas através de um laço psicológico. Era mesmo como uma mãe. Se sentia desesperadamente protetora e preocupada.

— Preciso vê-lo — afirmou ela.

Ela precisava? E eu, então?

— Você vai vê-lo — disse Christian, soando mais seguro do que eu desconfiava que ele estivesse. — Mas tente descansar agora.

— Não consigo — falou ela, apesar de sufocar um bocejo.

Aquele sorriso tremeluziu no rosto de Christian, e ele a envolveu com um braço, a puxando o mais para perto de si que os cintos de segurança permitiam.

— Tente — disse ele.

Ela repousou a cabeça em seu peito, e a proximidade era um tipo de cura em si mesma. Uma preocupação com Dimitri a percorria, mas as necessidades de seu corpo eram mais fortes naquele momento. Por fim, ela se entregou ao sono nos braços de Christian e mal ouviu quando ele murmurou:

— Feliz aniversário.

Vinte minutos depois, nosso comboio chegou à Corte. Pensei que isso significasse liberdade instantânea, mas meus guardiões demoraram um pouco para sair do carro, esperando por algum sinal ou instruções que ninguém se deu ao trabalho de me explicar. Na verdade, esperavam por Hans.

— Não — disse ele, pondo uma das mãos com firmeza no meu ombro quando saí logo do carro e tentei correr para... Bem, eu não sabia para onde. Onde quer que Dimitri estivesse. — Espere.

— Tenho que vê-lo! — exclamei, tentando forçar a passagem. Hans era como um muro de pedra. Levando em conta que de fato ele havia lutado contra muito mais Strigoi que eu naquela noite, tínhamos que acreditar que estava cansado. — Você precisa me dizer onde ele está.

Para minha surpresa, Hans me disse:

— Trancado. Longe, bem longe do seu alcance. E de qualquer um. Sei que ele foi seu instrutor, mas é melhor mantê-lo afastado por enquanto.

Meu cérebro, cansado por conta das atividades daquela noite e desgastado pelas emoções, levou um momento para processar a informação. As palavras de Christian me voltaram à mente.

— Ele não é perigoso — falei. — Não é mais um Strigoi.

— Como é que você pode ter tanta certeza?

A mesma pergunta que haviam feito a Lissa. Como podíamos responder aquilo? Sabíamos porque nos esforçamos muito para descobrir como transformar um Strigoi e, quando completamos todos os passos, houve uma bomba atômica de magia. Aquela prova não bastava para ninguém? A *aparência* de Dimitri não bastava?

Em vez de dizer isso, minha resposta foi igual à de Lissa:

— Eu sei.

Hans balançou a cabeça, e agora dava para ver que ele estava mesmo exausto.

— Ninguém sabe o que está acontecendo com Belikov. Nós que estávamos lá... Bem, não sei ao certo o que vi. Só sei que ele liderava os Strigoi até pouco tempo atrás, e agora toma sol. Não faz o menor sentido. Ninguém sabe o que ele é.

— Ele é um dampiro.

— E até descobrirmos — prosseguiu ele, ignorando meu comentário —, Belikov terá que permanecer trancado para ser examinado.

Examinar? Não gostei nada daquilo. Fazia Dimitri parecer um rato de laboratório. Fez meu sangue ferver, e estava prestes a gritar com Hans. Um momento depois, consegui me controlar.

— Então preciso ver Lissa.

— Ela foi levada para o centro médico, pois precisa muito de um tratamento. Você não pode entrar lá — acrescentou ele, prevendo minha fala seguinte. — Metade dos guardiões está lá também. Um caos, e você atrapalharia.

— Então que diabos devo fazer?

— Vá dormir um pouco. — Ele me lançou um olhar irônico. — Ainda não gosto da sua postura, mas depois do que vi no depósito... Bem, tenho que dizer: você sabe lutar. Precisamos de você. E provavelmente para fazer mais do que arquivar papelada. Agora vá se cuidar.

E foi isso. A dispensa estava clara em sua voz e, enquanto os guardiões corriam de um lado para o outro, era como se eu não existisse. Qualquer problema no qual eu tivesse me metido antes parecia ter sido esquecido havia muito tempo. Depois de tudo, nada de arquivos. Mas o que eu devia fazer? Hans era louco? Como eu poderia dormir? Tinha que fazer alguma coisa. Tinha que ver Dimitri — mas não sabia para onde ele havia sido levado.

Era provável que para a mesma prisão onde Victor fora mantido, à qual eu não tinha acesso. Eu também necessitava ver Lissa — só que ela estava lá, no centro médico. Eu não tinha poder nenhum. Precisaria apelar para alguém influente.

Adrian!

Se eu fosse até Adrian, talvez ele pudesse mexer alguns pauzinhos, já que tinha seus contatos na realza. Caramba, a rainha o amava, apesar de sua malandragem. Por mais que me matasse aceitar, eu começava a me dar conta de que ver Dimitri logo de cara seria quase impossível. Mas e quanto ao centro médico? Adrian devia ser capaz de me levar para ver Lissa, mesmo que o lugar estivesse tumultuado e caótico. O laço ainda estava confuso, e conversar diretamente com ela me ajudaria a encontrar respostas mais rápidas para as perguntas sobre Dimitri. Além disso, eu queria ver por conta própria que ela estava bem.

No entanto, quando cheguei ao alojamento onde Adrian ficava na Corte, fui informada pelo porteiro que ele havia saído pouco antes — o que era irônico o bastante — para ir ao centro médico. Suspirei. É claro que ele já estaria lá. Com sua habilidade para curar, deviam tê-lo tirado da cama. Fraco ou não, certamente ele poderia ajudar.

— Você estava lá? — perguntou o porteiro enquanto eu começava a me virar.

— O quê?

Por um minuto, pensei que ele se referisse ao centro médico.

— Na batalha contra os Strigoi! No resgate. Ouvimos todo tipo de coisa.

— Já? O que vocês ouviram?

Os olhos do cara estavam arregalados e entusiasmados.

— Disseram que quase todos os guardiões morreram. Mas que você capturou um Strigoi e o trouxe de volta.

— Não, não... Há mais feridos do que mortos. E o outro... — Por um momento, não consegui respirar. O que havia acontecido? O que realmente havia acontecido com Dimitri? — Um Strigoi foi transformado de volta em vampiro.

O porteiro me encarou.

— Você sofreu uma pancada na cabeça?

— Estou dizendo a verdade! Vasilisa Dragomir fez isso. Com o poder do espírito que ela tem. Espalhe *isso* por aí.

Deixei o porteiro com seu queixo caído. E daquele jeito, eu não tinha mais opções, mais ninguém a quem pedir informações. Voltei para o meu quarto me sentindo derrotada, mas preocupada demais para dormir. Pelo menos foi o que pensei no começo. Depois de andar um pouco de um lado para o outro, me sentei na cama para tentar bolar um plano. No entanto, não demorei muito a cair em um sono pesado.

Acordei sobressaltada, confusa e com dores em partes do corpo que não havia percebido que tinham sido atingidas na luta. Espiei o relógio, impressionada com o quanto havia dormido. No horário dos vampiros, era o fim da manhã. Em cinco minutos, tomei um banho e vesti roupas sem rasgos nem sangue. E assim, saí pela porta.

As pessoas iam de um lado para o outro em suas tarefas diárias. Porém, cada casal ou grupo pelo qual passei parecia conversar sobre a batalha no depósito — e sobre Dimitri.

— Você sabe que ela pode curar — ouvi um Moroi dizer à mulher. — Por que não um Strigoi? Por que não um morto?

— Isso é loucura — argumentou a mulher. — Nunca acreditei nessa coisa de espírito mesmo. É uma mentira para encobrir o fato de que a menina Dragomir nunca se especializou em nada.

Não ouvi o resto da conversa, mas outros pelos quais passei falavam do mesmo tema. As pessoas estavam convencidas de que a coisa toda tinha sido uma armação ou já consideravam Lissa uma santa. Às vezes, eu ouvia algo estranho, como que os guardiões haviam capturado um bando de Strigoi para fazer experimentos. No entanto, em meio a toda especulação, não escutei o nome de Dimitri surgir em momento algum nem soube o que de fato acontecia com ele.

Segui o único plano que tinha: ir até o prédio dos guardiões onde ficava a prisão da Corte, embora não soubesse bem o que faria quando chegasse lá. Nem tinha certeza de que Dimitri ainda estaria lá, mas aquele me parecia o lugar mais provável. Quando passei por um guardião no caminho, levei vários segundos para me dar conta de que o conhecia. Parei e me virei.

— Mikhail! — Ele olhou para trás e, quando me viu, voltou. — O que está acontecendo? — perguntei, aliviada por ver o rosto de um amigo. — Soltaram Dimitri?

Ele balançou a cabeça.

— Não, ainda estão tentando entender o que aconteceu. Todos estão confusos, apesar de a princesa ter jurado de pés juntos, depois de tê-lo visto, que ele não é mais um Strigoi.

Havia admiração na voz de Mikhail — e um anseio também. Ele esperava que fosse verdade, que houvesse uma chance de sua amada ser salva. Senti um aperto no coração. Torcia para que ele e Sonya tivessem um final feliz como...

— Espere aí. O que você falou? — Suas palavras interromperam minhas reflexões românticas. — Você falou que Lissa o viu? Quer dizer, depois da batalha?

No mesmo instante, tentei alcançar o laço. Ele se tornava mais claro aos poucos — mas Lissa estava dormindo. Portanto, não descobri nada.

— Ele chamou por ela — explicou Mikhail. — Então a deixaram entrar. Protegida, é claro.

Arregalei os olhos, e meu queixo quase caiu no chão. Dimitri recebia visitas. Estavam de fato permitindo que ele recebesse visitas. Saber daquilo iluminou o humor sombrio que vinha se alojando em mim. Me virei.

— Obrigada, Mikhail.

— Espere, Rose...

Mas não parei. Corri até o prédio dos guardiões a toda velocidade, alheia ao olhares que recebi. Estava entusiasmada demais, revigorada demais pela nova informação. Poderia ver Dimitri. Até que enfim poderia ficar com ele, do jeito que era para ser.

— Você não pode vê-lo.

Parei quando o guardião que trabalhava na recepção me impediu.

— O... O quê? Preciso ver Dimitri.

— Nada de visitas.

— Mas Lissa... Vasilisa Dragomir conseguiu vê-lo.

— Ele pediu para vê-la.

Encarei o guardião, incrédula.

— Dimitri deve ter pedido para me ver também.

Ele deu de ombros.

— Se pediu, ninguém me avisou.

A raiva que eu havia reprimido na noite anterior por fim despertou.

— Então vá encontrar alguém que saiba disso! Dimitri quer me ver. Você tem que me deixar entrar. Quem é o seu chefe?

O guardião me olhou, zangado.

— Não vou a lugar algum até meu turno acabar. Se você tiver autorização para entrar, alguém irá avisá-la. Até lá, ninguém sem permissão especial pode descer.

Depois de acabar com boa parte dos seguranças de Tarasov, eu tinha certeza de que poderia despachar aquele cara com facilidade. No entanto, também tinha certeza de que uma vez nas profundezas das celas da cadeia, me depararia com vários outros guardiões. Por um segundo, acabar com eles me pareceu muito razoável. Era Dimitri. Eu faria qualquer coisa por ele. Uma leve remexida no laço me fez recuperar a razão. Lissa acabava de acordar.

— Está bem — falei. Empinei o queixo e lancei um olhar esnobe para ele. — Obrigada pela “ajuda”.

Eu não precisava daquele fracassado. Iria até Lissa.

Ela estava quase na extremidade oposta ao prédio dos guardiões, no território da Corte, e percorri a distância numa corrida leve. Quando por fim a alcancei e ela abriu a porta do quarto, vi que tinha se aprontado quase tão depressa quanto eu. Na verdade, senti que estava prestes a sair. Depois de avaliar seu rosto e suas mãos, fiquei aliviada ao notar que quase todas as queimaduras haviam desaparecido. Restavam algumas manchas vermelhas nos dedos, mas só isso. Graças à habilidade de Adrian. Nenhum médico poderia ter feito aquilo. Com uma camiseta azul-clara e o cabelo louro preso para trás, ela não parecia nem um pouco com alguém que havia passado por um calvário tão grande menos de vinte e quatro horas antes.

— Você está bem? — perguntou ela.

Apesar de tudo o que tinha acontecido, ela nunca deixaria de se preocupar comigo.

— Estou, sim. — Fisicamente, pelo menos. — E você?

Ela assentiu.

— Estou.

— Você me parece bem — falei. — Ontem à noite... Quero dizer, fiquei muito assustada. Com o fogo... — Não consegui terminar direito.

— É — disse ela, desviando os olhos de mim. Parecia nervosa e inquieta. — Adrian tem sido ótimo curando as pessoas.

— É para lá que você está indo? — Havia agitação e ansiedade no laço. Faria sentido se ela quisesse correr para o centro médico e ajudar também. Só que... uma investigação mais profunda revelou a verdade chocante.

— Você vai ver Dimitri!

— Rose...

— Não — falei, ávida. — É perfeito. Vou com você. Fui até lá agora, e não me deixaram entrar.

— Rose... — Lissa parecia muito desconfortável agora.

— Vieram com uma conversa fiada de que ele tinha pedido para ver você e não a mim e que por isso não podiam me deixar entrar. Mas, com você, vão ter que me deixar entrar.

— Rose — disse ela com firmeza, interrompendo minha fala, por fim. — Você não pode ir.

— Eu... o quê? — Repassei suas palavras, no caso de ter entendido errado. — Claro que posso. Preciso vê-lo. Você sabe que sim. E ele precisa me ver.

Devagar, ela balançou a cabeça, ainda parecendo nervosa, mas também solidária.

— Aquele guardião tinha razão — disse ela. — Dimitri *não* pediu para ver você. Só a mim.

Toda a minha avidez, todo aquele fogo... Paralisei. Emudeci, mais confusa do que qualquer outra coisa.

— Bem... — Me lembrei de como Dimitri havia se agarrado a ela na noite anterior, daquele olhar desesperado no rosto dele. Eu detestava admitir, mas meio que fazia sentido ele ter pedido para falar com ela primeiro. — É claro que ele iria querer ver você. Tudo é tão novo e estranho, e foi você quem o salvou. Quando ele tiver se recuperado um pouco mais, vai querer me ver também.

— Rose, você não pode ir. — Dessa vez, a tristeza na voz de Lissa foi refletida pelo laço e transbordou dentro de mim. — Não é que Dimitri não tenha pedido para ver você. Ele pediu especificamente para *não* ver você.

Dezoito

O pior de ser fisicamente ligado a alguém é que você sabe muito bem quando essa pessoa está mentindo — ou, no caso, quando não está mentindo. Ainda assim, minha reação foi imediata e instintiva.

— Isso não é verdade.

— Não mesmo? — Ela me lançou um olhar penetrante. Sabia que eu podia sentir a verdade em suas palavras.

— Mas isso... não pode...

Eu não costumava ficar sem palavras — muito menos com Lissa. Em nosso relacionamento, era tão comum *eu* ser a assertiva e explicar a *ela* por que as coisas tinham que ser do jeito que eram. Em algum lugar ao longo do caminho, sem que eu me desse conta, ela havia perdido aquela fragilidade.

— Lamento — falou Lissa, com a voz ainda calma, mas também firme. O laço entregava o quanto ela odiava me dizer coisas desagradáveis. — Ele me pediu... pediu especificamente para não deixar você ir até lá. Disse que não quer ver você.

Olhei para ela, suplicante, com uma voz quase infantil.

— Mas por quê? Por que ele diria isso? É claro que quer me ver. Deve estar confuso...

— Não sei, Rose. Só sei o que ele me disse. Lamento muito.

Ela estendeu os braços como se fosse me abraçar, mas me afastei. Minha cabeça ainda estava atordoada.

— Vou com você de um jeito ou de outro. Espero no andar de cima com os outros guardiões. Aí, quando você contar a Dimitri que estou lá, ele vai mudar de ideia.

— Acho que você não devia fazer isso — aconselhou ela. — Dimitri parecia falar muito sério quando pediu para você não ir. Estava quase desesperado. Acho que se ele souber que você está lá, ficará decepcionado.

— Decepcionado? *Decepcionado?* Liss, sou eu! Ele me *ama*. Precisa de mim.

Lissa estremeceu, e percebi que havia gritado com ela.

— Só estou contando o que ele disse. É tudo tão confuso... por favor. Não me ponha nessa situação. Espere um pouco... para ver como vai ser. E quando quiser saber o que está acontecendo, sempre pode...

Lissa não terminou a frase, mas eu sabia o que ela sugeria. Se oferecia para me deixar ver o

encontro com Dimitri através do laço. Era um grande gesto de sua parte — não que ela pudesse me deter se eu quisesse fazer aquilo. Ainda assim, não costumava gostar da ideia de ser “espionada”. Foi o que conseguiu pensar para fazer com que me sentisse melhor.

Não que tenha de fato adiantado. Tudo aquilo ainda era uma loucura. Eu ter o acesso a Dimitri negado. Ele afirmar que não queria me ver! Que merda era essa? Minha reação instintiva era ignorar tudo o que ela acabava de dizer, ir junto e exigir o acesso a ele quando chegasse lá. No entanto, os sentimentos através do laço me imploravam para não fazer isso. Ela não queria criar problemas. Podia também não entender os desejos de Dimitri, mas sentia que deveria respeitá-los até que a situação fosse mais bem-avaliada.

— Por favor — pediu ela.

Aquelas palavras aflitas por fim me atingiram.

— Está bem.

Dizer aquilo acabou comigo. Era como admitir uma derrota. *Pense nisso como uma retirada estratégica.*

— Obrigada. — Dessa vez ela me abraçou mesmo. — Prometo que vou obter mais informações e descobrir o que está acontecendo, combinado?

Assenti, ainda desapontada, e saímos juntas do prédio. Relutante e infeliz, me separei dela quando chegou a hora, deixando-a seguir para o prédio dos guardiões enquanto ia para o meu quarto. Logo que a perdi de vista, entrei em sua mente, assistindo a tudo através de seus olhos enquanto ela caminhava pela grama aparada com perfeição. O laço ainda estava um pouco nebuloso, mas clareava a cada minuto.

Seus sentimentos eram confusos. Ela se sentia mal por mim, culpada por ter sido forçada a me negar algo. Ao mesmo tempo, estava ansiosa para ver Dimitri. Precisava vê-lo também — mas não como eu. Ainda se sentia responsável por ele e tinha aquela necessidade ardente de protegê-lo.

Quando chegou à sala principal do prédio, o guardião que havia me detido a cumprimentou com um aceno e deu um telefonema rápido. Poucos instantes depois, três guardiões vieram e gesticularam para que Lissa os seguisse até as profundezas do prédio. Todos pareciam estranhamente sérios, mesmo se tratando de guardiões.

— A senhorita não tem que fazer isso — disse um deles. — Só porque ele pede...

— Tudo bem — falou ela com o ar tranquilo e digno de qualquer membro da realeza. — Não me importo.

— Haverá vários guardiões ao seu redor, como na última vez. A senhorita não precisa se preocupar com sua segurança.

Ela lançou um olhar penetrante a todos eles.

— Nunca me preocupei com isso, desde o começo.

A descida até os andares mais baixos do prédio me trouxe lembranças dolorosas de quando Dimitri e eu visitáramos Victor. Era o Dimitri com quem eu tive uma união perfeita, o Dimitri que me entendia por completo. E depois da visita, ele ficara furioso com as ameaças que Victor me fizera. Dimitri me amara tanto que estivera disposto a fazer qualquer coisa para me proteger.

Uma porta aberta com um cartão por fim permitiu o acesso ao andar da cadeia, que consistia em grande parte num corredor comprido com uma cela ao lado da outra. Não dava a mesma sensação deprimente de Tarasov, mas o ar industrial daquele lugar sem cor, repleto de grades de aço, na verdade não inspirava sentimentos agradáveis e calorosos.

Lissa mal podia andar pelo corredor porque ele estava lotado de guardiões. Aquela segurança toda

por causa de uma pessoa. Não seria impossível que um Strigoi atravessasse as grades de aço das celas, mas Dimitri não era um Strigoi. Por que não conseguiam enxergar isso? Estavam cegos?

Lissa e sua escolta abriram caminho em meio à multidão e pararam diante da cela de Dimitri, que parecia tão fria quanto qualquer outra coisa na área da prisão, apenas com os móveis estritamente necessários. Dimitri estava sentado em uma cama estreita com as pernas dobradas e recolhidas, encostado em um canto da parede, de costas para a entrada da cela. Não era o que eu esperava. Por que ele não estava esmurando as grades? Por que não exigia ser solto e dizia a todos que não era um Strigoi? Por que aceitava tudo tão quieto?

— Dimitri.

A voz de Lissa era baixa e delicada, repleta de uma ternura que sobressaía em meio à dureza da prisão. A voz de um anjo.

E quando Dimitri se virou devagar, ficou óbvio que ele também pensava assim. Sua expressão se transformou diante de nossos olhos, e a desolação deu lugar à admiração.

Ele não era o único tomado de admiração. Minha mente podia estar ligada à de Lissa, só que, ao voltar para a Corte, meu corpo quase parou de respirar. O relance que eu tivera dele na noite anterior havia sido fascinante. Mas aquilo... a visão plena de Dimitri olhando para Lissa — para mim — era impressionante. Uma maravilha. Uma dádiva. Um milagre.

É sério. Como alguém poderia pensar que ele era um Strigoi? E como eu poderia me permitir acreditar que o Dimitri com quem estivera na Sibéria era *aquele*? Ele havia tomado um banho depois da batalha e usava um jeans com uma camiseta preta simples. Seu cabelo castanho estava amarrado para trás em um rabo de cavalo curto, e uma leve sombra que contornava a parte mais baixa de seu rosto indicava que ele precisava se barbear. Provavelmente, ninguém iria permitir que ele chegasse perto de uma lâmina. De qualquer forma, isso quase o tornava mais sexy — mais real, mais dampiro. Mais *vivo*. Seus olhos eram o que de fato representava isso. A pele branca letal — que havia desaparecido — sempre nos chocou, mas aqueles olhos vermelhos eram piores. Agora estavam perfeitos. Como costumavam ser. Calorosos, castanhos, com cílios longos. Eu poderia fitá-los para sempre.

— Vasilisa — sussurrou ele. O som de sua voz me deu um aperto no peito. Meu Deus, como eu tinha saudade de ouvi-lo falar. — Você voltou.

Logo que ele deu os primeiros passos para se aproximar das grades, os guardiões ao redor de Lissa começaram a fechar o cerco, prontos para detê-lo se ele realmente escapasse.

— Afastem-se! — disse ela rispidamente, em um tom próprio a uma rainha, encarando todos à sua volta. — Nos deem um pouco de espaço. — Ninguém reagiu de imediato, e ela pôs mais intensidade na voz. — Estou falando sério! Para trás!

Senti uma leve magia fluir através de nosso laço. Não era muito, mas ela intensificava aquelas palavras com um pouco de compulsão induzida por espírito. Dificilmente poderia controlar um grupo tão grande. Porém, o comando tinha força o bastante para obrigá-los a se afastar um pouco, abrindo espaço entre ela e Dimitri. Lissa voltou sua atenção para ele, e sua expressão mudou no mesmo instante de brava para gentil.

— Claro que eu voltei. Como você se sente? Eles... — Ela lançou um olhar perigoso para os guardiões no corredor. — Você está sendo bem-tratado?

Ele deu de ombros.

— Estou. Ninguém me machuca. — Se ele ainda se parecesse nem que fosse um pouco com o

que era, jamais admitiria que alguém o *estivesse* machucando. — Só fazem muitas perguntas. Tantas perguntas. — Ele estava cansado, mais uma vez... muito diferente de um Strigoi que nunca precisava descansar. — E meus olhos. Insistem em examinar meus olhos.

— Mas como você se *sente*? — perguntou ela. — Na sua mente? No seu coração?

Se aquela situação toda não fosse tão séria, eu teria me divertido. Era uma linha de perguntas muito típica de um terapeuta — algo pelo qual Lissa e eu passáramos muito. Eu odiava que me fizessem essas perguntas, mas agora de fato queria saber como Dimitri se sentia.

Seu olhar, que se concentrava em Lissa com tanta avidez, agora se desviava e perdia o foco.

— É difícil... é difícil descrever. É como se eu tivesse acordado de um sonho. De um pesadelo. Como se tivesse assistido enquanto outra pessoa agia através do meu corpo. Como se eu estivesse em um filme ou no teatro. Mas não era outra pessoa. Era *eu*. Era eu o tempo todo, e agora estou aqui, e o mundo inteiro mudou. Me sinto como se estivesse reaprendendo tudo.

— Vai passar. Você vai se acostumar mais quando voltar a ser como antes.

Era o que ela supunha, embora estivesse confiante quanto a isso.

Ele inclinou a cabeça em direção ao grupo de guardiões.

— Eles não pensam assim.

— Mas vão pensar — disse ela, determinada. — Só precisamos de mais tempo. — Um pequeno silêncio surgiu, e Lissa hesitou antes de dizer as palavras seguintes. — Rose... quer ver você.

A postura distante e melancólica de Dimitri mudou num segundo. Ele tornou a se concentrar em Lissa, e vi seu primeiro olhar de emoções intensas e verdadeiras.

— Não. Qualquer um, menos ela. Não *posso* vê-la. Não deixe Rose vir aqui. *Por favor*.

Lissa engoliu em seco, sem saber ao certo como reagir. O fato de ela ter uma plateia dificultou as coisas. O melhor que pôde fazer foi baixar a voz para que os outros não ouvissem.

— Mas... ela ama você. Está preocupada. O que aconteceu... só fomos capazes de salvá-lo... Bem, muito disso se deve a ela.

— Foi você quem me salvou.

— Só dei o último passo. O resto... Bem, Rose fez... humm... muita coisa.

Digamos, tipo organizar uma invasão à prisão e libertar fugitivos.

Dimitri se virou, e o fogo que por um instante havia iluminado suas feições se apagou. Ele andou até a lateral da cela e se encostou na parede. Fechou os olhos por alguns segundos, respirou fundo e, em seguida, os abriu.

— Qualquer um, menos Rose — repetiu ele. — Não depois do que fiz com ela. Fiz muitas coisas... coisas horríveis. — Ele virou as palmas das mãos para cima e as encarou por um momento, como se enxergasse sangue. — O que fiz com ela foi o pior de tudo. Ainda mais porque *era* Rose. Ela foi me salvar daquele estado, e eu... — Ele balançou a cabeça. — Fiz coisas horríveis com ela. Coisas horríveis com os outros. Não posso encará-la depois disso. O que fiz é imperdoável.

— Não é — disse Lissa com uma urgência na voz. — Não era você. Não de verdade. Ela vai perdoá-lo.

— Não. Não tem perdão para mim. Não depois do que fiz. Não mereço Rose. Não mereço nem ficar perto dela. A única coisa que posso fazer... — Ele voltou para perto de Lissa e, impressionando a nós duas, se ajoelhou diante dela. — A única coisa que posso fazer, a única redenção que posso tentar, é lhe pagar por ter me salvado.

— Dimitri — começou ela, incomodada —, eu já falei que...

— Eu senti o poder. Naquele momento, senti você trazendo a minha alma de volta. Senti você curá-la. É uma dívida que nunca vou poder pagar, mas juro que vou passar o resto da vida tentando.

Ele olhava para cima, para ela, com aquela expressão extasiada de volta no rosto.

— Não quero isso. Não há o que ser pago.

— Há tudo a ser pago — argumentou ele. — Devo a você minha vida, minha alma. É o único jeito de chegar perto de um dia me redimir por todas as coisas que fiz. Ainda não é o bastante... mas é tudo o que posso fazer. — Ele juntou as mãos. — Eu juro. Vou fazer tudo o que você precisar. Qualquer coisa. Que esteja ao meu alcance. Vou lhe servir e proteger pelo resto da vida. Vou fazer tudo o que você pedir. Você tem minha lealdade para sempre.

Mais uma vez, Lissa começou a dizer que não queria aquilo, mas uma ideia sagaz lhe veio à mente.

— Você aceitaria receber Rose?

Ele fez uma careta.

— Qualquer coisa, menos isso.

— Dimitri...

— Por favor. Faço qualquer outra coisa por você, mas se eu vir Rose... vai doer muito.

Aquela devia ser a única coisa capaz de fazer Lissa deixar o assunto de lado. Isso e o olhar desesperado, desolado, de Dimitri. Era um olhar que ela nunca tinha visto antes, um olhar que eu também nunca tinha visto antes. Ele sempre foi tão invencível aos meus olhos, e aquele sinal de vulnerabilidade não o fazia me parecer mais fraco. Apenas o tornava mais complexo. Me fazia amá-lo ainda mais — e querer ajudá-lo.

Lissa só pôde dar um pequeno aceno como resposta antes de um dos guardiões no comando dizer que ela precisava ir embora. Dimitri ainda estava de joelhos quando a escoltaram para fora dali, a encarando com uma expressão que dizia que ela era a coisa mais próxima de qualquer esperança que lhe restava neste mundo.

Meu coração se retorceu tanto de mágoa quanto de ciúme — e com um pouco de raiva também. Era para mim que ele devia ter olhado daquele jeito. Como se atrevia? Como se atrevia a agir como se Lissa fosse a melhor coisa do mundo? Ela havia feito muito para salvá-lo. É verdade. Mas fui *eu* quem viajou pelo globo terrestre inteiro por ele. Fui *eu* quem arriscou a própria vida por ele tantas vezes. E o mais importante: era *eu* quem o amava. Como ele podia dar as costas para isso?

Tanto Lissa quanto eu estávamos confusas e decepcionadas quando ela deixou o prédio. Nós duas ficamos perturbadas pelo estado de Dimitri. Apesar de muito nervosa por ele ter se recusado a me ver, ainda me senti péssima ao vê-lo tão para baixo. Aquilo acabava comigo. Ele nunca havia agido daquele jeito antes. Depois do ataque à Escola, é claro que ficou triste e lamentou as perdas. Agora sentia um tipo diferente de desespero. Era um profundo sentimento de depressão e culpa do qual não imaginava que pudesse se libertar. Tanto Lissa quanto eu estávamos chocadas com isso. Dimitri sempre fora um homem ativo, alguém pronto para se levantar depois de uma tragédia e lutar na batalha seguinte.

Mas aquilo? Era algo diferente de qualquer coisa que já víamos em Dimitri, e Lissa e eu tínhamos ideias completamente distintas de como resolver o problema. Seu método mais delicado e solidário era continuar conversando com Dimitri e ao mesmo tempo, com calma, convencer os oficiais da Corte de que ele não era mais uma ameaça. Minha solução era ir até Dimitri, não importando o que ele afirmava querer. Eu já tinha me infiltrado em uma prisão e escapado de lá. Entrar numa cadeia seria moleza. Eu ainda tinha certeza de que, quando me visse, seus sentimentos a respeito dessa coisa

de redenção mudariam. Como ele podia de fato acreditar que eu não o perdoaria? Eu o amava. Eu compreendia. E quanto a convencer os oficiais de que ele não era perigoso... Bem, meu plano ainda era um pouco confuso, mas envolvia muitos gritos e bater em portas.

Lissa sabia muito bem que eu havia observado seu encontro com Dimitri. Então, não senti que precisava ir me ver, não quando ainda poderia ser útil no centro médico. Tinha ouvido dizer que Adrian quase havia sofrido um colapso depois de manejar tanta magia para ajudar os outros. Aquilo parecia tão atípico, tão altruísta da parte dele... Adrian tinha feito coisas impressionantes, que lhe custaram muito.

Adrian.

Isso era um problema. Eu não havia tido uma chance de vê-lo desde que voltara, depois do combate no depósito. E a não ser quando soube que ele andava curando os outros, não pensei nele em momento algum. Eu tinha dito que mesmo que Dimitri pudesse ser salvo, isso não seria o fim para mim e Adrian. No entanto, não fazia nem vinte e quatro horas que Dimitri estava de volta e ali estava eu, já obcecada por...

— Lissa?

Apesar de eu já ter voltado para minha mente, parte de mim ainda continuava na de Lissa sem se dar conta. Christian estava de pé, do lado de fora do centro médico, encostado na parede. Por sua postura, parecia se encontrar ali havia algum tempo, esperando por algo — ou, mais propriamente, por alguém.

Ela parou e, de forma inexplicável, todos os pensamentos sobre Dimitri desapareceram de sua mente. Ah, qual é? Eu queria que aqueles dois se entendessem, mas não tínhamos tempo para isso. O destino de Dimitri era muito mais importante do que bater papo com Christian.

Porém, Christian não parecia estar no clima para brincadeiras. Sua expressão era de curiosidade e preocupação no que dizia respeito a ela.

— Como você está se sentindo? — perguntou ele.

Eles não conversavam desde a volta de carro para a Corte, e ela havia sido muito incoerente durante grande parte da viagem.

— Bem. — Ela tocou o rosto sem se dar conta. — Adrian me curou.

— Então acho que ele é bom em alguma coisa.

Está bem, talvez Christian estivesse um pouco brincalhão naquele dia. Mas só um pouco.

— Adrian é bom em muitas coisas — disse ela, apesar de não conseguir evitar um sorriso. — Trabalhou duro aqui a noite toda.

— E você? Sei como é. Deve ter se juntado a ele logo que se recuperou.

Ela negou com a cabeça.

— Não. Depois que Adrian me curou, fui ver Dimitri.

Toda aquela alegria desapareceu do rosto de Christian.

— Você conversou com ele?

— É. Conversei. Duas vezes já.

— E?

— E o quê?

— Com o que ele se parece?

— Com Dimitri. — Ela franziu a testa de repente, reconsiderando suas palavras. — Bem... nem tanto com Dimitri.

— Por quê, ainda tem alguma coisa de Strigoi dentro dele? — Christian se endireitou; seus olhos azuis brilhavam. — Se Dimitri ainda for perigoso, você não tem nada que chegar perto...

— Não! — exclamou ela. — Ele não é perigoso. E... — Lissa deu alguns passos à frente, retribuindo o olhar de Christian. — Mesmo que fosse, *você* não tem nada que me dizer o que posso ou não fazer!

Christian deu um suspiro dramático.

— E eu que pensei que Rose era a única que se jogasse em situações estúpidas, sem se importar se poderiam matá-la.

A fúria de Lissa explodiu rapidamente, talvez por causa de todo o espírito que andava usando.

— Ei, você não teve dúvidas ao me ajudar a cravar a estaca em Dimitri! Me treinou para isso.

— É diferente. Já estávamos em uma situação ruim, e se as coisas dessem errado... Bem, eu poderia incinerá-lo. — Christian a observou da cabeça aos pés, e havia algo em seu olhar... algo que parecia mais do que apenas uma avaliação objetiva. — Só que não precisei. Você foi impressionante. Consegui atingir-lo. Eu não sabia se você conseguiria, mas conseguiu... E o fogo... Você nem hesitou. Deve ter sido horrível...

A voz de Christian falhou enquanto ele falava, como se só agora ele de fato avaliasse as consequências de o que poderia ter acontecido com Lissa. Sua preocupação e admiração a fizeram enrubescer, e ela tombou a cabeça — um velho truque — para que as mechas de cabelo que haviam se soltado do rabo de cavalo caíssem para a frente e escondessem seu rosto. Não era preciso. Agora Christian encarava o chão.

— Eu tinha que fazer aquilo — disse ela, por fim. — Tinha que ver se era possível.

Ele ergueu a cabeça.

— E foi... não é? Não tem mesmo nem um resquício de Strigoi?

— Não. Com toda certeza. Só que ninguém acredita.

— Dá para culpá-los? Quero dizer, ajudei com tudo isso e queria que fosse verdade... mas não sei se em algum momento acreditei de fato, *de verdade*, que alguém pudesse voltar desse estado.

Ele se virou de novo, e seus olhos pairaram sobre um arbusto de lilases. Lissa sentia o cheiro das flores, mas a expressão distante e perturbada no rosto de Christian revelou que ele não pensava na natureza. Nem em Dimitri, como me dei conta. Christian pensava nos pais. E se houvesse usuários do espírito por perto quando os Oзера foram transformados em Strigoi? E se tivesse havido um jeito de salvá-los?

Lissa, sem perceber o que percebi, comentou:

— Nem eu sei se acreditava. Mas logo que aconteceu, bem... eu soube. Eu *sei*. Não tem nada de Strigoi nele. Preciso ajudá-lo. Preciso fazer os outros enxergarem isso. Não posso permitir que o deixem trancado para sempre. Ou pior.

Tirar Dimitri do depósito sem que os outros guardiões cravassem uma estaca em seu peito não havia sido nada fácil para Lissa, e ela estremeceu ao recordar os primeiros segundos depois da transformação, quando todos gritavam para matá-lo.

Christian se virou e fitou os olhos dela, curioso.

— O que você quis dizer quando falou que ele parecia com Dimitri mas nem tanto?

A voz de Lissa tremeu um pouco ao responder:

— Ele está... triste.

— Triste? Não devia estar feliz por ter sido salvo?

— Não... Você não entende. Ele se sente péssimo por tudo que fez como Strigoi. Culpado, deprimido. Está se punindo por causa disso e não acha que pode ser perdoado.

— Que merda — disse Christian, claramente pego de surpresa. Algumas meninas Moroi passavam pelos dois bem naquele instante e olharam, escandalizadas pelo xingamento. Se apressaram, sussurrando entre si. Christian as ignorou. — Mas ele não conseguia evitar...

— Eu sei, eu sei. Já falei tudo isso para ele.

— Rose pode ajudar?

— Não — disse Lissa, objetiva.

Christian aguardou, parecendo esperar que ela lhe desse mais detalhes. E se irritou quando ela não deu.

— O que você quer dizer com não pode? Ela devia ser capaz de nos ajudar mais do que qualquer outra pessoa!

— Não quero falar disso. — Minha situação com Dimitri a aborrecia muito. Éramos duas. Lissa se virou na direção do centro médico. Parecia um castelo magnífico por fora, mas abrigava instalações tão esterilizadas e modernas quanto as de qualquer outro hospital. — Escute, preciso entrar. E não me olhe assim.

— Assim como? — perguntou ele, querendo uma resposta e dando alguns passos na direção dela.

— Esse olhar desaprovador e irritado que você dá quando não consegue o que quer.

— Não faço nada disso!

— Está fazendo agora. — Ela se afastou dele, indo em direção à porta do centro. — Se quiser saber a história toda, podemos conversar mais tarde, mas não tenho tempo... e sinceramente... não estou com vontade de contá-la.

Aquele olhar irritado — e ela tinha razão, Christian fazia isso, *sim* — desapareceu um pouco. Quase nervoso, ele disse:

— Está bem. Então fica para mais tarde. E Lissa...

— Humm?

— Fico feliz por você estar bem. O que você fez ontem à noite... Bem, foi mesmo impressionante.

Lissa o encarou por vários longos segundos, seu coração batendo um pouco mais acelerado enquanto ela observava uma leve brisa agitar o cabelo preto dele.

— Eu não teria conseguido sem a sua ajuda — disse ela, por fim.

Com isso, ela se virou e entrou, e eu voltei por completo para minha mente.

E como mais cedo, eu estava perdida. Lissa passaria o resto do dia ocupada. Ficar parada e gritar em frente ao prédio dos guardiões não me ajudaria a ir até Dimitri. Bem, era pouco provável, mas havia a chance de eu perturbá-los tanto a ponto de *me* jogarem na cadeia também. Então, Dimitri e eu ficaríamos perto um do outro. Logo descartei esse plano por receio de ele só me levar a ter que arquivar mais papelada.

O que eu poderia fazer? Nada. Precisava vê-lo de novo, mas não sabia como. *Odiava* não ter um plano. O encontro de Lissa com Dimitri não chegou nem perto de bastar para mim e, de qualquer jeito, eu achava importante absorvê-lo através dos meus olhos e não dos dela. Ah, e aquela tristeza... aquele olhar de completo desespero. Eu não conseguia suportar isso. Queria abraçá-lo, dizer a ele que tudo ficaria bem. Queria dizer que o perdoava e que tudo voltaria a ser como antes. Poderíamos ficar juntos, como planejavamos...

Esse pensamento trouxe lágrimas aos meus olhos e, sozinha com minha frustração e inatividade, voltei para meu quarto e me joguei na cama. Ali, pude finalmente pôr para fora todo o choro que andava segurando desde a noite anterior. Eu nem sabia ao certo por que chorava. O trauma e o sangue do dia anterior. Meu coração partido. A tristeza de Dimitri. As circunstâncias cruéis que tinham arruinado nossas vidas. Havia mesmo muitas opções.

Passei uma boa parte do dia no quarto, entregue ao meu próprio pesar e inquietação. Por diversas vezes, repassei o encontro de Lissa com Dimitri, o que ele havia dito e como estava. Perdi a noção do tempo, e foi preciso alguém bater à porta para me tirar de minhas emoções sufocantes.

Esfreguei o braço nos olhos depressa, abri a porta e encontrei Adrian do lado de fora.

— Ei — disse eu, um pouco surpresa com sua presença. Sem falar na culpa, levando em conta que andava sofrendo por outro cara. Ainda não estava pronta para encarar Adrian, mas agora não tinha escolha. — Você... Você quer entrar?

— Quem me dera, dampirinha. — Ele parecia estar com pressa e não ter ido até lá para conversar sobre nosso relacionamento. — Só passei aqui para lhe fazer um convite.

— Um convite? — perguntei.

Minha mente ainda estava em *Dimitri. Dimitri, Dimitri, Dimitri.*

— Um convite para uma festa.

Dezenove

— Você está louco? — perguntei.

Ele me olhou sem dar uma palavra, como sempre fazia quando eu perguntava isso.

Suspirei e tentei de novo.

— Uma *festa*? Isso é forçar a barra, mesmo vindo de você. Pessoas acabaram de morrer! Guardiões. Priscilla Voda. — Sem contar quem tinha acabado de voltar do mundo dos mortos. Talvez fosse melhor deixar essa parte de lado. — Não é uma boa hora para se divertir e encher a cara.

Eu esperava que Adrian dissesse que sempre era uma boa hora para se divertir, mas ele continuou sério.

— Na verdade, é *por causa* das pessoas que morreram que vamos ter uma festa. Não é do tipo com barris de cerveja. Talvez festa nem seja a palavra certa. É um... — Ele franziu a testa, tentando encontrar palavras. — Um evento especial. Um evento de elite.

— Todas as festas da realeza são de elite — argumentei.

— É, mas nem todos os membros da realeza foram convidados para essa. Apenas a... Bem, a elite da elite.

Aquilo não estava ajudando em nada.

— Adrian...

— Não, escute. — Ele fez aquele seu gesto típico que indicava frustração, deslizando a mão pelo cabelo. — Está mais para uma cerimônia do que para uma festa. Uma velha tradição da... Sei lá. Romênia, eu acho. Chamam isso de Vigília pela Morte. É um jeito de homenagear os mortos; um segredo que tem sido passado adiante, das linhagens mais antigas para as mais recentes.

Lembranças de uma sociedade secreta destrutiva na São Vladimir me vieram à mente.

— Não tem nada a ver com Mână, tem?

— Não. Eu juro. Por favor, Rose. Também não estou muito a fim de ir, mas minha mãe me obrigou, e eu gostaria muito que você estivesse lá comigo.

Elite e linhagens eram palavras que me serviam de alerta.

— Outros vampiros vão estar lá?

— Não. — Ele acrescentou logo: — Mas cuidei para que pessoas de quem você gosta estejam. Vai ser melhor para nós dois.

— Lissa? — tentei adivinhar. Se havia alguma linhagem estimada, era a dela.

— É. Acabamos de nos encontrar no centro médico. Ela teve uma reação parecida com a sua.

Aquilo me fez sorrir. Também despertou meu interesse. Queria conversar mais com Lissa sobre o que havia acontecido durante a visita que ela tinha feito a Dimitri e sabia que ela me evitaria por causa disso. Se ir a algum ritual bobo da realeza ou o que quer que fosse pudesse me levar até ela, então, melhor ainda.

— Quem mais?

— Pessoas de quem você gosta.

— Está bem. Seja misterioso. Vou à sua reunião cult.

Aquilo me rendeu um sorriso em retribuição.

— Dificilmente seria cult, dampirinha. É *mesmo* uma forma de prestar as últimas homenagens às pessoas que morreram naquela batalha. — Ele estendeu a mão e acariciou meu rosto. — E estou feliz... Meu Deus, estou tão feliz por você não ter sido uma delas. Você não imagina... — Sua voz falhou, e o sorriso inconsequente estremeceu por um momento até se estabilizar de novo. — Você não imagina o quanto fiquei preocupado. Cada minuto que você passou lá, cada minuto em que eu não sabia o que havia acontecido com você... foi de agonia. E mesmo depois de me dizerem que você estava bem, continuei perguntando a todos no centro médico o que eles sabiam. Se a viram lutar, se você se machucou...

Senti um nó na garganta. Não havia conseguido ver Adrian quando voltei, mas deveria ter mandado uma mensagem, pelo menos. Apertei sua mão e tentei fazer uma piada com algo que não tinha a menor graça.

— E o que disseram? Que mandei bem?

— Na verdade, sim. Não paravam de falar sobre o quanto você foi impressionante na batalha. O que você fez chegou aos ouvidos da tia Tatiana, e até ela ficou impressionada.

Espere aí. Aquilo era uma surpresa. Já ia perguntar mais, porém o que Adrian disse em seguida me fez parar.

— Também ouvi dizer que você gritou com todo mundo que pôde para ter notícias de Belikov. E que esmurrou a porta dos guardiões hoje de manhã.

Olhei para o lado.

— Ah. É. Eu... Escute, me desculpe, mas tive que...

— Ei, ei. — Sua voz era séria e sincera. — Não se desculpe. Eu entendo.

Ergui a cabeça e olhei para ele.

— Entende?

— Não que eu não esperasse isso se ele voltasse.

Hesitante, olhei de novo para ele, estudando sua expressão séria.

— Eu sei. Me lembro do que você disse antes...

Ele assentiu e então me deu outro sorriso arrependido.

— É claro que eu não esperava que nada disso funcionasse. Lissa tentou me explicar a magia que usou... mas, meu bom Deus. Acho que nunca conseguiria fazer nada como o que ela fez.

— Você acredita? — perguntei. — Acredita que ele não é mais um Strigoi?

— É. Lissa disse que não. Acredito nela. E o vi de longe no sol. Só que não sei se é uma boa ideia você tentar vê-lo.

— Agora é o seu ciúme que está falando.

Eu não tinha direito algum de soar acusatória, levando em conta que meu coração estava bastante confuso por causa de Dimitri.

— É claro que é ciúme — disse Adrian, tranquilo. — O que você esperava? O antigo amor da sua vida voltou. Do mundo dos mortos. Nada menos que isso. Não estou muito animado com essa situação. Mas não culpo você por se sentir confusa.

— Antes eu falei que...

— Eu sei, eu sei. — Adrian não parecia decepcionado. Na verdade, havia um surpreendente tom de paciência em sua voz. — Sei que você disse que a volta dele não afetaria nada entre nós. Só que fazer uma afirmação antes de algo acontecer e depois pôr isso em prática são coisas diferentes.

— Aonde você quer chegar? — perguntei, meio confusa.

— Quero você, Rose. — Ele apertou minha mão com mais força. — Sempre quis. Quero ficar com você. Queria ser como os outros caras e também dizer que quero cuidar de você, mas... Bem... Quanto a isso, você é quem deve cuidar de mim.

Dei uma gargalhada sem querer.

— Às vezes acho que você representa mais perigo para si mesmo do que qualquer outra pessoa. Você está com cheiro de cigarro, sabia?

— Ei, eu nunca, nunca disse que era perfeito. E você está enganada. Você deve ser a coisa mais perigosa na minha vida.

— Adrian.

— Espere. — Com a outra mão, ele pressionou os dedos contra os meus lábios. — Apenas escute. Seria estupidez da minha parte pensar que a volta do seu ex-namorado não iria provocar nenhum efeito em você. Então, gosto do fato de você querer vê-lo? Não, claro que não. Isso é instinto. Só que tem mais, sabe? Eu realmente acredito que ele seja um dândi de novo. De verdade. Mas...

— Mas o quê?

As palavras de Adrian me deixaram mais curiosa do que nunca.

— Só porque ele não é um Strigoi não quer dizer que isso tenha desaparecido por completo. Espere. — Adrian viu minha boca se abrir, indignada. — Não estou dizendo que ele é mau nem que quer ser mau ou qualquer coisa do tipo. Mas o que ele passou... Isso é pesado. Descomunal. Não sabemos muito sobre o processo de transformação. Que efeito aquele tipo de vida teve em Belikov? Existem partes violentas dentro dele que podem vir à tona de repente? É com isso que me preocupo, Rose. Conheço você. Sei que não vai ser capaz de se segurar. Vai ter que vê-lo e conversar com ele. Mas é seguro? É o que ninguém sabe. Não sabemos nada sobre isso. Não sabemos se ele é perigoso.

Christian havia dito a mesma coisa para Lissa. Avaliei Adrian com atenção. Aquilo soava como uma desculpa conveniente para me manter afastada de Dimitri. No entanto, vi verdade naqueles olhos verdes intensos. Ele foi sincero. Estava nervoso com o que Dimitri poderia fazer. Adrian também havia sido honesto quanto aos ciúmes, o que eu tinha que admirar. Não me deu ordens para não ver Dimitri nem tentou ditar meu comportamento. Gostei disso também. Estendi a mão e entrelacei meus dedos nos dele.

— Dimitri não é perigoso. Ele está... triste. Triste pelo que fez. Está morrendo de culpa.

— Posso imaginar. Acho que também não perdoaria a mim mesmo se de repente me desse conta de que andei matando pessoas de forma brutal nos últimos quatro meses. — Adrian me puxou para junto de si e beijou o topo da minha cabeça. — E para o bem de todos, sim, até mesmo para o bem

dele, espero que ele seja exatamente como era. Tome cuidado, ouviu?

— Vou tomar — falei, lhe dando um beijo no rosto. — Como sempre tomo.

Ele sorriu e me soltou.

— É o melhor que posso esperar. Agora preciso voltar para a casa dos meus pais e ficar lá um pouco. Volto para buscar você às quatro, combinado?

— Combinado. Tem alguma coisa que eu deva usar nessa festa secreta?

— Belas roupas de gala está bom.

Algo me veio à mente.

— Se esse evento é tão elitista e prestigioso, como você vai entrar com uma simples dampira como eu?

— Com isso.

Adrian alcançou uma sacola que havia largado ali quando chegou e a entregou para mim.

Curiosa, abri a sacola e suspirei diante do que vi. Era uma máscara, uma máscara que cobria a metade de cima do rosto, a região em torno dos olhos. Um trabalho intrincado com folhas verdes e douradas e flores adornadas com joias.

— Uma máscara? — perguntei. — Vamos usar máscaras nesse evento? O que é isso, Dia das Bruxas?

Ele piscou o olho para mim.

— Até as quatro.

Na verdade, só colocamos as máscaras quando chegamos à Vigília pela Morte. Devido à natureza secreta de tudo aquilo, Adrian disse que não queríamos chamar atenção ao ir para lá. Então, caminhamos pelas terras da Corte em trajes elegantes — usei o mesmo vestido que havia usado no jantar com os pais dele —, mas sem sermos mais notados do que já éramos quando estávamos juntos. Além disso, era tarde, e grande parte da Corte se preparava para ir para a cama.

Nosso destino me surpreendeu. Era um dos prédios onde os trabalhadores que não eram da realeza viviam; um prédio bem perto do de Mia. Bem, imaginei que o último lugar onde se procuraria por uma festa da realeza seria a casa de um plebeu. Só que não entramos em nenhum dos apartamentos. Quando pusemos os pés na recepção do prédio, Adrian fez sinal para colocarmos as máscaras. Em seguida me levou para o que parecia ser o armário do zelador.

Não era. Em vez disso, uma porta se abriu para uma escada, nos conduzindo pela escuridão abaixo. Não dava para ver o fim, o que me deixou muito alerta. Por instinto, eu queria saber os detalhes de cada situação na qual entrava. Adrian parecia calmo e confiante enquanto descia as escadas, então acreditei que ele não estivesse me levando para um altar de sacrifícios. Eu odiava admitir, mas a curiosidade sobre aquela coisa de Vigília pela Morte tirou Dimitri da minha cabeça por um tempo.

Adrian e eu acabamos chegando a outra porta, e naquela havia dois guardiões. Os dois eram Moroi, ambos mascarados como Adrian e eu. Tinham posturas rígidas e defensivas. Não disseram nada; apenas nos olharam com expectativa. Adrian disse algumas palavras que pareciam romeno e, um momento depois, um deles destrancou a porta e gesticulou para entrarmos.

— Senha secreta? — sussurrei a Adrian quando passamos.

— Senhas, na verdade. Uma para você e outra para mim. Cada convidado tem a sua.

Adentramos um túnel estreito, iluminado apenas por tochas presas à parede. As chamas bruxuleantes formavam sombras fantásticas enquanto passávamos. De longe, à frente, o murmúrio da

conversa chegava até nós. Para a minha surpresa, me parecia normal, como qualquer conversa que ouviríamos em uma festa. Com base na descrição de Adrian, eu meio que esperava ouvir cânticos ou tambores.

Balancei a cabeça.

— Eu sabia. Mantêm uma masmorra medieval sob a Corte. Me admira não ver correntes nas paredes.

— Está com medo? — provocou Adrian, apertando minha mão.

— Disso? Não mesmo. Quero dizer, na Escala de Medo Rose Hathaway, isso mal...

Sáímos do corredor antes que eu pudesse terminar. Um cômodo amplo com um teto abobadado se estendeu diante de nós, algo que intrigava meu cérebro num desafio espacial enquanto eu tentava calcular o quanto havíamos adentrado no subterrâneo. Candelabros de ferro com velas acesas pendiam do teto com a mesma luz fantasmagórica que as tochas emitiam. As paredes eram de pedra, mas de pedras muito bonitas e trabalhadas: acinzentadas com pontinhos vermelhos, polidas em pedaços lisos e redondos. Alguém quisera manter o clima de calabouço do Velho Mundo, mas que o lugar ainda parecesse estiloso. Era uma linha de raciocínio típica da realeza.

Cerca de cinquenta pessoas se misturavam pelo cômodo, algumas amontoadas em grupos. Como Adrian e eu, usavam trajes formais e máscaras. Todas as máscaras eram diferentes. Algumas tinham um tema floral, como a minha, enquanto outras eram decoradas com animais. Umhas tinham só desenhos retorcidos ou geométricos. Muito embora essas máscaras cobrissem apenas metade do rosto dos convidados, a iluminação fraca contribuía muito para obscurecer uma ou outra feição característica. Inspeionei com cuidado, na esperança de reconhecer detalhes que revelassem alguém.

Adrian me tirou da entrada e me levou para um canto. Quando minha visão da área se expandiu, avistei uma enorme pira no meio do cômodo, incrustada no chão de pedra. Nenhum fogo queimava ali, mas todos mantinham distância dela. Por um momento, tive uma sensação desorientadora de *déjà-vu* ao me lembrar do tempo que passei na Sibéria. Fora a um tipo de cerimônia memorial lá também — apesar de aquela estar longe de ter máscaras ou senhas — e todos haviam se sentado em torno de fogueiras ao ar livre. Era em homenagem a Dimitri, e todos aqueles que o amavam se sentaram e contaram histórias sobre ele.

Tentei ver a pira melhor, mas Adrian estava determinado a nos manter atrás de grande parte da multidão.

— Não chame a atenção dos outros — avisou ele.

— Eu só estava olhando.

— É, mas qualquer um que olhar perto demais irá perceber que você é a pessoa mais baixa aqui. Seria muito óbvio que se trata de uma dampira. Esta elite é de linhagens antigas, lembra?

Franzi a testa para ele o máximo que pude sob a máscara.

— Pensei que você tivesse dito que havia arranjado tudo para eu estar aqui. — Grunhi quando ele não respondeu. — “Arranjar tudo” significa me fazer entrar às escondidas? Se sim, aqueles caras eram uma merda como seguranças.

Adrian deu uma gargalhada com escárnio.

— Ei, tínhamos as senhas corretas. Era só disso que precisávamos. Eu as roubei... peguei emprestado da lista da minha mãe.

— Sua mãe é uma das pessoas que ajudaram a organizar isso?

— É. O lado dela da família Tarus está bem enraizado nesse grupo há séculos. Parece que tiveram

uma grande cerimônia aqui depois do ataque à Escola.

Revirei tudo aquilo na minha mente, tentando decidir como me sentia. Odiava pessoas obcecadas por status e aparências, mas tinha dificuldade de criticá-las por quererem homenagear os mortos — ainda mais a maioria sendo de vampiros. A lembrança do ataque de Strigoi à São Vladimir me assombraria para sempre. Antes que eu pudesse ponderar muito, um sentimento que me era familiar me percorreu.

— Lissa está aqui — falei, olhando ao redor. Pude sentir que ela se encontrava por perto, mas não a encontrei de imediato no mar de máscaras e sombras. — Ali.

Ela estava afastada dos outros, com um vestido rosa e uma máscara de cisnes dourada e branca. Através de nosso laço, a senti procurar por alguém conhecido. Por impulso, comecei a ir até ela, mas Adrian me segurou e disse para esperar enquanto ele a buscava.

— O que é tudo isso? — perguntou Lissa quando nos encontramos.

— Pensei que você soubesse — falei. — É coisa muito secreta da realeza.

— Secreta demais para mim — comentou ela. — Fui convidada pela rainha. Ela disse que isso faz parte da minha herança e que é para manter segredo. Aí, Adrian veio e disse que eu tinha que vir por sua causa.

— Tatiana convidou você pessoalmente? — perguntei, impressionada. Talvez eu não devesse ter me surpreendido. Era pouco provável que Lissa precisasse entrar às escondidas como fiz. Imaginei que alguém teria cuidado para que ela recebesse um convite, mas achei que tudo havia sido obra de Adrian. Olhei à nossa volta, inquieta. — Tatiana está aqui?

— É provável — respondeu Adrian, com uma voz tão casual que chegava a ser irritante. Como sempre, a presença de sua tia não tinha o mesmo impacto nele que tinha no resto de nós. — Ah, ei. É Christian. Com a máscara de fogo.

Não sei como Adrian avistou Christian, a não ser pela metáfora nada sutil da máscara. Com sua altura e o cabelo escuro, era fácil Christian se misturar aos outros Moroi à sua volta, e ele conversava com uma menina parada ali perto, o que me parecia atípico.

— *Ele* não recebeu um convite legítimo de jeito nenhum — falei.

Se algum Ozero fosse considerado especial o bastante para estar ali, Christian não teria sido um deles.

— Não mesmo — concordou Adrian, fazendo um pequeno gesto para Christian se juntar a nós. — Dei a ele uma das senhas que roubei da mamãe.

Olhei para Adrian, chocada.

— Quantas você roubou?

— O bastante para...

— Um minuto de sua atenção.

A voz impostada de um homem soou pelo cômodo, interrompendo tanto as palavras de Adrian quanto os passos de Christian. Fazendo uma careta, Christian voltou para onde estava, separado de nós agora, do outro lado. Parecia que, no fim das contas, eu não teria a chance de perguntar a Lissa sobre Dimitri.

Sem qualquer instrução, as pessoas começaram a formar um círculo em torno da pira. O cômodo não era grande o bastante para formar um círculo de uma camada só, então ainda fui capaz de me manter atrás de outros Moroi enquanto assistia ao espetáculo. Lissa ficou ao meu lado, mas sua atenção se fixava no lado oposto ao nosso, em Christian. Estava decepcionada por ele não ter

conseguido se juntar a nós.

— Nesta noite nos reunimos para homenagear os espíritos daqueles que morreram combatendo o grande mal que nos atormenta há tanto tempo.

Era o mesmo homem que havia pedido nossa atenção. A máscara negra que ele usava brilhava com espirais prateadas. Não era ninguém especial que eu reconhecesse. Devia ser mais seguro supor que se tratava de um membro de uma linhagem importante que por acaso tinha uma boa voz para comandar as pessoas. Adrian confirmou isso.

— É Anthony Badica. Sempre o convocam como mestre de cerimônias.

Anthony estava mais para líder religioso do que para um mestre de cerimônias naquele momento, mas eu não quis argumentar e atrair a atenção de alguém.

— Nesta noite, os homenageamos — prosseguiu Anthony.

Estremeci quando quase todos à nossa volta repetiram aquelas palavras. Lissa e eu trocamos olhares impressionados. Ao que parecia, havia um roteiro sobre o qual não tinham nos falado.

— Suas vidas foram levadas de nós cedo demais — continuou Anthony.

— Nesta noite, os homenageamos.

Tudo bem, não devia ser tão difícil assim seguir aquele roteiro, afinal. Anthony ficou falando do quanto a tragédia era horrível, e repetíamos a mesma coisa. A ideia daquela Vigília pela Morte ainda me soava estranha, mas a tristeza de Lissa permeou o laço e começou a me afetar também. Priscilla sempre fora boa para ela — e educada comigo. Grant pode ter sido o guardião de Lissa por muito pouco tempo, mas a protegera e ajudara. Na verdade, se não tivesse sido pelo trabalho que ele fez com ela, talvez Dimitri ainda fosse um Strigoi. Então, aos poucos, a gravidade de tudo aquilo começou a me atingir, e mesmo que eu achasse que existiam maneiras melhores de viver o luto, apreciei a consideração para com os mortos.

Depois de mais alguns refrões, Anthony gesticulou, chamando a atenção para alguém. Uma mulher com uma máscara esmeralda brilhante deu alguns passos à frente com uma tocha. Adrian se mexeu ao meu lado.

— Minha querida mãe — murmurou.

Só podia ser. Agora que ele havia comentado, dava para identificar os traços de Daniella com clareza. Ela jogou a tocha na pira e a acendeu, como no Quatro de Julho. Alguém deve ter encharcado aquela madeira com gasolina ou vodka russa. Talvez as duas coisas. Não era de admirar que os outros convidados tivessem se mantido afastados. Daniella se juntou à multidão, e outra mulher surgiu, segurando uma bandeja com cálices dourados. Caminhou ao longo do círculo e deu uma taça para cada um. Quando as dela acabaram, outra mulher veio com outra bandeja.

Enquanto os cálices eram distribuídos, Anthony explicava:

— Agora vamos brindar e beber aos mortos para que seus espíritos sigam em frente e encontrem a paz.

Me mexi, desconfortável. Falavam de almas penadas e sobre mortos encontrarem a paz sem saber de fato o que era aquilo. Ser beijada pelas sombras vinha com a capacidade de ver almas penadas, e levei muito tempo para me controlar e *não* vê-las. Estavam sempre ao meu redor; eu tinha que me esforçar para mantê-las bloqueadas. Me perguntei o que veria agora se baixasse a guarda. Será que os fantasmas dos mortos na noite do ataque de Dimitri pairavam à nossa volta?

Adrian ergueu a taça logo que a recebeu e franziu a testa. Por um momento, entrei em pânico até cheirar a minha também.

— Vinho. Graças a Deus — sussurrei para ele. — Pela sua cara, pensei que fosse sangue.

Me lembrei o quanto Adrian odiava sangue que não fosse direto da fonte.

— Não — murmurou ele. — É só uma safra ruim.

Quando todos já tinham seu vinho, Anthony ergueu sua taça acima da cabeça com as duas mãos.

Como o fogo estava atrás dele, lhe deu uma aparência quase sinistra, de outro mundo.

— Bebemos a Priscilla Voda — disse ele.

— Bebemos a Priscilla Voda — repetiram todos.

Anthony abaixou o cálice e tomou um gole. E todo mundo fez o mesmo — bem, menos Adrian.

Ele mandou metade da taça para dentro, apesar da safra ruim. Anthony levantou o cálice acima da cabeça de novo.

— Bebemos a James Wilket.

Enquanto repetia aquelas palavras, me dei conta de que James Wilket era um dos guardiões de Priscilla. Aqueles loucos membros da realeza estavam mesmo demonstrando respeito pelos vampiros. Citamos os outros guardiões, um por um, mas tomei goles pequenos, querendo manter a cabeça boa naquela noite. Tinha quase certeza de que, nos últimos nomes da lista, Adrian fingia seus goles porque já havia acabado com o vinho.

Quando Anthony acabou de mencionar todos os mortos, ergueu o cálice de novo e se aproximou do fogo ardente, que começava a deixar o pequeno cômodo desconfortável de tanto calor. As costas do meu vestido estavam úmidas de suor.

— A todos que perdemos pelo grande mal, honramos seus espíritos e esperamos que eles sigam em paz para o próximo mundo.

Depois, ele derramou o resto do vinho nas chamas.

Toda aquela conversa de espíritos que permanecem no mundo sem dúvida não estava de acordo com as crenças cristãs sobre a vida após a morte que costumavam dominar a religião Moroi. Fez com que eu me perguntasse exatamente quanto tempo havia que a cerimônia acontecia. Mais uma vez, tive vontade de baixar a guarda e ver se aquilo havia atraído algum fantasma até nós, mas senti medo do que descobriria. Além disso, logo me distraí quando todos do círculo começaram a derramar seu vinho no fogo também. Uma por uma, no sentido horário, cada pessoa se aproximou. Tudo era silêncio enquanto isso acontecia, a não ser pelo crepitar do fogo e as madeiras rangendo. Todos observavam com respeito.

Quando minha vez chegou, me esforcei muito para não tremer. Não tinha me esquecido de que Adrian havia me infiltrado ali. Se Moroi modestos não podiam entrar, vampiros muito menos. O que iriam fazer? Declarar violação de território? Me cercar? Me jogar no fogo?

Meus medos se provaram infundados. Ninguém disse nem fez nada de estranho quando derramei meu vinho e, um instante depois, foi a vez de Adrian, que se aproximou da pira. Voltei para meu lugar ao lado de Lissa. Depois de o círculo inteiro ter feito aquilo, fomos levados a um momento de silêncio pelos que partiram. Após testemunhar o sequestro e o subsequente resgate de Lissa, eu tinha muitos mortos em que pensar. Nenhum silêncio jamais faria justiça a eles.

Outro sinal não pronunciado parecia atravessar o cômodo. O círculo se dispersou, e a tensão desapareceu. De novo, as pessoas formaram grupinhos de bate-papo, como em qualquer outra festa, embora eu tivesse visto lágrimas no rosto de alguns.

— Muita gente devia gostar de Priscilla — comentei.

Adrian se virou para uma mesa que havia sido posta de forma misteriosa durante a cerimônia.

Ficava perto da parede dos fundos e estava repleta de frutas, queijos e mais vinhos. Naturalmente, ele se serviu de uma taça.

— Nem *todos* estão chorando por ela — disse ele.

— Acho difícil acreditar que estejam chorando pelos vampiros — argumentei. — Ninguém aqui nem os conhecia.

— Não é verdade — falou ele.

Lissa logo compreendeu o que Adrian queria dizer.

— Grande parte das pessoas que participaram do resgate era de guardiões designados a Moroi. Eles não eram todos da Corte.

Ela estava certa, como percebi. Muitos nos acompanharam no depósito. Vários daqueles Moroi, sem dúvida, haviam perdido guardiões dos quais tinham se tornado próximos. Apesar do desdém que eu costumava sentir pelos tipos da realeza, sabia que alguns deviam ter feito amizades legítimas e se apegado a seus guarda-costas.

— Que festa chata — falou uma voz, de repente. Nos viramos e vimos que Christian finalmente tinha conseguido chegar até nós. — Eu não sabia dizer se era para termos um funeral ou invocar o demônio. Foi meio que uma tentativa idiota de fazer as duas coisas.

— Pare com isso — retruquei, surpreendendo a mim mesma. — Essas pessoas morreram por *você* ontem à noite. O que quer que seja isso, ainda é por respeito a eles.

O rosto de Christian ficou sério.

— Tem razão.

Do meu lado, vi Lissa se iluminar por dentro ao vê-lo. Os horrores daquele calvário tinham aproximado os dois, e me lembrei da ternura que compartilharam no carro, ao voltar para a Corte. Ela ofereceu a ele um olhar caloroso e recebeu um sorriso breve como retribuição. Talvez algo de bom surgisse de tudo o que havia acontecido. Talvez fossem capazes de resolver seus problemas.

Talvez não.

Adrian deu um sorriso largo.

— Ei. Legal você ter vindo.

Por um momento, pensei que ele estivesse falando com Christian. Então olhei e vi que uma menina com máscara de pavão havia se juntado a nós. Com as pessoas que se misturavam e as máscaras, eu não tinha notado que ela estava perto de nós de propósito. Dei uma olhada e vi apenas olhos azuis e cachos dourados até, por fim, reconhecê-la. Mia.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

Ela abriu um sorriso.

— Adrian conseguiu uma senha para mim.

— Acho que Adrian conseguiu senhas para metade da festa.

Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo.

— Está vendo? — disse, rindo para mim. — Eu falei que faria isso valer a pena para você. A galera toda está aqui. Praticamente.

— É uma das coisas mais estranhas que já vi — disse Mia, olhando ao redor. — Não entendo por que o fato de os mortos serem heróis tem que ser um segredo. Por que não podem esperar até o funeral do grupo?

Adrian deu de ombros.

— Eu já falei. É uma cerimônia antiga. Remanescente do país de origem dos imigrantes, e essas

pessoas acham isso importante. Pelo que sei, costumava ser muito mais elaborada. Esta é a versão moderna.

Foi então que percebi que Lissa não dera uma única palavra desde que notamos que Christian tinha vindo com Mia. Me abri para o laço, sentindo uma inundação de ciúme e ressentimento. Eu ainda acreditava que Mia fosse uma das últimas pessoas com quem Christian se envolveria. (Está bem, para mim, era difícil imaginá-lo envolvido com *qualquer uma*. Ele ter ficado com Lissa havia sido monumental.) Só que ela não conseguia ver isso. Tudo o que via era ele continuar andando com outras meninas. À medida que nossa conversa seguia, a postura de Lissa se tornava cada vez mais fria, e os olhares amigáveis que ele lançava para ela começaram a desaparecer.

— Então é verdade? — perguntou Mia, alheia ao drama que se desdobrava ao seu redor. — Dimitri está mesmo... de volta?

Lissa e eu trocamos olhares.

— Está — falei com firmeza. — Ele é um vampiro, mas ninguém acredita nisso ainda. Porque são uns idiotas.

— Acabou de acontecer, vampirinha. — O tom de Adrian era gentil, apesar de ser óbvio que o assunto o incomodava também. — Você não pode esperar que todo mundo embarque nessa logo de cara.

— Mas eles *são* uns idiotas — disse Lissa, brava. — Qualquer um que converse com Dimitri pode afirmar que ele não é um Strigoi. Tenho feito pressão para que o libertem da cela de modo que as pessoas possam ver isso por conta própria.

Queria que ela fizesse um pouco mais de pressão para que *eu* conseguisse vê-lo, mas não era hora de falar disso. Observando o cômodo, eu me perguntava se algumas pessoas teriam problemas para aceitar Dimitri por conta de seu envolvimento na morte de seus entes queridos. Ele não estava no controle de si mesmo, mas isso não era o suficiente para trazer os mortos de volta.

Ainda desconfortável perto de Christian, Lissa se tornava cada vez mais inquieta. Ela também queria ir embora e dar uma olhada em Dimitri.

— Quanto tempo temos que ficar aqui? Tem mais...

— Quem é você?

Todos do nosso grupinho se viraram ao mesmo tempo e descobriram Anthony parado ao nosso lado. Levando em conta que a maioria de nós se encontrava ali de forma ilícita, ele poderia estar falando com qualquer um. Porém, com base na direção de seu olhar, não havia dúvidas quanto a quem se referia.

Estava falando comigo.

Vinte

— Você não é Moroi! — prosseguiu Anthony. Ele não gritava, mas de fato tínhamos atraído a atenção das pessoas à nossa volta. — É Rose Hathaway, não é? Como você e seu sangue impuro se atrevem a invadir a santidade de nosso...

— Já chega — disse uma voz imponente de repente. — Eu assumo daqui em diante.

Mesmo com o rosto coberto, não havia como confundir aquela voz. Tatiana surgiu ao lado do homem, usando uma máscara prateada com flores e um vestido cinza de mangas compridas. Eu devia tê-la visto mais cedo na multidão sem me dar conta. A menos que ela falasse, era como todos os outros.

Agora o salão inteiro ficou em silêncio. Daniella Ivashkova correu para trás de Tatiana e arregalou os olhos sob a máscara ao me reconhecer.

— Adrian... — começou ela.

Porém, Tatiana dominava a situação.

— Venha comigo.

Não restava dúvida de que a ordem era para mim e de que eu obedeceria. Ela se virou e deu passos rápidos até a entrada do cômodo. Me apressei e fui atrás dela, assim como Adrian e Daniella.

Logo que chegamos ao corredor iluminado pelas tochas, Daniella se virou para Adrian.

— Onde é que você estava com a cabeça? Sabe que não me importo que leve Rose a certos eventos, mas isso foi...

— Inapropriado — disse Tatiana com firmeza. — Embora talvez convenha a uma dâmpira ver o quanto os sacrifícios de sua gente são respeitados.

Aquilo chocou todos nós e houve um momento de silêncio. Daniella foi a primeira a se recuperar:

— Sim, mas a tradição diz que...

Tatiana a interrompeu de novo.

— Sei muito bem o que a tradição diz. A presença de Rosemarie é uma péssima falta de etiqueta, só que não destrói nossas intenções. A morte de Priscilla...

Tatiana não chegou a perder a fala, mas perdeu parte da compostura de sempre. Eu não imaginava que alguém como a rainha tivesse uma melhor amiga, mas era o que Priscilla havia sido para ela. Como eu agiria se perdesse Lissa? Não chegaria nem perto de ser tão controlada.

— A morte de Priscilla é algo que vou lamentar por muito, muito tempo — Tatiana conseguiu

dizer, enfim. Seu olhar aguçado estava em mim. — E espero que você realmente entenda o quanto precisamos de você e dos outros guardiões e os valorizamos. Sei que às vezes sua raça se sente desprestigiada. Não é. Os que morreram deixaram um grande vazio em nossa Corte, um vazio que nos torna ainda mais indefesos, como estou certa de que você sabe.

Assenti, ainda surpresa por Tatiana não estar berrando para eu sair dali.

— É uma grande perda — falei. — E piora a situação porque os números são o que nos prejudica na maioria das vezes. Ainda mais quando os Strigoi formam grupos enormes. Nem sempre conseguimos competir com isso.

Tatiana acenou a cabeça, parecendo satisfeita e surpresa por termos concordado em alguma coisa. Éramos duas.

— Eu sabia que você entenderia. No entanto... — Ela se virou para Adrian. — Você não deveria ter feito isso. Alguns limites têm que ser respeitados.

A reação meiga de Adrian me chocou.

— Me desculpe, tia Tatiana. Só pensei que era algo que Rose devia ver.

— Você vai guardar o que viu para si mesma, não vai? — pediu Daniella, se virando para mim. — Vários convidados são muito, muito conservadores. Não iriam querer que isso vazasse.

Que eles se reuniam em volta de uma fogueira e brincavam com roupas de festa? É, dava para imaginar que quisessem manter isso em segredo.

— Não vou contar a ninguém — prometi.

— Que bom — disse Tatiana. — Agora seria melhor você ir embora antes que... Aquele é Christian Ozerá?

Seus olhos haviam se desviado para o cômodo cheio.

— É — Adrian e eu respondemos juntos.

— Ele não foi convidado! — exclamou Daniella. — Isso é culpa sua também?

— Está mais para o meu talento do que para a minha culpa — respondeu Adrian.

— Duvido que alguém descubra, desde que ele se comporte — disse Tatiana, suspirando. — E estou certa de que ele irá aproveitar todas as oportunidades que tiver para conversar com Vasilisa.

— Ah — falei sem pensar. — Aquela não é Lissa.

Lissa havia de fato dado as costas para Christian e conversava com outra pessoa enquanto lançava um olhar ansioso através da porta, para mim.

— Quem é? — perguntou Tatiana.

Merda.

— Aquela é... humm... Mia Rinaldi. Uma amiga nossa da São Vladimir.

Quase pensei em mentir e inventar um nome nobre para ela. Algumas famílias eram tão grandes que se tornava impossível conhecer todo mundo.

— Rinaldi. — Tatiana franziu a testa. — Acho que conheço um empregado com esse nome.

Fiquei impressionada por Tatiana de fato conhecer as pessoas que trabalhavam para ela. Mais uma vez, minha opinião a seu respeito melhorou.

— Um empregado? — perguntou Daniella, lançando um olhar de alerta para o filho. — Tem mais alguém que eu deva saber?

— Não. Se eu tivesse tido mais tempo, provavelmente teria conseguido trazer Eddie também. Cara, talvez até a chave de cadeia.

Daniella parecia escandalizada.

— Você acabou de dizer “chave de cadeia”?

— É só uma brincadeira — falei depressa, sem querer piorar a situação. Tive medo de como Adrian poderia responder. — É como chamamos às vezes nossa amiga Jill Mastrano.

Nem Tatiana, nem Daniella pareciam pensar que se tratava de uma brincadeira.

— Bem, acho que ninguém se deu conta de que eles não pertencem a esse lugar — disse Daniella, acenando em direção a Christian e Mia. — Mas as fofocas sobre como Rose interrompeu o evento sem dúvida irão circular muito por aqui.

— Me desculpe — falei, me sentindo mal por ter lhe arranjado problemas.

— Não há nada que possa ser feito a essa altura — disse Tatiana, desgastada. — Agora você deve ir embora para que todos pensem que foi severamente repreendida. Adrian, volte conosco e cuide para que seus outros “convidados” não atraiam a atenção de ninguém. E *não* faça algo assim de novo.

— Não vou fazer — disse ele, quase convincente.

Os três começaram a se virar, me deixando sair às escondidas, mas Tatiana parou e olhou para trás.

— Mesmo errada, não se esqueça do que viu aqui. Precisamos muito dos guardiões.

Assenti, e de repente uma onda de orgulho me percorreu diante de sua consideração. Então, ela e os outros voltaram para a festa. Observei os três entristecida, odiando que todos lá dentro pensassem que fui chutada para fora, desmoralizada. Levando em conta que podia ter sido muito pior para mim, decidi ver o lado bom das coisas. Tirei a máscara, já que não tinha mais nada a esconder, e fiz o caminho de volta para cima e para fora.

Não havia ido muito longe quando alguém parou diante de mim. Estava tão preocupada que dei um pulo de quase três metros de altura.

— Mikhail! — exclamei. — Você quase me matou de susto. O que está fazendo aqui fora?

— Na verdade, estava procurando você. — Havia um nervosismo, uma ansiedade nele. — Passei no seu prédio mais cedo, mas você não estava lá.

— É, eu estava no Baile de Máscaras dos Condenados.

Ele me encarou, confuso.

— Esquece. O que foi?

— Acho que podemos ter uma chance.

— Uma chance de quê?

— Ouvi dizer que você tentou ver Dimitri hoje.

Ah, sim. O assunto no qual eu de fato queria pensar mais.

— É. “Tentou” é bem otimista. *Ele* não quer me ver, independentemente do exército de guardiões que não me deixa entrar.

Mikhail se mexeu, desconfortável, olhando ao redor como um animal assustado.

— É por isso que vim procurá-la.

— Tudo bem. Não estou entendendo nada.

Também começava a ficar com dor de cabeça por causa do vinho.

Mikhail respirou fundo e expirou.

— Acho que consigo levar você às escondidas para vê-lo.

Esperei por um momento, me perguntando se uma frase de efeito estaria por vir ou se talvez tudo não passasse de uma ilusão provocada por minhas preocupações. Nada. O rosto de Mikhail estava muito sério, e apesar de eu ainda não conhecê-lo tão bem assim, já havia visto o bastante para saber que ele não saía por aí brincando.

— Como? — perguntei. — Tentei mais cedo e...

Mikhail gesticulou para que eu o seguisse.

— Venha. Já explico. Não temos muito tempo.

Eu não ia perder aquela chance e saí correndo atrás dele.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei quando consegui acompanhar seus passos largos. —

Ele... Ele pediu para me chamar?

Era mais do que eu me atreveria a esperar. O fato de Mikhail ter usado o termo *às escondidas* na verdade não sustentava essa ideia.

— Diminuíram o número de seguranças — explicou Mikhail.

— É mesmo? Para quantos?

Havia cerca de uma dúzia lá embaixo quando Lissa visitou Dimitri, contando com a escolta dela. Se tivessem caído em si e se dado conta de que só precisavam de um cara ou dois para ficar com Dimitri, isso indicava que todos aceitavam que ele não era mais um Strigoi.

— Para uns cinco.

— Ah. — Não era ótimo. Nem péssimo. — Mas acho que mesmo assim estão perto de acreditar que ele não é perigoso.

Mikhail deu de ombros, mantendo os olhos no caminho à nossa frente. Havia chovido durante a Vigília pela Morte, e o ar, embora ainda úmido, estava mais fresco.

— Alguns guardiões acreditam. Mas será preciso um decreto real do Conselho para declarar oficialmente o que ele é.

Quase parei.

— *Declarar o que ele é?* — perguntei, espantada. — Ele não é uma coisa! É uma pessoa! Um vampiro como nós.

— Eu sei, mas isso não está em nossas mãos.

— Você tem razão. Me desculpe — murmurei. Não fazia sentido atirar no mensageiro. — Bem, espero que levantem a bunda da cadeira e tomem logo uma decisão.

O silêncio que veio em seguida falou muito. Lancei um olhar penetrante para Mikhail.

— O que foi? O que você não está me contando? — perguntei, exigindo uma resposta.

Ele deu de ombros.

— Há rumores de que estão debatendo outra coisa importante no Conselho agora, algo que tem prioridade.

Aquilo também me enfureceu. O que no mundo teria prioridade sobre Dimitri? “Calma, Rose. Fique calma. Concentre-se. Não deixe a escuridão piorar as coisas.” Eu sempre lutava para mantê-la enterrada, mas ela costumava explodir em momentos de estresse. E aquele? Era um momento de muito estresse. Voltei para o assunto inicial.

Chegamos ao prédio da cadeia, e subi dois degraus de cada vez.

— Mesmo que tenham diminuído o número de seguranças de Dimitri, não vão me deixar entrar. Os que estão lá devem saber que a ordem é me manter longe.

— Um amigo meu está no turno da recepção agora. Não temos muito tempo, mas ele irá dizer aos guardiões da cadeia que você foi autorizada a descer.

Mikhail estava prestes a abrir a porta quando o detive, pondo a mão em seu braço.

— Por que está fazendo isso por mim? O Conselho Moroi pode não considerar Dimitri grande coisa, mas os guardiões consideram. Você corre o risco de se meter num problema enorme.

Ele olhou para mim, mais uma vez com aquele sorrisinho amargo.

— Você precisa mesmo perguntar?

Pensei um pouco.

— Não — respondi com delicadeza.

— Quando perdi Sonya... — Mikhail fechou os olhos por um segundo e no momento em que os abriu, eles pareciam fitar o passado. — Quando a perdi, não queria continuar vivendo. Ela era uma boa pessoa. De verdade. Se transformou em Strigoi por desespero. Não viu outro jeito de se salvar do espírito. Eu daria qualquer coisa, *qualquer coisa*, por uma chance de ajudá-la, de consertar tudo entre nós. Não sei se um dia isso vai ser possível para nós, mas é possível para vocês *agora*. Não posso deixar você perder essa oportunidade.

Com isso, entramos, e de fato havia um guardião diferente em serviço. Exatamente como Mikhail tinha dito, o cara telefonou lá para baixo e avisou aos guardiões da cadeia que Dimitri receberia uma visita. O amigo de Mikhail parecia muito nervoso por tudo aquilo, o que era compreensível. Ainda assim, estava disposto a ajudar. Era impressionante, como pensei, o que os amigos fazem uns pelos outros. As últimas semanas haviam sido uma prova irrefutável disso.

Como na visita de Lissa, dois guardiões apareceram para me escoltar até lá embaixo. Reconheci os caras porque os vi enquanto estava na cabeça dela, e eles pareciam surpresos ao me ver. Se tinham ouvido Dimitri dizer com veemência que não queria me receber, minha visita era mesmo chocante. Porém, pelo que sabiam, alguém no comando havia permitido a minha presença ali, logo não fizeram perguntas.

Mikhail veio atrás de nós enquanto descíamos, e senti meu coração e minha respiração acelerarem. Dimitri. Eu estava prestes a ver Dimitri. O que diria? O que faria? Era quase demais para compreender. Tive que me forçar a me concentrar ou acabaria entrando em choque e perdendo a fala.

Quando chegamos ao corredor que abrigava as celas, vi dois guardiões parados diante da de Dimitri, um na parte mais distante e outros dois na entrada pela qual havíamos passado. Parei, incomodada com a ideia de me ouvirem falar com ele. Não queria uma plateia como a de Lissa, mas com a ênfase na segurança dali, eu não teria escolha.

— Vocês podem me dar um pouco de privacidade? — perguntei.

Um dos que me escoltaram negou com a cabeça.

— Ordens oficiais. Dois guardiões têm que permanecer a postos na cela o tempo todo.

— Ela é guardiã — argumentou Mikhail com moderação. — E eu também. Nos deixem ir. O resto pode esperar perto da porta.

Lancei um olhar agradecido para Mikhail. Com a presença dele eu poderia lidar. Os outros, concluindo que estaríamos seguros o bastante, passaram para o fim do corredor com discrição. Não era uma privacidade total e completa, mas não ouviriam tudo.

Meu coração parecia prestes a explodir no peito quando Mikhail e eu caminhamos até a cela de Dimitri e ficamos de frente para ela. Ele estava sentado quase como quando Lissa chegou: na cama, encolhido, de costas para nós.

As palavras ficaram presas na minha garganta. Pensamentos racionais me escaparam da mente. Era como se eu tivesse esquecido por completo a razão pela qual estava ali.

— Dimitri — falei.

Pelo menos foi o que tentei dizer. Engasguei um pouco, então os sons saíram confusos da minha

boca. No entanto, aquilo pareceu ter bastado porque as costas de Dimitri se retesaram de repente. Ele não se virou.

— Dimitri — repeti com mais clareza dessa vez. — Sou... eu.

Não precisava dizer mais nada. Ele sabia quem eu era desde a primeira tentativa de pronunciar seu nome. Tive a sensação de que ele reconheceria minha voz em qualquer situação. Também devia conhecer o som das batidas do meu coração e da minha respiração. Acho que parei de respirar enquanto esperava pela resposta. Quando ela veio, me decepcionou um pouco.

— Não.

— Não o quê? — perguntei. — Está dizendo que não sou eu?

Ele expirou, frustrado, num som quase — mas não exatamente — como o que costumava emitir quando eu fazia algo ridículo nos treinos.

— Não, estou dizendo que não quero ver você. — A voz dele estava carregada de emoção. — Não era para terem deixado você entrar.

— É. Bem, eu meio que dei outro jeito.

— Claro que deu.

Ele ainda não olhava para mim, o que me dava agonia. Me virei para Mikhail, que assentiu, me encorajando. Achei que devia ficar satisfeita por Dimitri pelo menos estar falando comigo.

— Eu precisava vir ver você. Precisava saber se você está bem.

— Tenho certeza de que Lissa está lhe mantendo informada.

— Eu precisava ver por mim mesma.

— Bem, agora está vendo.

— Só vejo suas costas.

Era de enlouquecer. No entanto, cada palavra que eu arrancava dele era um presente. Era como se eu não ouvisse sua voz havia mil anos. Como antes, me perguntei como poderia confundir o Dimitri da Sibéria com aquele. A voz de um e de outro eram idênticas, com entonação e sotaque iguais. Porém, como Strigoi, suas palavras sempre deixavam uma frieza no ar. Aquela voz era agradável. Mel, veludo e todo tipo de coisas maravilhosas me envolviam, não importavam as coisas horríveis que ele dizia.

— Não quero você aqui — disse Dimitri, irredutível. — Não quero ver você.

Levei um momento para avaliar a estratégia. Dimitri ainda estava tomado por sentimentos depressivos e desoladores. Lissa havia se aproximado com gentileza e compaixão. Ela tinha conseguido atravessar suas barreiras, apesar de muito se dever ao fato de ele a considerar sua salvadora. Eu poderia tentar algo parecido. Poderia ser delicada e incentivadora e cheia de amor — e tudo isso era verdadeiro. Eu o amava. Queria tanto ajudá-lo. Porém, não sabia ao certo se aquele método em particular funcionaria comigo. Rose Hathaway nem sempre era conhecida por seus modos delicados. No entanto, apelei para seu senso de obrigação.

— Você não pode me ignorar — falei, tentando manter o volume da voz fora do alcance dos outros guardiões. — Tem uma dívida comigo. Salvei você.

Alguns momentos de silêncio passaram.

— Lissa me salvou — disse ele com cuidado.

Uma raiva queimou em meu peito, como havia queimado enquanto eu observava a visita de Lissa. Como ele podia ter tanta consideração por ela e nenhuma por *mim*?

— Como você acha que ela chegou àquele ponto? — perguntei, exigindo uma resposta. — Como

— Você acha que ela aprendeu um jeito de salvá-lo? Você faz ideia do que nós... do que *eu* tive que passar para conseguir essa informação? Acha que minha ida à Sibéria foi uma loucura? Acredite, não chegou nem perto de ver uma loucura. Você me conhece. Sabe do que sou capaz. E superei meus próprios recordes dessa vez. Você. Tem. Uma. Dívida. Comigo.

Foi pesado, mas eu precisava de uma reação dele. De algum tipo de emoção. E consegui. Ele se virou, com os olhos brilhando e uma intensidade crepitando no corpo. Como sempre, seus movimentos eram fortes e graciosos. Da mesma forma, sua voz era uma mistura de sentimentos: raiva, frustração e preocupação.

— O melhor que posso fazer é...

Ele paralisou. Os olhos castanhos, que andavam estreitos de tão irritados, de repente se arregalaram de... quê? Perplexidade? Fascinação? Admiração? Ou quem sabe aquele sentimento estupefator que eu sempre experimentava quando o via?

Porque, de repente, tive quase certeza de que ele sentia a mesma coisa que eu havia sentido mais cedo. Ele me vira muitas vezes na Sibéria. E na noite anterior, no depósito. Mas agora... agora me via de verdade, com os próprios olhos. Agora que não era mais um Strigoi, seu mundo inteiro era diferente. Sua aparência e suas emoções eram diferentes. Até sua alma era diferente.

Foi como um daqueles momentos em que as pessoas falam que sua vida toda passa diante dos olhos. Porque enquanto encarávamos um ao outro, cada instante de nosso relacionamento atravessou minha mente. Lembrei o quanto ele era forte e invencível quando nos conhecemos, de como ele chegou para trazer Lissa e a mim de volta para os limites da sociedade Moroi. Me lembrei de seu toque delicado ao fazer curativos em minhas mãos ensanguentadas e feridas. Me lembrei de quando ele me carregou nos braços depois que Natalie, a filha de Victor, me atacou. Mais do que tudo, me lembrei da noite que passamos juntos na cabana, antes de os Strigoi o levarem. Um ano. Nos conhecíamos havia apenas um ano, mas tínhamos vivido uma vida inteira nesse período.

Percebi que ele se deu conta disso também enquanto me estudava. Seu olhar era todo-poderoso, absorvendo cada um de meus traços e registrando todos eles. Vagamente, tentei me lembrar de como estava hoje. Ainda usava o vestido da cerimônia secreta e sabia que ficava bem com ele. Meus olhos deviam estar vermelhos por conta da choradeira mais cedo, e eu só havia tido tempo para pentear o cabelo depressa antes de sair com Adrian.

De alguma forma, duvidei que isso importasse. O jeito como Dimitri olhava para mim... confirmava tudo que eu supunha. Os sentimentos que ele tinha por mim antes de ser transformado — os sentimentos que foram distorcidos quando ele se tornou um Strigoi — ainda estavam todos ali. *Tinham* que estar. Talvez Lissa fosse sua salvadora. Talvez o resto da Corte pensasse que ela era uma deusa. Percebi, naquele momento, que não importava o quanto estava desarrumada nem o quanto Dimitri tentava manter o rosto inexpressivo: eu era uma deusa para ele.

Dimitri engoliu em seco e se forçou a recuperar o autocontrole, como sempre fazia. Algumas coisas nunca mudavam.

— Então, o melhor que posso fazer — continuou ele com calma — é ficar longe de você. É a melhor forma de pagar a dívida.

Para mim, foi difícil manter o controle e algum tipo de conversa lógica. Eu estava tão impressionada quanto ele. Também estava indignada.

— Você se ofereceu para pagar a Lissa ficando ao lado dela para sempre!

— Não fiz ascoisas... — Ele desviou os olhos por um momento, mais uma vez lutando para se

controlar, e então encontrou os meus de novo. — Não fiz com ela as coisas que fiz com você.

— Não era você! Não me importa.

Meu temperamento começava a se inflamar de novo.

— Quantos? — perguntou ele. — Quantos guardiões morreram ontem à noite por causa do que fiz?

— Acho... Acho que uns seis ou sete.

Perdas difíceis. De repente, senti uma dor no peito, me lembrando dos nomes citados naquele porão.

— Seis ou sete — Dimitri repetiu com uma agonia na voz. — Mortos em uma noite. Por minha causa.

— Você não agiu sozinho! E já falei, não era você. Você não conseguia se controlar. Isso não importa para mim...

— Importa para mim! — gritou ele, sua voz soando pelo corredor. Os guardiões de um lado e de outro se mexeram, só que não se aproximaram. Quando Dimitri falou de novo, manteve a voz mais baixa, mas ainda trêmula, com sentimentos intensos. — Importa para mim! É o que você não vê. É o que você não entende. Você não pode entender como é saber o que fiz. O tempo todo que passei como Strigoi... é como um pesadelo agora, mas um pesadelo de que me lembro com clareza. Não pode haver perdão para mim. E quanto ao que aconteceu com você? Me lembro disso mais que de tudo. De todas as coisas que fiz. De todas as coisas que eu *queria* fazer.

— Você não vai fazer nada disso agora — falei, implorando. — Então, deixe isso para lá. Antes... Antes de tudo acontecer, você disse que podíamos ficar juntos. Que seríamos designados como guardiões um perto do outro e...

— Roza — interrompeu ele, o apelido perfurando meu coração. Acho que foi um lapso, que na verdade ele não queria me chamar assim. Havia um sorriso retorcido em seus lábios, um sorriso sem humor. — Você acha mesmo que um dia vão me deixar ser guardião de novo? Vai ser um milagre se me deixarem vivo!

— Isso não é verdade. Quando perceberem que você se transformou de volta e que é mesmo como antes... tudo vai voltar a ser como era.

Ele balançou a cabeça com tristeza.

— Seu otimismo... sua crença de que pode fazer qualquer coisa acontecer. Ah, Rose. É uma das coisas mais maravilhosas em você. Também é uma das coisas mais irritantes.

— Acreditei que você poderia voltar, deixar de ser um Strigoi — argumentei. — Talvez minha crença no impossível não seja tão louca assim.

Aquela conversa era tão grave, tão sofrida. No entanto, ainda insistia em me lembrar de uma de nossas velhas aulas práticas. Ele tentara me convencer de algo sério, e eu contrariara aquilo com a lógica da Rose. Costumava me render uma mistura de deleite e exasperação. Tive a sensação de que, se as circunstâncias fossem um pouco diferentes, ele teria a mesma atitude agora. Porém, não era uma aula prática. Ele não ia sorrir e revirar os olhos. Era sério. Era vida e morte.

— Estou agradecido pelo que você fez — disse ele com formalidade, ainda lutando para dominar os sentimentos. Era mais uma característica que compartilhávamos. Nós dois sempre nos esforçávamos para manter o controle. E ele sempre foi melhor nisso do que eu. — Tenho mesmo uma dívida com você. Uma dívida que não posso pagar. Como eu disse, o melhor que posso fazer é ficar fora da sua vida.

— Se você fizer parte da vida de Lissa, não conseguirá me evitar.

— As pessoas podem existir perto umas das outras sem... sem haver mais do que isso — disse ele com firmeza.

Era algo tão típico de Dimitri. A lógica lutando contra a emoção.

E foi então que perdi. Como eu disse, ele sempre foi melhor em manter o controle. Eu? Nem tanto.

Me joguei nas grades tão depressa que até mesmo Mikhail estremeceu.

— Mas eu amo você! — sussurrei. — E sei que você me ama também. Acha mesmo que pode passar o resto da vida ignorando isso enquanto estiver perto de mim?

O problema era que durante um longo período na Escola, Dimitri estivera convencido de que poderia fazer exatamente isso. E estivera preparado para passar o resto da vida sem agir de acordo com seus sentimentos por mim.

— Você me ama — repeti. — Sei que ama.

Estiquei o braço, atravessando as grades. Estava longe de tocá-lo, mas meus dedos se estendiam com desespero, como se de repente pudessem crescer e se tornar capazes de estabelecer contato. Era tudo o que eu precisava. Um toque para saber que ele ainda se importava, um toque para sentir o calor de sua pele e...

— Não é verdade — disse Dimitri com calma — que você está envolvida com Adrian Ivashkov?

Meu braço pendeu.

— O... Onde você ouviu isso?

— As informações circulam — disse ele, repetindo o que Mikhail havia dito.

— Com certeza circulam — murmurei.

— E então, você está? — perguntou ele, inflexível.

Hesitei antes de responder. Se dissesse a verdade, Dimitri teria mais base para reforçar o argumento de nos mantermos separados. No entanto, para mim era impossível mentir para ele.

— Estou, mas...

— Que bom. — Não sei bem como esperava que Dimitri reagisse. Ciúme? Choque? Em vez disso, quando ele se encostou de novo na parede, parecia... aliviado. — Adrian é uma pessoa melhor do que reconhecem. Ele vai ser bom para você.

— Mas...

— Esse é seu futuro, Rose. — Um pouco daquela postura desolada, de quem está cansado do mundo, retornava. — Você não entende o que é passar pelo que passei. Voltar depois de ter sido um Strigoi. Isso mudou tudo. Não é apenas porque o que fiz com você é imperdoável. Todas as minhas emoções... todos os meus sentimentos por você... mudaram. Não me sinto mais como antes. Posso ser um vampiro de novo, mas depois do que passei... Bem, isso me assustou. Transformou minha alma. Não posso amar ninguém agora. Não posso amar você. *Não amo* você. Não há mais nada entre nós.

Meu sangue gelou. Eu me recusava a acreditar nas palavras de Dimitri, não depois do jeito que ele havia me olhado havia pouco.

— Não! Isso não é verdade! Amo você, e você...

— Guardas! — Dimitri gritou tão alto que era de admirar que o prédio inteiro não tivesse tremido. — Tirem-na daqui. *Tirem-na daqui!*

Com reflexos impressionantes de guardiões, os guardas chegaram à cela num piscar de olhos.

Como prisioneiro, Dimitri não estava em condições de fazer pedidos, só que as autoridades sem dúvida não encorajariam uma situação que pudesse provocar um tumulto. Começaram a me conduzir junto com Mikhail para fora dali, mas resisti.

— Não, esperem...

— Não discuta — murmurou Mikhail no meu ouvido. — Nosso tempo está acabando, e hoje você não iria conseguir mais nada mesmo.

Eu queria protestar, só que as palavras ficaram presas em meus lábios. Deixei os guardiões me tirarem dali, mas não antes de lançar a Dimitri um último olhar demorado. Ele tinha uma expressão vaga no rosto, perfeita como a de um guardião. No entanto, a forma penetrante como me encarou me fez ter certeza de que muita coisa acontecia dentro dele.

O amigo de Mikhail ainda estava em serviço lá em cima, o que nos permitiu sair sem arranjar — muitos — outros problemas. Logo que chegamos ao lado de fora, parei e chutei um dos degraus, nervosa.

— Merda! — gritei.

Um casal Moroí do outro lado do jardim — que devia estar voltando de alguma festa tardia — me olhou, chocado.

— Acalme-se — disse Mikhail. — Foi a primeira vez que você o viu desde a transformação. Não pode esperar tantos milagres logo de cara. Ele vai cair em si.

— Não tenho tanta certeza disso — reclamei. Suspirando, olhei para o céu. Pedacinhos de nuvens se mexiam devagar, mas mal os vi. — Você não o conhece como eu.

É que enquanto parte de mim acreditava que muito do que Dimitri havia dito era de fato uma reação ao choque de voltar a si mesmo, a outra parte estava admirada. Eu conhecia Dimitri. Conhecia seu senso de honra, suas crenças inflexíveis sobre o que era certo e o que era errado. Ele se agarrava a essas crenças. Vivia de acordo com elas. Se ele realmente acreditasse que a coisa certa a fazer era me evitar e deixar que qualquer relacionamento entre nós se desfizesse, bem... havia uma boa chance de ele agir com base nessa ideia, não importava o amor que existia entre nós. Como eu tinha me lembrado mais cedo, ele demonstrara muita resistência na época da São Vladimir.

Quanto ao resto... a parte sobre ele não me amar mais nem ser capaz de amar alguém... Bem, esse seria um problema diferente se fosse verdade. Tanto Christian quanto Adrian se preocupavam com a possibilidade de restar algum resquício de Strigoi em Dimitri, mas seus receios eram quanto à violência e ao derramamento de sangue. Ninguém teria imaginado isso: que viver como Strigoi havia endurecido seu coração, matando qualquer chance de ele amar alguém.

Matando qualquer chance de ele *me* amar.

E eu tinha certeza de que, se fosse o caso, parte de mim morreria também.

Vinte e um

Mikhail e eu pouco tínhamos a dizer um ao outro depois disso. Eu não queria que ele arranjasse problemas pelo que havia feito e permiti que nos conduzisse até a saída do prédio dos guardiões em silêncio. Quando chegamos ao lado de fora, vi o céu arroxeadado ao leste. O sol estava quase no auge, marcando o meio de nossa noite. Passei pela mente de Lissa por um instante e descobri que a Vigília pela Morte enfim havia acabado e que ela estava no caminho de volta para o quarto — preocupada comigo e ainda incomodada por Christian ter aparecido com Mia.

Segui o exemplo de Lissa, me perguntando se o sono atenuaria a agonia que Dimitri havia deixado no meu coração. Provavelmente não. Mesmo assim, agradei a Mikhail pela ajuda e por ter se arriscado. Ele apenas acenou com a cabeça, como se não houvesse por que agradecer. Era o que ele esperava que eu fizesse se estivesse em seu lugar e se fosse a srta. Karp atrás das grades.

Caí num sono pesado na minha cama, mas meus sonhos foram conturbados. Por diversas vezes, ouvia Dimitri me dizer que não era mais capaz de me amar. Por diversas vezes, aquilo me atingia, despedaçando meu coração. Em certo momento, se tornou mais do que o ressoar de um sonho. Era real. Alguém batia à minha porta e, devagar, me arranquei de meus sonhos horríveis.

Com os olhos embaçados, fui até a porta e me deparei com Adrian. A cena era quase um espelho da noite anterior quando ele viera me convidar para a Vigília pela Morte. Só que dessa vez sua expressão estava bem mais séria. Por um segundo, pensei que soubesse de minha visita a Dimitri. Ou talvez tivesse se metido em muitos mais problemas do que imaginávamos por ter infiltrado metade dos amigos em um funeral secreto.

— Adrian... está cedo para você...

Olhei para um relógio e descobri que na verdade havia dormido demais, até tarde.

— Não está nem um pouco cedo — afirmou ele, ainda com aquela seriedade no rosto. — Tem muita coisa acontecendo. Vim dar a notícia antes que você a recebesse por aí.

— Que notícia?

— O veredicto do Conselho. Até que enfim aprovaram aquela grande resolução que andavam debatendo. Da qual você participou.

— Espere aí. Já concluíram? — Me lembrei do que Mikhail tinha dito, que um assunto misterioso mantinha o Conselho ocupado. Se tudo já estava encerrado, eles poderiam se dedicar a outra coisa, tipo declarar oficialmente que Dimitri era um vampiro de novo. — Que notícia boa.

E se isso estivesse ligado a quando Tatiana me chamou para descrever minhas habilidades... Bem, existiria a possibilidade de eu ser nomeada a guardiã de Lissa? A rainha teria mesmo conseguido convencer a todos? Ela havia sido muito amigável na noite anterior.

Adrian me olhou com algo que eu nunca havia visto em seu rosto: pena.

— Você não faz ideia, não é?

— Sobre o quê?

— Rose... — Ele pôs uma das mãos no meu ombro com delicadeza. — O Conselho acabou de aprovar um decreto que permite que alguém se torne um guardião aos dezesseis anos de idade. Os vampiros irão se formar no segundo ano e já poderão sair para cumprir missões.

— O quê?

Certamente eu tinha ouvido errado.

— Você sabe o quanto andam apavorados quanto à proteção e ao fato de não terem guardiões o suficiente, não sabe? — Ele suspirou. — Foi a solução que encontraram para aumentar o contingente.

— Mas são jovens demais! — gritei. — Como é que alguém pode pensar que um adolescente de dezesseis anos está pronto para sair e lutar?

— Bem — disse Adrian —, você comprovou que estava.

Fiquei boquiaberta e tudo paralisou à minha volta. *Você comprovou que estav...* Não. Não era possível.

Adrian cutucou meu braço com delicadeza, tentando me tirar de meu estupor.

— Vamos, ainda estão concluindo tudo. Anunciaram isso em uma sessão aberta, e algumas pessoas estão... um tanto decepcionadas.

— É, nem me fale.

Adrian não precisou me chamar duas vezes. Comecei a acompanhá-lo no mesmo instante e então me dei conta de que estava de pijama. Me troquei depressa e penteei o cabelo, ainda incapaz de acreditar no que ele havia dito. Levei apenas cinco minutos para me aprontar, e saímos. Adrian não era nenhum atleta, mas manteve um ótimo ritmo enquanto seguíamos para a sala do Conselho.

— Como tudo aconteceu? — perguntei. — Você não está dizendo que... que o que falei contribuiu para isso?

Era para minhas palavras exigirem uma resposta, mas estavam mais para um apelo.

Adrian acendeu um cigarro sem perder o ritmo, e não me dei ao trabalho de criticá-lo.

— Parece que isso foi muito comentado por um tempo. A votação foi disputada. As pessoas a favor do decreto sabiam que teriam que apresentar muitas evidências para vencer. Você era o grande trunfo: uma vampira adolescente que matou Strigoi a torto e a direito muito tempo antes de se formar.

— Não foi tanto tempo assim — resmunguei.

Minha fúria crescia. Dezesseis anos? Estavam falando sério? Aquilo era ridículo. O fato de *eu* ter sido usada sem saber para apoiar esse decreto me deu nojo. Havia sido uma tola por acreditar que todos teriam ignorado meu desrespeito às regras e me exposto apenas para me elogiar. Eles me usaram. *Tatiana* me usou.

Quando chegamos, a sala do Conselho estava tão caótica quanto Adrian havia dito. É verdade, eu não tinha passado muito tempo naquele tipo de reunião, mas com certeza pessoas de pé, amontoadas, gritando umas com as outras não era normal. O arauto do Conselho também não devia costumar berrar até ficar rouco, tentando pôr ordem na multidão.

A única visão de calma era a de Tatiana em si, paciente e acomodada em seu lugar no meio da mesa, como a etiqueta do Conselho ditava. Ela parecia muito satisfeita consigo mesma. Seus colegas haviam perdido todo o senso de propriedade e estavam de pé, como o público, discutindo entre si ou com qualquer um que estivesse pronto para brigar. Encarei tudo aquilo, impressionada, sem saber ao certo o que fazer em meio à confusão.

— Quem votou a favor de quê? — perguntei.

Adrian observou os membros do Conselho e os contou nos dedos:

— Szelsky, Ozero, Badica, Dashkov, Conta e Drozdov. Eles são contra.

— Ozero? — perguntei, surpresa.

Eu não conhecia muito bem a princesa Ozero — Evette —, mas ela sempre tinha me parecido muito rígida e desagradável. Passei a respeitá-la agora.

Adrian acenou para onde Tasha, furiosa e com um brilho nos olhos, se dirigia a um grupo grande, agitando as mãos.

— Evette foi persuadida por alguns dos membros da família dela.

Aquilo me fez sorrir também, só que apenas por um momento. Era bom Tasha e Christian serem considerados por seu clã de novo, mas ainda tínhamos um problema. Dava para deduzir o resto dos nomes.

— Então... o príncipe Ivashkov votou a favor — falei. Adrian deu de ombros, se desculpado pela atitude de sua família. — Lazar, Zeklos, Tarus e Voda.

Que a família Voda votasse por mais proteção não era tão surpreendente assim, levando-se em conta a recente morte brutal de um de seus membros. Priscilla ainda nem havia sido sepultada, e o novo príncipe Voda, Alexander, estava claramente confuso sobre o que fazer com sua promoção repentina.

Lancei um olhar penetrante para Adrian.

— Isso dá seis a cinco. Ah. — A ficha caiu. — Merda. Voto de minerva.

O sistema de votação Moroi se estabelecera com doze membros, um de cada família, e com quem quer que fosse o rei ou a rainha. É verdade, isso costumava significar que um grupo tinha dois votos, já que era raro o monarca votar contra os interesses da própria família. Sabia-se que isso acontecia. De um jeito ou de outro, o sistema deveria ter treze votos, impossibilitando empates. Só que... um problema havia surgido recentemente. Não existia mais um Dragomir no Conselho, ou seja, empates poderiam acontecer. Para essas raras ocasiões, as regras Moroi ditavam que o voto do monarca valia por dois. Eu ouvira falar que isso sempre fora controverso e, no entanto, ao mesmo tempo, não havia muito o que fazer. Empates no Conselho significariam que nada nunca seria decidido, e como os monarcas eram eleitos, confiava-se que agiriam de acordo com o que seria melhor para os Moroi.

— Tatiana foi a sexta — falei. — E o voto dela pesou.

Olhei ao redor e vi um pouco de raiva nos rostos das famílias que tinham votado contra o decreto. Ao que parecia, nem todos acreditavam que Tatiana havia agido de acordo com os interesses dos Moroi.

A presença de Lissa me foi anunciada através do laço. Então sua chegada poucos instantes depois não era surpresa alguma. As notícias tinham se espalhado depressa, apesar de ela ainda não saber dos últimos detalhes. Adrian e eu acenamos para ela, que estava tão chocada quanto nós.

— Como puderam fazer uma coisa dessas? — perguntou.

— É que estão morrendo de medo de que alguém faça com que *elas* aprendam a se defender. O

grupo de Tasha anda fazendo muito barulho.

Lissa balançou a cabeça.

— Não, não é só isso. Quero dizer, por que estão em uma sessão? Devíamos estar de luto pelo que aconteceu no outro dia. Publicamente. A corte inteira e não apenas uma parte secreta dela. Até um dos membros do Conselho morreu! Não dava para esperar até o funeral?

Em sua mente, pude ver as imagens da noite do massacre em que Priscilla morreu diante dos olhos de Lissa.

— Mas foi substituído com facilidade — disse uma nova voz. Christian havia se juntado a nós. Lissa deu alguns passos para se afastar dele, ainda incomodada com Mia. — E, na verdade, é o momento perfeito. As pessoas que queriam isso tinham que agarrar a oportunidade. Toda vez que acontece uma grande luta contra Strigoi, todos entram em pânico. O medo irá fazer com que muitos embarquem nessa. E se algum membro do Conselho estava indeciso antes, a batalha deve tê-lo convencido.

O raciocínio de Christian era muito sábio, e Lissa ficou impressionada, apesar de seus sentimentos conturbados por ele no momento. O arauto do Conselho conseguiu enfim sobrepor a voz aos gritos do público. Eu me perguntava se o grupo teria se acalmado se a própria Tatiana tivesse começado a gritar, mandando que todos se calassem. Mas não. Isso devia estar abaixo de sua dignidade. Ela ainda estava sentada ali, calma, como se nada de anormal acontecesse.

No entanto, levou um bom tempo para todo mundo se acalmar e se acomodar em seus assentos. Meus amigos e eu corremos para pegar os primeiros que encontramos. Com a paz e o silêncio conquistados, por fim, o arauto que já parecia cansado deu a palavra à rainha.

Sorrindo com grandeza, ela se dirigiu ao público em seu mais imperioso tom de voz:

— Gostaríamos de agradecer a todos por terem vindo hoje e expressado suas... opiniões. Sei que alguns ainda estão inseguros quanto a essa decisão, mas as leis dos Moroi foram respeitadas aqui, leis que estão em vigor há séculos. Teremos outra sessão em breve para ouvir o que vocês têm a dizer com *organização* e *compostura*. — Algo me dizia que se tratava de um gesto hipócrita. As pessoas poderiam falar o quanto quisessem; ela não escutaria nada. — Esta decisão, este *veredicto*, beneficiará os Moroi. Nossos guardiões já são excelentes. — Ela acenou com condescendência na direção dos guardiões presentes na cerimônia, de pé ao longo das paredes do cômodo. A neutralidade em seus rostos era típica, mas supus que, como eu, deviam querer bater em metade do Conselho. — Tão excelentes, na verdade, que treinam seus alunos para nos defender desde muito jovens. Todos estaremos mais resguardados de tragédias como a que aconteceu há poucos dias.

Tatiana abaixou a cabeça por um momento, no que deve ter sido uma demonstração de pesar. Me lembrei da noite anterior, quando ela quase perdeu a fala por causa de Priscilla. Será que era teatro? A morte de sua melhor amiga lhe seria conveniente para dar andamento à própria agenda? Certamente... Certamente ela não era tão fria.

A rainha ergueu a cabeça e prosseguiu:

— E mais uma vez, ficaremos felizes em ouvir o registro de suas opiniões, embora, por nossas próprias leis, esse assunto *esteja* encerrado. As sessões futuras terão que esperar até o fim do período de luto pelos que lamentavelmente nos deixaram.

O tom e a linguagem corporal da rainha sugeriam que a discussão estava de fato encerrada. Então, uma voz impertinente de repente acabou com o silêncio do cômodo.

A minha voz.

— Bem, eu meio que gostaria de registrar minha opinião agora.

Dentro da minha cabeça, Lissa gritava: *Sente-se, sente-se!* Só que eu já estava de pé, andando até a mesa do Conselho. Parei, me mantendo a uma distância respeitosa, que me permitiria ser notada, mas na qual não seria abordada pelos guardiões. E, ah, como me notaram. O arauto se enrubescceu todo diante do meu desrespeito à regra.

— Você está perdendo a linha e violando o protocolo do Conselho! Sente-se agora, antes que seja retirada daqui.

Ele olhou para os guardiões como se esperasse que agissem no mesmo instante. Nenhum deles se mexeu. Não me viam como uma ameaça, ou se perguntavam o que eu faria. Eu também me perguntava isso.

Tatiana fez um pequeno gesto delicado com a mão para que o arauto recuasse.

— Me atrevo a dizer que já houve tantas quebras de protocolo hoje que um incidente a mais não fará diferença. — Ela deu um sorriso gentil para mim, um sorriso que, ao que parecia, pretendia passar a impressão de que éramos amigas. — Além disso, a guardiã Hathaway é um de nossos recursos mais valiosos. Sempre estou interessada no que ela tem a dizer.

Será que estava mesmo? Era hora de descobrir. Me dirigi ao Conselho:

— O que vocês aprovaram é um total e completo absurdo. — Considerei um grande feito de minha parte eu não ter usado nenhum xingamento, já que tinha uns adjetivos em mente que caberiam muito mais. Quem disse que eu não entendia nada de etiqueta do Conselho? — Como é que podem ficar aí sentados e pensar que está tudo bem em mandar adolescentes de dezesseis anos arriscarem a própria vida?

— São apenas dois anos de diferença — disse o príncipe Tarus. — Não é como se mandássemos crianças de dez anos.

— Dois anos é muito. — Pensei durante um momento em quando tinha dezesseis. O que acontecera naqueles dois anos? Eu fugira com Lissa, vira amigos morrerem, viajara pelo mundo, me apaixonara... — Podemos viver uma vida inteira em dois anos. E se vocês insistem em nos manter na linha de frente, o que grande parte de nós está disposta a fazer quando nos graduamos, nos devem esses dois anos.

Dessa vez, olhei para o público. As reações eram variadas. Alguns deixavam claro que concordavam comigo, acenando a cabeça. Alguns davam a impressão de que nada no mundo os faria mudar de opinião e que ainda consideravam o decreto justo. Outros não me encaravam... Eu os teria convencido? Estariam indecisos? Constrangidos diante do próprio egoísmo? Essas deviam ser as pessoas-chave.

— Acredite, eu adoraria ver seu povo aproveitar a juventude. — Era Nathan Ivashkov quem falava. — Mas agora não temos essa opção. Os Strigoi estão fechando o cerco. Perdemos mais Moroi e guardiões a cada dia. Pôr mais lutadores lá fora irá deter isso. E de fato estamos desperdiçando essas habilidades dos dâmpiros ao esperar mais alguns anos. Esse plano irá proteger tanto a *sua* raça quanto a *minha*.

— Isso irá exterminar a minha mais depressa! — falei. Ao perceber que poderia começar a gritar se me descontrolasse, respirei fundo antes de continuar. — Esses adolescentes não estarão prontos. Não terão todo o treinamento de que precisam.

E foi então que a própria Tatiana fez sua jogada de mestre.

— No entanto, você mesma admitiu que decerto estava preparada quando era mais jovem. Você

matou mais Strigoi antes de completar dezoito anos do que alguns guardiões matam a vida inteira.

A encarei com os olhos estreitados.

— Eu tive um instrutor excelente — falei com frieza. — Um instrutor que agora vocês mantêm trancado. Se quiser falar de desperdício de habilidades, dê uma olhada na própria cadeia.

Houve um pequeno rebuliço no público, e a cara de “somos amigas” de Tatiana se tornou um pouco fria.

— Isso *não* tem a ver com o que estamos discutindo hoje. Aumentar nossa proteção, sim. Se não me engano, você já até comentou que faltam guardiões. — Minhas próprias palavras, ditas na noite anterior, sendo jogadas de volta em mim. — Essas vagas precisam ser preenchidas. Você e vários de seus companheiros já provaram que são capazes de nos defender.

— Somos exceções! — Aquilo foi egocêntrico, mas era verdade. — Nem todos os aprendizes atingem esse nível.

Um lampejo perigoso brilhou nos olhos dela, e sua voz se tornou calma e sedosa de novo.

— Bem, então talvez precisemos de mais treinamentos excelentes. Talvez devamos mandar *você* para a São Vladimir ou qualquer outra escola para melhorar a educação de seus colegas mais jovens. Pelo que sei, você logo será designada a um cargo administrativo permanente aqui na Corte. Se quiser contribuir para o sucesso do novo decreto, podemos mudar as coisas e fazer de você uma instrutora. Isso pode acelerar seu retorno a uma designação para um cargo de guarda-costas.

Dei um sorriso ameaçador para ela.

— Não tente me ameaçar, subornar nem chantagear — avisei. — Nunca. Você não vai gostar das consequências.

Talvez eu tivesse ido longe demais. O público trocou olhares estarecidos. Algumas expressões eram de desgosto, como se não pudessem esperar nada melhor de mim. Reconheci alguns daqueles Moroi. Já haviam falado do meu relacionamento com Adrian e de como a rainha odiava isso. Também desconfiei de que vários membros da realeza da cerimônia na noite anterior estivessem ali. Tinham visto Tatiana me levar para fora e sem dúvida consideravam meu acesso de raiva e desrespeito de hoje um tipo de vingança.

Os Moroi não foram os únicos que reagiram. Compartilhando de minhas opiniões ou não, alguns guardiões deram alguns passos à frente. Tratei de permanecer exatamente onde estava, e isso, aliado à falta de medo de Tatiana, os manteve no lugar.

— Estamos ficando cansados dessa conversa — disse Tatiana, passando para o *nós* da realeza. — Você pode falar mais, e fazer isso de maneira apropriada, quando tivermos nossa próxima reunião e abrirmos para os comentários do público. Por enquanto, você gostando ou não, a resolução foi aprovada. É lei.

Ela está deixando você escapar dessa!, disse a voz de Lissa, voltando à minha mente. *Recue antes que se meta numa verdadeira encrenca. Discuta depois.*

Foi irônico porque eu estava prestes a explodir e liberar toda a minha fúria. As palavras de Lissa me impediram — mas não por seu conteúdo. Pela própria Lissa. Quando Adrian e eu discutimos os resultados mais cedo, notei uma falha no raciocínio.

— Não foi uma votação justa — declarei. — A votação não foi legítima.

— Agora é advogada, srta. Hathaway? — A rainha se deleitava, e ela ter deixado de usar meu título de guardiã era uma baita falta de respeito. — Se a senhorita se refere ao fato de o voto do monarca ter mais peso do que os outros no Conselho, podemos garantir que há séculos essa é a lei

dos Moroi para situações como essa.

Tatiana olhou para os colegas membros do Conselho, e nenhum deles protestou. Nem mesmo os que votaram contra ela puderam encontrar falhas em seu argumento.

— É, só que nem todo o Conselho votou — falei. — Vocês tiveram uma vaga no Conselho nos últimos anos, mas agora não têm mais. — Me virei e apontei para onde meus amigos estavam sentados. — Vasilisa Dragomir completou dezoito anos e pode preencher a vaga da família dela.

Em meio a todo aquele caos, o aniversário de Lissa havia sido esquecido, até mesmo por mim.

Os olhos do salão se voltaram para Lissa — algo que ela *não* gostou. No entanto, estava acostumada aos olhos do público. Sabia o que se esperava de um membro da realeza, como se apresentar e se portar. Então, em vez de se encolher, se endireitou e olhou para a frente com uma expressão majestosa e tranquila que dizia que ela seria capaz de ir até aquela mesa na mesma hora e exigir seu direito de nascença. Por sua postura magnífica em si ou talvez por um pouco de carisma do espírito, era quase impossível não olhar para ela. Sua beleza tinha a luminosidade de sempre e, ao redor do cômodo, muitos rostos demonstravam a mesma admiração por ela que eu observava na Corte. A transformação de Dimitri ainda era um enigma, mas os que acreditavam nela de fato consideravam Lissa algum tipo de santa. Ela se destacava muito aos olhos das pessoas, tanto pelo sobrenome quanto pelos poderes misteriosos — e agora pela suposta habilidade de recuperar Strigoi.

Presunçosa, olhei de volta para Tatiana.

— Dezoito anos não é a idade legítima para se votar?

Xeque-mate, sua vaca.

— Seria — respondeu ela, animada. — Se os Dragomir tivessem quórum.

Eu não diria que minha vitória formidável tivesse exatamente se desfeito naquele momento, mas sem dúvida havia perdido parte do brilho.

— O quê?

— Quórum. Por lei, para o representante de uma família Moroi ter um voto no Conselho ele precisa ter uma família. E ela não tem. É a única.

Arregalei os olhos, incrédula.

— O quê? Você está dizendo que ela precisa ter um filho para poder votar?

Tatiana fez uma expressão de desagrado.

— Agora, não. É claro. Um dia, tenho certeza. Para uma família ter direito a um voto, ela precisa ser composta de pelo menos dois membros e um deles deve ter mais de dezoito anos. É a lei dos Moroi. Mais uma vez, uma lei que está nos livros há séculos.

Algumas pessoas trocavam olhares confusos e surpresos. Era claro que muitos não estavam familiarizados com aquela lei. Era óbvio que aquela situação — uma linhagem da realeza reduzida a um membro — não tinha precedentes recentes, se é que um dia já havia ocorrido.

— É verdade — disse Ariana Szelsky, relutante. — Li sobre isso.

Está bem, foi *então* que minha vitória atordoante se desfz. Eu confiava na família Szelsky, e Ariana era a irmã mais velha de um cara que minha mãe protegia. Ariana era uma pessoa muito chegada a livros, e como tinha votado contra a redução da idade mínima para se tornar um guardião, era improvável que atestasse aquilo se não fosse verdade.

Sem munição, apelei para os velhos recursos.

— Essa — falei a Tatiana — é a lei mais escrota que já ouvi.

E aquilo bastou. O público se derramou em comentários chocados, e Tatiana deixou de lado

qualquer fingimento de amizade ao qual estivesse agarrando. E superou o arauto em qualquer ordem que ele poderia ter dado.

— Tirem-na daqui! — gritou ela. Apesar do barulho que aumentava depressa, sua voz soou com clareza pelo salão. — Não vamos tolerar esse comportamento vulgar!

Num piscar de olhos, os guardiões já estavam em cima de mim. Para ser sincera, dada a frequência com que eu andava sendo arrastada para fora dos lugares nos últimos tempos, quase havia algo reconfortante e familiar naquilo. Não lutei contra os guardiões enquanto me levavam até a porta, mas também não permiti que me expulsassem sem dizer umas palavras de despedida.

— Você podia alterar a lei do quórum se quisesse, sua vaca falsa! — gritei de volta. — Está distorcendo a lei porque é egoísta e medrosa! Está cometendo o pior erro da sua vida. Vai se arrepender disso! Espere e verá. Vai desejar nunca ter feito isso!

Não sei se alguém ouviu meu discurso impetuoso porque, àquela altura, o salão já havia voltado ao caos de quando entrei ali. Os guardiões — três deles — não me largaram até chegarmos ao lado de fora. Depois de me soltarem, todos nós ficamos parados, sem jeito, por um momento.

— E agora? — perguntei. Tentei manter a raiva longe de minha voz. Ainda estava furiosa e exaltada, mas não era culpa daqueles caras. — Vocês vão me trancar numa cela?

Como isso me levaria de novo até Dimitri, seria quase uma recompensa.

— Disseram apenas para tirar você dali — respondeu um dos guardiões. — Ninguém falou o que era para fazer com você depois disso.

Outro guardião, mais velho e grisalho, mas que ainda parecia feroz, me olhou com ironia.

— Se eu fosse você, sumiria daqui enquanto pode, antes que resolvam puni-la de verdade.

— Não que não consigam encontrá-la se realmente quiserem — acrescentou o primeiro guardião.

Com isso, os três voltaram lá para dentro, me deixando confusa e decepcionada. Meu corpo ainda estava ativado para lutar, e fui tomada pela frustração que experimentava sempre que me deparava com uma situação diante da qual me sentia impotente. Toda aquela gritaria por nada. Eu não tinha conseguido nada.

— Rose?

Emergi de minhas emoções agitadas e olhei para a frente, na direção do prédio. O guardião mais velho não havia entrado e ainda estava parado à porta. Seu rosto era rígido, mas pensei ter visto deleite em seus olhos.

— Se quer saber — disse ele —, acho que você foi fantástica lá dentro.

Eu não estava com muita vontade de sorrir, só que meus lábios me traíram.

— Obrigada — falei.

Bem, talvez eu tivesse conquistado alguma coisa.

Vinte e dois

Não segui o conselho do cara de sair logo dali, mas também não me sentei no degrau da entrada. Fiquei pelos arredores, sob um emaranhado de cerejeiras, imaginando que seria apenas uma questão de tempo até a assembleia terminar e as pessoas brotarem das portas. Depois que passaram muitos minutos e nada aconteceu, deslizei para dentro da cabeça de Lissa e descobri que as coisas ainda transcorriam com força total. Apesar de Tatiana ter declarado duas vezes que a sessão havia terminado, as pessoas continuavam ali, discutindo em grupos.

Tasha estava em um desses grupos com Lissa e Adrian, fazendo um dos fervorosos discursos que costumava fazer tão bem. Ela podia não ser fria e calculista como Tatiana no que dizia respeito a manobras políticas, mas de fato era chegada a agitar o sistema e reconhecia as oportunidades de fazê-lo quando elas surgiam. Era contra o decreto que reduzia a idade mínima para se tornar um guardião. E a favor de ensinar os Moroi a lutar. Não conseguia chegar muito longe com nada daquilo, então passou para o seguinte item mais importante da lista: Lissa.

— Por que estamos discutindo as melhores formas de se matar os Strigoi se podemos salvá-los? — Tasha envolveu Lissa com um dos braços e Adrian com o outro, e levou os dois para a frente. Lissa mantinha o olhar sereno e confiante, mas Adrian parecia pronto para fugir dali se tivesse qualquer oportunidade. — Vasilisa, que, a propósito, de fato tem sua justa voz negada aqui, graças a uma lei arcaica, já mostrou que um Strigoi pode ser trazido de volta.

— Isso ainda não foi provado — exclamou um homem na multidão.

— Você está brincando? — perguntou a mulher ao lado dele. — Minha irmã estava no grupo que o trouxe de volta. Ela disse que o rapaz é mesmo um dampiro. Ele até tomou sol!

Tasha acenou, aprovando o comentário da mulher.

— Eu também estava lá. E agora temos dois usuários do espírito capazes de fazer isso por outros Strigoi.

Por mais que eu respeitasse Tasha, não estava totalmente de acordo com ela nessa questão. A quantidade de poder — sem contar o esforço envolvido em se cravar uma estaca — que Lissa precisou usar em Dimitri era impressionante. Tinha até afetado o laço por um tempo. Isso não significava que ela não fosse capaz de fazer aquilo de novo. Nem que não *quisesse* fazer de novo. Era ingênua e piedosa o bastante para se jogar na linha de fogo e ajudar os outros. Porém, eu sabia que, quanto mais poder um usuário do espírito manejava, mais rápido viajava pela estrada da insanidade.

E Adrian... Bem, ele estava quase descartado ali. Mesmo que quisesse sair cravando estacas em Strigoi, não tinha o tipo de poder de cura necessário para restaurar um — pelo menos não agora. Não era incomum os Moroi usarem seus elementos de formas diferentes. Alguns usuários do fogo, como Christian, tinham a habilidade de controlar a chama em si. Outros podiam usar a magia apenas para, digamos, aquecer o ar de um ambiente. Do mesmo jeito era o poder de Lissa e Adrian com o espírito. O maior triunfo curativo dele era sarar uma fratura, e ela não era capaz de caminhar pelos sonhos, não importava o quanto praticasse.

Então, na verdade, Tasha tinha um usuário do espírito capaz de salvar Strigoi, e esse usuário dificilmente poderia transformar legiões daqueles monstros. Ela parecia reconhecer isso um pouco.

— O Conselho não devia perder tempo com leis sobre redução de idade — prosseguiu ela. — Precisamos empregar nossos recursos em encontrar mais usuários do espírito e recrutá-los para ajudar a salvar os Strigoi. — Ela lançou um olhar para alguém na multidão. — Martin, seu irmão não foi transformado contra a vontade? Com bastante trabalho, poderíamos trazê-lo de volta. Vivo. Tal como você o conhecia. Do contrário, só terá o coração perfurado por uma estaca quando os guardiões o encontrarem. E é claro que, enquanto isso, continuará massacrando inocentes.

É, Tasha era boa. Conseguiu pintar uma boa imagem e quase levou o tal de Martin às lágrimas. Não chegou a mencionar as pessoas que haviam se transformado em Strigoi por vontade própria. Lissa, ainda ao lado dela, não sabia ao certo como se sentia quanto a um exército de usuários do espírito para salvar Strigoi, mas reconhecia tudo aquilo como parte de vários outros planos de Tasha — inclusive o de lutar por seu direito ao voto.

Tasha ressaltou as habilidades e o caráter de Lissa e caçoou de uma lei claramente desatualizada de uma era incapaz de prever aquela situação. Em seguida, argumentou que um Conselho completo, de doze famílias, mandaria uma mensagem sobre a união dos Moroi para os Strigoi de toda parte.

Não quis ouvir mais nada. Deixaria Tasha manejar sua magia política e conversaria com Lissa mais tarde. Ainda estava tão agitada por conta do que havia acontecido, por ter gritado com o Conselho, que não suportava mais ver aquele salão. Saí da mente de Lissa e voltei para a minha. Então, grunhi ao ver um rosto bem diante do meu.

— Ambrose!

Um dos vampiros mais bonitos do planeta — depois de Dimitri, é claro — me deu um sorriso brilhante como o dos astros do cinema.

— Você estava tão imóvel que pensei que estivesse tentando se transformar numa dríade.

Pisquei os olhos.

— Numa o quê?

Ele gesticulou na direção das cerejeiras.

— Espíritos da natureza. Mulheres bonitas que se fundem às árvores.

— Não sei bem se isso foi um elogio — falei. — Mas é bom ver você de novo.

Ambrose era uma verdadeira raridade em nossa cultura: um vampiro que nunca fizera votos de guardião nem fugira para se esconder entre os humanos. As vampiras costumavam escolher não se tornarem guardiãs para se dedicarem a constituir família. Por isso éramos tão raras. Mas os homens? Eles não tinham desculpa, no que dizia respeito à maioria. No entanto, em vez de se esconder, desonrado, Ambrose escolhera ficar e trabalhar para os Moroi de outra maneira. Era essencialmente um criado — um criado de alto nível que servia bebidas em festas da elite e fazia massagem nas mulheres da realeza. Também, se os rumores fossem verdadeiros, satisfazia as necessidades físicas de

Tatiana. Só que aquilo era tão horripilante que logo expulsei a ideia da minha cabeça.

— Digo o mesmo — falou ele. — Mas, se você não está comungando com a natureza, o que *está* fazendo?

— É uma longa história. Meio que fui jogada para fora de uma reunião do Conselho.

Ele parecia impressionado.

— Jogada no sentido literal?

— Arrastada, eu acho. Estou surpresa porque não tenho visto você por aí — refleti. — É claro que ando, humm, distraída esta semana.

— Ouvi dizer — falou ele, me lançando um olhar solidário. — Só que eu estava mesmo fora. Voltei ontem à noite.

— Bem na hora da diversão — resmunguei.

A expressão pura em seu rosto deixou claro que ele ainda não sabia do decreto.

— O que você está fazendo agora? — perguntou. — Isso não parece punição. Sua sentença já acabou?

— Mais ou menos. Estou esperando por alguém. Ia fazer hora no meu quarto.

— Bem, se você está matando o tempo, por que não vamos visitar tia Rhonda?

— Rhonda? — Franzi a testa. — Sem querer ofender, mas sua tia não me impressionou muito com as habilidades dela na última vez.

— Não me ofendo — disse ele, animado. — Acontece que ela anda perguntando por você. E por Vasilisa. Então, se está apenas fazendo hora...

Hesitei. Ele tinha razão. Eu não tinha nada melhor para fazer agora. Estava sem opções entre Dimitri e as resoluções idiotas do Conselho. No entanto, Rhonda — sua tia Moroi cartomante — não era alguém que eu gostaria de rever. Apesar de minhas palavras inconsequentes, a verdade era que, pensando bem, algumas previsões de Rhonda de fato *havi*am se tornado realidade. Só que eu não gostava disso.

— Está bem — falei, tentando parecer entediada. — Que seja rápido.

Ambrose sorriu de novo, como se pudesse ver através do meu fingimento, e me levou para um prédio onde eu estivera uma vez. Ele abrigava um spa e um salão luxuoso, frequentados pelos Moroi da realeza. Lissa e eu fizéramos nossas unhas lá, e enquanto Ambrose e eu atravessávamos aquele lugar a caminho da toca de Rhonda, tive uma sensação estranha e súbita. Manicures e pedicures... pareciam a coisa mais trivial do mundo. Porém, naquele dia, foram maravilhosas. Lissa e eu rimos e nos aproximamos mais... logo antes de a escola ser invadida e tudo desmoronar...

Rhonda previa o futuro num cômodo dos fundos, distante do spa tumultuado. Apesar do ar precário, seu negócio era muito movimentado e ela tinha até a própria recepcionista. Ou, bem, costumava ter. Dessa vez, o balcão estava vazio, e Ambrose me levou direto para a sala de Rhonda. Estava exatamente como antes; era como entrar em um coração. Tudo vermelho: o papel de parede, a decoração e as almofadas que cobriam o chão.

A própria Rhonda estava sentada no chão, tomando iogurte, o que parecia comum demais para alguém que, em tese, tinha poderes místicos. Um cabelo anelado e preto caía como uma cascata por seus ombros, realçando o brilho das argolas douradas em suas orelhas.

— Rose Hathaway — disse ela, feliz, deixando o iogurte de lado. — Que bela surpresa.

— Você não devia ter previsto minha chegada? — perguntei, fingindo falar sério.

Seus lábios arquearam com deleite.

— Não tenho esse poder.

— Me desculpe por interromper o seu jantar — disse Ambrose, gracioso, formando dobras no corpo musculoso ao se sentar. — Mas não é fácil apanhar Rose.

— Imagino que não — disse ela. — Estou impressionada por você tê-la trazido. O que posso fazer por você hoje, Rose?

Dei de ombros e me esparramei ao lado de Ambrose.

— Não sei. Só estou aqui porque Ambrose me convenceu a vir.

— Ela não gostou muito da sua última previsão — falou ele.

— Ei! — Lancei um olhar de censura para ele. — Não foi bem isso o que eu disse.

Na última vez, Lissa e Dimitri estavam comigo. As cartas do tarô de Rhonda mostraram Lissa coroada com poder e luz — nenhuma surpresa. Rhonda dissera que Dimitri perderia o que mais valorizava, e ele perdeu mesmo: a alma. E eu? Rhonda revelara apenas que eu mataria os mortos-vivos. Zombei daquilo, pois sabia que tinha uma vida inteira pela frente para matar Strigoi. Agora, eu me perguntava se com “mortos-vivos” ela se referia à parte Strigoi de Dimitri. Apesar de eu não ter cravado a estaca, sem dúvida havia desempenhado o papel principal.

— Talvez outra previsão dê mais sentido à anterior — ofereceu ela.

Minha mente elaborava outra piada sobre fraudes psíquicas, e por isso foi tão impressionante quando minha boca disse:

— Esse é o problema. A anterior *fez* sentido. Tenho medo... Tenho medo do que mais as cartas vão mostrar.

— Elas não fazem o futuro — disse Rhonda com delicadeza. — Se alguma coisa tiver que acontecer, vai acontecer, não importa o que você vê aqui. E mesmo assim... Bem, o futuro está sempre mudando. Se não tivéssemos escolhas, não faria sentido viver.

— Agora, sim — falei, impertinente. — Esse é o tipo de resposta vaga de cigana que eu esperava.

— *Romani* — corrigiu ela. — E não cigana. — Apesar do meu comentário irritante, Rhonda ainda parecia estar de bom humor. Posturas tranquilas deviam ser típicas da família deles. — Você quer as cartas ou não?

Será que eu queria? Ela tinha razão quanto a uma coisa: o futuro se desdobraria se eu as visse ou não. E mesmo que elas o mostrassem, eu não devia entendê-lo até que tudo acontecesse.

— Está bem — falei. — Só por diversão. Quero dizer, na última vez você deve ter adivinhado por sorte.

Rhonda revirou os olhos, mas não disse nada enquanto embaralhava as cartas do tarô. Ela o fazia com tanta precisão que pareciam se mexer por conta própria. Quando parou, por fim, me entregou o monte para eu cortar. Fiz isso, e ela o juntou de novo.

— Na outra vez, interpretamos três cartas — disse ela. — Temos tempo para fazer mais se você quiser. Cinco, talvez?

— Quanto mais, maiores as chances de alguma coisa ser explicada.

— Se você não acredita nelas, isso não deveria ser um problema.

— Então está bem. Cinco.

Rhonda ficou séria ao pôr as cartas; seus olhos as estudavam com cuidado. Duas saíram de cabeça para baixo. Não interpretei aquilo como um bom sinal. Na última vez, aprendi que podiam parecer cartas felizes... Bem, nem tão felizes.

A primeira foi o dois de copas, que mostrava um homem e uma mulher juntos em um gramado,

repleto de flores, e o sol brilhando acima deles. Naturalmente, estava de cabeça para baixo.

— Copas tem a ver com os sentimentos — explicou Rhonda. — O dois de copas mostra uma união, um amor perfeito, um florescer de alegrias. Mas, como está invertido...

— Quer saber? — interrompi. — Acho que já entendi isso. Pode pular essa. Tenho uma boa ideia do que quer dizer.

Poderia muito bem ser Dimitri e eu naquela carta; o coração vazio, cheio de dor... Eu não queria de jeito nenhum ouvir Rhonda analisar o que já partia meu coração.

Então, ela passou para a carta seguinte: a rainha de espadas, também de cabeça para baixo.

— Cartas como essa se referem a pessoas específicas — disse Rhonda. A rainha de espadas parecia muito imperiosa, com um cabelo castanho-avermelhado e um manto prateado. — A rainha de espadas é inteligente. Ela aprecia o conhecimento, pode ser mais esperta do que seus inimigos e é ambiciosa.

Suspirei.

— Mas de cabeça para baixo...

— De cabeça para baixo — disse Rhonda —, todas essas características são distorcidas. Ela ainda é esperta, ainda tenta fazer o que quer... mas faz isso com falsidade. Há muita hostilidade e enganação aqui. Eu diria que você tem um inimigo.

— É — falei, olhando para a coroa. — Acho que posso imaginar quem. Acabo de chamá-la de vaca falsa.

Rhonda não comentou nada e passou para a carta seguinte. Ela estava na posição certa, mas meio que desejei que não estivesse. Mostrava várias espadas enfiadas no chão com uma mulher vendada e amarrada a uma delas. Oito de espadas.

— Ah, qual é? — exclamei. — Por que tenho esse problema com espadas? Você me deu uma tão deprimente quanto essa na última vez.

Havia sido uma mulher chorando diante de um muro de espadas.

— Aquela era o nove de espadas — concordou ela. — Sempre pode ser pior.

— É difícil acreditar nisso.

Ela pegou o resto do baralho, passou por ele depressa e por fim puxou uma carta. O dez de espadas.

— Você poderia ter tirado esta.

Mostrava um cara deitado no chão com várias espadas atravessando seu corpo.

— Retiro o que disse — falei. Ambrose deu uma risadinha do meu lado. — O que o oito quer dizer?

— O oito está preso. Incapaz de sair de uma situação. Também pode significar calúnia ou acusação. Invocando coragem para escapar de alguma coisa.

Olhei de novo para a rainha, pensando no que havia dito na sala do Conselho. Aquilo sem dúvida contaria como acusação. E quanto a estar presa? Bom, sempre havia a possibilidade de uma vida inteira arquivando papelada...

Suspirei.

— Está bem, qual é a próxima?

Aquela parecia melhor: seis de espadas. Um bando de pessoas num barco, remando sobre as águas iluminadas pela lua.

— Uma viagem — disse ela.

— Acabo de voltar de uma. De algumas. — Olhei para Rhonda, desconfiada. — Cara, não é, tipo, alguma viagem espiritual, é?

Ambrose riu de novo.

— Rose, eu queria que você viesse consultar as cartas todos os dias.

Rhonda o ignorou.

— Se fosse de copas, talvez. Mas as espadas são tangíveis. Ação. Uma viagem de verdade. E curta.

Para onde na face da Terra eu iria? Será que queria dizer que eu viajaria para a Escola como Tatiana havia sugerido? Ou seria possível que, apesar de ter quebrado tantas regras e chamado sua alteza real de alguns nomes, eu receberia uma missão, afinal? Uma missão longe da Corte?

— Talvez você esteja procurando alguma coisa. Pode ser uma viagem física misturada com uma espiritual — disse ela, o que me pareceu uma forma de tirar o seu totalmente da reta. — Esta última... — Suas sobrancelhas se juntaram quando ela franziu a testa ao ver a quinta carta. — Esta está oculta para mim.

Dei uma espiada.

— O valete de copas. Para mim, é óbvio. Um valete com, humm, copas.

— Costumo ter uma visão clara... As cartas falam comigo sobre como se conectam. Esta não está clara.

— Só não está claro se é uma menina ou um menino.

A pessoa da carta era jovem, mas tinha um cabelo e um rosto andrógino que nos impossibilitava determinar o sexo. A túnica e a calça azul não ajudavam, embora o campo ensolarado ao fundo fosse promissor.

— Pode ser os dois — disse Rhonda. — É a menor na variedade de cartas que representam pessoas em cada naipe: rei, rainha, cavaleiro e valete. Quem quer que seja, é alguém confiável e criativo. Otimista. Pode ser alguém que vai viajar com você. Ou talvez o motivo de sua viagem.

Qualquer otimismo ou verdade que eu obtivesse nas cartas desapareceram com aquilo. Como Rhonda havia dito que podia ser umas cem coisas diferentes, não levei a sério. Ela costumava notar meu ceticismo, mas sua atenção ainda estava voltada para a carta; e sua testa, franzida.

— Só que não consigo dizer... Tem uma névoa ao redor dessa carta. Por quê? Não faz sentido.

Algo na confusão de Rhonda fez um calafrio percorrer minha espinha. Eu sempre disse a mim mesma que aquilo era fraude, mas se ela inventava tudo... Bem, não teria inventado alguma coisa sobre o valete de copas? Não seria um teatro muito convincente se a última carta fizesse Rhonda questionar a si mesma. A possibilidade de haver uma força mística por ali, bloqueando-a, fez minha postura cética aos poucos dar lugar à moderação.

Depois de suspirar, ela olhou para a frente, enfim.

— Lamento. É tudo que tenho a dizer. O restante ajudou?

Dei uma olhada nas cartas. Um coração partido. Um inimigo. Acusações. Armadilha. Viagem.

— Algumas me dizem coisas que já sei. O resto me deixa com mais dúvidas.

Ela sorriu, como quem compreendia.

— É assim que costuma ser.

Agradei a Rhonda pela previsão, no fundo satisfeita por não ter precisado pagar por ela. Ambrose me acompanhou até a saída, e tentei me livrar do humor que a leitura de Rhonda havia deixado em mim. Já tinhas problemas suficientes na vida sem permitir que algumas cartas me incomodassem.

— Você vai ficar bem? — perguntou ele quando por fim chegamos do lado de fora. O sol estava

mais alto. A Corte Real iria para a cama em breve, encerrando o que havia sido um dia turbulento. — Eu... Eu não teria trazido você aqui se soubesse o quanto isso iria preocupá-la.

— Não, não — falei. — Não são as cartas. Não exatamente. Há várias outras coisas acontecendo... E uma delas você precisa saber.

Eu não quis tocar no assunto do decreto quando nos encontramos, mas, como vampiro, ele tinha o direito de saber o que havia acontecido. Seu rosto permaneceu impassível enquanto eu falava, a não ser por aqueles olhos castanho-escuros, que se arregalavam cada vez mais, à medida que a história evoluía.

— Há algum engano — disse ele, por fim. — Não fariam isso. Não fariam isso com adolescentes de dezesseis anos.

— É, bom, também achei que não, mas falavam sério o bastante para me botar para fora quando, humm, questionei.

— Dá para imaginar o seu “questionamento”. Tudo o que isso vai fazer é com que mais vampiros deixem de ser guardiões... a menos que, é claro, por esses adolescentes serem tão jovens, eles estejam mais abertos à lavagem cerebral.

— É um assunto meio delicado para você, não é? — perguntei.

Afinal, Ambrose também deixara de ser um guardião.

Ele balançou a cabeça.

— Permanecer nessa sociedade era quase impossível para mim. Se algum desses garotos desistir de ser guardião, não terá os amigos poderosos que tive. Será banido. É o que vai acontecer. Massacrar esses adolescentes ou arrancá-los da sua própria gente.

Me perguntei que amigos poderosos ele tivera, mas não era a hora de saber mais sobre a história de sua vida.

— Bem, aquela vaca da realeza não parece se importar.

O olhar pensativo e distraído de repente se tornou penetrante.

— Não a chame assim — alertou ele, me encarando. — A culpa não é dela.

Espere aí. Que surpresa. Nunca tinha visto o sexy e carismático Ambrose ser outra coisa que não amigável.

— É claro que a culpa é dela. Estamos falando da suprema governadora dos Moroi, lembra?

Sua carranca se intensificou.

— O Conselho também votou. Ela não fez isso sozinha.

— É, mas votou *a favor* desse decreto. Influenciou na votação.

— Deve ter tido um motivo. Você não a conhece como eu conheço. Ela não ia querer esse tipo de coisa.

Já ia perguntar se ele estava fora de si, mas parei quando me lembrei de seu relacionamento com a rainha. Os rumores sobre o romance me davam ânsia de vômito. Porém, se fossem verdadeiros, imaginei que sua preocupação seria legítima. Também concluí que devia ser melhor eu *não* conhecê-la como ele conhecia. As marcas de mordida em seu pescoço na certa indicavam algum tipo de atividade íntima.

— O que quer que haja entre vocês é problema seu — falei com calma —, mas ela usou isso para enganá-lo, para convencê-lo de que é alguém que não é. Fez isso comigo também, e caí nessa. Tudo não passa de um golpe.

— Não acredito — falou ele, ainda com o rosto rígido. — Como rainha, ela se vê em todo tipo

de situação complicada. Deve haver mais por trás disso. Ela vai mudar o decreto. Tenho certeza.

— Como rainha — falei, imitando seu tom —, ela devia ter a capacidade de...

Minhas palavras morreram quando uma voz falou na minha cabeça. Era a voz de Lissa.

Rose, você vai querer ver isso. Mas tem que prometer que não vai causar nenhum problema.

Lissa me mandou um endereço, junto com uma sensação de urgência.

A dureza nos olhos de Ambrose deu lugar à preocupação.

— Você está bem?

— Eu... É. Lissa precisa de mim. — Suspirei. — Escute, não quero brigar com você, está bem? É

óbvio que temos opiniões diferentes sobre a situação... mas acho que nós dois concordamos no ponto principal.

— Que essas crianças não devem ser mandadas para a morte? É, podemos concordar nisso. —

Hesitantes, sorrimos um para o outro, e a raiva entre nós se desfez. — Vou conversar com ela, Rose.

Descubro a verdadeira história e aviso você, tudo bem?

— Tudo bem. — Era difícil acreditar que alguém poderia de fato ter uma conversa sincera com

Tatiana, mas, de novo, devia haver mais no relacionamento dos dois do que eu imaginava. —

Obrigada. Foi bom ver você.

— Igualmente. Agora vá. Vá até Lissa.

Ninguém precisava me apressar. Junto com a sensação de urgência, Lissa havia mandado outro recado pelo laço que me fez voar: *É sobre Dimitri.*

Vinte e três

Não precisei do laço para encontrar Lissa. A multidão me mostrou onde ela — e Dimitri — estavam.

Minha primeira impressão foi a de que havia algum tipo de apedrejamento ou motim medieval. Então me dei conta de que as pessoas de pé ali apenas observavam. Abri caminho em meio a elas, sem me importar com os olhares feios que recebi, até chegar à primeira fila de espectadores. O que vi me fez parar.

Lissa e Dimitri se encontravam lado a lado em um banco, e três Moroi e — quem diria? — Hans estavam de frente para eles. Guardiões permaneciam de pé, espalhados ao redor dos dois, tensos e prontos para agir se as coisas saíssem mal, ao que parecia. Antes de ouvir uma palavra sequer, eu já sabia o que estava acontecendo. Tratava-se de um interrogatório, uma investigação para determinar o que Dimitri era exatamente.

Em grande parte das circunstâncias, aquele seria um lugar estranho para uma investigação formal. Se encontravam, por ironia do destino, em um dos jardins nos quais Eddie e eu tínhamos trabalhado, à sombra da estátua da rainha jovem. A igreja da Corte ficava ali perto. Aquele gramado não era bem um solo sagrado, mas estava perto da igreja o bastante para que as pessoas corressem até lá em caso de emergência. Os crucifixos não machucavam os Strigoi, só que eles não conseguiam entrar em igrejas, mesquitas nem em qualquer outro lugar sagrado. Ali e sob o sol da manhã, eram o lugar e a hora mais seguros que os oficiais imaginaram para interrogar Dimitri.

Reconheci um dos interrogadores Moroi, Reece Tarus. Ele era parente de Adrian por parte de mãe, mas também havia se manifestado a favor do decreto sobre a idade. Então, passei a desgostar dele no mesmo instante, ainda mais agora, levando-se em conta o tom arrogante com que se dirigia a Dimitri.

— O sol cega você? — perguntou Reece.

Ele tinha uma prancheta na mão e parecia passar por uma lista de verificação.

— Não — respondeu Dimitri, com uma voz tranquila e controlada.

Sua atenção se voltava para os interrogadores. Ele não fazia ideia de que eu estava ali, e meio que gostei de ter sido assim. Só queria olhar para ele por um momento e admirar seus traços.

— E se você encarar o sol?

Dimitri hesitou, e não sei ao certo se alguém além de mim viu o brilho em seus olhos — ou

percebeu o que aquilo queria dizer. A pergunta era idiota, e acho que — talvez, apenas talvez — Dimitri quisesse dar uma gargalhada. Com a habilidade de sempre, ele manteve a compostura.

— Qualquer um se cegaria se encarasse o sol por tempo bastante — respondeu ele. — Eu sentiria o mesmo que qualquer outra pessoa.

Reece pareceu não gostar da resposta, mas não havia falhas no raciocínio. Ele pressionou os lábios um no outro e passou para a pergunta seguinte.

— O sol esquenta sua pele?

— No momento, não.

Lissa olhou para a multidão e me viu. Não podia me sentir como eu a sentia através do laço, mas às vezes parecia ter uma misteriosa percepção de quando eu estava por perto. Acho que sentia minha aura quando eu ficava perto o bastante, já que todos os usuários do espírito alegavam que o campo de luz em torno dos beijados pelas sombras era muito característico. Ela deu um pequeno sorriso para mim antes de se voltar para o interrogatório.

Dimitri, sempre vigilante, notou o leve movimento de Lissa. Tentou descobrir o que havia chamado a atenção dela, me viu e vacilou um pouco na pergunta seguinte de Reece, que era:

— Você já observou se seus olhos ficam vermelhos de vez em quando?

— Eu... — Dimitri me encarou por vários momentos e então virou a cabeça de novo para Reece. — Não tenho tido acesso a espelhos. Mas acho que meus guardas teriam notado, e nenhum deles disse nada.

Ali perto, um dos guardiões fez um pequeno ruído. Mal conseguia manter o rosto sério, e acho que também queria rir da ridícula linha de perguntas. Eu não me lembrava de seu nome, mas, no tempo que passei na Corte, muito antes, ele e Dimitri conversavam e riam bastante quando estavam juntos. Se um velho amigo começava a acreditar que Dimitri era um dampiro de novo, isso só podia ser um bom sinal.

O Moroi ao lado de Reece olhou ao redor, tentando descobrir de onde o barulho tinha vindo, mas não concluiu nada. O interrogatório continuou e dessa vez tinha a ver com a possibilidade de Dimitri entrar na igreja se lhe pedissem isso.

— Posso ir agora mesmo — respondeu ele. — E vou à missa amanhã se vocês quiserem.

Reece fez outra anotação, sem dúvida se perguntando se conseguiria que o padre encharcasse Dimitri com água benta.

— Tudo isso é uma distração — disse uma voz familiar no meu ouvido. — Fumaça e espelhos, como a tia Tasha fala.

Agora Christian estava de pé, ao meu lado.

— Tem que ser feito — murmurei de volta. — Precisam ver que ele não é mais um Strigoi.

— É, mas mal assinaram a lei da idade. A rainha deu permissão para seguir em frente com as investigações logo que a sessão do Conselho foi encerrada porque isso é sensacional e chama a atenção das pessoas para algo novo. Foi assim que finalmente conseguiram esvaziar o salão. “Ei, vão ver o espetáculo do palco ao lado!”

Quase dava para ouvir Tasha dizer aquilo, palavra por palavra. De um jeito ou de outro, havia verdade naquele comentário. Me senti em conflito. Queria ver Dimitri livre. Queria que ele fosse como antes. No entanto, não apreciava o fato de Tatiana fazer aquilo em seu próprio benefício político e não por realmente se importar com o que era certo. Talvez aquele fosse o acontecimento mais monumental em nossa história. Precisava ser tratado como tal. O destino de Dimitri não devia

ser um conveniente “espetáculo de palco secundário” para fazer com que todos parassem de prestar atenção a uma lei injusta.

Agora, Reece pedia tanto a Lissa quanto a Dimitri para descrever em detalhes o que haviam vivenciado na noite do ataque. Tive a sensação de ser algo que os dois recontavam bastante. Apesar de Dimitri, até então, ter sido um exemplo de compostura que não ameaçava, eu ainda percebia aquele sentimento pesado vindo dele, a culpa e a tormenta pelo que fizera enquanto Strigoi. No entanto, quando se virou para ouvir a versão de Lissa da história, seu rosto se iluminou, maravilhado. Com admiração. Adoração.

Um ciúme me percorreu. Os sentimentos de Dimitri não eram românticos, mas não importava. O que importava era que ele tinha me rejeitado e a considerava a melhor coisa do mundo. Havia dito para eu nunca mais falar com ele de novo e jurado que faria tudo por ela. Mais uma vez, tive aquela sensação petulante de ter sido injustiçada. Me recusava a acreditar que ele não seria mais capaz de me amar. Não era possível, não depois do que passáramos juntos. Não depois de tudo que sentíramos um pelo outro.

— Os dois me parecem muito íntimos — observou Christian com um tom de desconfiança na voz.

Não tive tempo para dizer que suas preocupações eram descabidas porque queria ouvir o que Dimitri tinha a dizer.

Para os outros, era difícil acompanhar a história de sua transformação, em grande parte porque ainda compreendiam mal o espírito. Reece arrancou dos dois o máximo de informações que conseguiu e, em seguida, passou a palavra a Hans. Este, sempre prático, não sentiu necessidade de um interrogatório extenso. Era um homem de atitudes e não de palavras. Pegou uma estaca com uma das mãos e pediu para que Dimitri a tocasse. Os guardiões ali parados se retesaram. Deviam se preocupar com a possibilidade de Dimitri tentar agarrar a estaca e sair atacando os outros.

Em vez disso, ele estendeu a mão com calma e segurou a ponta da estaca por alguns instantes. Muitos prenderam a respiração enquanto esperavam que ele gritasse de dor, já que os Strigoi não podiam tocar na prata encantada. Dimitri, porém, parecia apenas entediado.

Então, impressionou todo mundo. Recolheu a mão e mostrou o antebraço, voltado para Hans. Com o dia ensolarado, Dimitri usava uma camisa, e a pele daquela região estava exposta.

— Me corte com a estaca — disse ele a Hans.

Hans arqueou uma das sobrancelhas.

— Cortá-lo com isso irá machucá-lo, não importa o que você seja.

— Seria insuportável se eu fosse um Strigoi — argumentou Dimitri. Havia dureza e determinação em seu rosto. Aquele era o Dimitri que eu vira em batalha, o Dimitri que nunca recuava. — Faça isso. Não pegue leve comigo.

Hans não reagiu de imediato. Era claro que as coisas tomavam um rumo inesperado. Uma decisão acabou perpassando por suas feições, e ele atacou, enfiando a ponta da estaca na pele de Dimitri. Como este havia pedido, Hans não pegou leve. A ponta penetrou fundo, derramando sangue. Vários Moroi que não estavam acostumados a ver sangue (a não ser ao tomá-lo) prenderam o fôlego diante da violência. Como se fôssemos um, todos nós nos inclinamos para a frente.

O rosto de Dimitri mostrava que ele de fato sentia dor, mas a prata encantada cravada em um Strigoi não machucaria apenas — queimaria. Eu já tinha cortado vários Strigoi com estacas e ouvido seus gritos de agonia. Dimitri fez uma careta e mordeu o lábio enquanto o sangue transbordava em

seu braço. Juro que havia um orgulho em seus olhos por sua habilidade de permanecer forte perante aquilo.

Quando se tornou óbvio que Dimitri não começaria a se debater, Lissa se virou para ele. Senti suas intenções. Ela queria curá-lo.

— Espere — disse Hans. — Um Strigoi se curaria disso em poucos minutos.

Eu tinha que dar crédito a Hans. Ele havia feito dois testes em um. Dimitri olhou para ele, agradecido, e Hans fez um leve aceno em retribuição. Ele acreditava, como percebi. Apesar de suas falhas, de fato considerava Dimitri um dampiro de novo. Eu o amaria para sempre por conta disso, não importava o tanto de papelada que me obrigasse a arquivar.

Então, todos nós permanecemos ali, vendo o pobre Dimitri sangrando. Era meio nojento, na verdade, mas o teste funcionou. Ficou óbvio para todos que o corte não iria a lugar algum. Por fim, Lissa recebeu permissão para curá-lo, e isso provocou uma reação ainda maior na multidão. Murmúrios maravilhados me rodearam, e os rostos das pessoas exibiam olhares de adoração à deusa.

Reece olhou para a multidão.

— Alguém tem alguma pergunta para complementar as nossas?

Ninguém disse nada. Todos haviam emudecido diante do que viam.

Bem, alguém precisava dar um passo à frente. Literalmente.

— Eu tenho — falei, me aproximando.

Não, Rose, implorou Lissa.

Dimitri mostrava um olhar tão descontente quanto o dela. Na verdade, quase todos os sentados perto dele mostravam. Quando Reece me encarou, tive a sensação de que me via no salão do Conselho de novo, chamando Tatiana de vaca falsa. Pus as mãos na cintura, sem me importar com o que pensavam. Era a minha chance de forçar Dimitri a me reconhecer.

— Quando você *era* um Strigoi — comecei, deixando claro que acreditava que aquilo fosse passado —, tinha muitos contatos. Conhecia o paradeiro de vários Strigoi na Rússia e nos Estados Unidos, não é?

Dimitri me olhou com cuidado, tentando descobrir aonde eu queria chegar.

— É.

— Você ainda sabe onde eles estão?

Lissa franziu a testa. Pensou que eu iria comprometer Dimitri sem querer, sugerindo que ele ainda mantinha contato com outros Strigoi.

— Sei — disse ele. — A não ser que tenham se mudado.

A resposta veio mais depressa dessa vez. Eu não sabia ao certo se ele teria adivinhado minha tática ou se apenas confiava que a lógica da Rose levaria a algum lugar útil.

— Você compartilharia essas informações com os guardiões? — perguntei. — Nos revelaria todos os esconderijos dos Strigoi para que possamos ir atrás deles?

Aquilo provocou uma reação. A iniciativa de procurar Strigoi era tão discutida quanto as outras questões de agora, com opiniões fortes de ambos os lados. Ouvi essas opiniões sendo reiteradas atrás de mim, na multidão. Alguns diziam que eu sugeria suicídio enquanto outros consideravam que tínhamos uma ferramenta valiosa.

Os olhos de Dimitri se iluminaram. Não era o olhar de adoração que ele costumava dar a Lissa, mas não me importei. Se parecia com os que costumávamos compartilhar nos momentos em que nos compreendíamos com tanta perfeição que nem precisávamos dar voz aos pensamentos. Essa

ligação se irradiou entre nós, assim como sua aprovação — e gratidão.

— Sim — respondeu ele, em voz alta e forte. — Posso revelar tudo que sei sobre os planos e a localização dos Strigoi. Eu os enfrentaria com vocês ou ficaria para trás. Faço o que vocês quiserem.

Hans se inclinou para a frente em sua cadeira com uma expressão ávida.

— Isso seria inestimável.

Mais pontos para Hans. Ele era a favor de atacarmos os Strigoi antes que viessem até nós.

Reece enrubesceu — ou talvez fosse apenas o sol. Ao se esforçarem para ver se Dimitri se queimaria sob a luz, os Moroi se expunham ao desconforto.

— Agora, espere aí — exclamou Reece, encobrindo o barulho cada vez maior. — Nunca apoiamos uma estratégia como essa. Além do mais, ele poderia mentir...

Seus protestos foram interrompidos por um grito de mulher. Um menininho Moroi que não passava dos seis anos surgiu de repente da multidão e veio em nossa direção. Fora sua mãe quem havia gritado. Me mexi para detê-lo e o agarrei pelo braço. Não tive medo de que Dimitri o machucasse, apenas que a mãe do menino sofresse um ataque do coração. Ela se aproximou com uma gratidão no rosto.

— Tenho umas perguntas — disse o menino com uma vozinha, obviamente tentando ser corajoso.

A mãe tentou impedi-lo, mas ergui uma das mãos.

— Espere um momento. — Me abaixei e sorri para ele. — O que você quer perguntar? Vá em frente. — Atrás do menino, o medo reluzia no rosto da mãe, e ela lançou um olhar ansioso para Dimitri. — Não vou deixar nada acontecer com ele — sussurrei.

Embora ela não tivesse como saber que eu conseguiria isso, permaneceu onde estava.

Reece revirou os olhos.

— Isso é ridíc...

— Se você é um Strigoi — interrompeu o menino em voz alta —, então, por que não tem chifres? Meu amigo Jeffrey disse que os Strigoi têm chifres.

Os olhos de Dimitri se voltaram não para o menino, mas para mim, por um momento. Mais uma vez, aquela centelha de cumplicidade brilhou entre nós. Então, com uma expressão tranquila e séria, Dimitri se virou para o menino e respondeu:

— Os Strigoi não têm chifres. E mesmo que tivessem, isso não importaria porque não sou um deles.

— Os Strigoi têm olhos vermelhos — expliquei. — Os olhos dele são vermelhos?

O menino se inclinou para frente.

— Não. São castanhos.

— O que mais você sabe sobre os Strigoi? — perguntei.

— Eles têm presas, como nós — respondeu o menino.

— Você tem presas? — perguntei a Dimitri com uma voz cantarolada.

Tive a impressão de que aquilo já havia sido discutido, mas o assunto assumia um novo tom ao ser questionado sob a perspectiva de uma criança.

Dimitri deu um sorriso — largo e maravilhoso que me pegou desprevenida. Esse tipo de sorriso era tão raro nele. Mesmo feliz ou divertido, ele costumava dar apenas um meio sorriso. Aquele era genuíno, mostrava todos os seus dentes, que eram tão planos quanto os de qualquer outro humano ou vampiro. Nada de presas.

O menino ficou impressionado.

— Está bem, Jonathan — disse a mãe, ansiosa. — Você já perguntou. Agora vamos.

— Os Strigoi são superfortes — continuou Jonathan, que devia desejar ser advogado quando crescesse. — Nada pode machucar os Strigoi. — Não me dei ao trabalho de corrigi-lo, com receio de que ele quisesse ver uma estaca cravada no coração de Dimitri. Na verdade, me surpreendia o fato de Reece ainda não ter pedido isso. Jonathan lançou um olhar penetrante para Dimitri. — *Você é superforte? Pode se machucar?*

— Claro que posso — respondeu Dimitri. — Sou forte, mas todo tipo de coisa pode me machucar.

E então, sendo Rose Hathaway, eu disse algo que não devia ter dito ao menino:

— Você devia ir até lá e dar um soco nele para descobrir isso.

A mãe de Jonathan gritou de novo, mas o danadinho era ágil e se esquivou de suas mãos. Ele correu até Dimitri antes que alguém pudesse detê-lo — bem, eu poderia tê-lo feito — e bateu com o punho minúsculo em seu joelho.

Então, com os mesmos reflexos que lhe permitiam se esquivar de ataques inimigos, Dimitri fingiu cair para trás no mesmo instante, como se Jonathan o tivesse derrubado. Levando a mão ao joelho, Dimitri gemeu, como sentisse uma dor horrível.

Várias pessoas gargalharam e, àquela altura, um dos outros guardiões já tinha pegado Jonathan e o devolvido para a mãe quase histérica. Enquanto era arrastado, ele olhou por cima dos ombros para Dimitri.

— Ele não parece muito forte. Acho que não é um Strigoi.

Aquilo provocou mais gargalhadas, e o terceiro interrogador Moroi, que havia permanecido quieto, bufou e se levantou da cadeira.

— Já vi tudo de que preciso. Não acho que ele deva andar por aí desacompanhado, mas não é um Strigoi. Deem a ele um lugar de verdade para ficar e apenas o mantenham sob vigilância até que as próximas decisões sejam tomadas.

Reece ficou de pé, apressado.

— É que...

O homem gesticulou para que ele se calasse.

— Não perca mais tempo. Está quente, e quero ir para a cama. Não estou dizendo que compreendo o que aconteceu, mas esse é o menor de nossos problemas no momento, com metade do Conselho querendo arrancar a cabeça da outra metade por causa do decreto sobre a idade. Na pior das hipóteses, o que vimos hoje é bom. Um milagre, até. Pode mudar a forma como vivemos. Vou relatar isso à sua Majestade.

E assim, o grupo começou a se dispersar, mas alguns rostos se mostravam maravilhados. Eles também começavam a perceber que, se o que havia acontecido com Dimitri fosse real, tudo que sempre soubemos sobre os Strigoi estaria prestes a mudar. Os guardiões permaneceram com Dimitri, é claro, e ele e Lissa se levantaram. Imediatamente, seguiu em direção aos dois, ávida para desfrutar de nossa vitória. Quando foi “derrubado” pelo minúsculo punho de Jonathan, Dimitri tinha sorrido para mim, e meu coração havia disparado. Naquele instante, eu soube que estava certa. Ele ainda sentia alguma coisa por mim. Agora, porém, num piscar de olhos, aquela harmonia havia desaparecido. Ao me ver dar alguns passos em sua direção, Dimitri adotou uma expressão fria, se fechando de novo.

Rose, disse Lissa através do laço. Vá embora agora. Deixe Dimitri em paz.

— Vou o caramba — falei, respondendo em voz alta e me virando para ele. — Acabo de acelerar

seu processo.

— Estávamos indo bem sem você — disse Dimitri com dureza.

— Ah, é? — Não pude acreditar no que ouvi. — Você me pareceu bastante agradecido há alguns minutos, quando tive a ideia de você nos ajudar contra os Strigoi.

Dimitri se virou para Lissa. Sua voz era baixa, mas chegou até mim.

— Não quero falar com ela.

— Você tem que falar! — exclamei. Algumas pessoas que estavam de saída pararam para ver sobre o que era o tumulto. — Não pode me ignorar.

— Faça com que ela vá embora — rugiu Dimitri.

— Não vou...

ROSE!

Lissa gritou na minha cabeça, me fazendo calar. Aqueles olhos jade penetrantes me encararam. *Você quer ajudá-lo ou não? Ficar aqui e gritar com ele vai deixá-lo ainda mais triste! É isso o que você quer? Quer que as pessoas vejam isso? Que o vejam perder a cabeça e gritar de volta para que você não se sinta invisível? Elas precisam vê-lo calmo. Precisam vê-lo... normal. É verdade — você acabou de ajudar. Mas se não for embora agora, pode estragar tudo.*

Encarei os dois, chocada, com o coração disparado. Todas aquelas palavras haviam sido ditas na minha mente, só que Lissa poderia muito bem ter vindo até mim e me dado a bronca em voz alta. Meu humor piorou ainda mais. Eu queria ter uma discussão exaltada com os dois, mas a verdade das palavras de Lissa penetrou em mim, atravessando minha ira. Fazer uma cena não ajudaria Dimitri. Era justo eles me mandarem embora? Era justo os dois se unirem e ignorarem o que eu havia feito poucos minutos antes? Não. Porém, eu não iria deixar meu orgulho ferido estragar o que tinha acabado de conquistar. As pessoas precisavam aceitar Dimitri.

Lancei olhares para os dois que deixavam meus sentimentos bem claros e então saí, furiosa como uma tempestade. Os sentimentos de Lissa logo se tornaram solidários através do laço, mas os bloqueei. Não queria ouvir aquilo.

Eu mal havia deixado os arredores da igreja quando me deparei com Daniella Ivashkova. O suor começava a borrar sua bela maquiagem, o que me fez pensar que ela estivesse ali havia algum tempo, que também tivesse assistido ao espetáculo de Dimitri. Daniella parecia estar em companhia de algumas amigas, que se mantiveram distantes, conversando entre si, quando ela parou diante de mim. Engoli minha raiva e, lembrando a mim mesma que ela não tinha feito nada para me irritar, forcei um sorriso.

— Oi, lady Ivashkova.

— Daniella — disse ela com gentileza. — Nada de títulos.

— Me desculpe. Isso ainda é estranho para mim.

Ela acenou em direção ao lugar de onde Dimitri e Lissa saíam com os guardiões dele.

— Vi você ali, agora mesmo. Acho que ajudou no caso dele. O pobre Reece ficou muito desconcertado.

Me lembrei de que Reece era parente dela.

— Ah... Me desculpe. Não tive a intenção de...

— Não se desculpe. Reece é meu tio, mas, nesse caso, acredito no que Vasilisa e o sr. Belikov estão dizendo.

Apesar de Dimitri ter me deixado muito nervosa, meus instintos lamentaram o fato de seu título

de guardião não ter sido usado. No entanto, dava para perdoá-la, levando sua postura em conta.

— Você... Você acredita que Lissa o curou? Que os Strigoi podem ser restaurados?

Eu começava a perceber que muitas pessoas acreditavam naquilo. A multidão havia acabado de demonstrar isso, e Lissa ainda conquistava devotos e seguidores. De alguma forma, minha linha de raciocínio tendia a supor que todos os membros da realeza estivessem contra mim. O sorriso de Daniella se tornou irônico.

— Meu próprio filho é usuário do espírito. Desde que aceitei isso, tive que aceitar várias outras coisas que eu não acreditava que fossem possíveis.

— Imagino que sim — admiti.

Mais adiante, notei um Moroi parado perto de algumas árvores. Às vezes, seus olhos pairavam sobre nós, e eu podia jurar que já o havia visto antes. As palavras seguintes de Daniella atraíram minha atenção de volta para ela.

— Por falar em Adrian... ele estava procurando por você mais cedo. Agora já é um pouco tarde para lhe fazer o convite, mas alguns parentes de Nathan oferecerão um coquetel daqui a uma hora, e Adrian queria que você fosse.

Outra festa. Era só o que todo mundo fazia na Corte? Massacres, milagres... Não importava. Tudo era motivo de festa, pensei com amargura.

Eu devia estar com Ambrose e Rhonda quando Adrian me procurou. Interessante. Ao me fazer o convite, Daniella também dizia nas entrelinhas que queria que eu fosse. Infelizmente, eu não conseguia ser tão aberta. A família de Nathan significava os Ivashkov, e eles não seriam tão amigáveis.

— A rainha vai estar lá? — perguntei, desconfiada.

— Não, ela tem outro compromisso.

— Tem certeza? Nada de visitas inesperadas?

Daniella deu uma gargalhada.

— Não. Tenho certeza. Ouvi dizer que vocês duas juntas no mesmo lugar... não é uma ideia muito boa.

Dava para imaginar as histórias que circulavam sobre meu desempenho no Conselho, ainda mais que o pai de Adrian estava lá para testemunhar tudo.

— Não, não depois daquela lei. O que ela fez... — A raiva que senti mais cedo começava a queimar de novo. — É imperdoável.

Aquele cara estranho ainda esperava perto da árvore. Por quê?

Daniella não confirmou nem negou minha declaração, e me perguntei qual seria sua posição quanto ao assunto.

— Ela ainda gosta muito de você.

Dei uma risadinha de escárnio.

— É difícil acreditar nisso.

Normalmente, uma pessoa que grita com a outra em público não “gosta” muito dela, e até a compostura fria de Tatiana havia se quebrado no fim de nossa discussão.

— É verdade. Isso vai passar, e existe até a possibilidade de você ser designada a Vasilisa.

— Você não pode estar falando sério! — exclamei.

Eu já devia saber. Daniella Ivashkova não parecia fazer o tipo brincalhona, mas eu de fato acreditava ter passado dos limites com Tatiana.

— Depois de tudo o que aconteceu, não querem perder bons guardiões. Além do mais, ela não

quer que haja hostilidade entre vocês.

— É mesmo? Bem, não quero ser subornada por Tatiana! Se ela acha que libertar Dimitri e me oferecer um trabalho na realeza vai me fazer mudar de ideia, se engana. Ela está mentindo, armando...

Fiz uma pausa abrupta. Minha voz havia se elevado o bastante para que as amigas de Daniella ali perto agora me encarassem. E eu não queria mesmo dizer diante de Daniella os nomes que pensava que Tatiana merecia.

— Me desculpe — falei, tentando ser civilizada. — Diga a Adrian que vou à festa... mas você quer mesmo que eu vá? Depois de eu ter ido sem ser convidada na cerimônia daquela noite? E depois, humm, das outras coisas que fiz?

Ela balançou a cabeça.

— O que aconteceu na cerimônia é culpa tanto de Adrian quanto sua. Já está feito, e Tatiana deixou isso para lá. A festa de hoje é um evento bem mais descontraído, e se ele quer você lá, eu quero vê-lo feliz.

— Agora vou tomar um banho, me trocar, e encontro Adrian na sua casa daqui a uma hora — falei.

Ela teve tato o bastante para ignorar meu desabafo de antes.

— Que maravilha. Sei que ele vai ficar feliz em saber disso.

Me recusei a dizer a ela que na verdade estava satisfeita com a ideia de me exhibir para alguns Ivashkov na esperança de que isso chegasse a Tatiana. Eu não acreditava mais, nem por um instante, que ela aceitava o que acontecia entre mim e Adrian nem que deixaria minha explosão por isso mesmo. E, sinceramente, eu queria vê-lo. Não havíamos tido muito tempo para conversar nos últimos dias.

Depois que Daniella e suas amigas foram embora, achei que já era hora de esclarecer as coisas. Com as mãos na cintura, fui direto até o Moroi que andava espiando por ali.

— Está bem. Quem é você e o que quer? — perguntei, exigindo uma resposta.

Ele era apenas uns anos mais velho do que eu e não me pareceu nem um pouco chocado com minha atitude durona. Sorriu para mim e, mais uma vez, refleti sobre onde já o teria visto.

— Tenho um bilhete para você — respondeu. — E alguns presentes.

Ele me entregou uma sacola grande. Espiei o conteúdo e vi um laptop, uns fios e várias folhas de papel. Em seguida, o encarei, incrédula.

— O que é isso?

— Algo de que você precisa para dar um passo adiante. Sem deixar que mais alguém saiba. O bilhete explica tudo.

— Não venha brincar de filme de espionagem comigo! Não vou fazer nada até você... — Me lembrei do rosto dele. Eu o vira na São Vladimir, na época da minha graduação. Sempre vagando pelos arredores. Grunhi, compreendendo de repente a natureza secreta de tudo aquilo. E a postura confiante. — Você trabalha para Abe.

Vinte e quatro

O cara sorriu.

— Você fala como se isso fosse uma coisa ruim.

Fiz uma careta e olhei de novo dentro da sacola tecnológica, agora apreciando-a.

— O que está acontecendo?

— Sou o mensageiro. Só cumpro as ordens do sr. Mazur.

— É um jeito legal de dizer que você espiona para ele? Que descobre os segredos sujos de todos para ele poder usá-los contra as pessoas e continuar com seus jogos?

Abe parecia saber tudo sobre todo mundo — ainda mais sobre os políticos da realeza. De que outra forma conseguiria isso sem ter olhos e ouvidos em toda parte? Digamos, na Corte? Pelo que eu sabia, ele poderia até ter instalado escutas no meu quarto.

— Espionar é uma palavra pesada. — Notei que o cara não negou nada. — Além do mais, Abe paga bem. E é um bom chefe. — Ele se virou, com o trabalho concluído, mas me deu um último aviso. — Como eu disse, é sensível ao tempo. Leia o bilhete o quanto antes.

Cheguei a pensar em jogar aquilo no cara. Estava me acostumando com a ideia de ser filha de Abe, mas isso não significava que quisesse me envolver em um de seus esquemas loucos. Uma sacola de material eletrônico me parecia um mau presságio.

No entanto, a levei até meu quarto e despejei o conteúdo sobre a cama. Havia algumas folhas de papel, sendo que a primeira era uma carta de apresentação digitada.

Rose,

Espero que Tad tenha sido capaz de entregar isso a você o mais rápido possível. E que você não tenha sido má demais com ele. Faço isso em nome de alguém que quer conversar com você sobre uma questão urgente. Porém, trata-se de uma conversa que ninguém mais deve ouvir. O laptop e o modem via satélite que estão na sacola lhe permitirão ter uma discussão em particular, desde que você esteja em um cômodo particular. Inclui instruções passo a passo sobre como configurar o computador. A reunião irá acontecer às sete da manhã.

Não havia nome algum no final, mas eu não precisava disso. Larguei a carta e encarei o emaranhado de fios. Faltava menos de uma hora para as sete.

— Ah, qual é, velhote? — perguntei, em tom de exclamação.

Para o mérito de Abe, os papéis em anexo de fato continham instruções muito básicas que não requeriam os conhecimentos de um engenheiro de computação. O único problema era que havia

muitas, detalhando onde cada fio se encaixava, que senha devia ser usada, como configurar o modem e tudo mais. Por um momento, pensei em ignorar aquilo. No entanto, quando alguém como Abe usava a palavra *urgente*, me fazia pensar que talvez não devesse descartar algo tão depressa.

Então, me preparei para acrobacias técnicas e me dediquei a seguir suas instruções. Levei quase todo o tempo de que dispunha, mas consegui instalar o modem e a câmera e acessar o programa de segurança que me permitiria participar da videoconferência com o contato misterioso de Abe. Terminei com alguns minutos de antecedência e esperei, encarando uma janela preta no meio da tela, me perguntando no que havia me metido.

Às sete em ponto, a janela ganhou vida e um rosto que me era familiar — mas inesperado — apareceu.

— Sydney? — perguntei, surpresa.

O vídeo congelava de vez em quando, como acontecia com grande parte das comunicações via internet, mas dava para ver minha (mais ou menos) amiga Sydney Sage sorrir de volta para mim. O sorriso de Sydney era sarcástico, mas típico dela.

— Bom dia — disse Sydney, interrompendo um bocejo.

Pelo estado de seu cabelo louro na altura do queixo, era provável que ela tivesse acabado de sair da cama. Mesmo com a resolução ruim, sua tatuagem de um lírio dourado na bochecha brilhou. Todos os alquimistas tinham uma como aquela. Era feita com tinta e sangue de Moroi, concedendo a boa saúde e a longevidade dos Moroi ao portador. Também continha um pouco de compulsão para evitar que a sociedade secreta dos alquimistas revelasse qualquer informação indesejável sobre os vampiros.

— Boa noite — falei. — E não bom dia.

— Podemos discutir seus horários profanos e confusos outra hora — disse ela. — Não é para isso que estou aqui.

— E para que você *está* aqui? — perguntei, ainda impressionada por vê-la. Os alquimistas faziam seu trabalho quase relutantes, e apesar de Sydney gostar mais de mim do que de grande parte dos Moroi ou dampiros, não era do tipo que fazia ligações (nem chamadas com vídeo) amigáveis. — Espere aí... Você não pode estar na Rússia. Não se estiver de manhã...

Tentei me lembrar do fuso horário. É, para os humanos de lá, o sol já teria se posto ou estaria prestes a se pôr agora.

— Voltei para meu país de origem — disse ela com muito deboche. — Tenho um novo cargo em Nova Orleans.

— Ah, que legal. — Sydney odiara ter sido designada para trabalhar na Rússia, mas eu tinha a impressão de que permaneceria por lá até terminar seu internato de alquimia. — Como conseguiu isso?

Seu pequeno sorriso deu lugar a uma expressão de desconforto.

— Ah, bem. Abe, humm, meio que me fez um favor. Foi ele quem tornou isso possível.

— Você fez um acordo com ele? — Sydney devia *mesmo* odiar a Rússia. E a influência de Abe só pode ter sido muito poderosa para ele ter conseguido interferir em uma organização de humanos. — O que você deu em troca? Sua alma?

Fazer uma piada como essa com alguém tão religioso quanto ela não era muito apropriado. É claro que ela devia pensar que Moroi e dampiros comiam almas, então talvez meu comentário não tivesse sido tão descabido.

— Aí é que está — disse ela. — Foi do tipo “eu aviso quando precisar de um favor seu no

futuro”.

— Sanguessuga — falei.

— Ei — falou ela com rispidez. — Não tenho que fazer isso. Na verdade, estou lhe fazendo *um favor* ao conversar com você.

— Por que exatamente você *está* conversando comigo?

Eu queria perguntar mais sobre seu acordo em aberto com o diabo, mas imaginei que aquilo acabaria com a minha conexão.

Ela suspirou e tirou uma mecha de cabelo do rosto.

— Preciso lhe fazer uma pergunta. Juro que não vou denunciar você... Só preciso saber a verdade para não perdermos nosso tempo numa coisa.

— Está bem...

Por favor, não me pergunte sobre Victor, rezei.

— Você invadiu algum lugar nos últimos tempos?

Merda. Mantive uma neutralidade perfeita no rosto.

— Do que você está falando?

— Alguns registros dos alquimistas foram roubados há pouco tempo — explicou ela. Agora, ao falar de negócios, era toda séria. — E todo mundo está enlouquecendo, tentando descobrir quem foi. E por quê.

Suspirei mentalmente, aliviada. Está bem. Não era sobre Tarasov. Graças a Deus havia um crime do qual eu não era culpada. Então, o significado pleno daquelas palavras me atingiu. Brava, a encarei.

— Espere aí. Vocês são roubados e é de mim que suspeitam? Pensei que estivesse fora da sua lista de criaturas do Mal.

— Nenhum dampiro está fora da minha lista de criaturas do Mal — falou ela. Aquele meio sorriso de Sydney tinha voltado, mas não dava para dizer se era brincadeira ou não. Logo desapareceu, mostrando a importância daquilo para ela. — E acredite, se alguém pode invadir nossos registros, é você. Não é nada fácil. Quase impossível.

— Humm, obrigada? — Eu não sabia ao certo se devia me sentir lisonjeada ou não.

— É claro — prosseguiu ela, zombando —, roubaram apenas os registros em papel, o que foi idiotice. Hoje em dia, tudo está digitalizado e temos backup. Então, não sei bem por que escavariam nossos arquivos pré-históricos.

Eu poderia dar a Sydney muitas razões para alguém fazer aquilo, mas descobrir por que fui considerada a suspeita número um era mais importante.

— Isso é idiotice. Então, por que você pensou que eu faria uma coisa dessas?

— Por causa do que roubaram. Foram informações sobre um Moroi chamado Eric Dragomir.

— Eu... O quê?

— Ele era seu amigo, não era? Quero dizer, a filha dele é sua amiga.

— É... — Quase perdi a fala. Quase. — Vocês têm registros sobre Moroi?

— Temos registros sobre tudo — disse ela, orgulhosa. — É que quando tentei pensar em quem cometeria um crime como esse *e* estaria interessado em um Dragomir... Bem, seu nome me veio à cabeça.

— Não fui eu. Faço muitas coisas, mas não isso. Nem sabia que vocês tinham esses tipos de registros.

Sydney me olhou, desconfiada.

— É verdade!

— Como eu disse antes — falou ela —, não vou entregar você. É sério. Só quero saber para fazer com que as pessoas parem de perder tempo seguindo determinadas pistas. — Sua presunção se tornou mais moderada. — E, bem, se foi você mesmo... tenho que impedir que a atenção se volte para você. Prometi a Abe.

— Não sei o que é preciso para você acreditar em mim, mas não fui eu! Só que agora *eu* quero saber quem fez isso. O que roubaram? Tudo sobre ele?

Ela mordeu o lábio. Dever um favor a Abe só podia significar que Sydney agiria pelas costas da sua própria gente, porém, ao que parecia, ela tinha limites sobre o quanto trairia.

— Qual é? Se você tem backup digital, tem que saber o que foi levado. É de Lissa que estamos falando. — Uma ideia me veio à mente. — Você poderia mandar cópias para mim?

— Não — disse ela de imediato. — De jeito nenhum.

— Então, por favor... me dê apenas uma noção do conteúdo desses registros! Lissa é minha melhor amiga. Não posso deixar que nada aconteça com ela.

Me preparei por completo para a rejeição. Sydney não me parecia muito interessante. Será que tinha amigos? Seria capaz de compreender meus sentimentos?

— Em grande parte, dados biológicos — disse ela, por fim. — Um pouco da história dele e algumas observações que tínhamos feito.

— Observa... — Deixei para lá, concluindo que, na verdade, não queria saber mais do que já sabia sobre como os alquimistas nos espionavam. — Alguma outra coisa?

— Registros financeiros. — Ela franziu a testa. — Principalmente sobre quantias enormes que ele depositou em uma conta bancária em Las Vegas. Quantias que ele teve que se virar para acobertar.

— Las Vegas? Estive lá há pouco tempo... — Não que aquilo fosse relevante.

— Eu sei — disse ela. — Assisti a alguns vídeos de sua aventura fornecidos pela segurança do Witching Hour. O fato de você ter fugido daquela maneira, em parte, contribuiu para que eu suspeitasse de você. Me pareceu típico. — Ela hesitou. — O cara que aparece com você... o Moroi alto com cabelo escuro... é seu namorado?

— Humm, é.

Levou um bom tempo e requereu muito esforço para ela conceber a frase seguinte:

— Ele é bonito.

— Para uma criatura maligna da noite?

— É claro. — Ela hesitou de novo. — É verdade que vocês fugiram para se casar lá?

— O quê? Não! Essas histórias também chegam até vocês? — Balancei a cabeça, quase dando uma gargalhada diante do quanto aquilo tudo era ridículo, mas sabendo que precisava voltar aos fatos. — Então Eric tinha uma conta em Vegas para a qual transferia dinheiro?

— Não era dele. Era de uma mulher.

— Que mulher?

— Ninguém... Bem, ninguém que possamos rastrear. Ela só aparece como “Jane Doe”.

— Que original — murmurei. Um nome genérico. — Por que ele faria uma coisa dessas?

— Isso não sabemos. Nem nos interessa. Só queremos saber quem invadiu os arquivos e roubou nossos registros.

— A única coisa que sei sobre o assunto é que não fui eu. — Ao ver seus olhos me examinando, joguei as mãos para o alto. — Qual é? Se eu quisesse saber alguma coisa sobre ele, perguntaria a Lissa.

Ou roubaria nossos próprios registros.

Vários momentos de silêncio se passaram.

— Está bem. Acredito em você — disse ela.

— É mesmo?

— Você não quer que eu acredite?

— Não. É que convencer você foi mais fácil do que pensei.

Ela suspirou.

— Quero saber mais sobre esses registros — falei, determinada. — Quero saber quem é Jane Doe.

Se você puder arranjar outros arquivos para mim...

Sydney negou com a cabeça.

— Não. Paramos por aqui. Você já sabe demais. Abe queria que eu a mantivesse longe dos problemas, e fiz isso. Cumpri minha parte.

— Acho que ele não vai deixar você se livrar dessa com tanta facilidade. Não se você tiver um acordo em aberto com ele.

Sydney não comentou aquilo, mas seus olhos castanhos me fizeram acreditar que ela concordava comigo.

— Boa noite, Rose. Bom dia. Tanto faz.

— Espere, eu...

A tela ficou preta.

— Merda — vociferei, fechando o laptop com mais força do que devia.

Cada parte daquela conversa havia sido um choque, começando por Sydney e terminando com o fato de alguém ter roubado os documentos dos alquimistas sobre o pai de Lissa. Por que alguém se importaria com um homem morto? E por que roubar registros? Para descobrir alguma coisa? Ou para esconder informações? Se a última hipótese fosse verdadeira, Sydney teria razão quanto a ser um esforço em vão.

Repassei tudo aquilo na cabeça enquanto me aprontava para ir para a cama, encarando meu reflexo no espelho, escovando os dentes. Por quê, por quê, por quê? Por que fazer isso? E quem? Eu não precisava de mais intrigas na minha vida, mas qualquer coisa que envolvesse Lissa tinha que ser tratada com seriedade. Infelizmente, logo se tornou claro que eu não descobriria nada naquela noite, e adormeci com todas aquelas perguntas atravessando minha mente.

Acordei na manhã seguinte, me sentindo um pouco menos chocada — mas ainda sem respostas. Me perguntei se devia ou não contar a Lissa sobre o que havia descoberto e, por fim, concluí que sim. Se alguém reunia informações sobre seu pai, ela tinha o direito de saber. E além do mais, aqueles rumores não eram os mesmos sobre...

Um pensamento me surpreendeu enquanto eu esfregava o cabelo com xampu. Na noite anterior, eu estava cansada demais para juntar as peças do quebra-cabeça. O cara do Witching Hour havia dito que o pai de Lissa ia sempre lá. Agora os registros de Sydney relatavam que ele fizera grandes depósitos em uma conta em Las Vegas. Coincidência? Talvez. Mas à medida que o tempo passava, eu começava a não acreditar mais em coincidências.

Uma vez apresentável, saí rumo ao prédio de Lissa na Corte — mas não cheguei muito longe. Adrian esperava por mim na recepção do meu prédio, esparramado em uma poltrona.

— Está cedo para você, não é? — provoqueei, parando diante dele.

Esperava um sorriso como resposta, mas Adrian não parecia muito animado naquela manhã. Na verdade, ele estava meio desarrumado. O cabelo não exibia o cuidado estiloso, e as roupas — estranhamente elegantes para aquela hora do dia — estavam amarrotadas. O cheiro de cigarro de cravo o envolvia.

— É fácil chegar cedo quando não se dorme muito — disse ele. — Passei quase a noite toda acordado, esperando por alguém.

— Esperando por... Ah. Meu Deus. — A festa. Eu havia me esquecido por completo da festa para a qual sua mãe tinha me convidado. Abe e Sydney haviam me distraído. — Adrian, me desculpe.

Ele deu de ombros e não tocou em mim quando me sentei no braço da sua poltrona.

— Tanto faz. Eu não devia mais me surpreender. Estou começando a perceber que ando me iludindo.

— Não, não. Eu ia, mas você não vai acreditar no que...

— Me poupe disso. Por favor. — Ele tinha a voz exausta e os olhos vermelhos. — Não precisa. Minha mãe me contou que viu você no interrogatório de Dimitri.

Franzi a testa.

— Só que não foi por isso que deixei de ir à festa. Tinha um cara...

— A questão não é essa, Rose. A questão é que você conseguiu arranjar tempo para isso. E para uma visita à cela dele, se o que ouvi dizer for verdade. Mas não se deu ao trabalho de aparecer para o que disse que iria comigo. Nem mesmo de mandar um recado. Era só o que você precisava fazer: avisar que não poderia ir. Esperei por mais de uma hora na casa dos meus pais antes de desistir.

Já ia dizer que Adrian poderia ter tentado entrar em contato comigo, só que, sinceramente, por que ele deveria ter feito isso? Não era responsabilidade sua. Fui eu quem disse a Daniella que o encontraria lá. Errei ao não comparecer.

— Adrian, me desculpe. — Peguei em sua mão, mas ele não apertou a minha. — É verdade, eu queria muito ir...

— Não — interrompeu ele de novo. — Desde que Dimitri voltou... Não, apague isso. Desde que você se tornou obcecada por transformá-lo, anda confusa quanto a mim. Não importa o que aconteceu entre nós, você nunca se entregou por completo ao nosso relacionamento. Eu queria acreditar no que você me disse. Pensei que você estivesse pronta... mas não está.

Meus protestos estavam na ponta da língua, só que, mais uma vez, os contive. Adrian tinha razão. Eu dissera que daria uma chance de verdade ao namoro com ele. Até me acomodara no confortável papel de sua namorada, mas o tempo todo... o tempo todo, parte de mim era consumida por Dimitri. Eu também sabia disso, só que insistia em levar duas vidas. Uma estranha lembrança da época que passei com Mason me veio à mente. Levei a mesma vida dupla junto do cara, e ele morrera por causa disso. Eu era uma confusão. Não conhecia meu próprio coração.

— Me desculpe — falei de novo. — Quero muito que a gente tenha alguma coisa...

Até mesmo para mim, aquelas palavras soaram tão fracas. Adrian sorriu como quem compreendia tudo.

— Não acredito nisso. Nem você. — Ele se levantou e deslizou a mão pelo cabelo. Não que tenha adiantado alguma coisa. — Se você quiser mesmo ficar comigo, tem que querer de verdade dessa vez.

Eu odiava vê-lo tão triste. E odiava ainda mais ser a razão disso. O segui até a porta.

— Adrian, espere. Vamos conversar mais.

— Agora não, dampirinha. Preciso dormir um pouco. Não estou em condições de lidar com esse jogo no momento.

Eu poderia ter ido atrás de Adrian. Poderia tê-lo derrubado no chão. Porém, não teria valido a pena... porque eu não tinha respostas para suas perguntas. Ele tinha razão em tudo, e até eu conseguir fazer minha mente confusa se decidir, não tinha o direito de forçar uma conversa. Além do mais, levando em conta o estado em que ele se encontrava, duvidei de que qualquer conversa teria sido produtiva.

No entanto, quando ele pôs os pés no lado de fora, não consegui evitar o que disse em seguida:

— Antes que você vá embora, e entendo por que tem que fazer isso, preciso lhe perguntar uma coisa. Não é sobre nós. Tem a ver... tem a ver com Lissa.

Aquilo o fez parar devagar.

— Tem sempre um favor. — Ele suspirou, desgastado, e me olhou por cima do ombro. — Seja breve.

— Alguém invadiu os registros dos alquimistas e roubou informações sobre o pai de Lissa. Parte desses registros era sobre a história da vida dele, mas havia documentos sobre depósitos secretos que ele fez em uma conta bancária em Las Vegas. Na conta de uma mulher.

Adrian esperou por uns instantes.

— E?

— E estou tentando descobrir por que alguém faria isso. Não quero ninguém xeretando a família de Lissa. Você tem ideia de o que o pai dela poderia estar fazendo?

— Você ouviu o cara do cassino. O pai dela estava sempre lá. Talvez tivesse dívidas de jogo e estivesse pagando um agiota.

— A família de Lissa sempre teve dinheiro — argumentei. — Ele não poderia ter arranjado tantas dívidas. E por que alguém daria importância a isso a ponto de roubar essas informações?

Adrian jogou as mãos para o alto.

— Sei lá. É tudo em que consigo pensar, pelo menos a essa hora da manhã. Não estou com cabeça para intrigas. Mas não acho que isso seja uma ameaça para Lissa.

Acenei, desapontada.

— Está bem. Obrigada.

Adrian seguiu seu caminho, e o observei indo embora. Lissa morava perto dele, mas eu não queria que ele pensasse que eu o perseguia. Quando já estávamos distantes o suficiente, saí também e comecei a caminhar na mesma direção. Badaladas de sinos vindas de longe me fizeram parar. Hesitei, de repente sem saber mais para onde ir.

Queria conversar com Lissa e lhe contar o que Sydney havia me dito. Lissa estava sozinha, para variar. A oportunidade perfeita. No entanto... os sinos. Era domingo de manhã. A missa estava para começar na igreja da Corte. Eu desconfiava de algo, e apesar de tudo o que havia acontecido — inclusive com Adrian —, tinha que ver se estava certa.

Então, corri para a igreja, seguindo na direção oposta ao prédio de Lissa. As portas estavam fechadas quando cheguei ao meu destino, mas outros retardatários também tentavam entrar sem serem notados. Me juntei a eles e fiz uma pausa para me situar. Nuvens de incenso pairavam no ar, e meus olhos levaram um instante para se ajustar da luz do sol para a de velas. Como aquela igreja era bem maior do que a capela da São Vladimir, havia muito mais gente ali do que eu costumava ver nas missas. Quase todos os lugares se encontravam ocupados.

Mas nem todos.

Eu tinha razão quanto à minha suspeita. Dimitri se sentava em um dos últimos bancos. Estava acompanhado por alguns guardiões, é claro, só que era isso. Mesmo com a igreja lotada, ninguém havia se juntado a ele no banco. No dia anterior, Reece tinha perguntado a Dimitri se ele entraria na igreja, e Dimitri tinha ido além, respondendo que até frequentaria a missa aos domingos.

O padre já havia começado a falar, então fui para o banco de Dimitri o mais silenciosa que pude. Porém, não adiantou muito porque, ainda assim, atraí muita atenção das pessoas ao redor que estavam impressionadas ao me ver sentar ao lado de um Strigoi transformado em dampiro. Olhos me encaravam, e vários cochichos emergiram.

Os guardiões haviam deixado um espaço perto de Dimitri, e quando me sentei ao lado dele, seu olhar demonstrava que estava surpreso com aquilo e, ao mesmo tempo, nem tanto.

— Não — disse ele em voz baixa. — Não comece... Aqui, não.

— Eu não sonharia em fazer uma coisa dessas, camarada — murmurei de volta. — Só vim para o bem da minha alma. É isso.

Ele não precisou dar uma palavra para me mostrar que duvidava que eu estivesse ali por razões sagradas. No entanto, permaneci quieta ao longo da missa. Até mesmo eu respeitava alguns limites. Depois de vários minutos, a tensão no corpo de Dimitri diminuiu um pouco. Ele teve receio quando me sentei ali, mas deve ter acabado concluindo que eu me comportaria bem. Sua atenção me deixou e se voltou para os cantos e as orações, e fiz o melhor que pude para ficar de olho nele sem ser óbvia.

Dimitri costumava ir à capela da escola porque ela lhe trazia paz. Sempre disse que embora as mortes que provocava fossem para combater o Mal no mundo, ainda sentia necessidade de ir pensar na vida e buscar perdão por seus pecados. Ao vê-lo agora, me dei conta de que aquilo era mais verdadeiro do que nunca.

Sua expressão era maravilhosa. Eu estava tão acostumada a vê-lo esconder suas emoções que me impressionei um pouco ao, de repente, perceber várias delas em seu rosto. Ele se encontrava absorto nas palavras do padre, e seu belo rosto se mostrava muito concentrado. Me dei conta de que Dimitri levava tudo o que o padre dizia sobre pecado para o lado pessoal. Ele repassava todas as coisas horríveis que fizera enquanto Strigoi. A julgar pelo desespero que tinha no rosto, daria para acreditar que o próprio Dimitri era o responsável por todos os pecados do mundo que o padre comentava.

Por um instante, pensei ter visto esperança em seu rosto também, apenas uma centelha que se misturava à culpa e ao sofrimento. Não, como percebi. Esperança, não. Esperança sugere que temos uma chance de conseguir algo. O que vi em Dimitri foi desejo. Nostalgia. Dimitri desejava, por estar ali naquele lugar sagrado, ouvindo aquelas mensagens, encontrar a redenção pelo que fizera. No entanto, ao mesmo tempo, era claro que não acreditava que isso fosse possível. Ele queria, mas nunca poderia ter isso, em sua opinião.

Ver aquilo me machucou. Eu não sabia como reagir àquele tipo de desolação. Dimitri pensava que não existia esperança para ele. E eu? Eu não conseguia imaginar um mundo sem esperança.

Eu também nunca teria imaginado que citaria uma das lições da igreja, mas quando as pessoas se levantaram para receber a comunhão, me vi dizendo a Dimitri:

— Não acha que, se Deus supostamente pode perdoá-lo, é meio egocêntrico você não perdoar a si mesmo?

— Há quanto tempo você está esperando para usar essa frase comigo? — perguntou ele.

— Na verdade, acabei de pensar nisso. Muito bom, não é? Aposto que você pensou que eu não estivesse prestando atenção.

— E não estava. Nunca presta. Você estava de olho em mim.

Interessante. Para saber que eu estava de olho nele, Dimitri não teria que estar de olho em mim de olho nele? Era difícil acreditar.

— Você não respondeu a pergunta.

Ele manteve os olhos na fila da comunhão enquanto elaborava a resposta.

— É irrelevante. Não tenho que me perdoar mesmo que Deus o faça. Não acho que Ele faria isso.

— O padre acabou de falar que Ele faria. Disse que Deus perdoa *tudo*. Está chamando o padre de mentiroso? É um sacrilégio e tanto.

Dimitri resmungou. Nunca pensei que apreciaria atormentá-lo, mas seu olhar frustrado não era por causa do sofrimento. E sim por eu ter sido impertinente. Já vira aquela expressão centenas de vezes em seu rosto, e a familiaridade de tudo aquilo me acolheu, por mais louco que isso pareça.

— Rose, é você quem está cometendo um sacrilégio. Está distorcendo a fé dessas pessoas para conseguir o que quer. Nunca acreditou em nada disso. E ainda não acredita.

— Acredito que os mortos possam voltar à vida — falei, séria. — A prova disso está sentada ao meu lado. Se é verdade, acho que daí a você perdoar a si mesmo não é um salto tão grande assim.

Seu olhar endureceu, e se ele rezava para alguma coisa naquele momento, era para a comunhão acabar logo para que pudesse sair dali e ir para longe de mim. Nós dois sabíamos que ele teria que esperar até o fim da missa. Se fosse embora agora, isso o faria parecer um Strigoi.

— Você não sabe do que está falando — disse ele.

— Não? — sussurrei, chegando mais perto.

Fiz aquilo para lhe dar o recado, mas tudo que consegui (para mim mesma, pelo menos) foi uma visão melhor de como a luz das velas brilhava em seu cabelo e de o quanto seu corpo era esbelto. Ao que parecia, alguém havia decidido que ele era confiável o bastante para se barbear, e seu rosto estava macio, exibindo aqueles belos e perfeitos traços.

— Sei muito bem do que estou falando — prossegui, tentando ignorar o quanto sua presença me afetava. — Sei que você passou por muitas coisas. Sei que fez coisas horríveis. Eu *vi*. Mas isso é passado. Estava além do seu controle. Não é como se você fosse fazer isso de novo.

Um olhar estranho e assustado cruzou seu rosto.

— Como é que você sabe? Talvez o monstro não tenha ido embora. Talvez ainda haja um Strigoi escondido em mim.

— Então você precisa derrotá-lo, seguindo em frente com sua vida! E não só através de sua nobre promessa de proteger Lissa. Você precisa voltar a viver. Precisa se abrir para as pessoas que o amam. Nenhum Strigoi faria isso. É assim que vai se salvar.

— Não posso ter pessoas que me amem — murmurou ele. — Sou incapaz de retribuir o amor de alguém.

— Talvez você devesse tentar em vez de só ter pena de si mesmo.

— Não é tão fácil assim.

— Mer... — Quase não consegui me impedir de xingar na igreja. — Nada do que já fizemos um dia foi fácil! Nossa vida antes... de antes do ataque não era fácil, e conseguimos superar tudo! Podemos superar isso também. Podemos superar qualquer coisa juntos. Não importa se você tem fé

nesse lugar. Eu não ligo. O que importa é que você tenha fé em *nós*.

— Não existe nós. Já falei isso.

— Você sabe que não sou boa em ouvir.

Mantínhamos a voz num tom baixo, mas acho que nossa linguagem corporal indicava com clareza que se tratava de uma discussão. Os outros fiéis estavam distraídos demais para notar, só que os guardiões de Dinitri nos olhavam com cuidado. Mais uma vez, lembrei a mim mesma do que tanto Lissa quanto Mikhail haviam dito. Deixar Dinitri nervoso em público não lhe faria bem algum. O problema era que eu ainda tinha que dizer alguma coisa que *não* o deixasse nervoso.

— Eu queria que você não tivesse vindo aqui — disse ele, por fim. — É muito melhor continuarmos separados.

— Isso é estranho porque posso jurar que uma vez você disse que nascemos para ficarmos juntos.

— Quero que você fique longe de mim — disse ele, ignorando meu comentário. — Não quero que insista em trazer de volta sentimentos que já se foram. *Isso* é passado. Nada disso vai acontecer de novo. Nunca mais. É melhor para nós se agirmos como desconhecidos. É melhor para *você*.

Os sentimentos de amor e compaixão que ele havia despertado em mim se intensificaram — e deram lugar à fúria.

— Se você vai me dizer o que posso ou não fazer — disse eu exaltada, o mais baixo que pude —, pelo menos tenha coragem de dizer isso olhando na minha cara!

Ele se virou tão depressa que ainda poderia de fato ser um Strigoi. Tinha o rosto tomado de... o quê? Não da depressão de antes. Também não era fúria, embora houvesse um pouco de raiva. No entanto, era mais... uma mistura de desespero, frustração e talvez até medo. O que ressaltava tudo aquilo era a dor, como se ele sofresse de uma agonia horrível e forte.

— Não quero você aqui — disse ele com os olhos em chamas. Suas palavras me machucaram, mas algo em meio a tudo aquilo me entusiasmou, como sua agitação de antes devido a meus comentários impertinentes. Aquele não era o Strigoi frio e calculista. Nem o homem derrotado na cela. Era meu velho instrutor, meu amante, que sempre agia com intensidade e paixão. — Quantas vezes tenho que lhe dizer isso? Você precisa ficar longe de mim.

— Mas você não vai me machucar. Sei disso.

— Já machuquei. Por que não consegue entender? Quantas vezes tenho que dizer isso?

— Você me disse... disse antes de partir que me amava. — Minha voz estava trêmula. — Como pode abrir mão disso?

— Porque é tarde demais! E é mais fácil do que ser lembrado o tempo todo do que fiz com você!

Ele perdeu o controle, e sua voz ecoou nos fundos da igreja. O padre e os que ainda recebiam a comunhão não notaram, mas sem dúvida chamamos a atenção dos que se encontravam da metade para trás. Alguns guardiões se retesaram e, mais uma vez, repeti o aviso para mim mesma. Não importava o quanto estava furiosa com Dinitri, não importava o quanto me sentia traída por ele me dar as costas... *não* correria o risco de fazer com que os outros pensassem que ele era perigoso. Dinitri não tinha cara de quem quebraria o pescoço de alguém, mas estava visivelmente aborrecido, e as pessoas poderiam confundir frustração e dor com algo mais sinistro.

Me virei, tentando acalmar meus sentimentos agitados. Quando me virei para ele, nossos olhos se encontraram; poder e eletricidade queimavam entre nós. Dinitri podia ignorar aquilo o quanto quisesse, só que aquela ligação — aquele profundo chamado de nossas almas — ainda estava ali. Eu queria tocá-lo, não apenas roçar minha perna na dele, mas tudo. Queria envolvê-lo em meus braços e

segurá-lo junto de mim, garantindo a ele que éramos capazes de fazer qualquer coisa juntos. Sem sequer me dar conta, estendi a mão, precisando daquele toque. Ele se esquivou como se eu fosse uma cobra, e todos os guardiões se lançaram à frente, se preparando para o que ele poderia fazer.

Mas Dimitri não fez nada. Nada além de me encarar de um jeito que fez meu sangue gelar. Como se eu fosse algo estranho e ruim.

— Rose. Por favor, pare. Por favor, fique longe de mim.

Ele se esforçava muito para manter a calma.

Me levantei depressa, agora tão nervosa e frustrada quanto ele. Tinha a impressão de que, se ficasse, nós dois explodiríamos. Em voz baixa, murmurei:

— Ainda não acabou. Não vou desistir de você.

— Já desisti de você — disse ele, também em voz baixa. — Amor acaba. O meu acabou.

Eu o encarei, incrédula. Até então, Dimitri nunca havia dito aquilo. Seus protestos sempre falavam de um bem maior, do remorso que ele sentia por ter sido um monstro ou de como aquela experiência o deixara incapaz de amar. *Já desisti de você. Amor acaba. O meu acabou.*

Recuei. Aquelas palavras me ferroaram tanto quanto se ele tivesse me dado um tapa na cara. Algo mudou em suas feições, como se ele talvez soubesse o quanto havia me magoado. Não fiquei ali para ver. Em vez disso, abri caminho pelo corredor e saí correndo pelas portas dos fundos, temendo que, se demorasse mais um pouco, todos da igreja me vissem chorar.

Vinte e cinco

Eu não quis ver ninguém depois disso. Voltei para meu quarto o mais rápido que pude, mal notando os obstáculos e as pessoas no caminho. Por diversas vezes, as palavras de Dimitri se repetiam na minha cabeça: *Amor acaba. O meu acabou*. De certa forma, era a pior coisa que ele poderia ter dito. Não me entenda mal: o resto também não era fácil. Ouvi-lo dizer que iria me evitar e ignorar o relacionamento que tivemos no passado também fez com que eu me sentisse péssima. Porém, em meio a tudo aquilo, não importava o quanto essas palavras me machucassem, havia a pequena esperança de ainda existir uma centelha de amor entre nós. De ele ainda me amar. Mas... o amor acaba.

Era totalmente diferente. Significava que o que tivemos morreria, se tornaria pálido até se despedaçar e ser levado embora, como folhas secas ao vento. Esse pensamento provocou uma dor no meu peito e no meu estômago, e me encolhi na cama, me abraçando como se isso pudesse atenuá-la. Eu não conseguia aceitar o que ele havia dito. Não conseguia aceitar que de algum jeito, depois daquele sofrimento, seu amor por mim tivesse se desfeito.

Queria ficar no quarto pelo resto do dia, encolhida na escuridão das cobertas. Deixei de lado a conversa com Sydney e as preocupações sobre o pai de Lissa. Me esqueci até da própria Lissa. Ela tinha alguns compromissos hoje, mas às vezes um recado chegava até mim através do laço: *Vem se encontrar comigo?*

Como não entrei em contato, ela começou a ficar preocupada. De repente, temi que ela — ou mais alguém — fosse me procurar no meu quarto. Então, decidi sair. Na verdade, não tinha um destino. Só precisava me manter em movimento. Caminhei pela Corte, explorando lugares que nunca havia visto antes. Ela era repleta de mais estátuas e fontes do que eu tinha me dado conta. No entanto, sua beleza se perdia em mim, e quando voltei para o quarto, horas depois, estava exausta de tanto andar. Ah, bem. Pelo menos tinha escapado de conversar com alguém.

Tinha mesmo? Era tarde, já passava da hora que eu costumava ir para a cama, quando alguém bateu à minha porta. Hesitei em atender. Quem apareceria tão tarde? Será que eu queria a distração ou preferia ficar com minha solidão? Não fazia ideia de quem poderia ser, só sabia que não era Lissa. Meu Deus. Devia ser Hans, querendo saber por que eu não havia aparecido para trabalhar. Depois de pensar muito (e de as batidas persistirem), decidi abrir.

Era Adrian.

— Dampirinha — disse ele com um sorrisinho desgastado. — Você está com cara de quem viu um fantasma.

Não era bem isso. Acredite, eu reconhecia um fantasma quando via um.

— É que... É que na verdade não esperava ver você depois de hoje de manhã...

Adrian entrou e se sentou na minha cama, e fiquei feliz em notar que ele havia tomado um banho após nossa conversa mais cedo. Usava roupas limpas, e seu cabelo estava de volta à perfeição de sempre. Ainda dava para sentir o cheiro de cravo, mas depois do que eu lhe havia feito, ele tinha direito aos seus vícios.

— É, bom, eu também não planejava aparecer aqui — admitiu ele. — Só que você... Bem... você me fez pensar numa coisa.

Me sentei ao lado dele, mantendo uma distância saudável.

— Em nós dois?

— Não. Em Lissa.

— Ah.

Eu tinha acusado Dimitri de ser egocêntrico, mas ali estava eu, presumindo naturalmente que o amor por mim era tudo o que poderia ter levado Adrian até ali.

Seus olhos verdes se tornaram pensativos.

— Fiquei pensando no que você disse sobre o pai dela. E você tinha razão. Sobre a coisa do jogo. Ele teria grana para pagar qualquer dívida. E não precisaria ter mantido isso em segredo. Então conversei com minha mãe.

— O quê? — perguntei, em tom de exclamação. — Ninguém deve saber disso...

— É, imaginei que a informação fosse altamente sigilosa. Não se preocupe. Falei que quando estávamos em Vegas, ouvimos umas pessoas comentarem isso. Sobre o pai de Lissa fazer depósitos secretos.

— E o que ela disse?

— A mesma coisa que eu. Bem, na verdade, primeiro, me deu uma bronca. Disse que Eric Dragomir era um homem bom e que eu não devia espalhar rumores sobre os mortos. Insinuou que ele tivesse um problema com apostas, mas, mesmo que tivesse, as pessoas não deviam dar importância a isso, já que ele fez tantas coisas boas. Depois da Vigília pela Morte, acho que ela está com medo de eu provocar mais cenas em público.

— Ela tem razão. Quanto a Eric — falei.

Talvez alguém tivesse roubado aqueles registros como parte de alguma campanha de difamação. Imaginei que espalhar rumores sobre os mortos não fizesse sentido, mas alguém poderia querer manchar a reputação dos Dragomir e se livrar de qualquer chance de Lissa obter o direito ao voto. Eu estava prestes a dizer isso a Adrian quando ele soltou algo ainda mais chocante.

— Então, meu pai ouviu nossa conversa e disse algo do tipo “Eric devia estar bancando alguma amante. Você tem razão. Ele era um cara legal. Mas gostava de flertar. E era chegado às madames”. — Adrian revirou os olhos. — Meu pai usou estas palavras: “E era chegado às madames”. Ele é tão babaca. Parece ter o dobro da idade que tem.

Peguei no braço de Adrian sem me dar conta.

— E o que ele falou depois disso?

Adrian deu de ombros, mas deixou minha mão ali, onde estava.

— Nada. Minha mãe ficou chateada e disse a ele a mesma coisa que tinha dito para mim, que era

crueldade espalhar histórias que ninguém podia provar.

— Você acha que é verdade? Acha que o pai de Lissa tinha uma amante? Era por isso que estava pagando?

— Não sei, dampirinha. Sinceramente? Meu pai é do tipo que acredita em qualquer boato que ouve. Ou que inventa um. Quero dizer, sabemos que o pai de Lissa gostava de uma farra. É fácil tirar conclusões precipitadas a partir daí. Ele devia ter algum segredo sujo. E daí? Todos nós temos. Talvez quem quer que tenha roubado esses arquivos só queira explorar isso.

Contei a ele minha teoria sobre aquilo ser usado contra Lissa.

— Ou então — falei, reconsiderando — alguém que a apoia pode ter pegado o arquivo. Para que isso não vazasse.

Adrian acenou a cabeça.

— De um jeito ou de outro, não acho que Lissa corra um perigo mortal.

Ele começou a se levantar, e o puxei de volta.

— Adrian, espere... Eu... — Engoli em seco. — Eu queria lhe pedir desculpas. Pelo jeito que tratei você, pelo que ando fazendo... Não é justo. Me desculpe.

Ele se virou, voltando os olhos para o chão.

— Você não tem como mandar no que sente.

— Acontece que... não sei o que sinto. E isso soa idiota, só que é verdade. Me importo com Dimitri. Foi estupidez pensar que não seria afetada pela volta dele. Mas agora me dei conta de que...

— *Amor acaba. O meu acabou.* — Agora me dei conta de que com ele acabou. Não estou dizendo que é fácil seguir em frente. Vai levar um tempo, e eu mentiria para nós dois se negasse isso.

— Faz sentido — disse Adrian.

— Faz mesmo?

Ele olhou para mim com uma centelha de deleite nos olhos.

— É, dampirinha. Às vezes, você faz sentido. Continue.

— Eu... Bem, como falei... tenho que me curar dele. Mas me importo muito com você... Acho que até amo você um pouco. — Aquilo provocou um pequeno sorriso. — Quero tentar de novo. Quero muito. Gosto de ter você na minha vida, só que acho que mergulhei de cabeça cedo demais. Você não tem nenhum motivo para me querer depois do jeito que me acomodei em nosso relacionamento, mas, se você quiser voltar, eu quero.

Adrian me estudou por um bom tempo, e fiquei sem ar. Eu havia falado sério: ele tinha todo o direito de terminar tudo entre nós... No entanto, essa possibilidade me apavorava.

Por fim, ele me puxou para junto de si e deitou na cama.

— Rose, tenho todos os motivos para querer você. Não consigo ficar longe de você desde que a vi na estação de esqui.

Cheguei mais perto de Adrian e deitei a cabeça em seu peito.

— Podemos fazer dar certo. Sei que podemos. Se eu ferrar com tudo de novo, você pode me deixar.

— Quem dera isso fosse tão fácil — falou ele, rindo. — Você se esquece de uma coisa: tenho propensão ao vício. Sou viciado em você. De alguma forma, acho que você poderia fazer todo tipo de maldade comigo, e eu ainda voltaria para você. Mas seja sincera, está bem? Me conte o que sente. Se você sente algo por Dimitri e estiver confusa, me diga. Vamos dar um jeito nisso.

Eu queria dizer a Adrian que — não importavam meus sentimentos por Dimitri — ele não tinha

nada com que se preocupar porque este já havia me rejeitado várias vezes. Eu poderia persegui-lo o quanto quisesse, mas não adiantaria. *Amor acaba*. Aquelas palavras ainda me machucavam, e eu não suportaria dar voz àquela dor. Porém, quando Adrian me abraçou e pensei no quanto ele tinha sido compreensivo com relação a tudo isso, uma parte ferida em mim descobriu que o oposto também era verdade: *Amor cresce*. Eu tentaria com ele. De verdade.

Suspirei.

— Não era para você ser tão sábio. Era para você ser superficial e irracional e... e...

Ele me deu um beijo na testa.

— E?

— Humm... ridículo.

— De ser ridículo dou conta. Quanto aos outros... Só em ocasiões especiais.

Estávamos muito perto um do outro agora, e tombei a cabeça para olhar para ele, suas maçãs do rosto proeminentes e o cabelo bagunçado com arte que o deixava tão bonito. Me lembrei das palavras de sua mãe, que não importava o que queríamos, acabaríamos nos separando. Talvez minha vida fosse ser assim. Eu sempre perderia os homens que amasse.

Puxei Adrian com força para junto de mim, beijando sua boca com uma intensidade que surpreendeu até mesmo a ele. Se é que aprendi alguma coisa sobre a vida e o amor, foi que havia coisas tênues que podiam acabar a qualquer momento. Ter cuidado era essencial — mas não a ponto de desperdiçar a vida. Resolvi que não ia desperdiçá-la agora.

Minhas mãos já tiravam a camiseta de Adrian antes de essa ideia se formar por completo. Ele não questionou nem hesitou em tirar minhas roupas também. Podia ter momentos profundos e de compreensão, só que ainda era... Bem, Adrian. Ele vivia o agora, fazendo o que queria sem pensar duas vezes. E já fazia tempo que me queria.

Também era muito bom nesse tipo de coisa, e foi por isso que minhas roupas saíram mais depressa do que as dele. Seus lábios eram quentes e ávidos no meu pescoço, mas ele tomou o cuidado de nunca deixar suas presas roçarem minha pele. Fui um pouco menos delicada, surpreendendo a mim mesma quando cravei as unhas em suas costas nuas. Seus lábios desceram, contornando meu peito enquanto ele tirava meu sutiã com habilidade, usando apenas uma das mãos.

Fiquei um tanto impressionada diante da reação do meu corpo quando disputamos para ver quem tirava o jeans do outro primeiro. Eu havia me convencido de que nunca mais iria querer sexo depois de Dimitri, mas agora? Ah, eu queria. Talvez fosse alguma reação psicológica à rejeição de Dimitri. Talvez o impulso de viver o momento. Talvez amor por Adrian. Ou talvez apenas tesão.

O que quer que fosse, me deixava incapaz perante suas mãos e sua boca, que pareciam determinadas a explorar cada parte do meu corpo. A única vez em que ele parou foi quando toda a minha roupa já havia sido tirada e eu estava nua ali. Adrian também estava quase nu, mas eu ainda não tinha chegado à sua cueca. (Ela era de seda porque, sinceramente, o que mais Adrian usaria?) Ele tocou meu rosto com as duas mãos. Seus olhos estavam cheios de intensidade e desejo — e um tanto admirados.

— O que é você, Rose Hathaway? É real? É um sonho dentro de um sonho. Tenho medo de tocar em você, e isso me fazer acordar. Você vai desaparecer.

Reconheci um pouco do transe poético no qual ele entrava às vezes, os encantos que faziam com que eu me perguntasse se ele estaria pegando um pouco da loucura induzida pelo espírito.

— Me toque e descubra — falei, puxando-o para mim.

De novo, ele não hesitou. Sua última peça de roupa foi tirada, e meu corpo inteiro se excitou ao sentir sua pele e suas mãos deslizando por mim. Minhas necessidades físicas logo encobriram qualquer lógica ou razão. Não havia pensamento algum, apenas nós, e a urgência selvagem que nos unia. Eu era só necessidade ardente e desejo e sensações e...

— Ah, merda.

Saíu como um tipo de resmungo, já que nos beijávamos; ávidos, os lábios de um procurando os do outro. Apesar dos reflexos de guardiã, mal consegui me afastar, assim que nossos quadris começaram a se tocar. Deixar de senti-lo foi um choque para mim e ainda maior para ele. Adrian perdeu a fala. Apenas me encarou, chocado, quando me afastei ainda mais dele e por fim consegui me sentar na cama.

— O que... O que foi? Você mudou de ideia?

— Primeiro precisamos nos proteger — falei. — Você tem camisinha?

Ele processou aquilo por alguns segundos e então suspirou.

— Rose, só você escolheria esse instante para se lembrar disso.

Ele tinha razão. Meu *timing* tinha sido péssimo. Ainda assim, era melhor do que lembrar da camisinha *depois*. Apesar do meu desejo cada vez maior — que ainda estava lá, acredite —, de repente uma imagem chocante e vívida de Karolina, a irmã de Dimitri, me veio à mente. Eu a conhecera na Sibéria, e ela tinha um bebê de uns seis meses de idade. A criança era adorável, como as crianças costumam ser, mas, por Deus, dava trabalho demais. Karolina era garçonzete e logo que chegava em casa sua atenção se voltava para o bebê. Quando ela estava no trabalho, a mãe de Dimitri cuidava da criança, que sempre precisava de alguma coisa: comida, trocar a fralda, ser salva de se engasgar com um objeto pequeno. A outra irmã, Sonya, estava prestes a ter um bebê também. E a julgar pela forma como deixei sua irmã mais nova, Viktoria, não me surpreenderia se soubesse que ela não demorou muito a engravidar também. Grandes mudanças na vida provocadas por pequenos gestos descuidados.

Logo, eu tinha toda certeza de que não queria um bebê naquele momento, sendo tão jovem. Com Dimitri, não precisava me preocupar, graças à infertilidade dos vampiros. Com Adrian? Era uma questão, assim como o fato de, apesar de as doenças serem raras em ambas as raças, eu não ser a primeira garota com quem Adrian transava. Nem a segunda. Nem a terceira...

— E aí, você tem? — perguntei, impaciente.

Só porque estava no modo responsável não significava que meu desejo havia diminuído.

— Tenho — respondeu Adrian, se sentando também. — No meu quarto.

Olhamos um para o outro. Seu quarto ficava longe, lá na parte Moroi da Corte.

Ele chegou mais perto e me abraçou, mordiscando o lóbulo da minha orelha.

— As chances de alguma coisa ruim acontecer são muito poucas.

Fechei os olhos e deitei a cabeça para trás. Ele envolveu meu quadril com as mãos e acariciou minha pele.

— E você é médico agora? — perguntei.

Ele deu uma gargalhada, beijando atrás da minha orelha.

— Não. Sou só alguém disposto a arriscar. Você não pode me dizer que não quer isso.

Abri os olhos e me soltei para olhar direto para Adrian. Ele tinha razão. Eu queria mesmo aquilo. Muito, muito. E a parte de mim — quase meu corpo inteiro — que ardia de tesão tentava me vencer. As chances deviam ser poucas, não é? Não havia pessoas que passavam a vida inteira tentando

engravidar e não conseguiam? Meu desejo tinha um argumento razoável, então foi meio que uma surpresa quando minha lógica venceu.

— *Eu* não posso correr esse risco — falei.

Adrian me estudou e, por fim, assentiu.

— Está bem. Então fica para outra hora. Hoje vamos ser... responsáveis.

— É só isso o que você vai dizer?

Ele franziu a testa.

— E o que mais eu diria? Você falou que não.

— Mas você... você poderia ter usado a compulsão em mim.

Agora ele estava mesmo impressionado.

— Você *quer* que eu use a compulsão em você?

— Não. Claro que não. Só pensei que... Bem, você poderia ter feito isso.

Adrian acomodou meu rosto entre as mãos.

— Rose, trapaceio nas cartas e compro bebida para menores de idade. Mas nunca, nunca forçaria você a fazer algo que não quer. Muito menos isso...

Suas palavras foram cortadas porque me joguei nele e comecei a beijá-lo de novo. A surpresa deve tê-lo impedido de fazer alguma coisa de imediato, só que, logo depois, ele me afastou com o que parecia uma grande relutância.

— Dampirinha — disse ele, com ironia. — Se você quer ser responsável, esse não é um bom jeito.

— Não temos que deixar isso de lado. E *podemos* ser responsáveis.

— Todas essas histórias são...

Ele deu um grito e parou quando joguei o cabelo para o lado e lhe ofereci meu pescoço. Consegui me virar um pouco para fitar seus olhos, mas não disse nada. Não precisava. O convite era óbvio.

— Rose... — disse ele, incerto, embora eu pudesse notar uma vontade forte aflorando em seu rosto.

Tomar sangue não era o mesmo que sexo, mas um desejo que todos os vampiros tinham, e fazer isso com tesão — pelo que ouvi — era uma experiência excitante. Também era um tabu e quase nunca feito, pelo que diziam. Daí que vinha a definição de prostituta de sangue: dampiras que ofereciam sangue durante o sexo. A ideia de dampiras fornecerem sangue em si era considerada uma desgraça, mas eu já tinha feito isso antes: com Lissa, quando ela precisou se alimentar, e com Dimitri, quando ele era Strigoi. E fora maravilhoso.

Ele tentou de novo, dessa vez com a voz mais estável.

— Rose, você sabe o que está pedindo?

— Sei — respondi com firmeza. Deslizei um dos dedos por seus lábios com delicadeza e, em seguida, toquei suas presas. Joguei suas próprias palavras de volta. — Você não pode me dizer que não quer isso.

Ele queria mesmo. Num piscar de olhos, sua boca estava no meu pescoço; e suas presas, perfurando minha pele. Gritei diante da dor repentina, um som que foi atenuado por um gemido enquanto as endorfinas que vinham a cada mordida de vampiro me inundavam. Uma alegria maravilhosa me consumiu. Enquanto bebia, ele me puxou com força para junto de si, quase para seu colo, pressionando minhas costas contra seu peito. Eu tinha uma vaga consciência de suas mãos me percorrendo de novo e de seus lábios no meu pescoço. Quase tudo que sabia era que me afogava em

um êxtase puro e doce. A onda perfeita.

Quando ele puxou as presas de volta, foi como perder uma parte de mim mesma. Como me tornar incompleta. Confusa, precisando que ele voltasse, tentei alcançá-lo. Com delicadeza, ele afastou minha mão, sorrindo enquanto lambia os lábios.

— Cuidado, dampirinha. Demorei mais do que devia. Você podia criar asas e sair voando agora mesmo.

Na verdade, não me parecia má ideia. Porém, depois de mais alguns instantes, a intensidade e a loucura da onda passaram, e caí em mim. Ainda tinha uma sensação maravilhosa e estava tonta. As endorfinas haviam alimentado o desejo do meu corpo. Meu raciocínio voltou aos poucos, permitindo (mais ou menos) que pensamentos coerentes penetrassem naquela confusão feliz. Quando Adrian se convenceu de que eu estava sóbria o bastante, relaxou e se deitou na cama. Me juntei a ele um momento depois, me acomodando na lateral de seu corpo. Ele parecia tão contente quanto eu.

— Esse foi o melhor não sexo de todos os tempos — refletiu ele.

Minha única resposta foi um sorriso sonolento. Era tarde e, quanto mais a onda da endorfina me atingia, mais eu queria dormir. Uma parte minúscula de mim me dizia que, muito embora eu tivesse desejado isso e me importasse com Adrian, o ato em si havia sido um erro. Não fiz aquilo pelas razões certas. Em vez disso, me deixei levar pelo pesar e pela confusão.

O resto de mim concluiu que não era verdade, e aquela voz incômoda logo desapareceu em meio à exaustão. Adormeci nos braços de Adrian, e foi a melhor noite de sono que tive em muito tempo.

Não fiquei totalmente surpresa por ter sido capaz de me levantar, tomar banho, me vestir e até secar o cabelo sem acordar Adrian. Meus amigos e eu passáramos muitas manhãs tentando arrancá-lo da cama no passado. De ressaca ou sóbrio, ele tinha um sono pesado.

Dediquei mais tempo ao cabelo do que de costume. A marca que denunciava uma mordida de vampiro estava fresca no meu pescoço. Então, deixei o cabelo solto, tomando o cuidado de modelar uma parte para que o longo ondulado pendesse, pesando sobre o lado da mordida. Satisfeita por ter conseguido camuflar o hematoma, pensei no que faria em seguida. Em cerca de uma hora, o Conselho iria ouvir os argumentos dos grupos com ideias variadas sobre o decreto da nova idade, os Moroi lutarem e o voto da Dragomir. Desde que me deixassem entrar no salão, eu não tinha a menor intenção de perder os debates sobre os assuntos mais quentes do nosso mundo no momento.

No entanto, não queria acordar Adrian. Ele estava enrolado nos meus lençóis e dormia bem tranquilo. Se eu o acordasse, me veria na obrigação de permanecer por perto enquanto ele se aprontava. Através do laço, senti Lissa sentada sozinha na mesa de uma cafeteria. Queria me encontrar com ela e tomar o café da manhã, então resolvi que Adrian poderia se virar sozinho. Escrevi um bilhete, dizendo onde estaria, que a porta se trancaria quando ele saísse e deixando muitos beijos e abraços.

Quando estava na metade do caminho da cafeteria, senti algo que arruinou meus planos. Christian havia se sentado com Lissa.

— Ora, ora — murmurei.

Com tudo mais acontecendo, eu não andava prestando muita atenção na vida particular de Lissa. Depois do que aconteceu no depósito, não ficaria muito surpresa em vê-los juntos, embora os sentimentos dela me dissessem que não tinha havido uma reconciliação romântica... ainda. Aquela era uma tentativa receosa de amizade, uma chance de superar o ciúme e a desconfiança constantes.

Longe de mim interferir no trabalho do amor. Eu conhecia outro lugar perto do prédio dos guardiões que vendia café e rosquinhas. Serviria, desde que ninguém de lá lembrasse que, teoricamente, eu ainda estava em período de experiência e havia feito uma cena num salão da realza.

As chances de isso acontecer não eram muito boas.

Ainda assim, decidi tentar e fui para lá, olhando para o céu coberto de nuvens, inquieta. A chuva não contribuiria nem um pouco para o meu humor. Quando cheguei à cafeteria, descobri que não precisaria me preocupar com ninguém prestando atenção em mim. Havia um atrativo maior: Dimitri.

Ele estava ali, com a guarda particular, e muito embora eu ficasse feliz por ele ter um pouco de liberdade, o fato de ser vigiado de perto ainda me enfurecia. Pelo menos hoje não havia uma enorme multidão. As pessoas que iam até lá para tomar café não conseguiam deixar de encará-lo, mas poucos permaneciam ali. Dessa vez, havia cinco guardiões com ele, o que era uma redução significativa. Um bom sinal. Ele estava sozinho em uma mesa com um café e uma inexpressiva rosquinha comida pela metade à sua frente. Lia um romance de bolso, e eu apostaria minha vida que se tratava de um faroeste.

Ninguém se sentou com ele. A escolta apenas mantinha um anel de proteção: um casal perto das paredes, um na entrada e dois em mesas próximas. A segurança não fazia sentido. Dimitri estava completamente absorto no livro, alheio aos guardas e a quaisquer espectadores — ou apenas dava um bom espetáculo, fingindo não se importar. Ele parecia inofensivo, mas as palavras de Adrian me voltaram à mente. Ainda havia resquícios de Strigoi nele? Algum lado negro? O próprio Dimitri alegava ainda carregar a parte que o impedia de amar alguém de verdade.

Sempre tivemos essa consciência inexplicável da presença um do outro. Em um lugar lotado, eu sempre conseguia encontrá-lo. E apesar de estar ocupado com o livro, ele ergueu a cabeça quando fui até o balcão da cafeteria. Nossos olhos se encontraram por um milissegundo. Não havia uma expressão em seu rosto... e, no entanto, tive a impressão de que ele esperava por alguma coisa.

Por mim, como percebi num sobressalto. Apesar de tudo, apesar de nossa briga na igreja... ele ainda pensava que eu ia insistir e fazer alguma promessa de amor. Por quê? Pensava que eu fosse tão irracional assim? Ou será que... será que *queria* que eu me aproximasse?

Bem, qualquer que fosse o motivo, resolvi não dar isso a Dimitri. Ele já tinha me machucado demais. Havia me dito para manter distância, e se aquilo fosse parte de algum jogo elaborado para brincar com meus sentimentos, eu não ia participar. Lancei um olhar arrogante para ele, e me virei depressa enquanto andava até o balcão. Pedi um chá e uma bomba de chocolate. Depois de refletir por um momento, pedi mais uma bomba. Tive a impressão de que seria um dia daqueles.

Minha intenção era a de comer lá fora. Acontece que quando olhei para os vitrais coloridos, distingi por pouco os pingos de chuva que os atingiam. Merda. Por um instante, pensei em enfrentar o mau tempo e ir para outro lugar com a comida, mas resolvi que não deixaria Dimitri me intimidar. Avistei uma mesa longe dele e fui até ela, me esforçando para não notá-lo.

— Ei, Rose. Você vai ao Conselho hoje?

Parei. Um dos guardiões de Dimitri havia feito a pergunta e dava um sorriso amigável para mim. Eu não conseguia me lembrar do nome do cara, mas ele era legal comigo sempre que passávamos um pelo outro. Não quis ser indelicada, então, relutante, respondi — muito embora isso significasse ficar perto de Dimitri.

— Vou — falei, cuidando para que minha atenção se voltasse apenas para o guardião. — Só estou comendo alguma coisa antes de ir.

— E vão deixar você entrar? — perguntou outro guardião.

Este também sorria. Por um momento, pensei que zombassem da minha última explosão. Mas não... Não era isso. Aqueles rostos mostravam aprovação.

— É uma excelente pergunta — admiti. Dei uma mordida na bomba. — Mas acho que devo tentar. Também vou tentar me comportar.

O primeiro guardião deu uma risadinha.

— Espero que não. Aquele grupo merece todas as críticas que você puder fazer por causa daquela lei estúpida da idade.

Os outros guardiões assentiram.

— Que lei da idade? — perguntou Dimitri.

Relutante, olhei para ele, que, como sempre, me deixou sem fôlego. “Pare, Rose”, repreendi a mim mesma. “Você está magoada com ele, lembra? E agora escolheu Adrian.”

— O decreto que diz que os membros da realeza acham que mandar vampiros de dezesseis anos para combater Strigoi é o mesmo que mandar os de dezoito — falei.

Dei outra mordida.

A cabeça de Dimitri se ergueu tão depressa que quase me engasguei com o doce.

— Que adolescentes de dezesseis anos estão lutando contra Strigoi?

Os guardiões se retesaram, mas não fizeram mais nada.

Levei um momento para engolir o pedaço de bomba. Quando, por fim, pude falar, quase tive medo de fazê-lo.

— É o decreto. Agora, os vampiros se formam com dezesseis anos.

— Quando isso aconteceu? — perguntou ele, exigindo uma resposta.

— Há poucos dias. Ninguém lhe contou?

Olhei para os outros guardiões. Um deles deu de ombros. Tive a impressão de que podiam até acreditar que Dimitri de fato fosse um vampiro, mas que não estavam prontos para bater papo com ele. Seu único contato social havia sido com Lissa e os interrogadores.

— Não.

Dimitri franziu a testa enquanto ponderava a notícia.

Comi minha bomba em silêncio, na esperança de aquilo o motivar a falar mais. Funcionou.

— Isso é loucura — falou ele. — Deixando a moralidade de lado, eles não estão prontos ainda tão jovens. É suicídio.

— Eu sei. Tasha argumentou muito bem contra isso. E eu também.

Dimitri me olhou, desconfiado por conta daquela última parte, ainda mais quando alguns guardiões riram.

— A votação foi disputada? — perguntou ele.

Ele falava comigo no estilo interrogatório, do jeito sério e focado que o definia tão bem como um guardião. Concluí que era muito melhor que a depressão. Também era melhor do que ele me mandando embora.

— Muito. Se Lissa tivesse podido votar, o decreto não teria passado.

— Ah — disse ele, brincando com a borda da xícara de café. — O quórum.

— Você sabe disso? — perguntei, surpresa.

— É uma lei Moroi antiga.

— Foi o que ouvi.

— O que a oposição está tentando fazer? Convencer o Conselho a voltar atrás ou conseguir que Lissa, a Dragomir, vote?

— As duas coisas. E mais algumas.

Ele balançou a cabeça e pôs uma mecha de cabelo para trás da orelha.

— Não podem fazer isso. Têm que eleger uma causa e se concentrar nela. Lissa é a escolha mais inteligente. O Conselho precisa dos Dragomir de novo, e já vi o jeito como as pessoas olham para ela quando me exibem. — Apenas uma leve ponta de amargura envolvia aquelas palavras, indicando como ele se sentia com relação ao assunto. Então, ele voltou ao que interessava. — Não seria difícil arranjar apoio para isso. Se não dividirem os esforços.

Comecei a comer a segunda bomba, me esquecendo de que antes havia decidido ignorá-lo. Não queria mudar de assunto e acabar distraíndo-o. Era a primeira coisa que trazia a velha chama de volta aos seus olhos, a única coisa na qual ele parecia de fato interessado — bem, além de prometer uma longa vida de devoção a Lissa e me mandar ficar fora de sua vida. Eu gostava desse Dimitri.

Era o Dimitri dos velhos tempos, feroz e disposto a arriscar a vida pelo que achava certo. Quase desejei que ele voltasse a ser o Dimitri distante, que me irritava e me dizia para ir embora. Vê-lo agora me trazia lembranças demais — sem contar a atração que eu pensava ter liquidado. Agora, tomado por aquela paixão, ele estava mais sexy do que nunca. Adotara a mesma intensidade de quando lutávamos juntos. E de quando transamos também. Era assim que Dimitri deveria ser: poderoso e no comando. Fiquei feliz e, no entanto... vê-lo do jeito que eu amava só fez meu coração se sentir ainda pior. Ele estava perdido para mim.

Se Dimitri adivinhou meus sentimentos, não o demonstrou. Me olhou com firmeza e, como sempre, a força daqueles olhos me envolveu.

— Quando você vir Tasha, peça a ela para me procurar? Precisamos conversar sobre isso.

— Então quer dizer que Tasha pode ser sua amiga e eu não?

Aquelas palavras afiadas saíram antes que eu pudesse detê-las. Enrubesci, constrangida por ter tido um lapso diante dos guardiões. Ao que parecia, Dimitri também não queria plateia. Ele olhou para o que havia começado a conversar comigo.

— Vocês poderiam nos dar um pouco de privacidade?

Os guardiões trocaram olhares e, em seguida, quase juntos, se afastaram. Não era uma distância considerável e continuaram mantendo um anel em torno de Dimitri. Porém, foi o bastante para não ouvirem nossa conversa. Dimitri se virou para mim. Me sentei.

— Você e Tasha são situações completamente diferentes. Ela pode fazer parte da minha vida com segurança. Você não.

— Só que — falei, nervosa, jogando o cabelo para trás — parece que posso fazer parte da sua vida quando convém. Digamos, tipo, para fazer favores e mandar recados.

— Na verdade não parece que você precisa de mim na sua vida — observou ele com ironia, inclinando um pouco a cabeça em direção ao meu ombro direito.

Levei um instante para perceber o que tinha acontecido. Ao jogar o cabelo para trás, eu havia exposto o pescoço — e a mordida. Tentei não ficar vermelha de novo, sabendo que não tinha nada do que me envergonhar. Puxei o cabelo de volta.

— Isso não é da sua conta — sussurrei, na esperança de os outros guardiões não terem visto.

— Isso mesmo. — Ele soou triunfante. — Porque você precisa viver sua própria vida, longe de mim.

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamei. — Você quer parar com...

Meus olhos deixaram seu rosto porque, de repente, um exército veio até nós.

Está bem, não era exatamente um exército, mas podia muito bem ter sido. Num minuto éramos apenas Dimitri, eu e seus seguranças, e então, de repente, a cafeteria estava infestada de guardiões. Eles usavam os trajes em preto e branco típicos de ocasiões formais, e um pequeno botão vermelho no colarinho indicava que tinham uma ligação específica com a guarda da rainha. Devia haver pelo menos vinte.

Eram letais e mortíferos, os melhores entre os melhores. Ao longo da história, assassinos que atacaram monarcas logo se viram derrotados pela guarda real. Ela era a morte ambulante — e todos se juntavam ao nosso redor. Dimitri e eu nos levantamos, incertos quanto ao que acontecia, mas certos de que a ameaça ali se dirigia a nós. A mesa e as cadeiras estavam entre nós. Ainda assim, de imediato assumimos a postura de luta padrão de quando nos encontrávamos cercados por inimigos: um de costas para o outro.

Os seguranças de Dimitri usavam roupas comuns e pareciam um tanto impressionados ao ver seus colegas. Porém, com a eficiência dos guardiões, logo se juntaram à guarda da rainha que se aproximava. Não havia mais sorrisos nem piadas. Eu queria me jogar na frente de Dimitri, mas naquela situação era meio difícil.

— Você precisa vir conosco agora — disse um dos guardas da rainha. — Se resistir, teremos que usar a força.

— Deixem o cara em paz! — gritei, olhando de um rosto para o outro. Aquela escuridão de fúria explodiu dentro de mim. Como ainda não acreditavam? Por que ainda vinham atrás de Dimitri? — Ele não fez nada! Por que vocês não conseguem aceitar que agora ele é mesmo um vampiro?

O homem que falou arqueou uma das sobrancelhas.

— Eu não estava falando com *ele*.

— Vocês... Vocês estão aqui por minha causa? — perguntei.

Tentei pensar em qualquer nova cena que pudesse ter feito nos últimos tempos. Cheguei a considerar a hipótese louca de a rainha ter descoberto que eu havia passado a noite com Adrian e estar furiosa. No entanto... aquilo dificilmente justificaria mandar a guarda do palácio atrás de mim... ou será que sim? Eu teria mesmo ido longe demais com minhas excentricidades?

— Para quê? — perguntou Dimitri, exigindo uma resposta.

Aquele seu corpo alto e maravilhoso — que poderia ser tão sensual às vezes — estava tomado de tensão e ameaças agora.

O homem continuou olhando para mim e ignorando Dimitri.

— Não me faça repetir: venha conosco em paz, ou iremos levá-la.

O brilho das algemas se mostrou em suas mãos.

Meus olhos se arregalaram.

— Isso é loucura! Não vou a lugar nenhum até você me dizer que diabos...

Aquele foi o momento em que devem ter concluído que eu não iria em paz. Dois dos guardiões reais vieram para cima de mim e muito embora na teoria trabalhássemos para o mesmo lado, meus instintos se manifestaram. Eu não sabia de nada ali, só que *não* seria arrastada como algum tipo de criminosa perigosa. Joguei a cadeira na qual estava sentada mais cedo em um dos guardiões e mirei

um soco no outro. Foi uma tentativa descuidada e piorada pelo fato de ele ser mais alto do que eu. A diferença de altura permitiu que eu me esquivasse de suas mãos, e quando chutei o meio de suas pernas com força, um leve gemido me disse que eu havia acertado em cheio.

Ouvi alguns gritos espalhados. Os atendentes da cafeteria se abaixaram atrás do balcão, como se esperassem que armas automáticas aparecessem. Os outros clientes que tomavam café da manhã abandonaram suas mesas depressa, derrubando comida e louças sem se dar conta. Correram para as saídas — bloqueadas por ainda mais guardiões. Isso provocou alguns gritos, muito embora as saídas estivessem interditadas por minha causa.

Nesse meio-tempo, outros guardiões se juntavam à luta. Apesar de eu ter acertado alguns golpes, sabia que estavam em um número muito maior. Um guardião me pegou pelo braço e tentou me algemar. Parou quando outro par de mãos me agarrou, vindas do outro lado, e me puxou.

Dimitri.

— Não toque nela — rosnou ele.

Seu tom de voz teria me assustado se Dimitri tivesse se dirigido a mim. Ele me puxou para trás, me protegendo com o próprio corpo, me pondo de costas para a mesa. Guardiões vinham para cima de nós de todas as direções, e Dimitri começou a despachá-los com o mesmo encanto fatal que uma vez levou as pessoas a chamá-lo de deus. Ele não matava ninguém com quem lutava, mas cuidava para que não agissem mais. Se alguém pensava que seu martírio como Strigoi ou o fato de ter permanecido trancado haviam prejudicado suas habilidades de luta, cometeu um engano terrível. Dimitri era uma força da natureza, conseguindo superar essas adversidades e me conter cada vez que eu tentava me juntar à luta. Os guardas da rainha podiam até ser os melhores entre os melhores, mas Dimitri... Bem, meu antigo amante e instrutor estava em uma categoria particular. Suas habilidades para a luta iam além das de qualquer um, e ele usava todas elas para me defender.

— Fique aí atrás — mandou ele. — Não vão nem encostar em você.

No começo, fui tomada por seu instinto de proteção — muito embora odiasse não fazer parte de uma batalha. Vê-lo lutar também me hipnotizava. Ele tornava aquilo bonito e letal ao mesmo tempo. Era um exército de um homem só, o tipo de guerreiro que protegia quem amava e aterrorizava os inimigos...

E foi então que uma revelação horrível me atingiu.

— Parem! — gritei de repente. — Eu vou! Eu vou com vocês!

Ninguém me ouviu no início. Estavam envolvidos demais com a luta. Os guardiões insistiam em tentar chegar por trás de Dimitri, mas ele parecia perceber sua presença e atirava cadeiras ou qualquer coisa que suas mãos alcançassem — enquanto ainda conseguia chutar e socar os que vinham pela frente. Quem ia saber? Talvez ele pudesse mesmo derrotar um exército sozinho.

Mas eu não podia deixá-lo fazer isso.

Sacudi o braço de Dimitri.

— Pare — repeti. — Não lute mais.

— Rose...

— *Pare!*

Eu tinha certeza de que nunca havia gritado uma palavra tão alto na vida. Meu berro percorreu a cafeteria. Para mim, percorreu a Corte inteira.

Não fez com que todos parassem, mas muitos guardiões se acalmaram. Alguns atendentes que estavam abaixados nos espíaram por cima do balcão. Dimitri ainda estava em ação, ainda pronto para

derrotar todos, e quase tive que me jogar nele para que me notasse.

— Pare. — Dessa vez, foi um sussurro. Um silêncio inquietante pairava sobre todos. — Não lute mais. Vou com eles.

— Não. Não vou deixar que levem você.

— Você tem que deixar — implorei.

Dimitri tinha a respiração pesada e cada parte do corpo preparada, pronta para atacar. Nossos olhares se prenderam um ao outro, e milhares de mensagens pareciam fluir entre nós enquanto a velha eletricidade crepitava no ar. Só torci para que ele tivesse recebido a mensagem direito.

Um dos guardiões se aproximou, hesitante — tendo que contornar o corpo inconsciente do colega —, e a tensão de Dimitri voltou. Ele começou a deter o guardião e a me defender de novo, mas me pus entre os dois, apertando a mão de Dimitri e ainda olhando em seus olhos. Sua pele era quente e parecia tão perfeita, tão perfeita para tocar a minha.

— Por favor. Chega.

Então vi que Dimitri finalmente entendeu o que eu tentava dizer. As pessoas ainda tinham medo dele. Ninguém sabia o que ele era. Lissa havia dito que se ele tivesse um comportamento calmo e normal, esse medo diminuiria. Mas isso? Derrotar um exército de guardiões? Não lhe renderia pontos por bom comportamento. Pelo que eu sabia, já era tarde demais, depois de tudo aquilo, só que eu tinha que tentar controlar o prejuízo. Não podia deixar que o trancassem de novo — não por minha causa.

Enquanto olhava para mim, Dimitri parecia mandar uma mensagem também: que ainda lutaria por mim, que lutaria até perder a força para impedir que me levassem.

Balancei a cabeça e apertei sua mão para me despedir. Seus dedos eram exatamente como eu me lembrava: longos e graciosos, calejados por anos de treinamento. Soltei sua mão e me virei para o cara que havia falado primeiro. Presumi que ele fosse algum tipo de líder.

Estendi as mãos e, devagar, me aproximei.

— Vou em paz. Mas, por favor... não o tranquilizem de novo. Ele só pensou... só pensou que eu estivesse em perigo.

Acontece que, quando as algemas foram ajustadas em meus punhos, *eu* comecei a pensar que corria perigo também. Enquanto os guardiões ajudavam uns aos outros a se levantar, o líder respirou fundo e anunciou o que tentava anunciar desde que chegou. Engoli em seco, já esperando ouvir o nome de Victor.

— Rose Hathaway, você está presa por alta traição.

Não era bem o que eu esperava. Torcendo para que minha submissão tivesse me rendido pontos, perguntei:

— Que tipo de alta traição?

— O assassinato de Sua Majestade Real, a rainha Tatiana.

Vinte e seis

Talvez fosse o senso de humor doentio de alguém, mas fui parar na cela de Dimitri, vaga até então.

Fui para lá quieta depois que aquele guardião fez as acusações diante de mim. Na verdade, entrei em letargia também, já que muito do que ele havia dito era impossível de processar. Eu nem conseguia chegar na parte sobre mim. Não conseguia sentir ultraje nem indignação por conta da acusação porque ainda estava travada na parte da morte de Tatiana.

E não apenas morte. Assassinato.

Assassinato?

Como aquilo teria acontecido? Como aquilo teria acontecido por ali? Aquela Corte era um dos lugares mais seguros do mundo, e Tatiana em especial era sempre protegida — pelo mesmo grupo que havia ido até Dimitri e até mim tão depressa. A menos que ela tivesse deixado a Corte — e eu estava certa de que não havia feito isso —, nenhum Strigoi poderia tê-la matado. Com as constantes ameaças que enfrentávamos, quase não se ouvia falar de assassinatos entre vampiros e Moroi. É claro que isso acontecia. Era inevitável em qualquer sociedade, mas do jeito que a nossa era perseguida, raramente tínhamos tempo para nos voltar uns contra os outros (com exceção da gritaria no Conselho). Em parte, por isso Victor fora tão condenado. Seus crimes eram os piores possíveis.

Até agora.

Depois de passar da ideia absurda de Tatiana estar morta, fui capaz de me fazer a verdadeira pergunta: por que eu? Por que me acusavam? Eu não era nenhuma advogada, mas tinha quase certeza de que chamar alguém de vaca falsa *não* valeria como um forte indício em um julgamento.

Tentei obter mais detalhes dos guardas que vigiavam minha cela, mas eles permaneciam com uma expressão dura e em silêncio. Quando minha voz já estava rouca de tanto gritar, caí na cama e entrei na mente de Lissa, onde na certa conseguiria mais informações.

Lissa estava frenética, tentando obter respostas de quem quer que fosse. Christian ainda lhe fazia companhia, e os dois se encontravam de pé dentro do saguão de um dos prédios administrativos, tomado por tumulto e agitação. Tanto vampiros quanto Moroi corriam para toda parte: alguns assustados pela instabilidade do novo governo e outros na esperança de tirar proveito disso. Lissa e Christian estavam no meio de tudo aquilo, como folhas varridas pela fúria de uma tempestade.

Apesar de agora, na teoria, Lissa ser adulta, ela ainda vivia sob as asas de alguém mais velho na Corte — quase sempre Priscilla Voda e às vezes até mesmo Tatiana. Nenhuma das duas estava

disponível naquele momento, por motivos óbvios. Embora muitos membros da realeza a respeitassem, Lissa não tinha a quem recorrer de fato.

Ao vê-la tão agitada, Christian apertou sua mão.

— Tia Tasha deve saber o que está acontecendo — disse ele. — Ela vai aparecer mais cedo ou mais tarde. Você sabe que ela não vai deixar nada acontecer com Rose.

Lissa percebeu um pouco de incerteza naquela declaração, só que não comentou. Tasha podia não *querer* que nada acontecesse comigo, mas sem dúvida não era todo-poderosa.

— Lissa!

A voz de Adrian fez tanto Lissa quanto Christian se virarem. Ele tinha acabado de chegar com a mãe. Parecia que havia ido literalmente direto da minha cama para lá. Usava as roupas da noite anterior, um tanto amarrotadas, e seu cabelo não estava estilizado com o cuidado de sempre. Em comparação, Daniella se encontrava bem-arrumada e composta, a imagem perfeita de uma empresária que não havia perdido a feminilidade.

Até que enfim! Ali estavam as pessoas que deviam ter respostas. Lissa correu até os dois, agradecida.

— Graças a Deus — disse Lissa. — Ninguém quer nos contar o que aconteceu... só que a rainha está morta e que Rose foi presa. — Ela olhou para o rosto de Daniella, suplicante. — Me diga que foi algum tipo de engano.

Daniella deu uns tapinhas no ombro de Lissa e lançou o olhar mais reconfortante possível para ela, dadas as circunstâncias.

— Receio que não. Tatiana foi morta ontem à noite, e Rose é a principal suspeita.

— Mas ela nunca faria isso! — exclamou Lissa.

Christian se juntou a ela com toda fúria.

— O fato de Rose ter gritado no Conselho naquele dia não basta para condená-la por assassinato. — Ah, Christian e eu tínhamos a mesma linha de raciocínio. Era quase assustador. — Nem o de ir sem ser convidada à Vigília pela Morte.

— Você tem razão. Não basta — concordou Daniella. — Mas também não ajuda em nada. E parece que eles alegam ter outro indício que prova que ela é culpada.

— Que tipo de indício? — perguntou Lissa, exigindo uma resposta.

Daniella passou a se desculpar.

— Não sei. Ainda faz parte da investigação. Farão uma audiência para apresentar as evidências e questionar os paradeiros de Rose, possíveis motivações... esse tipo de coisa. — Ela olhou ao redor, para as pessoas apressadas. — Se chegarem mesmo a esse ponto. Uma coisa dessas... Isso não acontece há séculos. O Conselho obtém controle absoluto até um novo monarca ser eleito, mas ainda será um caos. As pessoas estão com medo. Não me surpreenderá se a Corte ficar sob lei marcial.

Christian se virou para Lissa com esperança no rosto.

— Você viu Rose ontem à noite? Ela estava com você?

Lissa franziu a testa.

— Não. Acho que Rose estava no quarto dela. A última vez em que a vi foi antes de ontem.

Daniella não parecia feliz com aquilo.

— Isso não vai ajudar. Se Rose estava sozinha, não tem álibi.

— Ela não estava sozinha.

Três pares de olhos se viraram na direção de Adrian. Era a primeira vez que ele falava depois de

ter chamado Lissa. Ela ainda não havia se concentrado muito nele, o que significava que eu também não. Tinha apenas observado sua aparência de forma superficial quando ele chegou, mas agora podia ver os pequenos detalhes. Preocupação e angústia marcavam seu rosto, fazendo-o parecer mais velho do que era. Ao se voltar para sua aura, ela via o dourado de um usuário do espírito, mas essa e as outras cores estavam turvas e manchadas pela escuridão. Havia lampejos ali também, um alerta de que a instabilidade do espírito dominava. Tudo aquilo tinha acontecido rápido demais para que Adrian reagisse, e desconfiei de que se entregaria aos cigarros e à bebida logo que tivesse um tempo livre. Era como lidar com esse tipo de coisa.

— O que você está dizendo? — perguntou Daniella, em tom de reprovação.

Adrian deu de ombros.

— Rose não estava sozinha. Passei a noite inteira com ela.

Lissa e Christian fizeram um bom trabalho ao manter expressões neutras, mas o rosto de Daniella registrava o choque que qualquer mãe teria ao saber da vida sexual do filho. Adrian também notou sua reação.

— Me poupe — avisou ele. — Da sua moral, das suas opiniões... nada disso importa agora. — Ele gesticulou na direção de um grupo de pessoas apavoradas, correndo de um lado para o outro, gritando que Victor Dashkov sem dúvida teria ido para a Corte a fim de matar todos. Adrian balançou a cabeça e se voltou para a mãe. — Eu estava com Rose. Isso prova que ela não matou ninguém. Conversamos sobre sua reprovação maternal à minha vida amorosa depois.

— Não é o que me preocupa! Se eles tiverem mesmo fortes indícios e você se meter nisso, pode se tornar um suspeito também.

A postura com a qual Daniella havia chegado começava a se desfazer.

— Ela era minha tia — gritou Adrian, incrédulo. — Por que diabos eu e Rose a mataríamos?

— Porque ela desaprovava seu namoro. E porque Rose estava revoltada com a lei da idade. — Isso veio de Christian. Lissa arregalou os olhos, mas ele apenas deu de ombros. — O que foi? Só estou dizendo o óbvio. Se eu não o fizesse, outra pessoa faria. E todos ouvimos as histórias. Andam inventando coisas que são exageradas até para Rose.

Um argumento forte, de fato.

— Quando? — perguntou Daniella, agarrando a manga da camisa de Adrian. — Quando você se encontrou com Rose? A que horas chegou lá?

— Não sei. Não me lembro — respondeu ele.

Ela o agarrou com mais força.

— Adrian! Leve a sério. Isso vai fazer uma grande diferença em como as coisas procedem. Se você chegou lá antes de Tatiana ser morta, então não será implicado. Se você se encontrou com Rose depois...

— Ela tem um álibi — interrompeu ele. — E não tem problema.

— Espero que isso seja verdade — murmurou Daniella. Seus olhos não pareciam se concentrar mais nos meus amigos. As engrenagens em sua cabeça giravam, seus pensamentos passavam acelerados enquanto ela tentava imaginar qual seria a melhor forma de proteger o filho. Eu era um caso infeliz para ela. E ele, como dava para compreender, uma emergência de alerta vermelho. — Ainda assim, temos que arranjar um advogado para você. Vou conversar com Damon. Tenho que encontrá-lo antes da audiência desta noite. E Rufus vai ter que saber disso também. Merda. — Adrian arqueou uma das sobrancelhas. Eu tinha a impressão de que lady Ivashkova não costumava xingar com

frequência. — *Temos* que descobrir a que horas você chegou lá.

A agonia ainda envolvia Adrian como um manto, e ele dava a impressão de que ia desabar se não consumisse nicotina ou álcool logo. Eu odiava vê-lo daquela maneira, ainda mais por minha causa. Ele era forte, sem dúvida, mas sua natureza — e os traços dos efeitos do espírito — tornavam difícil lidar com aquilo. No entanto, em meio à agitação, conseguiu resgatar uma lembrança para ajudar a mãe frenética.

— Tinha alguém na entrada do prédio quando cheguei... um zelador ou qualquer coisa do tipo, eu acho. Mas ninguém na recepção.

Grande parte dos prédios mantinha um funcionário na recepção para emergências e serviços de porteiro.

O rosto de Daniella se iluminou.

— É isso. É do que precisamos. Damon irá descobrir a hora em que você esteve lá para tirá-lo são e salvo dessa situação.

— *E* para ele me defender se as coisas forem mal?

— Claro — respondeu ela, de imediato.

— E Rose?

— O que tem ela?

Adrian ainda parecia prestes a desmoronar, mas havia seriedade e concentração naqueles olhos verdes.

— Se você descobrir que tia Tatiana foi morta antes de eu chegar lá, e Rose for atirada aos leões sozinha, Damon vai ser o advogado dela?

Daniella hesitou.

— Ah, bem, querido... Na verdade, Damon não faz esse tipo de coisa...

— Ele vai fazer se você pedir — disse Adrian com firmeza.

— Adrian — disse Daniella, desgastada —, você não sabe do que está falando. Dizem que a prova que têm contra ela é grave. Se nossa família demonstrar apoio...

— Não é como se apoiássemos um assassinato! Você conhece Rose. Gosta dela. É capaz de me olhar nos olhos e dizer que tudo bem ela ficar com qualquer defesa tosca que vão lhe empurrar? *Você é capaz?*

Daniella empalideceu, e juro que se encolheu de medo. Acho que não estava acostumada a tanta determinação feroz vinda de seu filho inconsequente. E embora as palavras de Adrian fossem perfeitamente sensatas, havia um desespero um pouco assustador e louco em sua voz e em sua postura. Se aquilo era provocado pelo espírito ou por suas próprias emoções, eu não sabia dizer.

— Eu... vou conversar com Damon — disse Daniella por fim.

Ela teve que engolir em seco algumas vezes antes de conseguir pôr as palavras para fora.

Adrian respirou fundo, e parte daquela fúria se foi.

— Obrigado.

Daniella saiu a passos rápidos, se misturando à multidão e deixando Adrian sozinho com Christian e Lissa. Os dois pareciam só um pouco menos abalados do que Daniella.

— Damon Tarus? — perguntou Lissa.

Adrian assentiu.

— Quem é esse? — perguntou Christian.

— O primo da minha mãe — respondeu Adrian. — E advogado da família. Um tremendo

vigarista. É meio desonesto também, mas pode livrar qualquer um de qualquer coisa.

— Isso já é alguma coisa, eu acho — refletiu Christian. — E ele é bom o bastante para lutar contra o suposto forte indício?

— Não sei. Não sei mesmo. — Sem se dar conta, Adrian alcançou o bolso onde costumava guardar os cigarros, mas não tinha nenhum hoje. Ele suspirou. — Não sei que indício é esse nem como tia Tatiana morreu. Só sei que a encontraram morta esta manhã.

Lissa e Christian trocaram caretas. Christian deu de ombros, e Lissa se virou para Adrian, assumindo o papel de mensageira.

— Uma estaca — disse Lissa. — Encontraram sua tia na cama com uma estaca de prata cravada no coração.

Adrian não disse nada e, na verdade, sua expressão não mudou. Lissa se deu conta de que, em meio àquela conversa sobre inocência, provas e advogados, todos meio que negligenciavam o fato de Tatiana ser tia-avó de Adrian. Ele não aprovava algumas de suas decisões e fazia muitas piadas sobre ela pelas costas. Porém, ainda assim, Tatiana era da família de Adrian, alguém que ele conhecia a vida toda. Ele devia sentir a dor da morte dela acima de tudo. Até eu me senti um pouco abalada. Eu a odiava pelo que havia feito comigo, só que nunca desejei sua morte. E não conseguia deixar de lembrar que vez ou outra ela de fato falou comigo como se eu fosse gente. Talvez tivesse sido fingimento, mas ela com certeza foi sincera na noite em que passou na casa dos Ivashkov. Estava cansada e pensativa, mais preocupada em apaziguar a família do que com qualquer outra coisa.

Lissa observou enquanto Adrian partia, inundada por solidariedade e tristeza. Christian lhe deu um tapinha no braço com delicadeza.

— Vamos — falou ele. — Já descobrimos o que precisávamos. Agora, só estamos atrapalhando a passagem aqui.

Sentindo-se desamparada, Lissa deixou que ele a conduzisse para fora, se esquivando de mais grupos em pânico. O alaranjado do sol que se punha dava a cada folha e a cada árvore um ar dourado e acolhedor. Havia muita gente nas ruas quando voltamos do depósito com Dimitri, mas não era nada comparado àquilo. As pessoas murmuravam, amedrontadas, ansiosas para passar as notícias adiante. Alguns já estavam de luto, completamente de preto, com lágrimas nos olhos. Eu me perguntava o quanto daquilo era verdadeiro. Até mesmo em meio à tragédia e ao crime, os membros da realeza agiam em busca de poder.

E cada vez que ouvia meu nome, Lissa sentia mais raiva. Era uma raiva ruim, do tipo que parecia fumaça negra em nosso laço e costumava fazê-la estourar com alguém. A maldição do espírito.

— Não consigo acreditar! — exclamou ela para Christian. Notei, embora ela não tenha notado, que ele se apressava para levá-la a um lugar onde não houvesse pessoas. — Como alguém poderia pensar isso de Rose? É uma armação. *Só pode* ser.

— Eu sei, eu sei — falou ele. Christian também conhecia os perigosos sinais do espírito e tentava acalmá-la. Os dois tinham chegado a um pequeno gramado à sombra de uma enorme aveleira e se acomodado no chão. — Sabemos que Rose não fez uma coisa dessas. É o que importa. Vamos provar isso. Ela não pode pagar por algo que não fez.

— Você não conhece essa gente — resmungou Lissa. — Se alguém quiser pegá-la, podem fazer todo o possível.

Com o mínimo de consciência, drenei um pouco daquela escuridão de Lissa para mim, tentando acalmá-la. Infelizmente, isso só me deixou mais nervosa.

Christian deu uma gargalhada.

— Você se esquece de que cresci perto dessa gente. Era da sala dos filhos dessa gente na escola. Conheço todos eles. Mas não vamos entrar em pânico até descobirmos mais, está bem?

Lissa suspirou, se sentindo muito melhor. Eu absorveria escuridão demais se não tomasse cuidado. Ela deu um pequeno sorriso hesitante para Christian.

— Eu não me lembrava de você ter sido tão razoável antes.

— É porque todo mundo tem definições diferentes de “razoável”. A minha é mal-interpretada. Só isso.

Seu tom de voz era presunçoso.

— Acho que você deve ser muito mal-interpretado — falou ela, rindo.

Os olhos dele prenderam os dela, e o sorriso no rosto dele se transformou em algo mais acolhedor e caloroso.

— Bem, espero que isso não seja mal-interpretado. Do contrário, vou acabar apanhando.

Ele se inclinou para a frente e levou os lábios até os dela. Lissa correspondeu sem hesitar nem pensar em nada, se perdendo na doçura do beijo. Infelizmente, fui arrastada junto. Quando os dois se afastaram, Lissa sentiu o coração acelerar e as bochechas corarem.

— E qual era mesmo a definição para isso? — perguntou ela, revivendo a sensação provocada pela boca de Christian.

— Quer dizer “me desculpe” — respondeu ele.

Ela se virou em outra direção e, nervosa, arrancou um pouco da grama. Por fim, suspirou e olhou de novo para ele.

— Christian... já houve... já houve alguma coisa entre você e Jill? Ou Mia?

Ele arregalou os olhos, surpreso.

— O quê? Como você pode pensar isso?

— Você passou tanto tempo com elas.

— Só tem uma pessoa que eu sempre quis — disse ele. A firmeza de sua expressão, daqueles olhos azuis cristalinos, não deixava dúvidas sobre quem era essa pessoa. — Ninguém nunca chegou nem perto. Apesar de tudo, nem mesmo com Avery...

— Christian, me desculpe por isso...

— Você não precisa...

— Preciso, sim...

— Merda — disse ele. — Quer me deixar terminar uma fra...

— Não — interrompeu ela.

Lissa se inclinou e o beijou; um beijo intenso que queimou por seu corpo, um beijo que lhe disse que não havia mais ninguém no mundo para ela também.

Bem, ao que parecia, Tasha tinha razão: eu era a única que poderia unir os dois de novo. Só que, de alguma forma, não esperava que precisasse ser presa para conseguir isso.

Abandonei a cabeça de Lissa para dar um pouco de privacidade aos dois e me poupar de vê-los se agarrando. Não me incomodei com o momento deles. Não havia nada que pudessem fazer por mim naquele instante, e eles mereciam a reconciliação. A única coisa que lhes restava fazer era esperar por mais informações e, realmente, seu método para passar o tempo era muito mais saudável do que qualquer coisa que Adrian estivesse fazendo.

Me deitei na cama e encarei o teto. Não havia nada além de metal liso e cores neutras ao meu

redor. Aquilo me enlouquecia. Eu não tinha nada para ver, nada para ler. Me sentia como um animal preso numa jaula. A cela parecia cada vez menor. Tudo o que eu podia fazer era repassar o que havia descoberto através de Lissa, analisando cada palavra. Eu tinha perguntas sobre tudo, é claro, mas o que mais me chamou a atenção foi Daniella ter mencionado uma audiência. Precisava saber mais sobre isso.

Obtive minha resposta — horas depois.

Àquela altura, já tinha entrado em uma espécie de torpor nebuloso e quase não reconheci Mikhail parado diante da minha cela. Dei um pulo da cama até as grades e vi que ele destrancava a porta. Uma esperança me percorreu.

— O que está acontecendo? — perguntei. — Vão me deixar sair?

— Receio que não — respondeu ele. E isso foi provado quando, depois de abrir a porta, ele logo algemou minhas mãos. Não resisti. — Estou aqui para levá-la à audiência.

Quando cheguei ao corredor, vi outros guardiões reunidos. Meu próprio grupo de seguranças. Um espelho do de Dimitri. Adorável. Mikhail e eu seguimos juntos e, por misericórdia, ele falou comigo ao longo do caminho em vez de manter aquele silêncio horrível que parecia ser o tratamento comum dado aos prisioneiros.

— O que é a audiência exatamente? Um julgamento?

— Não, não. Está cedo demais para um julgamento. Uma audiência decide se você vai a julgamento.

— Isso me parece perda de tempo — argumentei.

Deixamos o prédio dos guardiões, e aquele ar fresco e úmido era a coisa mais doce que eu já tinha experimentado.

— É uma perda de tempo maior se você for a julgamento e perceberem que não era o caso. Na audiência, apresentarão todas as provas que têm, e um juiz, ou, bem, alguém que aja como um juiz, decidirá se você deve ser julgada. O julgamento torna tudo oficial. É quando pronunciam o veredicto e a sentença.

— Por que demoraram tanto para fazer a audiência? Por que me obrigaram a esperar naquela cela o dia inteiro?

Ele deu uma gargalhada, mas não porque pensou que fosse engraçado.

— Isso está sendo rápido, Rose. Muito rápido. Pode levar dias ou semanas para haver uma audiência e, se você for a julgamento, ficará presa até lá.

Engoli em seco.

— Vão ser rápidos nisso também?

— Não sei. Nenhum monarca foi morto em quase cem anos. As pessoas estão se desesperando, e o Conselho quer estabelecer a ordem. Já estão fazendo grandes planos para o funeral da rainha. Um enorme espetáculo que irá distrair todo mundo. Sua audiência também é uma tentativa de estabelecer a ordem.

— O quê? Como?

— O quanto antes condenarem o assassino, mais seguros todos irão se sentir. Achem que esse caso contra você é tão concreto que querem apressar as coisas. *Querem* que você seja culpada. Querem enterrar a rainha sabendo que a justiça está sendo feita à sua assassina para que todos possam dormir tranquilos quando a nova rainha ou o novo rei for eleito.

— Mas eu não...

Deixei minha negação de lado. Não fazia sentido.

À nossa frente, surgiu o prédio que abrigava a sala do tribunal. Me parecera assustador na primeira vez em que estive ali, para o julgamento de Victor, mas aquilo se devia ao medo das lembranças que ele despertava em mim. Agora... agora era meu próprio futuro a ser julgado. E, ao que parecia, não só meu próprio futuro. O mundo Moroi observava e aguardava, na esperança de que eu fosse uma vilã da qual poderiam se livrar para sempre. Engoli em seco e, nervosa, olhei para Mikhail.

— Você acha... Você acha que vão me levar a julgamento?

Ele não respondeu. Um dos guardas abriu a porta para nós.

— Mikhail? — insisti. — Vão mesmo me levar a julgamento por assassinato?

— Sim — disse ele com compaixão. — Tenho quase certeza de que vão.

Vinte e sete

Entrar na sala do tribunal foi uma das experiências mais surreais que tive na vida — e não só porque era eu a acusada. Aquilo insistia em me lembrar do julgamento de Victor, e a ideia de que agora eu estava em seu lugar era quase estranha demais para ser compreendida.

Chegar com uma tropa de guardiões chama a atenção das pessoas — e acredite, tinha muita gente espremida ali — então, naturalmente, não me escondi nem demonstrei vergonha. Entrei confiante, de cabeça erguida. Mais uma vez, aquela lembrança sinistra de Victor. Ele também chegara ali desafiador, e eu ficara chocada pelo fato de alguém que cometeu os crimes que ele cometeu pudesse se comportar daquela maneira. Será que as pessoas que estavam ali pensavam o mesmo de mim?

No parlatório, à frente do tribunal, havia uma mulher que não reconheci. Entre os Moroi, o juiz costumava ser um advogado indicado ao cargo para os propósitos da audiência ou o que quer que fosse. O julgamento em si — pelo menos um julgamento grande, como o de Victor — era presidido pela rainha. Fora ela quem dera a última palavra para concluir o veredicto. Ali, seriam os membros do Conselho que decidiriam se eu sequer alcançaria esse estágio. *O julgamento torna tudo oficial. É quando pronunciam o veredicto e a sentença.*

Minha escolta me levou para os assentos à frente, passando pela grade que separava o público das pessoas-chave do julgamento, e gesticulou em direção a um lugar vago ao lado de um Moroi de meia-idade em um terno preto muito formal de uma marca muito cara. O terno gritava *Lamento pela morte da rainha e vou exibir meu traje da moda enquanto demonstro o meu pesar*. Seu cabelo era louro-claro com os primeiros leves riscos prateados. De alguma forma, aquilo lhe caía bem. Presumi que fosse Damon Tarus, meu advogado, mas ele não me dirigiu nem uma palavra.

Mikhail também se sentou perto de mim, e fiquei feliz por ele ter sido o escolhido para literalmente não sair do meu lado. Olhei para trás e vi Daniella e Nathan Ivashkov sentados com outros membros da alta realeza e suas famílias. Adrian havia optado por não se juntar a eles e se sentou mais para trás com Lissa, Christian e Eddie. Todos eles tinham o rosto tomado de preocupação.

A juíza — uma senhora Moroi grisalha que parecia durona — chamou a atenção de todos no tribunal, e me virei para tornar a olhar para a frente. O Conselho entrava, e ela anunciou seus membros, um por um. Duas fileiras de bancos haviam sido reservadas para eles; duas fileiras de seis lugares com um décimo terceiro nos fundos, suspenso. É claro que apenas onze das vagas eram

preenchidas, e tentei não franzir a testa. Lissa deveria se sentar lá também.

Depois que o conselho se acomodou, a juíza se virou para nós e falou com uma voz que ressoou pelo tribunal:

— Esta audiência tem início agora a fim de determinarmos se há provas suficientes para...

Um tumulto na entrada a interrompeu, e o público esticou o pescoço para ver o que acontecia.

— Do que se trata essa perturbação? — perguntou a juíza, exigindo uma resposta.

Um dos guardiões tinha a porta parcialmente aberta e se inclinava para fora, parecendo conversar com quem quer que estivesse no corredor. Ele se virou para o tribunal de novo.

— O advogado da acusada está aqui, Excelência.

A juíza olhou para Damon e para mim e, em seguida, franziu a testa para o guardião.

— Ela já tem um advogado.

O guardião deu de ombros, se mostrando sem ação numa cena cômica. Se houvesse um Strigoi ali fora, ele teria sabido o que fazer. Porém, aquela quebra de protocolo bizarra estava além de suas habilidades. A juíza suspirou.

— Está bem. Mande quem quer que esteja aí entrar e vamos resolver isso.

Abe entrou.

— Meu bom Deus! — falei em voz alta.

Não tive que me repreender por ter falado fora de hora, porque um zunido de conversa logo preencheu o cômodo. Imaginei que metade estivesse admirada por conhecer Abe e sua reputação. A outra metade devia apenas estar chocada por sua aparência.

Abe usava um terno cinza de caxemira, muito mais leve do que o preto pesaroso de Damon. Por baixo, vestia uma camisa social tão branca que parecia reluzir — ainda mais em contraste com a brilhante gravata de seda carmesim. Outros pontos vermelhos se espalhavam pelo traje — um lenço no bolso, abotoaduras de rubi. Naturalmente, tudo confeccionado com tanta perfeição e tão caro quanto as roupas de Damon. Abe, porém, não parecia estar de luto. Nem em um tribunal. O que mais parecia era que havia sido interrompido a caminho de uma festa. E, é claro, ele exibia as incomuns argolas douradas que usava como brinco e a barba preta aparada.

A juíza silenciou o tribunal, gesticulando uma das mãos, enquanto ele, orgulhoso, ia até ela.

— Ibrahim Mazur — disse ela, balançando a cabeça. Havia tanto deleite quanto reprovação em sua voz. — Isso é... inesperado.

Abe fez uma reverência galante para ela.

— Que adorável vê-la de novo, Paula. Você não envelheceu nem um dia.

— Não estamos em um clube, sr. Mazur — informou ela. — E, enquanto estivermos aqui, queira se dirigir a mim de modo apropriado.

— Ah. Está certo. — Ele piscou. — Me desculpe, Excelência. — Abe se virou e procurou ao redor até seus olhos pararem em mim. — Ali está ela. Me desculpe pelo atraso. Vamos começar.

Damon se levantou.

— O que é isso? Quem é você? Eu sou o advogado dela.

Abe balançou a cabeça.

— Deve ter havido algum engano. Levei um tempo para conseguir um voo para cá, então posso entender por que vocês arranjaram um defensor público para ocupar a posição.

— Defensor público! — O rosto de Damon ficou vermelho de tanta indignação. — Sou um dos advogados mais renomados entre os Moroi americanos.

— Renomado, público. — Abe deu de ombros e se recostou. — Eu não julgo. Sem querer fazer um trocadilho.

— Sr. Mazur — interrompeu a juíza —, o *senhor* é advogado?

— Sou muitas coisas, Paula... Excelência. Além do mais, isso importa? Rose só precisa de alguém para falar por ela.

— E ela tem alguém — exclamou Damon. — Eu.

— Não mais — disse Abe, com uma postura ainda muito agradável.

Ele não deixou de sorrir em momento algum, mas acho que vi aquele brilho perigoso em seus olhos que assustava tantos de seus inimigos. Era o retrato da calma enquanto Damon estava à beira de um ataque.

— Excelência...

— Basta! — disse ela em sua voz ressoante. — Deixem a menina escolher. — Seus olhos castanhos se fixaram em mim. — Quem quer que fale por você?

— Eu...

Fiquei boquiaberta diante de como a atenção se voltou para mim abruptamente. Acompanhava o drama entre os dois homens como se fosse uma partida de tênis, e agora a bola havia acertado a minha cabeça.

— Rose.

Chocada, me virei um pouco. Daniella Ivashkova tinha vindo com discrição para a fileira atrás de mim.

— Rose — sussurrou ela de novo —, você não faz ideia de quem seja esse tal de Mazur. — Ah, será que não? — É melhor você não se meter com ele. Damon é o melhor. Não é fácil consegui-lo.

Ela voltou para o seu lugar, e olhei do rosto de um dos meus advogados em potencial para o outro. Entendi o que Daniella quis dizer. Adrian a havia convencido a arranjar Damon para mim, e ela havia convencido Damon a de fato fazer aquilo. Rejeitá-lo seria um insulto a ela, e levando em conta de que se tratava de uma das poucas Moroi da realeza que havia reagido bem ao meu namoro com Adrian, sem dúvida eu não queria ganhar sua antipatia. Além do mais, se era uma armação da realeza, ter um deles ao meu lado devia ser minha melhor chance de escapar.

E no entanto... ali estava Abe, olhando para mim com aquele sorriso matreiro. Com certeza era muito bom em conseguir o que queria, mas muito se devia à força de sua presença e reputação. Se houvesse de fato uma evidência absurda contra mim, a reação de Abe não seria o bastante para se desfazer dela. É claro que ele também era ardiloso. A serpente. Capaz de fazer o impossível acontecer. Sem dúvida usaria toda a sua influência para me ajudar.

Entretanto, isso não mudava o fato de ele não ser advogado.

Por outro lado, era meu pai.

Era meu pai, e embora ainda mal nos conhecêssemos, havia se dado ao trabalho de ir até ali e chegar como se tivesse vindo a passeio com seu terno cinza para me defender. Tomado pelo amor de pai? Ele seria mesmo um advogado tão bom assim? E no fim das contas, era verdade que os laços de sangue vinham em primeiro lugar? Eu não sabia. Para ser sincera, não concordava muito com isso. Talvez funcionasse para os humanos, mas não fazia o menor sentido para os vampiros.

De um jeito ou de outro, Abe me encarava com determinação naqueles olhos castanho-escuros quase idênticos aos meus. *Confie em mim*, ele parecia dizer. Mas será que eu podia? Será que podia confiar na minha família? Eu teria confiado na minha mãe se ela estivesse ali — e sabia que ela

confiava em Abe.

Suspirei e gesticulei na direção de Abe.

— Vou ficar com ele. — E em voz baixa, acrescentei: — Não me deixe na mão, Zmey.

O sorriso de Abe se abriu ainda mais enquanto exclamações chocadas prevaleciam entre o público e Damon protestava, indignado. Daniella pode ter tido que convencê-lo a me defender no começo, mas agora o caso havia se tornado uma questão de orgulho próprio. Sua reputação acabava de ser manchada pelo fato de eu ter aberto mão dele.

Porém, fiz minha escolha, e a juíza exasperada não estava disposta a ouvir mais discussões quanto a isso. Enxotou Damon, e Abe tomou seu lugar. A juíza começou com o discurso de abertura padrão, explicando por que estávamos ali etc., etc. Enquanto ela falava, me inclinei na direção de Abe.

— No que você me meteu? — sussurrei.

— Eu? No que *voce* se meteu? Não dava para apenas me fazer buscá-la na delegacia por beber sem ter idade para isso, como acontece com a maioria dos pais?

Comecei a entender por que as pessoas se irritavam quando eu fazia piadas em situações extremas.

— A merda do meu futuro está em jogo! Vão me levar a julgamento e me condenar!

Cada traço de humor ou animação sumiu de seu rosto. Sua expressão se tornou dura, séria e mortal. Um arrepio percorreu minha espinha.

— Eu juro — disse ele em uma voz baixa e estável — que isso nunca, nunca vai acontecer.

A juíza voltou sua atenção para nós e para a promotora, uma mulher chamada Iris Kane. Não era um nome da realeza, mas ela ainda parecia ser linha-dura. Talvez fosse apenas coisa de advogado.

Antes de a prova contra mim ser apresentada, o assassinato da rainha foi descrito nos mínimos detalhes sórdidos. Como ela tinha sido encontrada na cama naquela manhã com uma estaca de prata cravada no coração e um profundo olhar de pavor e choque no rosto. Havia sangue em toda parte: na camisola, nos lençóis, na pele... As fotografias foram mostradas a todos do tribunal, desencadeando reações variadas. Arquejos de surpresa. Mais medo e pânico. E algumas... algumas pessoas choraram. Parte das lágrimas se devia, sem dúvida, àquela situação horrível como um todo, mas acho que muitos choraram porque amavam Tatiana ou gostavam dela. Ela era fria e dura às vezes, mas, em grande parte, seu reinado havia sido justo e pacífico.

Depois de exibir as fotografias, me chamaram. A audiência não transcorria do mesmo jeito que um julgamento comum. Não havia trocas formais de advogados enquanto interrogavam as testemunhas. Eles só meio que se levantavam e se alternavam para fazer as perguntas enquanto a juíza mantinha a ordem.

— Srta. Hathaway — começou Iris, deixando de usar meu título. — A que horas voltou para seu quarto ontem à noite?

— Não sei a hora exata... — Me concentrei nela e em Abe, e não no mar de rostos ali. — Por volta das cinco da manhã, eu acho. Talvez seis.

— Tinha alguém com a senhorita?

— Não, bem... sim. Mais tarde. — Ah, Deus. *Lá vem.* — Humm, Adrian Ivashkov me fez uma visita.

— A que horas ele chegou? — perguntou Abe.

— Também não tenho certeza. Acho que algumas horas depois de mim.

Abe voltou seu sorriso charmoso para Iris, que revirava alguns papéis.

— O assassinato da rainha foi restrito ao intervalo entre sete e oito horas. Rose não estava sozinha.

É claro que precisamos que o sr. Ivashkov testemunhe, confirmando isso.

Meus olhos se voltaram para o público por um instante. Daniella estava pálida. Era o seu pesadelo: Adrian sendo envolvido. Olhei mais adiante e vi o próprio Adrian, que me parecia estranhamente calmo. Torci muito para que ele não estivesse bêbado.

Iris mostrou uma folha de papel, triunfante.

— Temos uma declaração assinada pelo zelador que diz que o sr. Ivashkov chegou ao prédio da acusada por volta das 9h20.

— Isso é muito específico — comentou Abe. Ele falava com deleite, como se ela tivesse dito algo fofo. — Você tem alguém da recepção para confirmar essa informação?

— Não — respondeu Iris com frieza. — Mas isso basta. O zelador se lembra porque estava prestes a fazer um intervalo. A srta. Hathaway estava sozinha quando o assassinato aconteceu. Ela não tem álibi.

— Bem — retrucou Abe —, pelo menos de acordo com alguns “fatos” questionáveis.

No entanto, não se falou mais sobre a hora. A prova foi aceita para os registros oficiais, e respirei fundo. Não tinha gostado da linha das perguntas, mas já era esperada, com base nas conversas que eu havia ouvido através de Lissa. A falta de um álibi não era boa, mas meio que entrei no clima de Abe. O que eles apresentavam até então ainda não parecia forte o bastante para me levar a julgamento. Além do mais, não perguntaram mais nada sobre Adrian, o deixando de fora.

— Próxima apresentação — disse Iris.

Havia um triunfo presunçoso em seu rosto. Ela sabia que a evidência da hora era inconsistente, mas o que quer fosse aquilo, achava que era ouro.

Porém, na verdade, era prata. Uma estaca de prata.

Que Deus me ajude. Ela tinha uma estaca de prata em uma embalagem de plástico transparente. A estaca brilhou sob a luz incandescente — menos a ponta. Que estava escura. Com sangue.

— Esta é a estaca usada para matar a rainha — declarou Iris. — A estaca da srta. Hathaway.

Abe de fato deu uma gargalhada.

— Ah, qual é? Guardiões recebem estacas o tempo todo. Têm um estoque enorme idêntico a essa.

Iris o ignorou e olhou para mim.

— Onde está a sua estaca neste exato momento?

Franzi a testa.

— No meu quarto.

Ela se virou e olhou para a multidão.

— Guardião Stone?

Um dampiro alto com um bigode preto espesso se levantou.

— Sim?

— O senhor conduziu a busca no quarto e nos pertences da srta. Hathaway, certo?

Fiquei boquiaberta, indignada.

— Vocês vasculharam meu...

Um olhar penetrante de Abe me calou.

— Certo — respondeu o guardião.

— E o senhor encontrou alguma estaca de prata? — perguntou Iris.

— Não.

Ela se voltou para nós, ainda presunçosa, mas Abe parecia achar a nova informação ainda mais ridícula do que a última.

— Isso não prova nada. Ela pode ter perdido a estaca e não ter se dado conta disso.

— Perdido no coração da rainha?

— Srta. Kane — alertou a juíza.

— Me desculpe, Excelência — disse Iris com uma voz estável. Ela se virou para mim. — Srta. Hathaway, sua estaca tem alguma característica especial? Algo que a diferencie das outras?

— T... Tem.

— A senhorita pode descrevê-la?

Engoli em seco. Tinha um mau pressentimento a respeito daquilo.

— É uma marca gravada perto do topo. Um tipo de figura geométrica.

Os guardiões às vezes mandavam entalhar suas estacas. Eu encontrara aquela na Sibéria e ficara com ela. Bem, na verdade, Dimitri a mandara para mim depois de arrancá-la do peito.

Iris se aproximou do Conselho e mostrou o saco plástico de forma que cada membro pudesse examiná-lo. Se virou para mim de novo e me concedeu a vez.

— Esta é sua figura? A sua estaca?

Arregalei os olhos. De fato, era. Minha boca se abriu, pronta para dizer que *sim*, mas percebi o olhar de Abe. É claro que ele não podia falar direto comigo, só que me mandava várias mensagens naquele olhar. A maior era para ter cuidado, para ser ardilosa. O que uma pessoa esperta como Abe faria?

— Esse... Esse desenho *se parece* com o da minha — falei, por fim. — Mas não posso dizer ao certo se é exatamente o mesmo.

O sorriso de Abe me disse que eu tinha dado a resposta certa.

— Claro que não pode — afirmou Iris, como se não esperasse nada melhor. Ela passou o saco para um dos oficiais do tribunal. — Mas agora que o Conselho já viu que o desenho coincide com a descrição de Rose e que é *quase* igual ao da estaca dela, eu gostaria de comentar o que a análise revelou. — Iris mostrou mais alguns papéis com o rosto vitorioso. — Que as impressões digitais dela estão na estaca.

Ali estava. O grande ponto. O “forte indício”.

— Há impressões digitais de mais alguém? — perguntou a juíza.

— Não, Excelência. Só as dela.

— Isso não quer dizer nada — disse Abe, dando de ombros. Tive a sensação de que mesmo se eu me levantasse e de repente confessasse o assassinato, ele ainda alegaria ser uma prova duvidosa. — Alguém roubou a estaca dela e usou luvas. As impressões digitais de Rose estariam na estaca porque a estaca é *dela*.

— Isso está ficando um tanto complicado, não acha? — perguntou Iris.

— A evidência ainda está repleta de falhas — protestou ele. — Isso é que é complicado. Como ela poderia ter entrado no quarto da rainha? Como poderia ter passado pelos guardas?

— Bem — refletiu Iris —, essas perguntas serão mais exploradas no julgamento, mas levando em conta o extenso registro de invasões e fugas praticadas pela srta. Hathaway, assim como suas inúmeras ocorrências por indisciplina, não duvido que ela poderia ter encontrado várias maneiras de entrar lá.

— Você não tem nenhuma prova — disse Abe. — Nenhuma teoria.

— Não precisamos disso — falou Iris. — Não neste momento. Já temos mais do que o bastante

para ir a julgamento, não temos? Quero dizer, ainda nem chegamos à parte em que inúmeras testemunhas ouviram a srta. Hathaway dizer à rainha que ela se arrependeria de ter estabelecido a recente lei dos guardiões. Posso encontrar a transcrição se quiser. Sem contar os relatos de outros comentários “expressivos” que a srta Hathaway fez em público.

Uma lembrança me veio à mente, de quando me encontrei com Daniella na rua e me exaltei — enquanto os outros olhavam — afirmando que a rainha não conseguiria me comprar com uma designação. Não foi uma boa atitude de minha parte. Nem ter me infiltrado na Vigília pela Morte. E nem ter reclamado que a rainha não precisaria de tanta proteção quando Lissa foi capturada. Eu tinha dado a Iris muito material.

— Ah, sim — continuou Iris. — Também temos relatos de que a rainha declarou sua extrema desaprovação quanto ao envolvimento da srta. Hathaway com Adrian Ivashkov, em especial quando os dois fugiram para se casar. — Abri a boca ao ouvir aquilo, mas Abe me silenciou. — Há inúmeros registros das brigas entre sua Majestade e a srta. Hathaway em público. Gostariam que eu encontrasse esses papéis também ou já estamos prontos para votar pelo julgamento?

Aquela pergunta foi dirigida à juíza. Eu não tinha nenhum conhecimento jurídico, mas as provas eram muito condenatórias. Diria que de fato havia motivos para me considerarem suspeita do assassinato, a não ser por...

— Excelência? — perguntei. Acho que ela estava prestes a dar sua declaração. — Posso dizer uma coisa?

A juíza pensou e, em seguida, deu de ombros.

— Não vejo razão para lhe negar isso. Estamos coletando todas as evidências que existem.

Ah, eu trabalhando por conta própria *não* estava nos planos de Abe de jeito nenhum. Ele se aproximou do parlatório, querendo me impedir com suas sábias recomendações, mas não foi rápido o bastante.

— Está bem — falei, na esperança de soar razoável e não perder a cabeça. — Vocês apresentaram várias coisas suspeitas aqui. Reconheço isso. — Abe me olhou, preocupado. Eu nunca tinha visto aquela expressão em seu rosto antes. Ele não costumava perder o controle das situações. — Mas aí é que está. É suspeito *demais*. Se eu fosse matar alguém, não seria tão estúpida. Achan que eu teria deixado minha estaca cravada no peito da rainha? Achan que eu não usaria luvas? Qual é? Isso é um insulto. Se sou tão habilidosa quanto a acusação alega constar nos meus registros, então por que eu agiria dessa maneira? Quero dizer, vocês estão falando sério? Se eu tivesse feito isso, teria feito muito melhor. Vocês nunca sequer me considerariam suspeita. Tudo isso é um verdadeiro insulto à minha inteligência.

— Rose... — começou Abe, num tom perigoso.

Prossegui:

— Todas essas provas que vocês têm são óbvias demais. Caramba, quem quer que tenha armado isso deve ter pintado uma seta apontando direto para mim. E alguém *realmente* armou isso para mim, mas vocês são estúpidos demais para sequer considerar essa hipótese. — O volume da minha voz aumentava, e eu o trouxe de volta aos níveis normais. — Vocês querem uma resposta fácil. Uma resposta rápida. E querem em especial uma pessoa sem conexões, sem uma família poderosa que a proteja... — Hesitei ali, incerta sobre como classificar Abe. — Porque é sempre assim. Foi assim com a lei da idade. Ninguém foi capaz de defender os vampiros porque esse maldito sistema não permite isso.

Então me dei conta de que havia fugido muito do assunto — e que me tornava mais culpada por criticar a lei da idade. Me controlei e me trouxe de volta.

— Humm, enfim, Excelência... o que estou tentando dizer é que essas provas não deviam bastar para me acusar nem para me levar a julgamento. Eu não planejava um assassinato tão mal assim.

— Obrigada, srta. Hathaway — disse a juíza. — Isso foi muito... informativo. Pode se sentar agora enquanto o Conselho vota.

Abe e eu voltamos para nosso banco.

— Mas onde é que você estava com a cabeça? — sussurrou ele.

— Só falei como são as coisas. Me defendi.

— Eu não iria tão longe. Você não é advogada.

Olhei de soslaio para ele.

— Nem você, velhote.

A juíza pediu aos membros do Conselho para votar se acreditavam que havia provas suficientes para me acusar e me levar a julgamento. E eles votaram. Onze mãos se ergueram. E assim acabou.

Através do laço, senti o quanto Lissa estava alarmada. Quando Abe e eu nos levantamos para ir embora, olhei para o público, que começava a debandar e a fazer um burburinho, conversando sobre o que aconteceria agora. Seus olhos verde-claros estavam arregalados, e seu rosto, com uma palidez incomum. Ao lado dela, Adrian também parecia aflito, mas, ao me encarar, vi que irradiava amor e determinação. E, nos fundos, atrás dos dois...

Dimitri.

Eu nem sabia que ele se encontrava ali. Seus olhos também estavam em mim, escuros e infinitos. Se eu pudesse ao menos ver o que ele sentia... Seu rosto não entregava nada, mas havia algo em seus olhos... algo intenso e intimidador. A imagem de Dimitri pronto para derrotar o grupo de guardiões percorreu minha mente, e algo me disse que, se eu pedisse, ele faria aquilo de novo. Lutaria, abrindo caminho pelo tribunal, até chegar em mim, e faria tudo que estivesse ao seu alcance para me resgatar dali.

Alguém tocou na minha mão e me fez tirar os olhos dele. Abe e eu começamos a sair, mas o corredor à nossa frente estava repleto de gente, o que nos fez parar. O toque na minha mão era um pequeno pedaço de papel, enfiado entre meus dedos. Dei uma olhada e vi Ambrose sentado perto do corredor, olhando com firmeza para a frente. Eu queria perguntar a ele o que estava acontecendo, mas um instinto me manteve em silêncio. Como a fila ainda não andava, abri o bilhete depressa, deixando-o fora do campo de visão de Abe.

O papel era minúsculo, e a elegante letra cursiva, quase impossível de ler.

Rose,

Se você está lendo isso é porque algo horrível aconteceu. Você deve me odiar, e não a culpo por isso. Só posso pedir que você acredite que o que fiz com o decreto da idade era melhor para seu povo do que o que os outros planejam. Há alguns Moroi que pretendem obrigar todos os vampiros a servir, eles querendo ou não, usando compulsão. O decreto da idade acalmou essa facção.

No entanto, escrevo para lhe contar um segredo que você deve usar bem; um segredo que deve compartilhar com o mínimo de pessoas possível. Vasilisa precisa assumir sua vaga no Conselho, e isso pode ser feito. Ela não é a última Dragomir. Outro membro da família está vivo: um filho ilegítimo de Eric Dragomir. Não sei mais nada a respeito disso, mas se você conseguir encontrar o filho ou a filha dele, dará a Vasilisa o poder que ela merece. Não importam seus erros nem seu temperamento perigoso, você é a única a quem sinto que posso confiar essa missão. Não perca tempo para cumpri-la.

Olhei fixamente para o pedaço de papel. A escrita se embaralhava diante de mim, mas a mensagem queimava na minha mente. *Ela não é a última Dragomir. Outro membro da família está vivo.*

Se aquilo fosse verdade, se Lissa tivesse um meio-irmão ou uma meia-irmã... isso mudaria tudo. Ela teria direito a um voto no Conselho. Não ficaria mais sozinha. *Se fosse verdade. Se o bilhete fosse mesmo de Tatiana.* Outra pessoa podia ter assinado o nome dela em um pedaço de papel. A assinatura não tornava o bilhete verdadeiro. Ainda assim, tremi, perturbada com a ideia de ter recebido uma carta de uma mulher morta. Se eu me permitisse ver os fantasmas ao nosso redor, será que Tatiana estaria ali, inquieta e vingativa? Eu não podia baixar a guarda e olhar. Ainda não. Tinham que existir outras respostas. Ambrose havia me dado o bilhete. Eu precisava perguntar a ele... só que a fila do corredor voltou a andar. Um guardião me conduzia com delicadeza.

— O que é isso? — perguntou Abe, sempre alerta e desconfiado.

Dobrei o bilhete de novo depressa.

— Nada.

Ele me olhou com uma cara de quem não acreditava naquilo de jeito nenhum. Me perguntei se devia lhe contar. *Um segredo que deve compartilhar com o mínimo de pessoas possível.* Se ele era uma das poucas pessoas, aquele não era o lugar. Tentei distraí-lo e me livrar do olhar vago que devia estar no meu rosto. O bilhete era um grande problema — mas não tão grande quanto o que me encarava naquele instante.

— Você disse que eu não iria a julgamento — falei a Abe. Minha irritação de antes voltou. — Apostei alto em você!

— Não foi uma aposta tão alta. Tarus também não livraria você disso.

A postura tranquila de Abe quanto a tudo aquilo me enfureceu ainda mais.

— Está dizendo que sabia desde o início que essa audiência era uma causa perdida?

Era o que Mikhail havia dito também. Que legal todo mundo demonstrar tanta fé.

— A audiência não era importante — disse Abe, evasivo. — O que vai acontecer em seguida é.

— E do que se trata exatamente?

Ele me lançou um olhar obscuro e artiloso de novo.

— Nada com que você deva se preocupar agora.

Um dos guardiões pôs a mão no meu braço, dizendo que eu precisava me mexer. Resisti e me virei para Abe.

— Não devo me preocupar o caramba! É da minha vida que estamos falando — exclamei. Eu sabia o que aconteceria em seguida. Prisão até o julgamento. E aí mais prisão se fosse condenada. — Isso é sério! Não quero ir a julgamento! Não quero passar o resto da vida em um lugar como Tarasov.

O guarda puxou mais forte, nos empurrando para a frente, e Abe me lançou um olhar penetrante que fez meu sangue gelar.

— Você *não* vai a julgamento. Você *não* vai para a prisão — sussurrou ele, sem deixar que o guarda ouvisse. — Não vou permitir que isso aconteça. Entendeu?

Balancei a cabeça, confusa por tudo aquilo e sem saber o que fazer a respeito de nada.

— Até você tem seus limites, velhote.

Seu sorriso voltou.

— Você se surpreenderia. Além do mais, nem mandam traidores da realeza para a prisão, Rose.

Todo mundo sabe disso.

Dei uma risada de escárnio.

— Ficou louco? Claro que mandam. O que mais você acha que fazem com os traidores? Os deixam livres e dizem para não fazerem isso de novo?

— Não — disse Abe, um instante antes de se virar. — Eles executam os traidores.

Agradecimentos

Muito obrigada a todos os amigos e à minha família pelo enorme apoio que me deram enquanto trabalhei neste livro, em especial ao meu impressionante e paciente marido. Sei que não conseguiria passar por isso sem você! Agradecimentos especiais também à minha grande amiga Jen Ligot e seus olhos de águia.

Quanto à parte editorial, sempre me sinto agradecida pelo trabalho duro do meu agente, Jim McCarthy, bem como o de todos os outros da Dystel & Goderich Literary Management — inclusive Lauren Abramo, que ajuda a espalhar a Academia de Vampiros pelo mundo. Obrigada também ao pessoal da Penguin Books — Jessica Rothenberg, Ben Schrank, Casey McIntyre e a tantos outros —, que trabalha com muita magia por esta série. Meus editores fora dos Estados Unidos também têm feito coisas maravilhosas para divulgar Rose, e constantemente me impressiono ao ver a crescente resposta internacional. Muito obrigada por tudo que vocês fazem.

E um último agradecimento aos meus leitores, cujo entusiasmo contínuo ainda me encanta. Obrigada por ler e amar esses personagens tanto quanto eu.

Produção
Adriana Torres
Ana Carla Sousa

Produção editorial
Gabriel Machado

Revisão de tradução
Frida Landsberg

Revisão
Guilherme Bernardo
Luíza Schiavo Magalhães

Diagramação
Trio Studio

Produção de Ebook
S2 Books



Laços do Espírito

Richelle Mead

Academia de Vampiros

